

**Festa de Nossa Senhora do
Rosário de Tróia: perceções sobre
a importância da salvaguarda de
uma tradição da comunidade
marítima de Setúbal.**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre na área de
Educação Social e Intervenção Comunitária

Nuno Paulo Rosa Guerreiro Soares

Orientadora: Professora Doutora Ana da Silva

2020, outubro

Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação

Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária

Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: perceções sobre a importância da salvaguarda de uma tradição da comunidade marítima de Setúbal.

Dissertação apresentada para
obtenção do grau de mestre no âmbito
do Mestrado em Educação Social e
Intervenção Comunitária da Escola
Superior de Educação do Instituto
Politécnico de Santarém.

Nuno Paulo da Rosa Guerreiro Soares

Orientadora: Professora Doutora Ana da Silva

2020



Aquarela em honra "Nossa Senhora do Rosário de Tróia"

Dedico esta dissertação aos
amigos de coração Francisca Ferreira,
mestre Zé da Gaia e ao médico Júlio Adrião.
In memoriam.

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana da Silva, da Escola Superior de Educação de Santarém, pela inteira disponibilidade que sempre demonstrou, quer como orientadora quer como amiga e conselheira. Sem a sua persistência, não teria chegado aqui.

Aos Coordenadores do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, Professor Doutor Paulo Dias e Professora Doutora Perpétua Silva, por todos os esclarecimentos prestados e conhecimentos partilhados.

Aos/Às Professores/as que tornaram possível esta minha caminhada até ao Mestrado, a todos/as um sincero obrigado pela amizade e afeto que me transmitiram em momentos decisivos da minha vida académica.

À Câmara Municipal de Setúbal, com um reconhecimento, muito especial, à Dra. Maria das Dores Meira, Presidente da Câmara Municipal de Setúbal pelo incentivo e apoio, ao Dr. Nuno Costa, Presidente da Junta de Freguesia de São Sebastião – Setúbal, ao Padre Casimiro Henriques, Pároco de São Sebastião e ao amigo Armando Oliveira, Presidente da Comissão de Festas, aos informadores privilegiados, por todo o acompanhamento que prestaram enquanto investiguei e pelas reflexões conjuntas que tão preciosas foram para a redação e concretização deste trabalho.

A todos/as aqueles/as que, apesar de não estarem mencionados/as aqui, se fizeram presentes na minha vida académica, ajudando-me das mais diferentes maneirasA TODOS/AS, UM MUITO OBRIGADO!

Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: percepções sobre a importância da salvaguarda de uma tradição da comunidade marítima de Setúbal.

Resumo

Este estudo tem como objetivos identificar as singularidades da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, identificar os “detentores” da Festa, conhecer a percepção que têm os informadores privilegiados sobre eventuais “ameaças de degradação, desaparecimento, destruição do Património Cultural Imaterial (UNESCO, 2003).

Do ponto de vista metodológico e técnico, optou-se por uma abordagem qualitativa, com a análise documental de diversas fontes de informação sobre a Festa, a realização de onze entrevistas semiestruturadas individuais e o desenvolvimento de observação participante. Gravámos e transcrevemos integralmente as entrevistas, realizámos a análise de conteúdo dos dados recolhidos.

Os resultados apurados indicaram: a redução do número de pescadores; a diminuição de barcos de pesca em Setúbal com condições de transportar o atual andor de Nossa Senhora; a redução dos dias de acampamento; a falta de interesse da juventude pela Festa e pela atividade da pesca; falta de apoios; abate de barcos pesca; o empreendimento previsto turístico para o território da Caldeira - Tróia; a perseverança, dedicação, trabalho da Comissão de Festas, pescadores e suas famílias; a inscrição na lista de Inventário nacional do Património Cultural Imaterial não garante nenhum tipo de proteção; preocupação com a necessidade de rejuvenescimento da Comissão de Festas.

O presente estudo pretende contribuir para uma visão global de risco que reflita a dimensão do problema, contribuindo para a noção do sentimento de perda como impulsionador da salvaguarda, através da dimensão digital e perspetiva de ensino, como oportunidade para a valorização, divulgação, promoção de modo a evitar o seu desaparecimento.

Palavras-Chave: Património Cultural Imaterial; Festa; Comunidade; Círio Fluvial; Identidade; Tradição

Feast of Nossa Senhora do Rosário de Tróia: perceptions about the importance of safeguarding a tradition of the maritime community of Setúbal.

Abstract

This study aims to identify the singularities of the Feast of Nossa Senhora do Rosário de Tróia, to identify the “holders” of the Feast, to know the perception that privileged informants have about “threats of degradation, disappearance, destruction of the Intangible Cultural Heritage (UNESCO), 2003).

From a methodological and technical point of view, a qualitative approach was chosen, with documentary analysis of different sources of information about the Party, the realization of eleven individual semi-structured interviews and the development of participant observation. We recorded and transcribed the interviews in full, carried out the content analysis of the data collected.

The results obtained indicated: the reduction in the number of fishermen; the decrease in fishing boats in Setúbal with conditions to transport the current Andor de Nossa Senhora; reducing camping days; the youth's lack of interest in the festival and fishing activity; lack of support; slaughtering fishing boats; the planned tourist development for the territory of Caldeira - Tróia; the perseverance, dedication, work of the Party Commission, fishermen and their families; registration in the list of national inventory of intangible cultural heritage does not guarantee any type of protection; concern about the need to rejuvenate the Party Commission.

This study aims to contribute to a global view of risk that reflects the dimension of the problem, contributing to the notion of the feeling of loss as a driver for safeguarding, through the digital dimension and teaching perspective, as an opportunity for valuing, disseminating, promoting in order to avoid its disappearance.

Key words: Intangible Cultural Heritage; Party; Community; River Círio; Identity; Tradition

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract	7
Índice de Figuras	11
Índice de Fotos	12
Índice de Quadros	17
INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
1.1 Património cultural e Património Cultural Imaterial	20
1.2 Salvaguarda do Património Cultural Imaterial	24
CAPÍTULO II – Materiais, instrumentos e procedimentos	28
2.1 Metodologias, técnicas e procedimentos	28
2.2 Materiais e Instrumentos de recolha de dados	31
2.3 Procedimentos adotados	33
2.3.1 A gravação das entrevistas.....	33
2.3.2 A transcrição das gravações.....	34
2.3.3 A análise dos dados recolhidos	34
2.3.4 A Fotografia	34
2.3.5. Informadores privilegiados.....	35
CAPÍTULO III – A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE TRÓIA	35
3.1 Caracterização geral da Festa nas Dimensões histórica, religiosa, identitária e performativa.....	35
3.2 A observação participante: o nosso olhar em 2019	38
3.3 Detentores da Festa	42
3.4 A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia.....	45
3.5 A imagem e a lenda.....	63
3.6 O sagrado e profano na tradição da Festa.....	67
3.7 Os Varinos de São Sebastião.....	77
3.8 Ações de salvaguarda – oportunidades, debilidades e ameaças.....	79
3.9 As metáforas nos poemas - implícita referência aos valores da Festa.....	89
3.10 A Declaração de Impacte Ambiental acerca da ocupação turística da UNOP4 para a continuidade da Festa	91
3.11 Análise de conteúdo da base de dados e ficha de inventário Museu do Trabalho Michel Giacometti	94

3.12 Análise de conteúdo das entrevistas realizadas	96
CAPÍTULO IV – FIGURAS E CONDECORAÇÕES	101
4.1 A importância de João Maria Afonso Lopes (João “Sacristão”) para a Festa	101
4.2 Condecorações à Comissão de Festas, Presidente e Tesoureiro da Comissão de Festas, últimos Párocos de São Sebastião – reconhecimento público	103
CAPÍTULO V – O LUGAR DA EDUCAÇÃO SOCIAL E O PAPEL DO EDUCADOR SOCIAL	106
CAPÍTULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS E POSSÍVEIS RECOMENDAÇÕES ...	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
Legislação	120
DVD	121
Sites consultados.....	121
Imprensa local	122
ANEXOS.....	123
Anexo 1 – Poemas e orações a Nossa Senhora do Rosário de Tróia recolhidos durante o estudo.....	124
Anexo 2 - Cartaz da Festa em 2019.....	137
Anexo 3 - Livreto distribuído na missa campal em 2019.....	138
Anexo 4 - Imagens do terço, postal e imagem de Nossa Senhora em 2019.....	139
Anexo 5 - Fotografia Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro – Câmara Municipal de Setúbal.....	140
Anexo 6 - Pintura em hora de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Restaurante “Pátio dos Golfinhos”.....	141
Anexo 7 - Outras expressões em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Revista no Núcleo de Amigos Bairro Santos Nicolau em Setúbal.....	142
Anexo 8 - Postal antigo Nossa Senhora do Rosário de Tróia.....	143
Anexo 9 – Cassete com Hino Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia.....	144
Anexo 10 - Nicho de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Igreja de São Sebastião em Setúbal.....	145
Anexo 11 - Artista plástico Madureira Pais e a aguarela N ^a Sr ^a Rosário de Tróia	146

Anexo 12 - Após a visualização do filme documentário “Os Filhos do Rio Azul”, no Cube Recreativo Palhavã - Setúbal.....	147
APÊNDICES	150
Apêndice I – Autorizações de gravação e cedência de material fotográfico.....	149
Apêndice II – Filme da Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia 2019.....	151
Apêndice III – Compilação vídeos sobre a Festa.....	152
Apêndice IV – Descrição dos acontecimentos de investigação.....	155
Apêndice V – Transcrição de partes relevantes de trabalhos académicos realizados sobre a Festa.....	176
Apêndice VI – Preparação das entrevistas.....	266
Apêndice VII – Planificação das entrevistas.....	268
Apêndice VIII – Realização da entrevista.....	272
Apêndice IX – Passos subsequentes à realização das entrevistas.....	274
Apêndice X – Transcrição integral das entrevistas realizadas.....	275
Apêndice XI – Lista de Párocos de São Sebastião.....	478
Apêndice XII – Linha de tempo – cronologia através da bibliografia consultada.....	479
Apêndice XIII – Mapa dos percursos das procissões e Círio Fluvial.....	484
Apêndice XIV – “Duo Viragem” participação no baile e arraial da Festa em 1997.....	486
Apêndice XV - Fotografias ilustrativas da Festa 2019.....	487

Índice de Figuras

Figura 1 - Definição do Património Imaterial	21
Figura 2 –Definição dos parceiros chave.....	27
Figura 3 – Divulgação da Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia.....	39
Figura 4 - Cartaz Festa 2012.....	52
Figura 5 - Edição de 3 agosto 2018. Jornal <i>O Setubalense</i>	64
Figura 6 - <i>SetúbalMais</i> (22 agosto 2019).....	65
Figura 7 - Cartaz da Festa 2019.....	137
Figura 8 – Livreto distribuído na Missa campal.....	138
Figura 9 – Livreto distribuído na Missa campal.....	138

Índice de Fotos

Foto 1 – Crianças vestidas de varinos seguram na rede das oferendas na Procissão pela Praia.....	37
Foto 2 – Chegada do Círio fluvial a Setúbal	38
Foto 3 - Missa campal na Festa.....	40
Foto 4 - Círio do Cais em Setúbal para a Cadeira em Tróia	44
Foto 5 – Armando Oiveira e David Lopes na Procissão pela praia.	45
Foto 6 – Barracas sobre a areia	46
Foto 7 - Passagem da Procissão para o Cais pela linha férrea	47
Foto 8 – Interior da Capela na Caldeira - Tróia.....	48
Foto 9 – Vista panorâmica da Caldeira.....	49
Foto 10 – Grupo de jovens com galinha viva	49
Foto 11 - Criança a prender dinheiro na imagem de Nossa Senhora	51
Foto 12 - Início da Procissão na “Doca das Fontainhas” para Tróia.	54
Foto 13 – Embarcação do mestre Zé da Gaia	55
Foto 14 – Esplanada no terreiro da Festa.....	56
Foto 15 – Meninas vestidas de varinas na Procissão pela praia.....	57
Foto 16 – Coro na Missa campal	57
Foto 17 – Jogo do Pau ensebado.....	58
Foto 18 - Fornecimento de água aos campistas	59
Foto 19 – Homens carregam o andor de Nossa Senhora da Tróia	60
Foto 20 – Embarcação engalanada.....	61
Foto 21 - Quadro pintado por M. T. Silveira	62
Foto 22 – Sentido comunitário	63
Foto 23 - N ^a Sr ^a Tróia	66
Foto 24 - N ^a Sr ^a Tróia	66
Foto 25 - N ^a Sr ^a Tróia	66
Foto 26 – Fanfarra Bombeiros Voluntários na Procissão pela praia	67
Foto 27 – Família na entrada de uma tenda no areal da Festa.....	68
Foto 28 – Animação pelo terreiro da Festa.....	69
Foto 29 – Baile	70
Foto 30 – Meninas vestidas de anjinhos e Nossa Senhora.....	71
Foto 31 – Refeição numa tenda.....	72
Foto 32 – Brincadeira no areal da Festa.....	72

Foto 33 – Doca das Fontainhas, o Bairro das Fontainhas e a Igreja de S. Sebastião.....	73
Foto 34 – Embarcações no Círio fluvial	74
Foto 35 - Mulheres carregam andor na Procissão pela praia.....	75
Foto 36 – Embarcação engalanada e Procissão pela praia.....	76
Foto 37 – Vista geral de Setúbal.....	77
Foto 38 – Antiga “Doca das Fontainhas”	79
Foto 39 – Chegada do Círio fluvial a Setúbal.....	80
Foto 40 - Fotografia interior do café “Rainha do Mar” em 2019	82
Foto 41 – Pintura Nossa Senhora do Rosário de Tróia.....	83
Foto 42 -D. Lurdes Conceição, Aia de Nossa Senhora.....	84
Foto 43 - Jogo da corda no filme “Os Filhos do Rio Azul”	84
Foto 44 – Pormenor da imagem de Nossa Senhora e das cores do vestido....	85
Foto 45 - Estátua de Nossa Senhora na oficina.....	86
Foto 46 – Exposição fotografia no Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS).....	87
Foto 47 – Perspetiva do auditório da Biblioteca da Nazaré.....	87
Foto 48 - Panorâmica do Palácio Sottomayor.....	92
Foto 49 - Panorâmica do Palácio Sottomayor.....	93
Foto 50 – Andor de Nossa Senhora na Procissão pela praia.....	100
Foto 51 -D. Manuel Martins, 1º Bispo de Setúbal e João Sacristão	102
Foto 52 – Paca toponímica “João Sacristão”	103
Foto 53 - Armando Oliveira.....	105
Foto 54 - Mestre Zé da Gaia.....	105
Foto 55 - Aspeto da procissão fluvial no dia 14 de Agosto de 1955 (AR10615_21)	139
Foto 56 – Círio fluvial a sair da Caldeira - Tróia.....	140
Foto 57 – Projeção da Imagem de Nossa Senhora	141
Foto 58 -“Duo Viragem” João e Nuno Soares.....	142
Foto 59 – Duo Viragem no palco para o baile de domingo	143
Foto 60 – Imagem, terço e postal de Nossa Senhora do Rosário de Tróia	139
Foto 61 – Cassete antiga Hino da Sra da Tróia	144
Foto 62 – Cassete antiga Hino da Sra da Tróia	144
Foto 63 – Nossa Senhora do Rosário de Tróia na Igreja de S. Sebastião	145
Foto 64 – Momento da oferta da aguarela.....	146
Foto 65 – Com o protagonista do filme	147

Foto 66 – Postal antigo.....	143
Foto 67 – Verso do postal com uma oração	143
Foto 68 – Charanga.....	487
Foto 69 – Postal de Nossa Senhora	487
Foto 70 – Peditório	488
Foto 71 – Peixeira mostra devoção a Nossa Senhora	488
Foto 72 – Peditório acompanhado pela charanga	489
Foto 73 – Peditório pelas ruas Bairro Santos Nicoau.....	489
Foto 74 – Peditório pelas ruas do Bairro São Domingos	490
Foto 75 – Peditório junto cafés e população.....	490
Foto 76 – Charanga acompanha peditório peãs ruas do Bairro das Fontainhas	491
Foto 77 – Peditório no comércio local no Bairro das Fontainhas	491
Foto 78 – Padre Casimiro Henriques acompanha preparação dos andores ..	492
Foto 79 – “Chefe Zézinho” prepara imagens nos andores	492
Foto 80 – Senhor Madaleno e Chefe Zézinho preparam imagens nos andores	493
Foto 81 – Preparação do andor de Nossa Senhora.....	493
Foto 82 – Ana Silva ornamenta andor	494
Foto 83 – João Oliveira ornamenta andor de Nossa Senhora	494
Foto 84 – Andor Menino Jesus de Praga ornamentado	495
Foto 85 – Andor do mártir São Sebastião ornamentado	495
Foto 86 – Interior da Igreja de S. Sebastião	496
Foto 87 – Início da Procissão para o Cais	496
Foto 88 – Banda da Sociedade Musica Capricho Setubalense	497
Foto 89 – Procissão pela Avenida Luísa Todi para o Cais.....	497
Foto 90 – Procissão para o Cais.....	498
Foto 91 – Imagem de Nossa Senhora chega ao Cais.....	498
Foto 92 – Panorâmica da Caldeira . Tróia	499
Foto 93 – Cabine de som no terreiro da Festa.....	499
Foto 94 - David Lopes e António preparam jantar	500
Foto 95 – Interior da Capela na Cadeira.....	500
Foto 96 – Preparação da Procissão das Velas	501
Foto 97 – Procissão das Velas pela praia.....	501
Foto 98 – Colocação de velas pelos mais novos	502

Foto 99 - Baile	502
Foto 100 – Chegada das imagens para a Missa campal	503
Foto 101 – Menina vestida de Nossa Senhora	503
Foto 102 – Menino e meninas vestidas de anjinhos	504
Foto 103 – Chegada da imagem de Nossa Senhora para a Missa campal....	504
Foto 104 – Missa campal.....	505
Foto 105 – Prof ^a . Ana da Silva a filmar a Missa campal.....	505
Foto 106 – Padre Casimiro Henriques na Missa Campa	506
Foto 107 – Missa campa	506
Foto 108 – Fim da Missa campa e preparação da Procissão pela praia.....	507
Foto 109 – Início da Missa campal	507
Foto 110 – Procissão pela praia	508
Foto 111 – Rede para colocação das oferendas	508
Foto 112 – Meninas vestidas de Nossa Senhora.....	509
Foto 113 – Andor de Nossa Senhora na Procissão pela praia.....	509
Foto 114 – Procissão pela praia	510
Foto 115 – Pessoas aguardam pela passagem da Procissão junto às tendas	510
Foto 116 – Fogo-de-artifício visto de Setúbal	511
Foto 117 – Fogo-de-artifício visto de Setúbal	511
Foto 118 – Paulo filho do mestre Zé da Gaia.....	512
Foto 119 – João filho do mestre Zé da Gaia.....	512
Foto 120 – Padre Luís Ferreira (convidado) e o Padre Casimiro Henriques ..	513
Foto 121 – D. Lurdes Conceição na Capela	513
Foto 122 – Andores no exterior da Capela na Caldeira	514
Foto 123 – Locutor Graciano Guerreiro	514
Foto 124 – Algumas embarcações a concurso “Barcos engalanados”	515
Foto 125 – Esplanada do bar no terreiro da Festa.....	515
Foto 126 – Stand farturas no terreiro da Festa	516
Foto 127 – Panorâmica entrada da Caldeira	516
Foto 128 – Início do Círio fluvial Tróia - Setúbal	517
Foto 129 – Círio fluvial.....	517
Foto 130 – Círio fluvial.....	518
Foto 131 – Círio fluvial.....	518
Foto 132 – Paragem do Círio fluvial no Hospital Ortopédico - Outão.....	519
Foto 133 – Círio fluvial direção ao Outão.....	519

Foto 134 – Círio fluvial para Setúbal.....	520
Foto 135 – Círio fuvial	520
Foto 136 – Círio fluvial passa junto à Praia de Albarquel.....	521
Foto 137 – Círio fluvial passa junto à Praia da Saúde	521
Foto 138 - Círio fluvial junto à zona ribeirinha.....	522
Foto 139 – Círio fluvial chega ao Nicho de Nossa Senhora do Cais	522
Foto 140 – Círio fluvial junto ao nicho de Nossa Senhora do Cais.....	523
Foto 141 – Milhares aguardam em Setúbal pela chegada do Círio fluvial.....	523

Índice de Quadros

Quadro 1 – Bloco e objetivos comuns a todos os entrevistados.....	32
Quadro 2 - Bloco e objetivo diferente a todos os inquiridos de acordo com a sua área de intervenção	33

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado tem como objeto de pesquisa as Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia (adiante designadas por Festa) e, em particular, as estratégias de salvaguarda e valorização deste património cultural imaterial da comunidade piscatória de Setúbal. Tem como objetivos, identificar “detentores” da Festa enquanto património cultural imaterial; identificar e caracterizar medidas de salvaguarda da Festa enquanto património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, investigação, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão e revitalização; conhecer a perceção que têm os informadores privilegiados sobre eventuais ameaças de degradação, desaparecimento e destruição deste património cultural imaterial.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia é um marco na vida social, cultural e religiosa de Setúbal e pertence ao culto mariano. Significa o descanso da faina dos pescadores de Setúbal e das pessoas ligadas ao mar. Integra, o Apostolado do Mar, em particular o Apostolado do Mar – Paróquia de São Sebastião.

Tem-se assistido a uma abertura a outras comunidades de pescadores, Bairro de Troino, Bairro da Conceição, Fonte Nova, Praias do Sado, Bairro da Anunciada, Faralhão, Carrasqueira e Comporta, relaciona-se também com a afirmação de continuidade num futuro próximo, como a reunião de devotos e a democratização cultural. É sem dúvida uma festa que resulta de uma herança cultural, transmitida de geração em geração.

Para Sandra Afonso “Ser Educador Social é, questionar práticas e refletir sobre o seu próprio papel profissional, ser capaz de se aproximar da pessoa e de lhe conferir um destaque legítimo na construção do seu percurso de vida, valorizando as suas capacidades de aprender a aprender, o seu reportório de experiências. Tem como ação aprender, partilhar conhecimento e dinamizar, e vai ensinar a ser, a fazer, a conhecer e a viver com os outros.”

Inicia-se o trabalho com uma belíssima homenagem iconográfica a “Nossa Senhora do Rosário de Tróia”, na aguarela do artista plástico setubalense Madureira Pais, realçando deste modo a honra desta tradição

Esta dissertação é apresentada em cinco capítulos. No primeiro, apresenta-se a fundamentação teórica, constituída pelos conceitos e definição de património cultural, património cultural imaterial e salvaguarda do Património Cultural Imaterial. No segundo capítulo, incluem-se a metodologia, técnicas e procedimentos da pesquisa, a revisão da literatura mais relevante sobre o tema a Festa e PCI. No

terceiro capítulo, com base nos resultados da pesquisa desenvolvida, apresenta-se a caracterização geral da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, tendo em conta o passado e a atualidade. No quarto capítulo, outro aspeto, a festa por referência às pessoas, para além da comunidade, na festa intervêm pessoas, essenciais para que a festa aconteça e o simbolismo de atribuição de condecorações à Comissão de Festas, membros da Comissão de Festas, últimos párocos de São Sebastião (Cf. Apêndice XI), reconhecer o mérito em prol da comunidade, testemunhado pelo anúncio oficial. No quinto capítulo, abordaremos o lugar da Educação Social e o papel do Educador Social tendo em conta o contexto estudado. Por fim, no sexto capítulo, encontram-se as considerações finais e possíveis recomendações, revendo-se os aspetos mais importantes do estudo.

Na perspetiva do Professor Doutor Carlos Laranjo Medeiros, no Colóquio “O culto de Nossa Senhora da Nazaré: Perspetiva multidisciplinar”, quando disse “todos somos chamados a assumir a capacidade de garantirmos que tudo quanto recebemos de Património Material, Natural ou Imaterial bem como da própria criação contemporânea” seja salvaguardado, compreendemos desta forma que o educador social deve analisar o meio social envolvente bem como a expressão da responsabilidade da sociedade.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O primeiro capítulo desta dissertação aborda os conceitos de património cultural, património cultural imaterial e as medidas que visem assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, permite enquadrar a singularidade da Festa.

1.1 Património cultural e Património Cultural Imaterial

Para enquadramento deve ser referido, o Documento de Nara sobre a Autenticidade de 1994 realça o significado de autenticidade: “Dependendo da natureza do património cultural, do seu contexto cultural, e da sua evolução através do tempo, os julgamentos de autenticidade podem estar ligados ao valor de uma grande variedade de fontes de informação (a forma e o desenho, os materiais e a substância, o uso e a função, as tradições e as técnicas, a localização e o enquadramento, o espírito e o sentimento, bem como outros fatores internos e externos) ”.

A Declaração Universal de 2001 valoriza o valor pela diversidade cultural, responsável pelo respeito da dignidade humana, garante do pluralismo, a criatividade, cidadania e paz. Nova Declaração é adotada em 2004, o “Diálogo entre Culturas e Civilizações da Eurásia”, motiva o diálogo e a convivência entre sociedades.

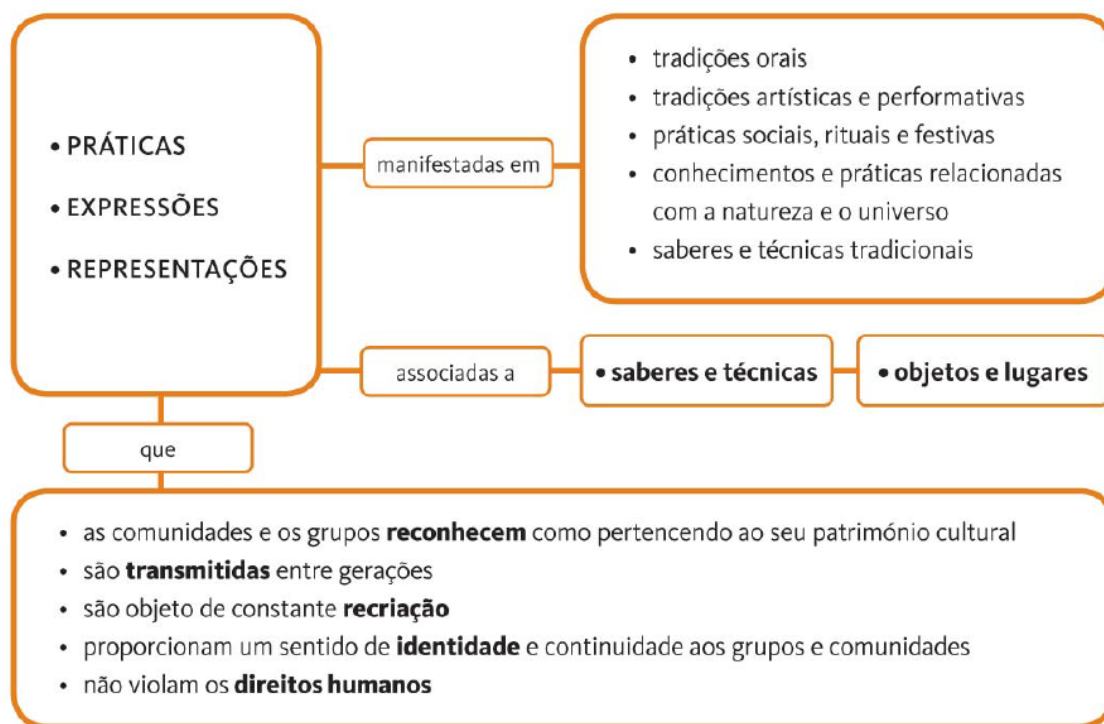
Em 2003 é aprovada a Convenção para a Proteção do Património Imaterial, este património que se “transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu ambiente, da sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e de continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana” (UNESCO, 2003, p. 4), salientando-se o património vivo, as tradições, expressões orais, saberes e lugares de memória.

O Artº 1º, o Papel dos Estados Partes, Portugal terá de “adotar as medidas necessárias para a salvaguarda do património cultural imaterial existente no seu território e identificar, definir as medidas de salvaguarda com a participação, dos grupos e das ONG pertinentes”.

A Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (PCI), que institui os seguintes instrumentos: a lista representativa do património cultural imaterial da humanidade (Art.º 16.º), a lista do Património Cultural Imaterial que necessita de salvaguarda urgente (Art.º 17.º) e o registo das melhores práticas de salvaguarda de PCI (Art.º 18.º).

A Convenção tem como principais objetivos: a salvaguarda do PCI, o respeito pelo PCI das comunidades, dos grupos e indivíduos, a sensibilização para a importância do PCI e do seu reconhecimento mútuo.

A Convenção 2003, no esquema abaixo.



Adaptado de *The Intangible Heritage Messenger*, n.º 1, Paris, UNESCO, Fev. 2006

Figura 1 - Definição do Património Imaterial
(Projeto EU-PAANE, 2018, p. 43)

A Declaração de Yamato de 2004 (sobre a abordagem integrada para a salvaguarda do Património Cultural, material e imaterial) introduz como diferença o conceito de autenticidade.

A Convenção de Faro de 2005 (Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade) reconhece a testemunha e expressão de valores como realidades vivas, realidades dinâmicas, resultado daquilo que recebemos e transmitimos.

De acordo com Guilherme Oliveira (2020, pp. 39-40) “a Educação como aprendizagem permanente a partir da transmissão dos saberes, do exemplo e da experiência, da atenção e do cuidado, tem, por isso, um papel fundamental no combate pela “sociedade de cultura”, pela “cultura da paz” e pela defesa e salvaguarda de um património comum, da humanidade, dos povos e das pessoas”.

O orgulho, compromisso, sensação de sentimento de pertença, traço da nossa identidade, pelo património material e imaterial.

Encontramos menção à importância do Património Cultural Imaterial, na alínea 1, artigo 2º, da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, de 17 de outubro de 2003: “Entende-se como “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, lugares culturais que lhe estão associados – que as comunidades, grupos, e em alguns casos os indivíduos reconhecem como parte do seu património cultural. Este património cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.” (UNESCO, 2004, p. 4).

Segundo Crespi e Planells (2003, p. 11) “a identidade cultural é segundo um sistema de conteúdos, crenças, de ideias e pensamentos, de valores, de normas, de conhecimentos, de intenções, de desejos explícitos e conscientes, de emoções e paixões, de ilusões e motivos inconscientes presentes numa dada comunidade (local, regional ou nacional) e num momento histórico determinado”.

Os “Tesouros Humanos Vivos” (Diretrizes da UNESCO 1994) são indivíduos que possuem conhecimentos e dominam técnicas para interpretar elementos do património cultural imaterial. Tem entre os objetivos o “estabelecimento de sistemas nacionais em preservar os conhecimentos e as técnicas necessárias para a representação, execução ou recriação de elementos do PCI de grande valor histórico, artístico ou cultural e o sistema deveria estimular os jovens a adquirirem os conhecimentos e as técnicas necessárias para interpretar ou recriar elementos PCI, proporcionando-lhes o reconhecimento e a audiência do público à escala comunitária” (Marques, 2018, p. 189).

A Convenção para o Património Cultural Imaterial relaciona património, memória, identidade, que se transmite de geração em geração, reforça o sentido de identidade, as crenças, os saberes, as tradições, as aptidões, aproxima culturas, o diálogo entre grupos e comunidades, através de manifestações, práticas, representações, expressões e conhecimentos.

Em Portugal, encontramos o conceito de património cultural espelhado na Constituição da República Portuguesa de 1976 e na legislação em 1985, através da Lei do Património Cultural Português (Lei nº 13/85, de 6 de julho) onde é referido expressamente o património cultural imaterial, o artigo 1º diz que o património cultural

português é «constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo», encontramos no artigo 43º, menção a medidas de protecção dos bens culturais imateriais bem como o número 1, artigo 19º indica “todos os bens culturais deverão fazer parte de um registo de inventário sistemático e exaustivo a elaborar pelo IPPC”.

A Lei 107/2001, de 8 de setembro, estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, revogando a Lei nº 13/85.

O número 3, artigo 2º, excogita os “valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade”.

O número 4, artigo 2º, considera que integra o património cultural “aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória colectiva portuguesa” e número 6, artigo 2º diz que “integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa”.

O artigo 12º da mesma lei refere as finalidades e valorização do património cultural, o número 2 do mesmo artigo menciona que “constituem objectivos primários da política de património cultural, o conhecimento, a protecção, a valorização e o crescimento dos bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, bem como dos respectivos contextos”, já o âmbito, regime dos bens imateriais e deveres das entidades públicas está espelhado artigos 91º e 92º da Lei nº 107/2001.

Em 2006, é publicada a Lei nº 215/2006, de 27 de outubro conferindo ao Instituto dos Museus e Conservação a responsabilidade de acautelar a “valorização e divulgação do património imaterial”, bem como a sua salvaguarda.

A Portaria nº 377/2007, de 30 de março, aprova os Estatutos do Instituto dos Museus e da Conservação, sendo criado o Departamento de Património Imaterial (DPI), no artigo 4º são definidas as competências do DPI, especificamente “promover o estudo”, a “valorização e divulgação”, o “registo gráfico, sonoro ou outro das realidades sem suporte material para efeitos do seu conhecimento”, “cooperar com centros de investigação, estabelecimentos de ensino superior, autarquias e particulares”, “estimular estudos científicos, técnicos e artísticos, desenvolvimento de metodologias de investigação para a salvaguarda eficaz do património cultural imaterial”, “promover campanhas de sensibilização aos níveis nacional e local sobre a importância da salvaguarda do património cultural imaterial” e “assegurar a articulação

e o apoio técnico em matéria de defesa e valorização dos bens imateriais representativos das comunidades”.

De acordo com a Declaração de Cracóvia 2017, recomenda entre outras medidas que se “criem programas e estratégias para a proteção do Património Cultural e sua aplicação prática, em cooperação com as comunidades locais e que disseminem, sempre que possível, programas educacionais, começando com ações no nível de ensino básico até programas especializados avançados relacionados com a necessidade de proteção do Património Cultural”, refere a importância das comunidades, dos povos indígenas e dos jovens na preservação ou intervenção.

A Declaração de Namur 2015, conhecida como a Estratégia Europeia para o Património no Século XXI, define os objetivos para uma estratégia europeia para o património (cidadania; sociedade; economia; conhecimento; governança territorial e desenvolvimento sustentável).

A Declaração de Davos 2018 chama a “atenção para a importância para a necessidade da qualificação da construção do território e da paisagem, para a importância do papel da cultura no desenvolvimento económico e social sustentáveis, e para a necessidade de uma visão holística no tratamento do território e da paisagem, centrada na cultura, no sentido de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e deixar um legado qualificado às futuras gerações”, sabendo que, na perspetiva de Edgar Costa (edição on-line *Sol*, de 15 de setembro de 2020) “o Património Cultural de um povo transmite-se na família”.

1.2 Salvaguarda do Património Cultural Imaterial

Segundo a alínea 3, artigo 2.º da Convenção do Património Cultural Imaterial (UNESCO, 2003, 5), “entende-se por “salvaguarda” as medidas que visem assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal e revitalização deste património em diferentes aspetos”.

Encontramos a necessidade de salvaguardar a viabilidade do Património Cultural Imaterial no seguinte articulado, n.º 3 do artigo 2º, artigo 12º, artigo 13º, artigo 14º, artigo 16º e artigo 17º da Convenção (UNESCO, 2003) mediante as seguintes medidas e ações: a identificação e valorização do PCI; a pesquisa, a documentação e a inventariação; a preservação, a proteção, a transmissão (formal e não formal) e a promoção; o planeamento, a definição de tutelas, instrumentos legais e financiamento;

o desenvolvimento de programas de educação, formação, sensibilização e capacitação das comunidades e a inscrição em Listas Mundiais da UNESCO nomeadamente a Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade e a Lista do Património Cultural Imaterial que Necessita de Salvaguarda Urgente.

Segundo Filomena Sousa (2018, p. 5) “nenhuma destas ações terá importância caso a tradição perca o seu significado junto das comunidades praticantes. Pode-se valorizar, difundir, documentar e transmitir ao nível local, nacional ou até internacional determinada expressão da cultura imaterial, mas se não se garantir a sua prática não existe património para salvaguardar”.

Os pontos i) e ii) da alínea a) do artigo 14º da Convenção 2003 pressupõem “assegurar o reconhecimento, respeito e valorização do património cultural imaterial na sociedade, em particular através de: programas educativos, de sensibilização e difusão de informações junto do público, nomeadamente dos jovens; programas educativos e de formação específicos no âmbito das comunidades e grupos envolvidos”, possibilitando manter o público informado sobre as ameaças e as atividades.

De acordo com Kurin (2004, p. 74) “enquanto medida de salvaguarda, o inventário não deverá ser um mero repositório de informações sobre determinada manifestação do património cultural imaterial, mas antes registar dados que possam facilitar essa salvaguarda. Não fará sentido tomar medidas para assegurar a viabilidade de uma manifestação do património cultural imaterial que caiu em desuso, que deixou de ser funcional ou que já não interessa aos seus detentores”.

Salientamos algumas medidas de salvaguarda, nomeadamente a sensibilização; a integração da salvaguarda no planeamento; a investigação; o acesso à informação; a criação de entidades de salvaguarda, gestão e documentação; a educação formal e não formal, entre outras.

Para Clara Cabral (2009, p. 119) “a definição de medidas específicas de salvaguarda e de um plano a médio ou longo prazo deverá ser realizada por equipas multidisciplinares, para que possam ser devidamente atendidas as vertentes culturais, sociais, económicas ou outras do património cultural imaterial”.

Medidas de preservação e conservação do património cultural imaterial: divulgação da Festa nas escolas e outros grupos; visitas aos Bairros das Fontainhas e Santos Nicolau acompanhadas de forma atrativa; Kit de Recolha de Património Imaterial como recurso educativo (Identidade cultural; História e memória da Festa; Participação ativa da população; Sentimento de pertença; Transmissão inter-

geracional dos saberes e dos valores Festa, como forma de conservar e preservar a memória coletiva, promoção de valores, autenticidade, singularidade).

Para Paulo Costa (2013, p. 95), “os dois diplomas que regulam o mecanismo de proteção legal do PCI em Portugal, o Decreto-Lei nº 139/2009, de 15 de junho, e a Portaria nº 196/2010, de 9 de abril”.

O Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho, estabelece o regime jurídico de salvaguarda do património cultural imaterial e o artigo 18º determina a revisão e atualização do inventário em períodos de 10 anos ou em período inferior se for conhecida alterações relevantes.

Em 2008, são adotadas pela UNESCO, as Diretrizes Operativas para a Aplicação da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial.

A Portaria n.º 196/2010, de 9 de abril, aprova o formulário para pedido de inventariação de uma manifestação do património cultural imaterial, cujos princípios orientadores foram estabelecidos pelo Decreto-Lei nº 139/2009, de 15 de junho, destacando-se a menção ao plano ou medidas de salvaguarda.

Em 2011, o Instituto dos Museus e da Conservação lança o website MatrizPCI, plataforma de acesso online ao Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial como refere o Art.º 12.º da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (UNESCO, 2003).

Os Princípios Éticos para a Salvaguarda do Património Cultural do Património Cultural Imaterial aprovados, no Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, na Namíbia em 2015, vem complementar a Convenção de 2003, são princípios fundamentais que pretendem servir de apoio à elaboração de códigos éticos específicos para a salvaguarda do PCI.

O Decreto-Lei nº 149/2015, de 4 de agosto, procede à primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho, que estabelece o regime jurídico de salvaguarda do património cultural imaterial.

O esquema baixo é ilustrativo da importância do trabalho em parceria para a salvaguarda do património cultural imaterial.



Definição dos parceiros chave na cogestão do Patrimônio Público. (baseado Alexis Fossi e Staples e Funge-Smith, 2009 apud. Weigel et al, 2013)

Figura 2 –Definição dos parceiros chave
(Projeto EU-PAANE, 2018, p. 66)

O Conselho da União Europeia, de 26 maio 2020, adota medidas conclusões sobre a gestão dos riscos no domínio do património cultural, recorda que “representa uma importante fonte de identidade, de inovação e de criatividade para os indivíduos e a sociedade, e, além do valor intrínseco inestimável que tem para o desenvolvimento e o bem-estar da sociedade europeia, contribui também de forma importante para o crescimento económico, a inclusão social e o desenvolvimento sustentável”, assinala que “é fundamental para a prevenção no âmbito de uma abordagem de salvaguarda do património cultural centrada nas pessoas” e reconhece a necessidade de “inclusão da gestão dos riscos na educação, tanto na formação profissional como na aprendizagem ao longo da vida, é essencial para garantir que as comunidades estejam informadas sobre os riscos e participem mais nas medidas de salvaguarda e conservação”.

Encontramos na área disciplinar de “Estudo do Meio” no 1º ciclo do ensino básico, 3º e 4º anos, tópicos referentes à cultura local, património local, material e imaterial, conteúdos no 3º ano como “o meu passado local” (património histórico local, fatos e datas importantes para a história local, costumes e tradições) e no 4º ano “o passado do meio local, conhecer as instituições da minha localidade”.

Segundo Ana Carvalho (2014, p.28) “contributo do PCI para a afirmação da identidade cultural local de alunos do 4.º ano do 1.º CEB, através da relação destes

alunos com a sua cultura local, considerando aquilo que transmitem sobre música, lendas e saberes sobre o seu lugar de pertença”.

CAPÍTULO II – Materiais, instrumentos e procedimentos

2.1 Metodologias, técnicas e procedimentos

Tendo em conta os objetivos, percorreu-se o seguinte caminho metodológico: a investigação bibliográfica e análise documental em diversas fontes de informação: livros, trabalhos académicos e artigos de periódicos sobre a Festa, assim como vídeos sobre várias edições do evento; observação direta da Festa e identificação de informadores privilegiados; realização de entrevistas (Cf. Apêndice VIII) semiestruturadas aos informadores privilegiados identificados.

Realizou-se uma análise crítica às fontes disponíveis, interpretando os seus conteúdos, tendo sempre por base os objetivos propostos para esta investigação.

Iniciou-se por uma análise documental a obras de referência e trabalhos académicos, com o objetivo de entender, de um modo mais abrangente e em particular, a Festa em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia; contextualizou-se e caracterizou-se a Festa, nas dimensões histórica, religiosa, identitária e performativa, o que possibilitou um conhecimento mais aprofundado, nomeadamente: a origem, a evolução e desenvolvimento, a organização e a programação. Foi possível observar a evolução da Festa secular até ao ano de 2019, tendo sido possível, deste modo, identificar alterações de calendarização, de duração, de composição das comissões de festas, atividades e eventos a partir dos cartazes de programação, fundamentais para esta investigação

Uma segunda etapa consistiu na observação direta da Festa em 2018, que permitiu identificar informadores privilegiados, complementada com observação realizada em 2019.

Uma terceira etapa consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas, tendo como objetivo aprofundar os conhecimentos recolher o máximo de informações de acordo com os objetivos da investigação sobre a Festa, permitindo deste modo obter dados muito relevantes e complementado os dados da análise documental.

No decorrer da análise documental foram consultados, trabalhos académicos, vídeos, obras de referência e artigos, no Centro de Documentação do Museu do Trabalho Michel Giacometti e no fundo local da Biblioteca Pública Municipal de

Setúbal, artigos jornal no arquivo do Jornal *O Setubalense*, atas municipais no Arquivo Municipal de Setúbal.

Foi em sequência das entrevistas semiestruturadas que tivemos acesso a documentos provenientes da Comissão de Festas e dos informadores privilegiados, sendo os mesmos, matéria de análise e possibilitando a validação de algumas questões resultantes da revisão bibliográfica, possibilitando o alargamento do nosso campo de investigação.

Definimos os objetivos, preparámos os guiões, reflexão sobre a escolha de questões, métodos e análise, traçamos então um guião orientador definindo o que queríamos observar, com questões fechadas e abertas.

Em 2018, observaram-se as Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, estabeleceram-se contactos e identificaram-se informadores privilegiados. Entre 2018 e 2019, a par da continuação de pesquisa e análise documental de fontes de informação diversificadas, elaboraram-se os guiões de entrevistas. Em 2019, procedeu-se à realização das entrevistas (Cf. Apêndices VI e VII) em lugares diferentes, na semana anterior das Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, durante e depois, o que possibilitou uma recolha de dados muito atualizados sobre a realidade da Festa.

As pessoas entrevistadas revelaram conhecimento do objeto de estudo e simultaneamente um sentimento de pertença, segurança e um grande à vontade sobre as questões colocadas.

As entrevistas tiveram uma duração entre 19 e 90 minutos, as mesmas foram realizadas dentro do tempo definido, sendo possível registar e preservar o conteúdo da gravação pelo áudio digital do telemóvel e consequentemente a respetiva transcrição na íntegra (Cf. Apêndice X).

Foram estabelecidos contactos com os informadores privilegiados, Junta de Freguesia de São Sebastião, Câmara Municipal de Setúbal, filha de Joaquim Baptista “Reportagens Fotográficas Baptista” com o objetivo de apresentar o objeto de estudo, tendo sido respeitadas as questões relacionadas com o consentimento informado dos participantes na investigação e solicitada assinatura de autorizações de recolha e uso da informação prestada nas entrevistas, salientando-se a recetividade e a inegável colaboração de todos para o sucesso desta investigação.

Pilar Fustero e Angélica Ferraz (2011, p. 5) apresentam uma amostra de modelos de instrumentos e técnicas de trabalho “documentos e instrumentos de trabalho que nós, como profissionais da educação social, utilizamos na nossa

intervenção socioeducativa”, uma ajuda para obter dados e informações, tendo em conta a intervenção comunitária.

Referem ainda os instrumentos e técnicas na “nossa profissão são utilizados para coletar informações, observar, diagnosticar, intervir, pactuar, planejar, executar e avaliar, conhecer o conteúdo (fatos e dados, princípios e conceitos), o conteúdo processual, atitudes e valores, habilidades das pessoas atendidas em nossas intervenções socioeducativas”.

Dividiram o estudo em três partes, a primeira de tipo qualitativo, nomeadamente uma compilação de ferramentas e técnicas; a segunda, os instrumentos usados e a terceira de tipo quantitativo, o resultado da resposta a um questionário.

De acordo com Fustero e Ferraz (2011, p. 20), a entrevista “é uma das técnicas e instrumentos de trabalho mais importantes em qualquer campo de ação do educador social”.

Nas entrevistas semiestruturadas, temos um conjunto de perguntas a realizar para os objetivos traçados, um guião orientador, onde a ordem das questões pode ser alterada e a mesma moldando-se ao entrevistado.

Observação direta/participante

De acordo com António Costa (1989, p. 136), “a observação tem que ser, de algum modo, participante”, denominação ao conjunto de técnicas de observação, sem interação do investigador na realidade social, auxiliar do método de campo – pesquisa de campo.

Na observação participante, o principal instrumento de pesquisa é o investigador e a presença no contexto da Festa, o contacto direto com as pessoas e os acontecimentos. A observação das representações sociais, tendo como objetivo descrever e caraterizar o local e os processos sociais.

A observação participante é evidentemente uma observação direta, a presença no local de contexto da Festa, nas atividades do dia-a-dia, a conversa informal e a entrevista com as pessoas que participam, a participação informal é importante na eficácia pesquisa de terreno, na observação participante e continuada.

Observar, participando e apreender, de forma a construir o objeto de pesquisa, na aprendizagem do conhecimento da comunidade piscatória, ao entrar no quotidiano e nas ações, serve para contextualizar e ter a perceção do papel dos intervenientes, ideias e valores.

Pesquisa bibliográfica

Em constante pesquisa, na procura de dados relevantes para o trabalho, fizeram-se recolhas de informação, a bibliografia mais relevante, em livros, artigos, materiais audiovisuais realizados anteriormente (Cf. Apêndice III), pesquisas na internet, relacionados com o tema do trabalho, pesquisas na internet, o que constituíram uma fonte documental importante, diversificando as fontes de informação, para melhor compreensão dos fatos relatados informadores privilegiados e objeto desta investigação.

Deste modo foi possível cruzar diferentes fontes e confrontar os dados recolhidos com os recolhidos nas entrevistas.

A informação de fontes primárias, as entrevistas e a observação-participante, são características das abordagens qualitativas.

Na perspetiva de Jorge Vala (1989, 103) “A finalidade da análise de conteúdo será pois efectuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas”.

A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento da informação, reúne e trata os dados recolhidos da fonte, de forma organizada, sendo uma técnica privilegiada tendo em conta o objeto da investigação,

Para Vala (1989, 107) “A análise de conteúdo tem a enorme vantagem de permitir trabalhar sobre a correspondência, entrevistas abertas, mensagens dos mass-media, etc., fontes de informação preciosas e que de outra forma não poderiam ser utilizadas”.

2.2 Materiais e Instrumentos de recolha de dados

Nesta investigação (Cf. Apêndice IV), foram usados os seguintes instrumentos de registo: lápis, esferográfica, máquina de filmar como recurso de pesquisa e observação, filme (Cf. Apêndice II) a partir das recolhas visuais e sonoras que expõem o objeto de estudo e gravador do telemóvel para gravação de som das entrevistas.

Apresentamos o resumo dos blocos e objetivos que nos permitiram compreender questões relacionadas com os objetivos da investigação.

Blocos e objetivos comuns a todos os inquiridos:

	Bloco	Objetivos
I	Caraterização do entrevistado	Caraterizar sumariamente o entrevistado (sociofamiliar)
III	Caraterização da Festa antigamente e hoje e dia	Identificar a propriedade da Festa (a quem pertence o PCI da Festa); Caraterizar a dimensão recreativa da Festa; Caraterizar a dimensão religiosa da Festa, Caraterizar aspetos da organização da Festa
IV	Ação do Museu do Trabalho	Caraterizar as ações promovidas pelo museu na investigação, registo, comunicação, educação e difusão da Festa: Caraterizar o envolvimento da comunidade
V	Identificar medidas de salvaguarda da Festa	Caraterizar as medidas de promoção salvaguarda e valorização das tradições da Festa (identificação, documentação, investigação, preservação, proteção, promoção, transmissão e revitalização); Caraterizar o papel da comissão de festas na salvaguarda; Processo de inscrição no inventário nacional PCI; Perceber a articulação das entidades no processo de salvaguarda; Avaliação das medidas de salvaguarda da Festa enquanto PCI
VI	Observações/considerações finais	Obter informação adicional que o entrevistado queira fornecer no âmbito da investigação; Agradecer a disponibilidade para a entrevista e colaboração no estudo.

Quadro 1 – Bloco e objetivos comuns a todos os entrevistados

Bloco e objetivo diferente a todos os inquiridos de acordo com a sua área de intervenção:

	Bloco	Objetivos
II	Caraterização da participação do entrevistado	Caraterizar o trabalho desenvolvido na Festa enquanto ...

Quadro 2 - Bloco e objetivo diferente a todos os inquiridos de acordo com a sua área de intervenção

Os guiões foram estruturados de acordo com os objetivos propostos para o estudo: Identificar singularidades da Festa; identificar “detentores” da Festa; Identificar e caraterizar medidas de salvaguarda da Festa; Conhecer a perceção que têm os informadores privilegiados sobre eventuais ameaças de degradação, desaparecimento e destruição da Festa como PCI.

2.3 Procedimentos adotados

2.3.1 A gravação das entrevistas

O gravador do telemóvel, muito prático, possibilitou a preservação e o registo dos depoimentos dos entrevistados, sendo possível observar com toda a atenção a sua linguagem não-verbal, este modo de registo é mais fiável (do que apontamentos escritos), permitindo a verificação da informação recolhida e uma maior escuta e interação com as pessoas entrevistadas enquanto respondem às perguntas.

Realizaram-se as onze entrevistas individuais com gravação de som, em locais distintos, entre agosto e setembro de 2019.

Antes de iniciar cada gravação, entregou-se o termo de consentimento para ser devidamente assinado pela pessoa entrevistada, que contém a identificação do entrevistado, os objetivos da investigação, data e a concordância relativamente à gravação da entrevista.

No final de cada entrevista, foi solicitado a cada um dos entrevistados se tinham alguma coisa que quisessem acrescentar e se estariam disponíveis para responder a algumas dúvidas posteriormente à realização da Festa.

As entrevistas resultaram em 9 horas, 26 minutos e 36 segundos de gravação áudio que foram transcritas na íntegra.

2.3.2 A transcrição das gravações

A falta de experiência na transcrição das gravações das entrevistas, a redação da transcrição foi um processo moroso e sensível, impondo ouvir e reouvir, percepção de sentimentos, confirmando esses estados através das emoções e motivações, utilizando entre quatro a cinco horas para a transcrição de uma hora de entrevista.

2.3.3 A análise dos dados recolhidos

O objetivo do tratamento das entrevistas tem como base trazer as informações contidas nas mesmas.

Seguiu-se as etapas segundo Quivy e Campehoudt: 1. Rutura (questão de partida, exploração, definição da problemática); 2. construção (definição da metodologia).

A análise dos dados recolhidos: transcrição integral das entrevistas, leitura e releitura das transcrições e estruturação de cada testemunho. Quanto aos procedimentos de análise das entrevistas, procurou-se identificar semelhanças e diferenças, assim como eventuais contradições relativamente a informação factual sobre a festa, entre as onze entrevistas.

Para Guerra (2006, p. 62), “a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objecto de estudo”.

2.3.4 A Fotografia

Utilizaram-se fotografias do próprio, bem como de David Lopes, Reportagens Fotográficas Baptista e Rui Costeira, de forma registar e ilustrar as singularidades de Festa.

A utilização da fotografia como apoio e suporte à dissertação permite observar e compreender o rito religioso e a força da Festa nesta comunidade piscatória, servindo de reforço e ilustração de determinados momentos, permitindo estabelecer ligações, captar e transmitir o que é logo transmissível.

2.3.5. Informadores privilegiados

As informações foram prestadas pelas pessoas e entidades abaixo indicadas, informadores bem documentados, graças às quais foi possível também realizar o retrato e diagnosticar aquilo que foi e é hoje a Festa, fazendo uma viagem pelo passado, presente e futuro.

CAPÍTULO III – A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE TRÓIA

3.1 Caracterização geral da Festa nas Dimensões histórica, religiosa, identitária e performativa

Começámos o nosso estudo incidindo particularmente na análise aos trabalhos académicos, transcrevendo as partes (Cf. Apêndice V) mais relevantes de: Maria Silva (2005), Festa dos Pescadores em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – sua tradição religiosa e cultural, Setúbal; Marta Ferreira (2007), Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, Relatório de Estágio *Os Varinos de Setúbal*; Maria Purificação (2009), A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia; Maria Miguel (2012), Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: estudo de um tempo liminar.

E ainda a consulta das monografias, de PINHO, Jaime Pinho, Carlos Silva e Fernanda Gonçalves (1992) Entre Urzes e Camarinhas: as festas da Arrábida e de Tróia; Ana Duarte, Fernando Pereira e Luís Gonçalves (1996) Festas, Feiras e Romarias – Percursos na Costa Azul.

Por fim, a pesquisa em artigos, de José Bastos e Lucinda Fernandes (2013) Muitos fios tecem a imaterialidade de um ritual: análise estrutural-dinâmica do Círio de Nossa Senhora de Tróia (Setúbal); Revista da Área Metropolitana de Lisboa (2011) Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, Metrópoles; Álvaro Teixeira (1997) Festas de N^a Sr^a de Tróia – Expressão da Alma Varina; Armando Oliveira (2019) Apostolado do Mar. "Somos a família do mar a nível nacional" - Tróia celebra Nossa Senhora do Rosário, "a festa de todos os pescadores de Setúbal", Armando Oliveira (Rádio Renascença). Em artigos publicados em periódicos como *O Setubalense*, *Correio de Setúbal*, *Diário de Setúbal* e *SetúbalMais*.

Foi feita uma pesquisa de vídeos antigos sobre a Festa e filmes documentários na internet sobre a Festa, dos quais destacamos os mais importantes, como : o filme Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia realizado pelo Museu do Trabalho Michel Giacometti em 2006 e 2007, o filme Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia por Lucinda Fernandes – Museu do Trabalho Michel Giacometti em 2011, o filme da Junta Freguesia S. Sebastião “Círio da Nossa Senhora do Rosário de Tróia” em 2015, o filme da Agência Ecclesia “Procissão no mar de Nossa Senhora do Rosário de Tróia” em 2016 e o filme documentário “Gentes e Contornos - Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia” em 2019 de Ana da Silva.

Procedeu-se ainda à pesquisa de fotografias sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, principalmente das Coleções fotográficas do Departamento de Comunicação e Imagem da Câmara Municipal de Setúbal, Museu do Trabalho Michel Giacometti, Comissão de Festas, Junta de Freguesia de São Sebastião e Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro – Câmara Municipal de Setúbal, coleções particulares Reportagens Fotográficas Baptista, David Lopes e Rui Costeira.

As Festas de Nossa Senhora do Rosário mantêm a tradição e unem as duas margens do rio Sado, uma festa de todos os pescadores de Setúbal, sendo uma da festa da cidade de Setúbal, esta secular festa com mais de 500 anos, tem à frente a paróquia de São Sebastião há mais de 150 anos.

A zona ribeirinha repleta com centenas ou mesmo milhares de pessoas esperam por Nossa Senhora de Tróia para agradecer, junta cerca de 110 e 120 embarcações, umas de pesca e outras de recreio. Os pescadores enfeitam as suas embarcações e estes três dias, são vistos pelos pescadores como as suas férias.

Na Procissão pela praia assistimos a “peregrinos” que agradecem e pagam as suas promessas a Nossa Senhora, a chegada do círio chega a Setúbal, lenços brancos, lágrimas nos olhos, os populares presentes, os pescadores e suas famílias, acenam e agradecem à Virgem Maria.

O programa das festas arranca com o tradicional Tríduo em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, na igreja de São Sebastião, em Setúbal, o primeiro dia começa com uma alvorada, missa em honra dos marítimos falecidos, seguida de procissão em direção à capela na península de Tróia. O cortejo (Cf. Apêndice XIII) em procissão até junto à Doca de Recreio, depois as imagens entram dentro das embarcações engalanadas e são transportadas vão para Tróia”.

Em Tróia ocorreu à noite uma procissão de velas pela praia, tendo sido implementado este ritual religioso, em 2007, não existindo anteriormente pelo que constatámos, terminando em pura alegria animação com um baile e arraial.

No segundo dia, acontece outra missa seguida de procissão pela praia, o concurso de "Barcos Engalanados", os divertimentos na praia, baile e arraial, termina com o esplendor do fogo-de-artifício.

A Procissão pela praia como se vê na foto abaixo



Foto 1 – Crianças vestidas de varinos seguram na rede das oferendas na Procissão pela praia
Coleção Reportagens Baptista

No segundo dia, acontecerá outra missa seguida de procissão pela praia, o concurso de "Barcos Engalanados", os divertimentos na praia, baile e arraial, termina com o esplendor do fogo-de-artifício.

No último dia, eucaristia “por alma dos pescadores falecidos, e seus familiares”, distribuição de prémios concurso “Barcos Engalanados” divertimentos pela praia e à tarde o grandioso cício fluvial para Setúbal, estando presente os domínios do sagrado e do profano.

Círio fluvial a chegar a Setúbal como se vê na foto abaixo.



Foto 2 – Chegada do Círio fluvial a Setúbal

Foto do próprio

Segundo Eliade (2001, p. 20) “O sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história”.

3.2 A observação participante: o nosso olhar em 2019

Iniciámos com a observação (Cf. Apêndice XV) com o peditório no Mercado do Livramento, Mercado 2 de Abril, pelas ruas do Bairro da Conceição, Bairro Santos Nicolau, Bairro das Fontainhas, manhã do dia 10 de agosto de 2019, a preparação dos andores na Igreja de São Sebastião, tarde dos dias 12 e 13 de agosto, por Zeferino Madaleno e chefe “Zézinho”; o Tríduo em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, na Igreja de São Sebastião, noite do dia 14 de agosto; a ornamentação dos andores, no interior da Igreja de São Sebastião, tarde do dia 15 de agosto por Ana Silva (os andores de São Pedro, São José, Menino Jesus de Praga e Anjo da Guarda), João Oliveira e Guilherme Oliveira (os andores Nossa Senhora do Rosário de Tróia e

Sagrado Coração de Jesus, Sónia Raposo (os andores Nossa Senhora da Conceição, São Vicente de Paulo e o Mártir São Sebastião).

Em 2019 (Cf. Anexo 2), a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia foi calendarizada para dias 17, 18 e 19 de agosto, tendo-se realizado durante estes três dias na Caldeira.



Figura 3 – Divulgação da Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia

O tríduo nos dias 14, 15 e 16 de agosto de 2019, em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia na Igreja de São Sebastião, em Setúbal.

A Comissão de Festas é composta por membros efetivos e suplentes, Armando Oliveira (Presidente), David Lopes e Aníbal Caboz (Efetivos), João Oliveira, António Jesus, Bruno Freitas, Diamantino Freitas, António Cruz, Manuel Conceição, João Silva (suplentes), este ano mandaram fazer postal, t-shirts, um terço e uma imagem de Nossa Senhora de Tróia (Cf. Anexo 4).

No dia 17, o dia começou com a alvorada em Setúbal, à tarde missa por alma dos marítimos falecidos na Igreja de São Sebastião em Setúbal, procissão da Igreja de São Sebastião em Setúbal para a Capela na Caldeira em Tróia, acompanhada pela Banda da Sociedade Musical Capricho Setubalense e pela Charanga de Sarilhos Grandes, o convívio das famílias a seguir ao jantar, na tenda da comissão de festas, Domingos Biscaia com o seu chapéu mexicano e guitarra animam o grupo, à noite procissão de velas pela praia e termina em animação com baile e arraial.

O dia 18 começou com alvorada em Tróia, missa campal (Cf. Anexo 3) seguida de procissão pela praia acompanhada pela Charanga de Sarilhos Grandes, a gastronomia, baseada em peixe, executada por homens, para fazer a caldeirada, o trabalho de mulheres e homens na cozinha, a lavar loiça, servir à mesa, a música transmitida da cabine de som, a voz de Graciano Guerreiro alegre e anima todo o areal da praia, durante a tarde ocorreram divertimentos na praia, a maioria destinado a crianças, sendo no final de cada divertimento oferecido lembranças ofertas pelo comércio local, por exemplo Casa Pita de Setúbal, o jogo da caça ao pato, o júri percorre o areal da praia para avaliar os barcos engalanados a concurso, à noite baile e arraial, sendo o seu término com o icónico de Fogo-de-artifício.



Foto 3 - Missa campal na Festa.

Foto Câmara Municipal de Setúbal

No dia 19, destaque para a missa por alma marítimos falecidos e seus familiares, na Capela, distribuição dos prémios barcos engalanados (barcos sem mastro – 1º Virgem Medianeira, 2º Senhora do Bom Sucesso, 3º Cinco Estrelas; barcos com mastro – 1º Nabo, 2º Filipe e Pedro, 3º Ana Fernandes), círio fluvial para Setúbal, com passagem pelo Hospital Ortopédico Sant’ lago do Outão.

A edição 2019 da Festa foi objeto de apreciação, a Comissão de Festas circulou pela Festa, a que atualmente chamam arraial, à animação da Charanga de Sarilhos pela praia junto às tendas, destacando-se a não realização do jogo da corda e a corrida de sacos, de divertimentos na praia no último dia da Festa, devido à falta de

tempo, como foi possível apurar junto do Presidente da Comissão de Festas quando interpelado.

De acordo com informações da coordenadora do Museu do Trabalho Michel Giacometti, estava preparada a instalação de uma exposição no recinto da Festa. Questionámos o Presidente da Comissão de Festas a este propósito, tendo ele respondido que a proposta foi apresentada muito em cima da hora e que não existia espaço disponível para a colocar. Teria que ser pensado com algum tempo de antecedência para os painéis não fossem vandalizados e para acautelar toda a logística de montagem da exposição.

Na missa campal de domingo, realizou-se ritual dedicado aos símbolos do ofertório, nomeadamente: Família de Nazaré – exemplo de como devemos viver em família; Sal - levar o sabor do evangelho a todos os que não acreditam; Farol – é o que muitas vezes serve de orientação aos pescadores; Bússola – Indica-nos o norte e evita que nos percamos no meio do mar; Âncora – é para o pescador a segurança do seu barco, Barco – ele simboliza o posto de trabalho e até a morada de muitos de nós; Rede – é com a rede que apanhamos o peixe da nossa subsistência; Peixe – é o fruto do nosso trabalho é a nossa subsistência e o nosso pão; Pão e vinho – são o corpo e sangue que ofereceu por nós; Ofertas monetárias – o que cada um de nós tem e vai aqui simbolizado nestas ofertas, estes símbolos encontram-se retratados no filme documentário *Gentes e Contornos*, de Silva (2019).

Pela análise ao artigo do *jornal O Setubalense* de 13 de agosto de 2007, existem dois símbolos do ofertório que não foram utilizados no ritual da missa em 2019, que são: a Boia e a Roda de leme.

Observámos que, à noite, quem participou nas missas e nas procissões bem como a Comissão de Festas não participou nos bailes. Quem participa nos bailes são pessoas que vão ali mais para fazer praia e aproveitar fazer acampamento “selvagem” (porventura proibido fora da Festa) e não propriamente para a festa. Em conversa com Armando Oliveira, o mesmo considerou que não existe acampamento selvagem, porque são obrigados a estar credenciados (tanto no lado da Capela como no outro).

O momento da festa com grande adesão é o Círio (envolvendo perto de 40 embarcações de pesca e 70 embarcações de recreio), tanto do lado de Tróia com muita gente na praia, como pela quantidade de barcos a seguir, como quantidade de pessoas na margem de Setúbal. “Filipe e Pedro” é a designação do barco de redes de tresmalho do mestre Vítor, com capacidade para transportar o andor de Nossa Senhora, Pároco de São Sebastião, Setúbal e Pároco de São Paulo, Setúbal, entidades (Presidente da Câmara Municipal de Setúbal, Presidente da Junta de

Freguesia de São Sebastião e Presidente da União de Freguesias de Setúbal), banda de música e convidados.

3.3 Detentores da Festa

De seguida, apresenta-se a análise documental realizada da informação encontrada em livros, trabalhos académicos realizados anteriormente, tendo como objetivo cruzar fontes de informação diversificadas, a fim de possibilitar a recolha de informação sobre o objeto da investigação, fundamental para o conhecimento e compreensão dos factos, a fim de detetar pontos comuns e divergentes, procurando elementos que ajudassem, num primeiro momento, a elaborar os guiões de entrevista e, num segundo momento, a complementar os dados das entrevistas realizadas sobre a Festa de Tróia ao longo do tempo suportada pela comunidade varina, comunidade piscatória e por todos aqueles que a ela se têm associado.

Ao analisar-se as investigações realizadas, encontramos várias expressões para os seus possíveis detentores, comunidade piscatória, varinos de Setúbal, comunidade (s) de pescadores, pescadores de Setúbal, marítimos de Setúbal, famílias de pescadores e família (s) do mar, uma festa de toda a cidade, festa de pescadores.

Maria Silva (2005, p. 83) deixa claro a “organização da Festa foi sempre da competência de uma comissão constituída por vários elementos todos pescadores”.

Para Purificação Pereira (2009, p. 34), a festa foi dos pescadores dos bairros das Fontainhas e S. Sebastião, a própria destacando que Armando Oliveira, ao entrar na comissão, começou por convidar todos os pescadores de Setúbal.

Mais recentemente Maria Miguel (2012, p. 3), diz-nos que a organização da Festa é da responsabilidade da Paróquia de São Sebastião e dos pescadores de Setúbal, tendo outrora pertencido aos varinos de Setúbal, como comunidade organizadora (p.44).

Segundo o jornal *O Setubalense* de 28 julho 2004, “a comissão coordenadora do certame fala de uma festa abrangente da comunidade sadina” e a edição de 31 de julho de 2015 refere que se trará da “festa dos marítimos de Setúbal, em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia”.

Encontraram-se várias referências aos diferentes papéis na organização da Festa, entre mulheres e homens. Maria Silva (2005, p. 83) deixa claro que as mulheres não participam diretamente na organização da festa, sendo que, segundo Purificação Pereira (2009, p. 38), os homens participam na comissão, ao passo que as mulheres ajudam na ornamentação dos andores, do altar, da capela, das celebrações e nas

limpezas gerais, Maria Miguel (2012, p. 26) afirma que “às mulheres cabia-lhes a gerência das comidas e o espaço permitia ao nível da comensalidade”.

Segundo a pesquisa sobre quem são os detentores da Festa, Maria Silva, no seu trabalho (2005, p. 143), sublinha que a festa já não se encontra naqueles que a organizavam, os varinos, tendo a mesmo englobado “todas as comunidades de Setúbal e a própria cidade”. Marta Ferreira (2007, p.108) sustenta que a Festa “atrai participantes que já não fazem parte de famílias de pescadores”, estando-se perante uma festa de reunião familiar, reconhecida de real importância para a comunidade piscatória (p. 140), uma festa de pescadores, das suas famílias, assumindo uma expressão máxima da religiosidade desta comunidade (p. 163).

Na perspetiva de Purificação Pereira (2009, p. 34), a Festa era dos pescadores dos bairros das Fontainhas e S. Sebastião, desde o momento em que Armando Oliveira entrou para a comissão de festas, passou-se a “convidar todos os pescadores de Setúbal, presentemente, é uma Festa de toda a cidade”, sendo uma festa de pescadores e uma festa da cidade de Setúbal (p.35), conforme atesta o Senhor Francisco Pereira ao dizer que, noutros tempos, “só os pescadores iam à festa”, tendo-se evoluído para uma Festa em que participam pessoas sem nenhuma ligação ao mar (p. 40).

Maria Miguel confirma (2012, p.17) que a Festa tem sido usufruto da comunidade piscatória de Setúbal, assumindo e reservada às famílias do mar. (p. 20), do Faralhão, de Praias do Sado e da Carrasqueira, “sem ligações diretas à Murtosa” (p.81), além disso muitos jovens e adultos já não são pescadores (p. 32), salientando que a Festa “tem um papel aglutinador na comunidade piscatória de Setúbal” (pp. 37-38), aumentando o número de participantes e visitantes, existindo diferenças na ligação à Festa e na descendência varina, possibilitando deste modo a continuação, afirmação da festividade (p.38).

O *Setubalense* destaca, em diversas edições, várias formas de referência à Festa: “a Caldeira já “fervilha” com a festa do povo, a Caldeira de Tróia volta a acolher a festa dos marítimos, e uma das mais carismáticas da cidade, a festa dos pescadores e da cidade, as Festas da Senhora de Tróia animam pescadores de Fontainhas e Bairro Santos Nicolau, a festa dos marítimos de Setúbal, em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, a homenagem que todos os anos a comunidade piscatória da região presta a Nossa Senhora do Rosário de Tróia”.

Na foto abaixo, o Círio do Cais em Setúbal para a Cadeira em Tróia.



Foto 4 - Círio do Cais em Setúbal para a Cadeira em Tróia

Coleção Reportagens Baptista

A *Revista da Área Metropolitana de Lisboa* (1º semestre, 2011) destaca que a Festa foi, ao longo dos tempos, incorporando várias comunidades: de início, as comunidades do Bairro das Fontainhas, depois as dos Bairros de São Domingos, Nossa Senhora da Conceição e Santos Nicolau, dos habitantes dos lugares da Comporta e do Carvalhal, na orla esquerda do Sado, e, nos dias de hoje, por toda a população, do Faralhão, de Santo Ovídeo e das Praias do Sado.

O Padre Victor Portugal, missionário Claretiano, demonstra-nos no programa 70x7 (RTP, 2016) que a festa “envolve uma comunidade muito particular, que é a comunidade dos marítimos de Setúbal”, sabendo que, no mesmo programa, Armando Oliveira destaca a “união dos pescadores em volta da Festa, isto é a família do mar, de Nossa Senhora do Rosário de Tróia”.

Na foto Armando Oliveira considerado o grande impulsionador da Festa e David Lopes.



Foto 5 – Armando Oiveira e David Lopes na Procissão pela praia.
Coleção Reportagens Baptista

3.4 A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia

As Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia são o maior evento religioso do calendário anual Setubalense, abrangente da comunidade sadina, cuja tradição secular é conservada ao longo do tempo, bem como as formas elementares de relacionamento comunitário, ancorada numa identidade que preza a manifestação, os traços de autenticidade e tradicionalidade de raiz piscatória. Há muito assumiu o estatuto de festividade de referência, tendo-se estendido a gentes de terra, sendo partilhada por milhares de pessoas e encontra a sua centralidade entre “Setúbal e Tróia”, no mês de agosto dependendo do movimento das marés.

A Festa é um espaço de aproximação por vezes de três gerações família e pessoas na Caldeira, mas com os mesmos objetivos e comunidade.

A missa, a procissão pela praia, os jogos no areal, as grandes fogueiras no areal, as cantigas ao desafio entre homens e mulheres, com a mestria popular e transmitidas de geração em geração, sendo estas muitas vezes acompanhadas por música, sem falar das cantigas religiosas, cantadas nos barcos, onde os romeiros faziam a sua própria animação.

As Festas merecem um olhar particular, porque a sua especificidade torna-as um movimento ímpar, onde se misturam o religioso e profano, marcado por tradições singulares, que unem as duas margens do rio Sado em torno da figura mais alta da devoção dos pescadores da comunidade sadina à “Senhora da Tróia”.

Desta forma, pretende-se interpretar e compreender as práticas e a memória inscrita da “Festa”, através da pesquisa e revisão de dados disponíveis sobre esta tradição da comunidade marítima de Setúbal.

Segundo o Padre Álvaro Teixeira (1997, p. 6), “os moldes em que a festa de N^a S^a do Rosário de Tróia se realiza na atualidade não coincidem exatamente com o que acontecia em décadas não muito distantes”. Ainda em Teixeira “A festa de Tróia tem matizes que, alterados aqui e ali pelo camartelo do tempo, se vão mantendo. Um dos que mais ressaltam é o complexo de relações humanas que o acampamento permite e provoca, quer em barracas sobre a areia, que em tendas sobre os barcos, com iluminação de geradores e a música ambiente das bandas ou emitida pela cabine-som” (p. 10).

Barracas sobre a areia como se vê na foto abaixo.



Foto 6 – Barracas sobre a areia
Coleção Reportagens Baptista

Em conversa com Armando Oliveira, a procissão para o Cais sempre passou pela linha férrea nas Fontainhas.



Foto 7 - Passagem da Procissão para o Cais pela linha férrea
Coleção Reportagens Baptista

O jornal *O Setubalense*, de 13 de agosto de 1999, menciona que “já foram apontadas como possível grande cartaz turístico de Setúbal, mas continuam a ser uma manifestação essencialmente local. (...) A Câmara de Setúbal chegou a pensar na concretização de um ambicioso projeto que levaria a fazer destas festas um fator de atração da cidade, em pleno Verão, mas o projeto foi abandonado, mas o apoio da autarquia à promoção do evento é hoje maior do que o passado”.

Para Maria Silva (2005, p. 78), “até à década de 1960, a missa em Tróia realizava-se dentro da capela e a procissão passava por cima de parte das ruínas Cetóbriga, ainda por escavar”.

O jornal *O Setubalense*, de 13 de agosto de 1999, menciona que “já foram apontadas como possível grande cartaz turístico de Setúbal, mas continuam a ser uma manifestação essencialmente local. (...) A Câmara de Setúbal chegou a pensar na concretização de um ambicioso projeto que levaria a fazer destas festas um fator de atração da cidade, em pleno Verão, mas o projeto foi abandonado, mas o apoio da autarquia à promoção do evento é hoje maior do que o passado”.

Para Maria Silva (2005, p. 78), “até à década de 1960, a missa em Tróia realizava-se dentro da capela e a procissão passava por cima de parte das ruínas Cetóbriga, ainda por escavar”.

Interior da Capela na Caldeira em Tróia como se vê na foto abaixo.



Foto 8 – Interior da Capela na Caldeira - Tróia
Coleção Reportagens Baptista

Maria Silva (2005, p. 83) detalha que, no verão, iam acampar para a Caldeira de Tróia, mudando para ali a sua vida. Eram os varinos que realizavam a Festa de Nossa Senhora de Tróia, com a devida antecedência. Os barcos eram enfeitados com toalhas e lençóis e só mais tarde começaram a utilizar enfeites de papel, sendo que os momentos litúrgicos eram combinados com o pároco e a autorização era feita à Capitania.

Vista panorâmica da Caldeira como se vê na foto abaixo.



Foto 9 – Vista panorâmica da Caldeira
Coleção Reportagens Baptista

Purificação Pereira (2009, p. 40) acrescenta que “as barracas eram feitas com as velas dos barcos e lençóis usados, levavam o fogareiro e a panela e as galinhas vivas, a refeição era melhorada. Faziam muitas brincadeiras e jogos, como pau ensebado, corrida de sacos, de barcos”.

Grupo de jovens com uma galinha viva como se vê na foto abaixo.



Foto 10 – Grupo de jovens com galinha viva
Coleção Particular Rui Costeira

Maria Silva (2005, p. 83) afirma que, a partir de 1948, a Festa foi impulsionada pelo “Ti João Sacristão” (Senhor João Lopes), retomando os varinos a organização da Festa, tendo esta ficado definitivamente ligada à igreja de S. Sebastião (responsável pela parte litúrgica da Festa), bem como as sucessivas comissões de pescadores varinos.

Segundo Domingos, entrevistado por Maria Miguel (2012, p.24), “quem mandava naquilo era um padre chamado António de Grândola que celebrava missa no Pinheiro da Cruz” e foi por pedido ao Cardeal Cerejeira, na altura à frente do patriarcado, que conseguiram que a Festa regressasse a São Sebastião, Setúbal: “Foi lá dentro, falou-se com o Cerejeira, expusemos as nossas razões e o Cerejeira passou uma carta, com o carimbo dele vestido como patriarca e deu aquilo à comissão, à minha mão”.

Como refere Maria Silva (2005, p. 84), a Festa era divulgada através de folhas afixadas em vários locais da cidade frequentados por pescadores e oralmente, sendo que era financiada pelos pescadores através de angariação de fundos. A comissão percorria os bairros de varinos com alguns músicos, que iam de casa em casa, recolhendo donativos, que serviam para cobrir as despesas do evento.

Elencando outros aspetos da festa, Marta Ferreira (2007, p. 117) aborda as formas de financiamento, nomeadamente o pagamento de promessas, que era feito através do transporte dos andores na procissão, doações de imagens para a capela, oferta das vestes (vestido branco e manto azul), adornos da imagem, a cabeleira e a coroa, financiamento das flores do andor de N.^a S.^a do Rosário, afirmando que estas práticas se mantêm, embora os crentes já não prendam dinheiro ao manto da imagem, por ter sido desaconselhado pela igreja católica.

Criança a prender dinheiro na imagem de Nossa Senhora como se vê na foto abaixo.



Foto 11 - Criança a prender dinheiro na imagem de Nossa Senhora
Coleção Reportagens Baptista

Esta autora afirma também que o número de imagens que acompanha a de N^a S^a de Tróia na procissão foi aumentando ao longo dos anos, fazendo referência a oito imagens, para além de Nossa Senhora: Sagrado Coração de Jesus, Mártir de São Sebastião, Menino Jesus de Praga, Anjo da Guarda, Nossa Senhora da Conceição, São Pedro, São José e São Vicente. Purificação Pereira (2009, p. 22) refere que as imagens são transportadas da Ermida de Tróia numa carrinha para Setúbal com oito dias de antecedência, para preparação dos andores e Nossa Senhora ser devidamente vestida e ornamentada pela sua aia.

Purificação Pereira (2009, p. 37), refere ainda que “quem começou por ser a aia da Nossa Senhora de Tróia foi a madrinha da D. Maria Alzira, (...) que depois lhe passou o testemunho e que agora está a ser progressivamente assumido pela sua filha Lurdes”, relembrando que cabe à aia cuidar dos pertences de Nossa Senhora: “vestimentas, coroas, terços, cabeleiras, toalhas do altar, e outros têxteis utilizados nas celebrações, veste a Senhora e prepara o andor, escolhem a coroa que se coloca na altura das Festas”.

Ao longo do século XX, a Festa sofreu algumas alterações, como o alargamento das cerimónias religiosas, baile com grupo musical a atuar ao vivo à noite e introdução de algumas infraestruturas, que criaram um efeito aglutinador nos participantes, sendo que é usada a expressão “núcleo duro”, para designar as famílias que marcam presença até aos dias de hoje.

Segundo o testemunho de Armando Oliveira no estudo de Purificação Pereira (2009, p. 34), a Festa mantém-se como dantes, sendo que a grande diferença está no facto de outrora ser esperada com maior ansiedade, “pois era a única altura do ano em que os pescadores descansavam e aproveitavam para conviver, estreitar laços e recuperar forças”.

De acordo com Maria Miguel (2012, p. 20), a Festa conheceu um novo fôlego quando, em 1991, Armando Oliveira assumiu a Presidência da Comissão: “revela preocupações de divulgação e reconhecimento da festa”.

A Comissão de Festas redefiniu a Festa, adquirindo e montando uma cabine de som e altifalantes espalhados pelo recinto, com eletricidade alimentada por geradores e microfones usados no decorrer das missas e procissões, tendo também autorizado a existência de um pequeno bar e bazar, também ele com muito poucas condições, mas que servem para usufruto dos pescadores e para, no seu entender, modernizar a Festa.

Marta Ferreira (2007, p. 110), por seu lado atesta a celebração, em Setúbal, de uma missa por alma dos marítimos falecidos, existindo uma preocupação com parte etérea do ser humano, e, após a missa, seguia-se a procissão da Igreja até Tróia, feita com acompanhamento musical da charanga e dos bombeiros até à doca das Fontainhas, com colocação das imagens nos barcos para rumar a Tróia.

Início da Procissão na “Doca das Fontainhas” para Tróia como se vê na foto abaixo



Foto 12 - Início da Procissão na “Doca das Fontainhas” para Tróia.

Coleção Reportagens Baptista

Maria Miguel cita Sandra que segundo a mesma as novas gerações já não partilham o mesmo espírito lúdico: “as pessoas iam-se juntando onde viam uma fogueira e às vezes juntavam-se mais de 100 pessoas, e todos participavam. Esta malta nova perdeu um pouco do espírito desses jogos e dessas brincadeiras” (2012, pp. 28-29).

Purificação Pereira (2009, p. 23) descreve que, após terminar a missa, Nossa Senhora sai em procissão a pé até ao Rio Sado com todos os barcos engalanados, os barcos são previamente sorteados e os barcos que levam os santos para Tróia não são os mesmo que os trazem para Setúbal.

Embarcação “Paulo e João” engalanada como se vê na foto abaixo.



Foto 13 – Embarcação do mestre Zé da Gaia

Coleção Reportagens Baptista

Maria Miguel (2012, p. 18) faz referência ao jornal *O Setubalense*, de 11 de agosto de 2010, que regista: “Uma festa do povo que mostra ao forasteiro a autenticidade dos setubalenses – A Festas Populares de S. Sebastião, que (...) unem, pelo terceiro ano consecutivo, duas festas – a Festanima e a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, uma em cada margem do rio Sado. Com identidades e características próprias, ambas as festas prometem animação musical, gastronomia regional e muito convívio”.

Continuando a caracterizar singularidades da Festa, Maria Silva (2005, pp. 87-90) refere-se à praia repleta de tendas, à música transmitida de uma roulotte na praia, a uma esplanada e um bar ambulante, o terço em louvor de Nossa Senhora, o arraial num palco ali existente.

Como se vê na foto abaixo.



Foto 14 – Esplanada no terreiro da Festa
Coleção Reportagens Baptista

A missa, no local onde se tinha realizado o baile, a procissão pela praia, as imagens sobre os ombros de homens, mulheres e jovens, os estandartes, crianças de pescadores e anjos, uma rede onde eram depositados donativos para ajudar as despesas da Festa, jogos na praia como a caça ao pato, à noite o terço e depois o arraial com baile muito participado, o fogo-de-artifício e o círio fluvial.

A procissão pela praia como se vê na foto abaixo.



Foto 15 – Meninas vestidas de varinas na Procissão pela praia
Coleção Reportagens Baptista

O domingo começa com a missa campal e acompanhada pelo coro.



Foto 16 – Coro na Missa campal
Coleção Reportagens Baptista

Maria Miguel (2012, p. 28) destaca a regata de saveiros - barcos com cerca de seis metros de comprimento, estreitos e de fundo chato, uma vela e remos - (ou bateiras) e o jogo do pau ensebado, sendo que estes dois jogos marcaram presença por muitos anos. Num dos testemunhos recolhidos em 2006, Domingos sorri ao contar: “fazia-se um pau de sebo e enrolava-se o sebo, depois punha-se lá um garrafão ou um frango ou qualquer coisa e quem fosse lá depois do sebo estar limpo é que ganhava, porque os primeiros escorregavam sempre!”.

Como se vê na foto abaixo.



Foto 17 – Jogo do Pau ensebado
Coleção Reportagens Baptista

Os romeiros participam na Caldeira em jogos como corrida dos patos, pau ensebado, o lencinho, a cabra-cega, jogo das 5 pedras, à semana, á bola de trapos, sem olhar à idade ou sexo.

No recinto da Festa está um bar, venda de artigos de vestuário, chapéus, bonés, a assistência médica e o fornecimento de água aos campistas, uma ambulância e um carro de bombeiros no local ininterruptamente, WC portáteis distribuídos pelo espaço da Festa, transporte ida e volta para a Caldeira dos ferryboats.

Fornecimento de água aos campistas como se vê na foto abaixo



Foto 18 - Fornecimento de água aos campistas

Coleção Reportagens Baptista

Purificação Pereira (2009, pp. 23-24) refere que à noite se fazia a procissão das velas que começou em 2007, coincidindo com os festejos de Fátima, sendo que, em cada ano há mais pessoas a participar nesta cerimónia: “Dá-se depois início da procissão pela praia e todos participam nesta cerimónia de uma singularidade ímpar”, as restrições e redução do tempo de acampamento por parte dos novos proprietários do território.

A devoção demonstrada por homens a carregar o andor de Nossa Senhora.



Foto 19 – Homens carregam o andor de Nossa Senhora da Tróia
Coleção Reportagens Baptista

Nas palavras do Pe. Álvaro Teixeira “Um Círio propriamente, é o conjunto de actos duma romagem a um local de especial devoção popular. Mas, na festa de N^a S^a de Tróia, o Círio toma parte pelo todo porque se refere à última procissão pelo rio, integrada por todas as embarcações de pesca e recreio, presididas por uma delas em que vai a imagem de Nossa Senhora e cuja proa rasga as águas em primeiro lugar.” (p. 25)

Embarcação engalanada como se vê na imagem abaixo.



Foto 20 – Embarcação engalanada
Coleção Reportagens Baptista

O jornal *O Setubalense*, de 17 agosto 2011, salienta o “presidente do grupo Sonae aceitou o convite da comissão de festas e foi à Caldeira assistir à grandiosa manifestação popular em honra de N^a S^a do Rosário de Tróia. Belmiro de Azevedo garantiu continuidade no apoio a esta festa religiosa, que voltou a registar novo recorde no número de barcos e pessoas envolvidas no evento”.

Armando Oliveira no *Programa 70X7* (RTP 2016) sobre o diálogo com a Tróia Resort, “o diretor geral, é uma pessoa sensível, esta Festa não vai acabar porque há documentos que dizem que têm que salvaguarda os 3 dias de acampamento e os 3 dias dos pescadores, só acaba se não houver ninguém para pegar nisto. Penso que a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia vai continuar por muitos e bons anos”.

A Festa como ancoragem para a coesão social da comunidade piscatória de Setúbal, onde destacamos o Apostolado do Mar (Setúbal), em Setúbal existem dois Apostolados do Mar, nomeadamente o da Paróquia da Anunciada e o da Paróquia de São Sebastião (Festa de Tróia e Associação Família do Mar), Armando Oliveira é diretor nacional, coordenador do Apostolado do Mar de S. Sebastião e Presidente da Comissão de Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia.

Encontramos na garagem de Armando Oliveira, um quadro pintado por M. T. Silveira em 2014), oferecido à Comissão de Festas, esta pintura foi inspirada na Festa de Nossa Senhora de Tróia.

Quadro pintado em honra de Nossa Senhora como se vê na foto abaixo,



Foto 21 - Quadro pintado por M. T. Silveira

Uma segunda obra do artista plástico Madureira Pais (Cf. Anexo 11) dedicada a Nossa Senhora do Rosário de Tróia, a pedido do mestrando em 2019, uma belíssima aguarela em forma de tributo iconográfico, Nossa Senhora de Tróia promove um profundo sentido comunitário de solidariedade, entreajuda, compreensão e respeito mútuos, profunda ligação ao mar, um papel fundamental de intervenção social na comunidade que se insere nas manifestações vivas desta devoção.

O sentido comunitário como se vê na foto abaixo.



Foto 22 – Sentido comunitário
Coleção Reportagens Baptista

Sucinta distinção entre Círios, loas, Confrarias e comissão de festas, descrevendo Círios como um grupo de romeiros organizados e devotos à sua santa ou santos; Loas como hinos ou cânticos em louvor a Nossa Senhora ou Santos; Confrarias como uma associação de pessoas reunidas sob a proteção de um Santo ou Santa em beneficência caridosa como culto e Comissão de Festas como importante para a vida social das comunidades e organizativo das Festas. (Ana Duarte, Fernando Pereira e Luís Gonçalves, 1996, p. 27)

3.5 A imagem e a lenda

Duarte, Pereira e Gonçalves (1996, p. 35) referem que “A generalidade das festas e das romarias dos diversos concelhos da Costa Azul é organizada pelas populações ribeirinhas. As invocações religiosas dessas festividades estão ligadas aos cultos marianos, na sua maioria.”

Purificação Pereira (2009, pp. 14-15) refere que a primeira referência que se conhece sobre uma imagem de Nossa Senhora, registada na visitação de 1510, é diferente da que hoje se venera, esta não tem Menino Jesus no colo, ora segundo a

imagem referida pelo Frei Agostinho de Santa Maria, “é uma Senhora de grande proporção e não tem Menino Jesus”, poderá ser a atual ou muito parecida”. Segundo Maria Miguel (2012, 2012, pp. 89-90), “a imagem atual possui as mãos em posição de oração e não tem o menino nos braços”, por sua vez a autora dá-nos conta que existem pelo menos três histórias sobre o aparecimento da imagem, através dos seus interlocutores, a “mais comum e repetida pelos pescadores, seus interlocutores, é “a de que foi encontrada nas águas da caldeira, sem origem precisa”, a autora adianta que, segundo Joaquim Gaudêncio (1924), a “origem deve-se à devoção de um rico armador de Setúbal que, pela intervenção da santa, se salvou de um naufrágio”.

Em 13 agosto 1999, pode ler-se, nas páginas do *Jornal O Setubalense*, as versões acima referidas, acrescentando-se o seguinte: “que era comum os navios na altura, especialmente quando realizavam grandes viagens, trazerem a bordo uma imagem.

A edição de 3 agosto 2018 do mesmo jornal publicava o seguinte: “História e Lenda...A lenda ‘conta’ que, Nossa Senhora de Tróia foi encontrada enrolada na areia por um pescador que, juntamente com os seus camaradas, construiu uma pequena capela. O aparecimento desta imagem na praia deve-se, provavelmente, a um qualquer naufrágio ocorrido na costa no século XVI, uma vez que a capela em honra de Nossa Senhora de Tróia data deste século”.

10

SEXTA-FEIRA
03.AGOSTO.2018

Osetubalense

SOCIEDADE

Tradição A imagem de Nossa Senhora de Tróia foi transferida da sua ermida junto às ruínas de Caetobriga em 1853 para Setúbal ficando na igreja da Boa-Morte, onde esteve 45 anos, até ser construída a atual capelinha na Caldeira da Tróia, em 1898. As festas e procissões em honra de Nossa Senhora da Tróia a partir de 1946.

As festas em Honra de Nossa Senhora de Tróia decorrem de 11 a 13 de Agosto, porém a comissão de festas alerta que as marcações das áreas de acampamento na Caldeira de Tróia só podem ser

Festas de Tróia revivem tradições piscatórias em agosto

feitas a partir do dia 06 de Agosto e os acampamentos só podem ser feitos de 11 a 14 de agosto, com a devida credenciação. Este ano os interessados têm de preencher um termo de responsabilidade, que a Troiaresort propôs à comissão de festas, para que não se façam fogueiras. A comissão só passa credenciais para acampar para o espaço onde habitualmente é autorizado pela Troiaresort e, como em anos anteriores a malores de 18 anos que devem ter em sua posse o B.I. ou CC e o livrete da viatura ou barco a ser utilizados, para obter a respetiva credencial”, explica a organização.

Para que a festa ano após ano tenha sucesso, a comissão apela a todos os forasteiros, que respeitem as ordens dadas pela comissão, segurança da Troiaresort e GNR. “Apenas deste modo poderemos dar uma demonstração de que queremos que a festa se realize por muitos e bons anos e podemos dizer que todos unidos somos a grande família do mar de Setúbal e que Nossa Senhora Rosário da Tróia

nos vai acolher e abençoar”. A comissão de festas apela ainda a todos os participantes: “deixem os locais onde acamparem como encontraram ou melhor ainda, a fim de evitar a poluição do local e abandono de monos”.



História & Lenda ...

A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia é uma celebração religiosa anual que ocorre no mês de agosto, sem data certa no calendário, dependendo das marés do Sado. A sua organização e realização é da responsabilidade da Paróquia de São Sebastião e dos pescadores de Setúbal.

A caldeira de Tróia é o lugar da Capela de Nossa Senhora de Tróia, para onde segue a romagem dos pescadores e famílias setubalenses e no qual se realiza um gigantesco acampamento de três dias.

A lenda ‘conta’ que, Nossa Senhora de Tróia foi encontrada enrolada na areia e recolhida por um pescador que, juntamente com os seus camaradas, construiu uma pequena capela. O aparecimento desta imagem na praia deve-se, provavelmente, a um qualquer naufrágio ocorrido na costa no século XVI, uma vez que a capela em honra de Nossa Senhora de Tróia data deste século.

A.M.V.

Figura 5 - Edição de 3 agosto 2018. *Jornal O Setubalense*

Nas páginas do *SetúbalMais* (22 agosto 2019), é possível ler-se “os primeiros registos de sacralidade do local, a Caldeira de Tróia, datam de há cerca de quinhentos anos. A adoração a Nossa Senhora do Rosário de Tróia resultará de um incidente com pescadores em aflição que conseguiram abrigo na Caldeira. Descobriram uma imagem de madeira nas margens, alegadamente proveniente de uma embarcação estrangeira, o que os fez acreditar que foram salvos por ela”.



Figura 6 - *SetúbalMais* (22 agosto 2019)

O ex-pároco de S. Sebastião, Padre Álvaro Teixeira em Maria Silva (2005, p. 100): “Nunca ouvi falar de lendas sobre Nossa Senhora de Tróia. E não acho que o mundo varino as tenha, já que a sua vinda para Setúbal – mesmo que tenha ultrapassado muitas décadas – corresponde a tempos muito próximos da existência da Festa. Talvez possa haver confusão com a lenda da Nossa Senhora da Anunciada”.

Encontramos várias invocações da Senhora de Tróia como por exemplo Nossa Senhora de Tróia, Santa Maria de Tróia, Nossa Senhora dos Prazeres e Nossa Senhora do Rosário de Tróia” desde 1948.

Marta Ferreira (2007, p. 101) cita Pinho (1992, 69) a imagem de Nossa Senhora de Tróia esteve, entre 1853 e 1898, na Igreja da Boa Morte, perfazendo 45 anos, devido ao estado de degradação da ermida em Tróia.

Sabe-se que a coroação de Nossa Senhora do Rosário de Tróia se realizou em 1955, na Igreja de São Sebastião. Encontra-se ainda que Nossa Senhora de Tróia tem quatro coroas, quinze vestidos e mantos novos e usados, sendo o vestido sempre branco e o manto sempre azul, o manto da cabeça pode ser branco ou pérola.

Como se vêem nas imagens abaixo.



Foto 23 N^a Sr^a Tróia



Foto 23 - N^a Sr^a Tróia



Foto 25 - N^a Sr^a Tróia

Coleção Particular Lurdes Conceição – Aia de Nossa Senhora

Raquel Seixas (2013, p. 12) refere que “a escolha do local é um dos pontos determinantes das lendas, é a Virgem que elege o sítio para a sua devoção”, as lendas expõem o lugar sacro e os milagres da imagem”.

Como refere Aurélio Lopes (2004, p.23), a relação do santo com o local “remete para uma fundação mítica e primordial, que o imaginário popular traduz e perpetua em piedosas lendas, tão acrónicas como maravilhosas”.

A imagem de Nossa Senhora do Rosário de Tróia é de roca, a leveza, devido à procissão e o andor magnificamente ornamentado, a imagem com cabeça e mãos esculpidas, já o corpo em madeira coberto com um vestido de seda branca e manto azul.

3.6 O sagrado e profano na tradição da Festa

As festas, procissões e lugares sagrados, algumas práticas são concebidas fora do contexto sagrado, mas encontram-se inseridas na Festa e no espaço religioso, relacionam-se as duas, o ritual católico da Festa tem início no sábado com a missa em memória dos pescadores falecidos, a emoção da Festa e a solidariedade dos devotos, as práticas profanas desligadas da devoção, mas convivem as duas na Caldeira em Tróia.

A Festa compreende em si uma parte religiosa e outra profana. No âmbito religioso, celebra-se um tríduo, uma missa em memória dos pescadores falecidos, cujo infortúnio inspira sentimentos dicotómicos nas famílias das comunidades piscatórias. Como referem Aurélio Lopes e João Serrano (2009, p. 21), a propósito dos pescadores da Praia de Vieira, “todas as comunidades marítimas se relacionavam de forma dicotómica com a religião: “fervor que a iminência do perigo fomentava” e “revolta mal contida (...) face a incompreensíveis desgraças”. Segue-se uma procissão de velas pelo areal da praia, uma missa campal, procissão e círio fluvial.

Fanfarra do Bombeiros Voluntários na Procissão pela praia.



Foto 24 – Fanfarra Bombeiros Voluntários na Procissão pela praia
Coleção Reportagens Baptista

Segundo Espírito Santo (1989, p. 280), citado por Rosa Ralo (2010, p. 72): “Há festas profanas e sagradas, familiares e colectivas, alegres e tristes. Qualquer que seja o seu modelo ou objectivo, sagrado ou profano, instituído ou espontâneo,

religioso ou cívico, toda a festa se caracteriza por uma excepcional comunhão de consciências entre os indivíduos; é um tempo rico simbolicamente, enquanto o tempo normal é pobre, com menos valor. A festa é uma tentativa de reencontrar o estado original da unidade dos seres.”

De acordo com Helena Francisco (2012, p. 97), os rituais pagãos “ornamentam” a Festa através de momentos de lazer, convívio e intercâmbio entre as pessoas.

As famílias reunidas na entrada das tendas.



Foto 25 – Família na entrada de uma tenda no areal da Festa

Coleção Reportagens Baptista

Para Penteado (2000, p. 350), alguns dos fatores que contribuem para o surgimento destas romagens são votos comunitários feitos “aquando de catástrofes, desastres naturais ou epidemias, que ameaçavam a sobrevivência coletiva”.

Não conseguimos separar a religiosidade da parte festiva e profana, são complementares, existe uma dimensão de fé muito presente nos romeiros mais velhos, não acontecendo a indiferença religiosa,

Maria Silva (2005, pp. 1-2) refere que a vida do mar é muito dura e recorda aquilo que a sua bisavó dizia: “que nos valha a Nossa Senhora do Rosário de Tróia que protege os pescadores”, referindo ainda que é uma Festa com uma forte devoção quer nos que nela participavam, quer naqueles que a organizam, por serem muitos os riscos do mar, fragilidade dos barcos, o isolamento e solidão dos pescadores que “quando se veem aflitos levantam as mãos e chamam por Nossa Senhora.

Existem várias motivações nas práticas e manifestações com várias motivações, tendo sempre por base a religiosidade das pessoas, que leva à celebração, ao encontro, ao convívio, as pessoas aproveitam o momento para reviver as suas raízes, memórias e identidade.

Não conseguimos separar a parte religiosa, da parte profana, porque elas compõem a identidade da comunidade piscatória.

Sendo que o profano também é fator de coesão social, relacionando o útil, o prático ou familiar, mesmo que não tenha significado sagrado (Maria Silva, 2005, p. 3), na perspetiva de Marta Ferreira (2007, p. 107) a Festa é “um momento único de homenagem a N^a S^a de Tróia, e de união entre os devotos” e a “animação dos participantes, as rodas, bailes, jogos e brincadeiras”, o seu lado mais profano.

Pura animação no terreiro da Festa como se vê na foto abaixo



Foto 26 – Animação pelo terreiro da Festa

Coleção Reportagens Baptista



Foto 27 – Baile

Coleção Reportagens Baptista

A maioria dos pescadores busca na Festa a recuperação das suas forças sem a qual seria difícil. Os pescadores enfeitam as embarcações o ritual da Festa e restituem à Caldeira a sua sacralidade de antigamente.

A Festa marca o tempo na vida religiosa, o sagrado se une ao profano, o papel da Festa na tradição religiosa apresenta elementos como os rituais, o culto dos santos (procuram proteção e ajuda, as promessas que atestam as graças recebidas), a música, o baile, o convívio, os divertimentos, os passatempos e a beleza dos barcos engalanados, forma de manifestação religiosa e cultural de uma comunidade.

De acordo com Marta Ferreira (2007, pp. 117-118), o sagrado e profano presentes na Festa, sendo a procissão pelo areal um bom exemplo disso, “pois atualmente nem todos os participantes da festa privilegiam o cariz religioso da festa, pelo contrário, mas não interferem nas celebrações”.

Meninas vestidas de anjinhos e de Nossa Senhora na Procissão da praia.



Foto 28 – Meninas vestidas de anjinhos e Nossa Senhora
Coleção Reportagens Baptista

As entrevistas realizadas por Maria Silva (2005, p. 104) a pescadores de quatro comunidades piscatórias confirmam que o sagrado e o pagão coexistem no imaginário dos pescadores. O pescador varino afirma “Quando vou para o mar a Nossa Senhora da Tróia vai sempre comigo, ela é que me diz muito”, “Quando vim da Tropa, a minha família, todos eles, foram comigo à Tróia e fizemos lá uma missa de cerimónia”; o pescador de Troino diz “Eu gostava muito da Festa da Tróia era pelos comes e bebes e sobretudo pela camaradagem”; o pescador do Faralhão confessa “vou à Festa pelo divertimento e pela camaradagem”; já segundo o pescador da Comporta: “Tenho a minha fé, o que é fato é que a seguir à Festa da Tróia há sempre peixe, por isso não deixo de ir”.

Momentos de refeição entre família como se vê na foto abaixo.



Foto 29 – Refeição numa tenda
Coleção Reportagens Baptista

Todavia, num artigo da *Revista Metrópole* (MTPAML, 2011, 47- 48), faz-se a distinção entre pescadores, cuja motivação é a fé, e restantes participantes cuja motivação é o convívio, assim como o divertimento.

Brincadeiras no areal como se vê na foto abaixo.



Foto 30 – Brincadeira no areal da Festa
Coleção Particular David Lopes

A tradicional Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, é a maior festa religiosa da Cidade De Setúbal, momento em que estão presentes o passado e

presente, o individual e coletivo, o sagrado (Deus) e profano (homem), expõe as relações das pessoas, a Paróquia de São Sebastião está à frente da Festa há 150 anos.

Na imagem a Doca, o Bairro das Fontainhas e a Igreja de S. Sebastião.



Foto 31 – Doca das Fontainhas, o Bairro das Fontainhas e a Igreja de S. Sebastião
Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro 1928 (AR 134)

Curiosamente Maria Silva (2005, p. 109), nas entrevistas realizadas a mulheres religiosas que participam na Festa, descreve que “Naquele tempo haviam duas festas, uma dos pescadores e outra agrícola, mas a Santa era a mesma e o local da festa também”, o “círio é uma coisa que não tem explicação”. O Círio fluvial com os barcos engalanados é um do ponto alto das festividades.

Círio fluvial de Tróia para Setúbal como se vê na foto abaixo.



Foto 32 – Embarcações no Círio Fluvial
Coleção Reportagens Baptista

Marta Ferreira (2007, p. 117) afirma que o pagamento de promessas pode ser realizado pelo transporte dos andores na procissão, “a noção de sacrifício está aqui patente”, as doações de imagens, a oferta das vestes, adornos da imagem, as flores do andor de N^a Sra. do Rosário, imagens que acompanham Nossa Senhora, o Sagrado Coração de Jesus, Mártir de São Sebastião, Menino Jesus de Praga, Anjo da Guarda, Nossa Senhora da Conceição, São Pedro, São José e São Vicente.



Foto 33 - Mulheres carregam andor na Procissão pela praia
Coleção Reportagens Baptista

Purificação Pereira (2009, pp. 38-30) refere que “os santos que acompanham a Nossa Senhora foram oferecidos como promessas, o primeiro teria sido S. Vicente que foi dado por um pescador, Jorge Belchior, S. José pelo Senhor Manuel do Rapa, a esposa paga todos os anos as flores do andor. O Menino Jesus de Praga foi oferecido pela cunhada da D. Lurdes”.

São Sebastião e o Sagrado Coração de Jesus foram comprados pela Comissão substituindo os existentes devido ao seu estado de degradação.

Segundo *O Setubalense*, de 13 de agosto de 2007, existe de um improvisado altar em forma de barco (com o registo “A Família do Mar”), na missa, as ofertas simbólicas “da família do mar a Deus”, miniaturas de elementos indispensáveis a quem ganha o pão do mar: barco (simboliza o posto de trabalho e até a morada de muitos de nós), roda de leme, bússola (indica-nos o norte e evita que nos percamos no meio do mar), bóia, rede (é com a rede que apanhamos o peixe da nossa subsistência), peixe (é o fruto do nosso trabalho, é a nossa substância e o nosso pão), pão e vinho (são o corpo e sangue que oferecemos por nós), donativos (o que cada um de nós tem e é, vai aqui simbolizado nestas ofertas) ”.

A Festa religiosa, é o quebrar do quotidiano, a aproximação das pessoas, em torno dos rituais religiosos, em diversas formas como as missas, as procissões e as imagens dos santos e de Nossa Senhora.

O jornal *O Setubalense* (16 agosto 2010) faz referência “logo após a santa missa, seguiu-se a procissão pela praia da Caldeira, aproveitando a maré vazia, naquele que é um dos momentos altos desta festa religiosa-pagã”.

Barco engalanado e Procissão na praia como se vê na foto abaixo.



Foto 34 – Embarcação engalanada e Procissão pela praia
Coleção Reportagens Baptista

O jornal *O Setubalense* (02 agosto 2019) dá conta que a “Bênção da Senhora de Tróia representa novo ano de boa pesca e proteção”

Segundo Alfredo Teixeira (2008, p. 319) “As espiritualidades e práticas devocionais adquirem, em Portugal, um recorte vincadamente mariano. O campo do sagrado reelabora-se, assim, sob o signo do feminino, da maternidade e da virgindade, figuras de um sagrado protector à escala do humano”.

No decorrer da Festa existe a apropriação de um espaço profano em espaço sagrado, o palco do baile no domingo é transformado em altar para receber a missa campal, o forte caráter profano da Festa religiosa.

3.7 Os Varinos de São Sebastião

De seguida, dedicamos especial atenção, a uma comunidade piscatória muito particular, com seus costumes, tradições, artes de pesca, colonizada na zona nascente da cidade, como Bairro das Fontainhas e Santos Nicolau, migraram para Setúbal, oriundos da Murtosa, na busca de uma vida melhor, a comunidade de pescadores designada por “varinos”.

Como se vê na foto, uma vista geral de Setúbal.



Foto 35 – Vista geral de Setúbal

Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro 1929 (AR 050)

Segundo Maria Miguel (2012, p. 79) existe “duas comunidades piscatórias residentes em duas freguesias opostas (uma a Norte e outra a Sul), uma na freguesia de São Sebastião (Bairro das Fontainhas), e outra na freguesia de Nossa Senhora da Anunciada (Bairro do Tróino). O crescimento destas comunidades deu-se de formas separadas, pelo tipo de pesca que praticavam, pela devoção religiosa a santos diferentes e pela origem ancestral”.

Segundo Purificação Pereira (2009, p. 31) esta “comunidade de pescadores começou por ser designada por ovarinos, esta denominação terá a ver com o fato de

serem de perto de Ovar ou por causa da vara que era utilizada na condução dos barcos na ria de Aveiro. Mais tarde passaram a ser designados como varinos”.

É sem dúvida, relevante “as pinturas variadas, com cores vivas, os motivos, tainhas, gaivotas, golfinhos, faziam com que os barcos se conhecessem ao longe no mar.” (Maria Silva, 2005, p. 68)

No que respeita à rivalidade, Purificação Pereira (2009, p. 32) afirma “antigamente havia alguma rivalidade entre os pescadores do Tróino e das Fontainhas, esta verificava-se por causa dos namoros, no entanto no mar eram todos iguais não havendo diferendos. Este antagonismo verifica-se apenas entre os homens, as mulheres começavam a conviver desde crianças, nas fábricas de conservas”.

Como foi referido pelo Padre Álvaro Teixeira “a comunidade “varina” mantém as tradições que trouxeram dos lugares de origem, possuem uma religiosidade muito especial pela sua Santa Padroeira, porque não é a prática religiosa regular que os liga à Festa, mas sim a tradição cultural que mantém a Comissão da Festa a trabalhar durante o ano”. (Maria Silva, 2005, p. 120)

Como constatou “O pescador “varino” é aquele que apresenta uma maior religiosidade ligada à Festa, acreditando no poder divino de Nossa Senhora de Tróia. (Maria Silva, 2005, p. 123)

De referir que “a mudança da Doca de Pesca das Fontainhas para a Doca dos Pescadores afeta especialmente os pescadores “varinos”, o sentimento de pertença sobre o local onde se iniciou a sua vida de pescador e a relação com a população “varina” que habita no Bairro das Fontainhas”. (Maria Silva, 2005, p. 124”.

A musicóloga e setubalense Maria Rosado Pinto (1971, p.17) descreve o modo de vestir do pescador das Fontainhas “trajava ceroulas atadas nos tornozelos, descalço ou com tamancos, cinta preta, camisola grossa ou camisa de xadrez de cores bizarras aberta no peito. As mulheres vestiam trajes garridos e calçavam chinelas, as mais novas, saias vermelhas rodadas, aventais, blusas de cores diversas, cintas pretas, bolsas para guardar o dinheiro, xaile, lenço solto na cabeça”.

Luís Nogueira e Patrícia Martins (2004, p. 31-32) “o barco típico dos varinos era o saveiro, os varinos homens mostravam uma forte tendência para só casarem com mulheres originárias também da Murtosa, a mulher varina já não seguia tão fortemente esta tendência, ao trabalharem nas fábricas de conserva. Os pescadores dedicavam-se essencialmente à pesca de rio no Estuário do Sado.”

Os varinos eram pessoas humildes, trabalhadores e religiosos, de grande fé (“*para herdar as promessas, são necessário fé e perseverança*”, em Hebreus 6:12”), realizavam festas e bailaricos nos pátios, ruas e praia, assíduos na missa dominical,

na Igreja de sua eleição, São Sebastião, as mulheres também aprendiam a fazer redes, os pescadores em terra remendavam as redes e pintavam os seus barcos, que se encontravam na “praia” das Fontainhas, em frente das habitações no Bairro das Fontainhas.

3.8 Ações de salvaguarda – oportunidades, debilidades e ameaças

Procuramos neste capítulo discriminar as ações de salvaguarda da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, procurando compreender as ameaças à conservação desta celebração.

Segundo Maria Silva (2005, p. 119), o problema não está na diminuição, mas na falta de adesão da juventude, o aumento do número de barcos de recreio.

Marta Ferreira (2007, p. 131) centra o problema no abate de embarcações, na precarização das condições de vida dos pescadores e uma classe envelhecida, na escassez de recursos naturais e os elevados níveis de poluição do Sado.

Os projetos turísticos da SONAE para a zona da Caldeira também são uma ameaça à realização da Festa, com perspectivas de implementação de um empreendimento turístico.

A cultura é transmitida às gerações vindouras, verificando-se o sentimento de tristeza por parte dos pescadores varinos na transferência dos barcos de pesca da Doca das Fontainhas para a Doca dos Pescadores, a proximidade das suas residências às embarcações, um costume antigo e herdado pelos seus avós e pais.



Foto 36 – “Doca das Fontainhas” (Comércio), hoje “Doca de Recreio das Fontainhas”
Coleção Reportagens Baptista

A importância da herança cultural e o simbolismo que envolve a chegada do Círio no terceiro dia é demonstrativo de uma cultura que tem passado de geração em geração até aos nossos dias.



Foto 37 – Chegada do Círio fluvial a Setúbal

Coleção Reportagens Baptista

Através da pesquisa e análise desenvolvida, encontramos dois cartazes, o primeiro referente à dinamização, das Tardes Interculturais, no Museu do Trabalho, destacando o programa referente ao dia 29 de setembro, tarde intercultural denominada por “Varinos, nós?”, memórias cruzadas de cinco famílias de marítimos de Setúbal, ocorrendo na mesma, a inauguração da exposição “Varinos, nós?”; a projeção do documentário de observação “Há Isco”, na Adega Grande das Fontainhas; seguido de debate – “Setúbal e as identidades”; Música e petiscos da beira-mar. (Marta Ferreira, 2007, p. 153)

Realçamos as palavras de Maria Silva (2005, pp. 143-144) “poderá perspectivar-se que a continuidade da Festa não será influenciada pela crise da pesca que poderá diminuir o número das suas embarcações, mas que esta continuidade se deve ao fato de se basear nas redes de socialização e nos padrões culturais que foram sendo transmitidos de geração em geração, perpetuando-se no futuro”.

Marta Ferreira (2007, 160) refere “musealizar um sentimento, neste caso *“um sentimento varino”*, optámos por pedir a cada família que escolhesse um objeto significativo da herança varina, com o intuito de apresentar cinco objetos com “estória” de forte memória.

Purificação Pereira (2009, p. 2) refere que foi “proposto a construção de um site sobre as Festas de Nossa senhora de rosário. Entre outros, este seria um meio de registo deste riquíssimo património imaterial e permitiria a sua ampla divulgação.

Maria Miguel (2012, p. 19) refere que “em 1986, os responsáveis por esta festa revelavam preocupações de inscrição da mesma nos roteiros da vida cultural e social da cidade”.

Purificação Pereira (2009, p. 35) refere que a Junta de Freguesia de S. Sebastião “em 2008 fez uma exposição sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia.

Não podemos terminar sem deixar de referir a autora Purificação Pereira (2009, p. 39) quando refere “um dos principais problemas enfrentados pela festa é o desinteresse dos jovens desta comunidade pelas tradições dos seus antepassados”.

Torna-se cada vez mais urgente a criação de um site contendo resumo histórico, fotografias atuais, digitalização de documentos, mapas de localização, descrição de pormenores, contactos, apoios, galeria de fotografias antigas, filmes, cartazes, programação, comentários pertinentes, pedido de apoios sobre a Festa da Nossa Senhora do Rosário de Tróia.

Realçamos as palavras de Maria Miguel (2012, pp. 13-14) “o ato figurarem nesta lista não acresce nenhum tipo proteção legal a estas manifestações, nem quando o contexto em que se inserem seja considerado instável, acresce o reconhecimento, meramente pela figuração”.

Maria Miguel (2012, p. 39) afirma que “o número de trabalhos e iniciativas levadas a cabo nos últimos quatro anos, de índoles diversas, tem aumentado significativamente e deverão ser alvo de reflexão na sua articulação com os usos da tradição e património, numa perspetiva preservacionista do acontecimento”,

Maria Miguel (2012, p. 48) realizou em parceria com a Comissão de Festas e Paróquia de São Sebastião, uma tarde intercultural denominada “Festas de Marítimos”, visionou-se o filme realizado sobre a festa e os representantes murtoseiros encenaram diversas rusgas no exterior do museu trajados a rigor para o efeito, por uma exposição fotográfica da autoria de Sérgio Jacques, e contou com a tocante presença da Santa na sala expositiva”.

A exposição fotográfica sobre os tempos da “Festa de Tróia” e teve como propósito a realização de um encontro sobre “Memórias de Tróia”, na sala de congressos da SONAE em Tróia.

Salientamos a carta redigida em 15 de dezembro de 2008, por uma estagiária no MTMG à Presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, com o objetivo dar a conhecer a existência desta festa pois não havia menção à mesma no RNT, com exceção da alínea, nos objetivos do projeto, em que

se pode ler “A salvaguarda dos recursos naturais e valorização do património natural e cultural”.

Em 08 de novembro de 2017, podia-se ler nas páginas d’O Setubalense, “o Museu do Trabalho Michel Giacometti, em conjunto com a Comissão de Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, está a promover uma recolha de materiais e informações para inscrever as tão características festas de Setúbal no Inventário do Património Cultural Imaterial”.

O *Setubalense*, em 16 de abril de 2020, escrevia “Setúbal tem quatro candidaturas aprovadas ao concurso 7 Maravilhas da Cultura Popular, tantas quantas a Câmara de Setúbal candidatou, tendo recebido agora a aprovação do conselho científico da iniciativa, na categoria Procissões e Romarias, foi proposta a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia”.

A *Revista Região – Jornal O Setubalense* (2020, p. 34) escreve “Pela capacidade de produção, pela diversidade e pelo bom grau de preservação das suas fábricas de salga, o sítio de arqueológico de Tróia foi inscrito na lista indicativa a Património Mundial da UNESCO em 2016”.

Demonstrativo da devoção da população a Nossa Senhora do Rosário de Tróia, é o quadro no interior do Café “Rainha do Mar”, situado na Travessa Jorge D’Aquino em Setúbal, que em 2019 tinha a imagem de Nossa Senhora e a fotografia de Marília Santos, pescadora e crente, em conversa com a filha Filipa Amoroso, a mesma contou-nos que a mãe fez 50 operações e nunca deixou de ir à Festa da Tróia.



Foto 38 - Fotografia interior do café “Rainha do Mar” em 2019

A tradição da Festa está presente no interior do Restaurante “Pátio dos Golfinhos” (Cf. Anexo 6), situado na Avenida Manuel Maria da Portela em Setúbal, representada numa pintura ilustrativa do círio e de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, assinada por “Peguinho” em 2020.

Pintura de “Peguinho” no interior do restaurante como se vê na foto abaixo.

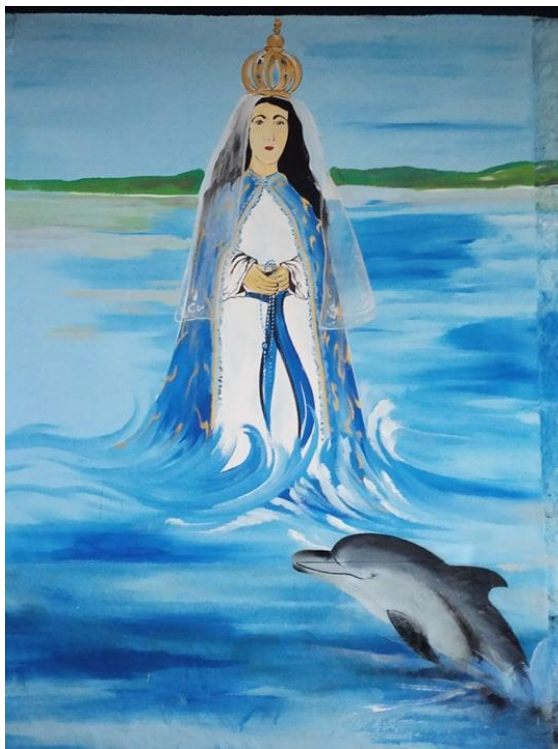


Foto 39 – Pintura Nossa Senhora do Rosário de Tróia

Visitei a Exposição “Festas do Mar” Fotografia de José A. Carvalho, no dia 22 de agosto de 2019, patente no Museu do Trabalho Michel Giacomett.

Como se vê na foto abaixo.



Foto 40 -D. Lurdes Conceição, Aia de Nossa Senhora

Assisti à visualização do filme “Os filhos do Rio Azul” (Cf. Anexo 12), no salão do Clube Recreativo Palhavã, documentário de cariz biográfico, com relatos na primeira pessoa do setubalense Fernando Coelho, agradável surpresa, a Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia, tradições e crenças, entre 36:17 e 42:10.

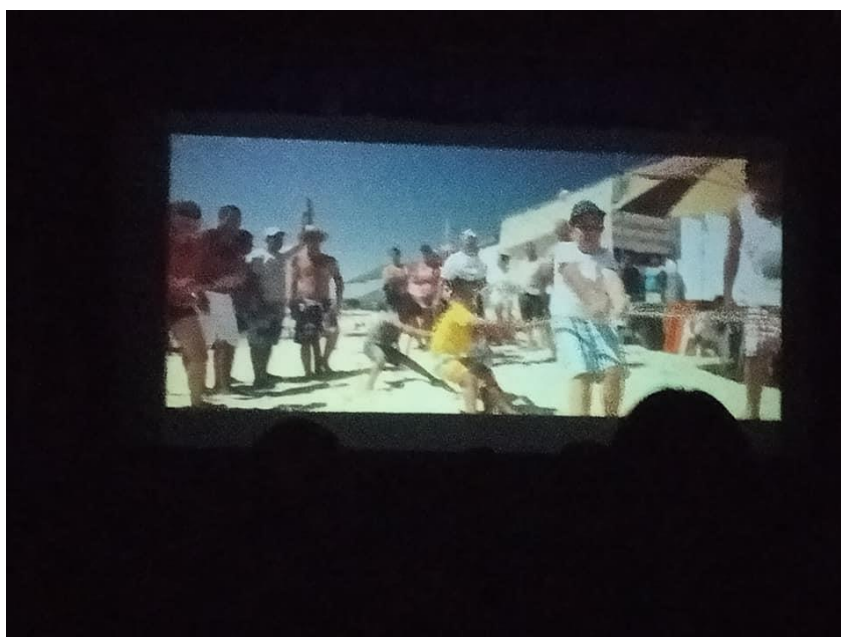


Foto 41 - Jogo da corda no filme “Os Filhos do Rio Azul”

Fui convidado a assistir à antestreia da “Revista que paródia de revista”, mais uma vez surpreendido com apontamento em honra e homenagem à Festa da Tróia, no salão do Núcleo dos Amigos Bairro Santos Nicolau (Cf. Anexo 7), no dia 22 de novembro de 2019. A interpretação do poema de Manuel Carlos Casalão Zorro como hino a Nossa Senhora do Rosário de Tróia, a tradição, a identidade da comunidade pescadores, a proximidade com as pessoas que assistem à revista.



Foto 42 – Pormenor da imagem de Nossa Senhora e das cores do vestido.

Acompanhei o Armando Oliveira e o David Lopes à oficina de mármore António Oliveira, Lda situada nas Pontes – Setúbal, com o objetivo e inserido no

estudo, a estátua em mármore de Nossa Senhora do Rosário de Tróia a ser colocada no pontão da Doca dos Pescadores. O simbolismo de Nossa Senhora do Rosário de Tróia como protetora dos pescadores, nas horas de aflição e nos pedidos de boa faina no mar.



Foto 43 - Estátua de Nossa Senhora na oficina

Assisti à inauguração da exposição “Festas de Nossa Senhora da Tróia” Fotografia Renato Monteiro, no MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, no dia 25 de janeiro de 2020, patentes na exposição 90 fotos da Festa da Tróia bem como a visualização de um filme com fotografias de 2003, 2006, 2008 e 2009 da Festa. Mostra de imagens e filme de imagens, na preservação e divulgação da Festa como PCI e da sua importância junto da comunidade



Foto 44 – Exposição fotografia no Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

Estive presente no Colóquio “O culto de Nossa Senhora da Nazaré: perspectiva multidisciplinar”, no Auditório da Biblioteca da Nazaré, no dia 1 de fevereiro de 2020.

O colóquio tinha os seus objetivos “abordar as práticas em torno do culto de Nossa Senhora da Nazaré, a partir do olhar de especialistas provenientes de vários campos disciplinares e destacar o papel da candidatura como oportunidade para reforçar a identidade, comunicação e inter-relacionamento entre povos e culturas



Foto 45 – Perspetiva do auditório da Biblioteca da Nazaré.

Foto Câmara Municipal de Nazaré

Estive presente na iniciativa “Festividades populares de Tróia e as celebrações Dionísias – projeção de fotografias de Renato Monteiro, leitura poéticas de Sara Loureiro e António Marrachino, apresentação da obra de Dinis H. Machado”, MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, no dia 08 de fevereiro de 2020.

A importância do audiovisual na promoção deste PCI, o filme “Rio de Cera” de Carlos Silveira, sobre a Festa de Tróia, tem a duração de 09:45, 2018, recorrendo a filmagens de 2015 e 2016 e o filme “Miradouro” de 2018, um filme de João Bordeira e Sérgio Bráz D’Almeida, com um registo sobre a Festa Nossa Senhora Rosário de Tróia de 2017, entre 18:14 a 34:06 e de 44:43 a 51:00.

O MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, teve na sua programação, a oficina “Filho de peixe sabe nadar” para grupos escolares, entre 5 de fevereiro e 20 de março de 2020, com o objetivo dar a conhecer a cultura marítima da região e a exposição de fotografia “Festas de Nossa Senhora da Tróia” de Renato Monteiro.

Pereira e Cardoso (2010, p. 116) referem-se à “evidente importância que a escola deve, e pode ter, na preservação e divulgação do património cultural”, já que “tem muita responsabilidade em transmitir às gerações vindouras, e nas melhores condições, o legado artístico-histórico das gerações anteriores”.

A importância e a necessidade da salvaguarda e valorização do património imaterial, o MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal tinha agendado para o dia 14 de março de 2020, “Perspetivas em diálogo, Festividades em colóquio: Do empírico à cultura e à ciência: antropologia, arqueologia, religiosidade, património cultural”, sessão no âmbito da exposição temporária “Festas de Nossa Senhora de Tróia”, fotografia de Renato Monteiro.

Em entrevista para a Rádio Renascença, a 14 agosto 2019, Armando Oliveira falou sobre o Apostolado do Mar que é responsável na Igreja Católica em Portugal pelo trabalho pastoral junto dos pescadores e das suas famílias, em desde 2017 a Conferência episcopal nomeou-o como diretor, sendo o primeiro leigo a ocupar o cargo, conhecedor das necessidades e fragilidades dos pescadores. O Apostolado do Mar promove muitas atividades

No dia 13 de setembro de 2005, foi realizada a escritura pública, da Associação da Família do Mar de São Sebastião - Setúbal. A Associação da Família do Mar de São Sebastião tem objeto o apoio à terceira idade, crianças e jovens, à família, à integração social e comunitária e proteção dos cidadãos na velhice e invalidez.

O Apostolado do Mar e a Associação da Família de Mar de São Sebastião – Setúbal, são duas entidades relevantes na preservação do património imaterial, na divulgação da tradição, cultura popular e continuidade da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia devido à integração no tecido social, trabalho social e território local.

Realçamos a importância do monumento, colocado no Cemitério de Nossa Senhora da Piedade que classificamos como o reconhecimento da comunidade a todos os pescadores, Marta Ferreira (2007, 110) justifica assim “a preocupação com os que já partiram para outro mundo é de tal forma premente que surgiu a ideia de erigir um *Monumento ao Pescador Desconhecido* em homenagem a todos os marítimos, mas também aplacar alguns sentimentos dos familiares dos pescadores desaparecidos que se viam impossibilitados venerar postumamente os seus entes queridos”.

Segundo Armando Oliveira “a ideia de erigir o Monumento, surge enquadrada em dois aspectos de fundamental importância, para a cidade de Setúbal em geral e para a Comunidade Piscatória em particular. Uma delas é a homenagem que as gentes do mar tão meritoriamente merecem. A outra é uma realidade que, há muito, aflige e consterna, os familiares e amigos daqueles que desapareceram nas lides do mar. A veneração póstuma dos seus entes queridos”.

3.9 As metáforas nos poemas - implícita referência aos valores da Festa

Segundo Alexandre Parafita e Isaura Fernandes (2007, p. 49) orações “Consideram-se aqui não só os textos adotados pelos cânones da Igreja, como também outros usados com grande rigor e profunda religiosidade na cosmogonia popular” e rezas “Menos convencionais que as orações, ganham, no entanto, maior autonomia e “funcionalidade” no seio do povo perante situações concretas”.

A importância das manifestações e expressões para o estudo, foram recolhidos poemas e orações (Cf. Anexo 1), as orações foram dadas por Armando Oliveira, os poemas entregues por Lurdes Conceição, Carlos Crispim, António Cruz, Manuel Carlos Casalão Zorro e Vasco Fernando.

As metáforas são recursos estilísticos, um sentido figurado de elementos presentes no texto poético e nas orações, possibilitando a compreensão de relações entre as palavras e o real significado.

Os poetas colocam-nos a pensar, refletir, na pesquisa de conhecimentos, a necessidade de descobrir, imaginar, interpretar, de acordo com as ideias propostas

pelos mesmos, a vivência é feita com sorte, práticas e dificuldades, uma ponte entre a realidade e o sonho.

Conseguimos encontrar pontes, que apresentamos abaixo, entre poemas e orações em louvor a Nossa Senhora de Tróia e trabalhos académicos, livros, vídeos, artigos de imprensa consultados.

No poema inédito “N^a. S^a. De Tróia” de Carlos Negrão, encontramos alusão a “Tróia romana” e ao “constante rezar”.

Como forma de descrever a festa, nas suas singularidades e valores, o poema de Albino da Conceição “N^a Sr^a do Rosário de Tróia” faz referência ao andor de Nossa Senhora, “Das Fontainhas sai linda e florida”, “Em Tróia vai ficar na sua ermida”, sendo que a devoção é descrita da seguinte forma: “Pescadores veneram a padroeira”, “Rogando a sorte a cada camarada”, “Romaria tão bonita, é tradição do passado”, “Na volta vai à Torre do Outão”, “Depois de abençoar lá os doentes” e “Setúbal, solenemente vem saudar”.

O poema “Hino da Senhora da Tróia”, de Manuel Zorro, alude à família, implorando bonança e invocando os varinos: “É graça que alcança, a bonança”, “Varinos, peregrinos, é hora” e “Encontro da Família, harmonia”.

Encontramos, no poema “A Virgem da Tróia” de Alice Ramos, também singularidades da Festa, como menção ao manto azul de Nossa Senhora, à capela, boa pescaria, proteção e barcos engalanados: “Tua capela branquinha”, “O teu Rio Azul”, “Igual ao teu lindo manto”, “Salvação, e bom pescado”, “Os barcos com bandeirinhas”, “Guarda os nossos pescadores”.

Carlos Crispim, no poema “Rosário Mãe de Tróia”, alude a outras particularidades em relação às embarcações dos varinos, às fogueiras, aos barcos, e acampamento: “Na Tróia o povo varino”, “Deixava a sua bateira”, “Acampava na Caldeira”, “Juntava-se a varinagem”, “Debaixo da sua vela”, “Fogueiras á noite ardiam”, “Sã era a camaradagem”, “Que de areia, faço cama”.

No poema de Maria Caetano “Nossa Senhora de Tróia”, faz-se menção aos medos e proteção de Nossa Senhora, “É pelo povo do mar”, “Que luta pelo seu pão”, “O medo de naufragar”, “Precisão de regressar”, “Para seu peixe vender” e termina “Protegendo o Pescador”.

Em 2015, Carlos Crispim, no poema “Festa da Caldeira”, evidencia os desígnios da Festa, as fogueiras, o dormir na areia, o brincar das crianças, os barcos engalanados, proteção aos pescadores, origem varina: “A bateira em mar chão”, “Minha tenda foi a vela”, “De areia meu colchão”, “Vi crianças a brincar”, “Caldeira dos pescadores”, “Onde os barcos levam flores”, “Pedindo p’la paz pelo pão”, “Porta dos

céus proteção”, “Vi na fogueira a beleza”, “Vi de origem varina”, “Ir o Cirio ao Outão”, “Vi a juventude Sadina”.

António Cruz, no poema “Senhora do Rosário de Tróia” (2019), expõe a devoção, a festa, os lenços brancos: “Por ela fazem a sua romaria”, “Três dias em festa de alegria”, “Na praia a eterna procissão”, “Os pescadores dizem obrigado”, “De bonito manto azulado”, “Lenços brancos acenando”, “No rezar numa traineira”, “Dos pescadores que te amavam”.

Das orações nas edições da Comissão de Festas de N^a. S^a. do Rosário de Tróia, encontra-se referência aos pescadores: “Nós, pescadores de São Sebastião, de Setúbal”, “Sabemos que nos acompanhai nas fainas da pesca e nos protegeis nos perigos que todos os dias nos espreitam”, “livrai-nos do mal e em todas as horas”.

Na oração de António Augusto Gomes da Silva, invoca-se a proteção de Nossa Senhora: “Protegei os Pescadores, não nos deixeis naufragar” e “Nas tempestades da vida, sede auxílio e Bonança”.

Nas orações do Bispo D. António Mendes dos Santos, Bispo Diocesano de São Tomé e Príncipe Manuel e antigo Pároco S. Sebastião, encontramos também referência à devoção a Nossa Senhora: “Rainha da Baía de Setúbal”, “A Vós imploramos socorro e proteção”, “Nas aflições do dia a dia”, “De manto azul vestida”, “Em horas de procela e bonança”, “Senhora de todos os momentos”.

3.10 A Declaração de Impacte Ambiental acerca da ocupação turística da UNOP4 para a continuidade da Festa

Festa em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, uma manifestação popular que permite fomentar o desenvolvimento da coesão social, as singularidades da cultura local, destacando as práticas religiosas e profanas, um fenómeno cultural multidimensional pela sua carga simbólica, é inegável que a Festa faz parte do costume das gentes do mar, constituindo uma grande manifestação da comunidade piscatória e manutenção da vivência comum.

A Festa enquanto fator principal para a preservação da preservação da identidade e memórias coletivas da comunidade piscatória, transmissão e reconhecimento como património imaterial.

Identifica-se no ponto 9 da avaliação de impacte ambiental acerca da ocupação turística da UNOP4, a “garantia da realização da festa centenária de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, que se realiza durante o mês de Agosto e que é tradição dos

pescadores acamparem nesta zona, durante os três dias em que a mesma se desenrola”, de acordo com a decisão - Declaração de Impacte Ambiental (DIA) Favorável Condicionada.

Conforme descreve Purificação Pereira (2009, p. 47) “tendo-se tomado conhecimento, no dia quinze de Dezembro, que estava a decorrer, até esse dia, a consulta pública referente à avaliação de impacte ambiental da UNOP4 de Tróia, zona da Caldeira onde se realiza a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, foi enviada uma carta à Presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, expondo a preocupação de não terem sido contempladas neste projeto as Festas de Tróia”.

No dia 26 de fevereiro de 2009 através do Secretário de Estado do Ambiente, foi conhecida a decisão relativamente à declaração de Impacte Ambiental, a qual foi considerada favorável condicionada, onde está referido no número nove “Garantia da realização da festa centenária de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, que se realiza durante o mês de Agosto e que é tradição dos pescadores acamparem nesta zona, durante os três dias em que a mesma se desenrola”.

No estudo prévio da ocupação turística está proposta uma intervenção “recuperar as construções existentes e instalar uma pequena unidade hoteleira de charme, com uma capacidade de trinta quartos (60 camas)”.



Foto 46 - Panorâmica do Palácio Sottomayor
Coleção Fotográfica Baptista

Maria Miguel (2012, p. 112) acrescenta ainda que “o acesso ao Centro de Interpretação Arqueológico e Ambiental, bem como às ruínas romanas, será o mesmo do Hotel Palácio Sottomayor e será condicionado aos clientes do hotel e aos visitantes da estação.



Foto 47 - Panorâmica do Palácio Sottomayor
(Conceição Lopes, 2020, p. 66)

Na opinião de Maria Miguel (2012, pp. 113-114) “resta saber onde se colocarão as tendas desalinhadas e desemparelhadas das centenas de pescadores durante os festejos, bem como os barcos e embarcações, os comes e bebes, a música constante e os festejos religiosos, num enquadramento que, a nosso ver, não os enquadra”.

De acordo com a Declaração de Impacte Ambiental (DIA) Favorável Condicionada (*Gabinete do Secretário de Estado do Ambiente*) Ocupação Turística da UNOP 4 de Tróia, de 26 de fevereiro de 2009, no ponto “9. Garantia da realização da festa centenária de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, que se realiza durante o mês de Agosto e que é tradição dos pescadores acamparem nesta zona, durante os três dias em que a mesma se desenrola.”

3.11 Análise de conteúdo da base de dados e ficha de inventário Museu do Trabalho Michel Giacometti

Pela análise de conteúdo de um ficheiro Excel com o título “Cassetes” verificámos que contém 169 registos, sendo treze relacionados com a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, nomeadamente: quatro registos “Tróia 2010” e um registo de Jorge Pateiro “Varinos Memórias”; Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – 2º dia 2007; Missa São Sebastião. Procissão pela cidade, Círio a Caldeira, imagens Caldeira – 18/08 (sábado); entrevista Caldeira Palácio Sottomayor – Círio regresso a Setúbal, Caldeira; visita a Nossa Senhora do Rosário de Tróia – 2007 – domingo – 1ª cassete missa + procissão; Festa Nossa Senhora do Rosário – Tróia; Festa da Nossa Senhora do Rosário de Tróia último dia 2007; fim procissão missa Capela imagens de tarde, entrevista domingo (manhã, tarde); Festa Tróia 1º dia.

Também realizamos a análise de conteúdo a ficheiros disponibilizados pelo Museu do Trabalho Michel Giacometti que contém fotografias com referências da Festa de Tróia: uma pasta com o título “Nossa Senhora do Rosário de Tróia” com 34 imagens; uma segunda pasta com o título “NSRTMTMG” com 177 imagens; uma terceira pasta com o título “Centro de Memória Tróia” que integra 10 pastas, digitalizações Tróia, filmagens CM Tróia, Tróia 24 de abril de 2018, Protocolo Setúbal – Tróia, um relatório Luis de Matos em pdf, imagens da Festa em pdf (Tróia ago 71, Tróia 24 de abril de 2018; uma pasta com o título “Exposição José Carvalho 2019 – Festas Religiosas de Setúbal que contém mais três pastas com ensaios, textos e Exp definitiva Festas do Mar; uma última pasta com o título “Tróia” que integra cinco documentos em texto sobre Festa de Nossa Senhora de Tróia, dois textos sobre a Festa de Tróia 2006, uma pasta Festa Tróia 2007, Festa Tróia apresentação em mov e ppt, dois documentos em texto Festa Tróia contactos e Festa Tróia Património, uma pastas fotos Tróia – Casa da Baía, duas imagens da Festa, 1 imagem cartaz Tardes Interculturais – Festas Tróia, várias pastas sobre Nª Sª Tróia 2010, Tarde NS Rosário 2004, TIC Varinos NOS EXP, Tróia, Tróia 2008, Tróia 2010, Tróia 2011, Tróia apresentação e mais um texto Tróia texto exp.

Pela análise de conteúdo à ficha de inventário património imaterial que o Museu do Trabalho Michel Giacometti está a desenvolver desde 2010, de uma forma sintética, constam: a identificação da manifestação, o domínio – práticas sociais, rituais e eventos festivos, a categoria – festividades cíclicas, a denominação “Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia” tendo outra denominação “Festa de Tróia”, identifica o contexto tipológico da Festa como Culto Mariano – Culto a Maria, onde a Festa de

Nossa Senhora do Rosário de Tróia é uma marco na vida social e religiosa de Setúbal e o descanso da faina dos pescadores de Setúbal e das gentes ligadas ao mar, o Apostolado do Mar. No contexto produção identifica as comunidades, especificando os varinos de Setúbal e outras comunidades tais como Faralhão, Praias do Sado, Fonte Nova, Bairro Santos Nicolau, Bairro das Fontainhas, Bairro São Domingos, Bairro da Conceição, por lapso não menciona os pescadores da Carrasqueira e Comporta. No campo das especificações a Festa dura geralmente cinco dias, sendo os dois primeiros dias atividade religiosas em Setúbal, seguidos três dias passados na Caldeira em Tróia, a data da Festa é ditada pelas condições marítimas, as marés. O acesso é livre/condicionada, o acesso à Festa de Nossa Senhora do Rosária de Tróia tem um carácter duplo e recente, o número de campistas autorizados ronda os 500 e o tempo permitido de permanência oscila entre três a cinco dias. O Contexto de transmissão importante para o nosso estudo, o estado de transmissão identificado na ficha de inventário como ativo, o presidente da Comissão de Festas, assim como os colaboradores têm-se mantido de grosso modo, a transmissão do sentimento de festeiro, da religiosidade, da devoção mantem-se graças à presença geracional familiar, reunindo na Festa até três gerações de festeiros. As noites são pautadas pela transmissão de memórias de tempos ancestrais da Festa, educando-se o gosto e reforçando-se a presença, é importante incutir às novas gerações “o bichinho da Festa de Tróia”. Identifica como modo de transmissão a oralidade e como agentes de transmissão a Comissão de Festas, festeiros, devotos e participantes. A origem e história da Festa, o contexto de documentação datam de 2010 e tem como entidade responsável o Museu do Trabalho Michel Giacometti. Identifica como riscos e ameaças a pesca por ser uma atividade em vias de extinção, as gerações mais novas da Festa possuem uma escassa ligação à vida do mar, num futuro próximo a tradicionalidade da Festa pode ser posta em causa porque poucos serão aqueles que dependem do mar para seu sustento. Ameaças às características rituais desta celebração prende-se com questões territoriais e de propriedade, o futuro do território onde se realiza a Festa é incerto, e a manutenção do acampamento depende sempre dos projetos turísticos existentes para o terreno. Ainda não foi preenchido o campo referente às acções de salvaguarda da Festa.

A ficha de inventário apresenta como bibliografia relevante: *Festas, Feiras e Romarias – Percursos na Costa Azul*, Setúbal (1996), Ana Duarte, Fernando Pereira e Luís Gonçalves; *Os Varinos de Setúbal* (2007), Marta Ferreira; *Entre Urzes e Camarinhas: as festas da Arrábida e de Tróia, Setúbal* (1992), Jaime Pinho; *Festas de N^a Sr^a de Tróia – Expressão da Alma Varina*, (1997), Álvaro Teixeira; Estudos sobre

Tróia de Setúbal (1987), Pedro Azevedo; Tradições Religiosas entre o Tejo e o Sado (2000), Luís Marques; Festas e Tradições Portuguesas (2002), Clara Saraiva; Jornais do Fundo Local, O Elmano, O Trabalho, O Setubalense, O Districto.

3.12 Análise de conteúdo das entrevistas realizadas

Sublinha-se que todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e se encontram nesta dissertação, a fim de facilitar o trabalho de futuras investigações.

Foi atribuído a cada entrevistado um número, de modo de facilitar a análise do conteúdo das entrevistas (Cf. Apêndice IX), seguindo a ordem pela qual foram realizadas, a saber: Entrevistado 1 (E. 1), Lurdes Conceição; Entrevistado 2 (E. 2), Armando Oliveira; Entrevistado 3 (E. 3), Madalena Lopes; Entrevistado 4 (E. 4), Dr. Nuno Costa; Entrevistado 5 (E. 5), Padre Casimiro Henriques; Entrevistado 6 (E. 6), Mestre Lucinda Fernandes; Entrevistado 7 (E. 7), Joaquim Lopes; Entrevistado 8 (E. 8), João Martins; Entrevistado 9 (E. 9), Dra. Maria das Dores Meira; Entrevistado 10 (E. 10), David Lopes e Entrevistado 11 (E. 11), Rui Costeira.

Todos os entrevistados se sentem identificados com a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia.

Um ponto interessante são as singularidades da Festa, E.2 realça o acampamento, o círio fluvial, as procissões (da igreja de São Sebastião para o Cais, a procissão das velas e a procissão pela praia no domingo), os barcos engalanados, a animação musical, o convívio; E.6 refere como singularidade da Festa “o enfeite dos andores”; esta opinião é também partilhada pelos outros entrevistados.

Relativamente à Festa ao longo dos tempos, na dimensão recreativa, nomeadamente na dinamização de jogos tradicionais, de acordo com E.8. acabou-se a regata de caçadeiras, devido à modernização das embarcações, hoje poucas pessoas tem uma caçadeira ou uma bateira, as fogueiras no areal, o jogo da corda, o jogo dos potes, o jogo do saco, o pau ensebado; E. 1 menciona os jogos no areal da praia, o jogo do pato na sua dimensão competitiva e do pau ensebado; E. 7. mostra uma particularidade do jogo do pau ensebado, dizendo que ao subir o mastro, antigamente, punha-se lá uma nota ou um bacalhau. Contudo, segundo E. 2 o jogo do pau ensebado não se faz há dois anos, porque não aparece pessoas para o jogo, mas indica os jogos da caça ao pato, o jogo da corda, as andas, o jogo do saco, as malhas.

Uma menção importante às alterações, na dimensão religiosa, E.1 diz que no sábado à noite já não se reza o terço na capela, começou a realizar-se o ritual da procissão das velas ao sábado à noite.

É também interessante ter em conta as palavras de E. 2 o Círio como atualmente o conhecemos teve um interregno, no ano que entrou para a Comissão de Festas como secretário, existiu nesse mesmo ano um pescador que lançou o desafio que continuarmos a ir ao Outão e desde esse momento começou-se a ir outra vez.

Relativamente ao objetivo “Identificar singularidades da Festa” concluímos como singularidades da Festa, os barcos engalanados, a procissão das velas e a procissão pela praia, os divertimentos e jogos no areal da praia, passatempos, o espetáculo de fogo-de-artifício, a missa campal, o concurso de barcos engalanados e Círio fluvial.

No que concerne aos detentores da Festa e apesar da ideia geral, que esta Festa é da comunidade de pescadores de Setúbal, para E. 1 a festa é da Cidade de Setúbal, é dos pescadores de Setúbal, desde Gâmbia até à Fonte Nova; E. 3 acha que não há detentores, não acho que aquilo tenha donos; E.4 diz a não há de fato um dono desta festa, ela pertence aos pescadores, ela pertence sobretudo aos pescadores da Freguesia de São Sebastião, são os que de fato mais se envolvem na realização da festa; E. 5 reforça que esta festa, tenho a certeza absoluta que é do povo, se ele conseguir resistir aos poderes; para E.7 a festa não tem donos, a festa é uma cultura enraizada nos pescadores e não tem patrão e a opinião de E.10 que a Festa não tem donos.

Pode dizer-se que a tradicional Festa de Nossa Senhora do Rosário de Setúbal, data de há cerca quinhentos anos, é padroeira dos pescadores de Setúbal.

Relativamente às medidas de salvaguarda da Festa enquanto património cultural, E.2 é da opinião que as entidades públicas se têm preocupado em promover a salvaguarda e valorização das tradições da Festa porque tinham que salvaguardar os três dias de acampamento e os três dias da Festa com a Declaração de Impacte Ambiental, a Comissão tem divulgado a Festa nos meios de comunicação social, junto dos parceiros, dos participantes e suas famílias e tentando que os forasteiros tenham o mínimo de condições desde wc, água potável, duche para tomarem banho, assegurar deste modo a respetiva salvaguarda. Quando questionado sobre o processo de inscrição no inventário nacional, E.2 partilha que quem liderou e quem participou no processo de candidatura da Festa a PCI, foi o próprio, a Maria Miguel, o Pedro Felício (que é professor no politécnico de Setúbal), a Lucinda Fernandes, responsável pelo MTMG; não tendo recebido nenhuma formação no que respeita às manifestações do PCI, recursos e estratégias de salvaguarda e valorização do PCI, partilhada também pela maioria dos entrevistados.

Em relação às práticas que se devem manter, E.2 refere que o peditório pelas ruas é uma tradição, também para sensibilizar que a Festa não acabe.

Mais uma vez aqui se faz notas a importância da ação do Museu do Trabalho Michel Giacometti, o desenvolvimento de estratégias (tarde intercultural, exposições, estágios de investigação), a criação de sinergias, a sensibilização junto da comunidade, os filmes sobre a Festa.

A opinião de E.6 é que o trabalho que o Museu do Trabalho Michel Giacometti desenvolve, é trabalho de campo, é trabalho de filmagens, entrevistas, publicação de artigos, valorizando a Festa. Quando perguntámos se conhecia algumas obras de referência, conhece o trabalho académico da Marta Ferreira, o trabalho académico da Purificação, o trabalho de seminário da Maria Silva, o livro *“Urzes e Camarinhas”* de Jaime Pinho, o seu artigo em co-autoria *“Muitos fios tecem a imaterialidade de um Ritual”*, o trabalho da Maria Miguel que é uma tese, há três filmes no Centro de Documentação do museu sobre a Festa, o registo de fotografias no museu, o trabalho de fotografia do José Carvalho e lança no decorrer da entrevista um desafio, futuramente poderíamos fazer aqui em conjunto, esse Kit de Recolha de Património Imaterial aqui no museu, a ver se há jovens que queiram pegar, dar de beber, pequenas coisas para que eles sintam, quem sabe se nós não fazemos aqui algo, resgatando histórias e memórias.

Uma menção importante de E.9 é que a declaração de impacto ambiental e quem fez o estudo, quem deu parecer nomeadamente o Gabinete do Secretário de Estado do Ambiente – Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional, teve inteligentemente esse cuidado de preservar a continuidade dessa tradição, é muito trabalho dos pescadores, das comissões de festas que tiveram sempre por base, os pescadores, o Museu do Trabalho tem tido um dinamismo e dá um protagonismo e uma dignificação à Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, Armando Oliveira já vai ensinando, o espírito daquela festa, que é uma festa diferente, a igreja de São Sebastião tem um papel importante, no sentido de passar o testemunho e passar bem o testemunho.

A Festa não tem perdido identidade, nem autenticidade.

É de opinião comum dos entrevistados que as ações das entidades estão estrategicamente articuladas entre Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais, TroiaResort, Capitania, Bombeiros Voluntários.

Relativamente à plataforma on-line de inventário nacional, designadamente recursos e estratégias de registo e inventariação do PCI, só quatro entrevistados conhecem. No entanto quando abordamos o Kit de Recolha de Património Imaterial,

instrumento pedagógico e um recurso educativo da DGPC destinado a sensibilizar os jovens para a necessidade de salvaguarda do seu PCI podendo ser aplicado a nível local, só dois entrevistados conhecem.

O Kit de Recolha do Património Imaterial, tem como objetivo promover a valorização do PCI, promover a iniciativa e participação de ações de salvaguarda com os jovens, comunidade e em contexto escolar.

É geral entre os entrevistados a ideia de que é importante a Festa ser reconhecida como PCI, de forma a aumentar o reconhecimento desta manifestação religiosa.

No que concerne à interrogação sobre as ameaças de degradação, desaparecimento e destruição Festa como PCI, a preocupação de E.3 é que o acampamento seja só 3 dias, não há tantos barcos, porque houve muitos barcos para abate, redução da frota, os pescadores começam a ser mais escassos e agora a festa vê-se mais com pessoas que têm os barcos de fibra e por aí a fora e os borracheiros, do que se vê propriamente os barcos dos pescadores, mas tem que se equilibrar com os barcos de recreio.

Relativamente ao objetivo para E. 2 a juventude não é como antigamente, cada vez vejo menos juventude a interessar-se pela festa e tem pedido que pessoas venham para a Festa. Da parte de E.4 a única preocupação é integrar os jovens sempre nalguns momentos da festa, permanentemente preocupados em trazer gente nova para a organização das festas, as pessoas de fato vão se desligando da vida do mar, quanto ao futuro da festa, mais apoios, mais gente a poder no fundo colher aquilo que a festa tem de melhor, mais gente a ver, mais gente a participar e no fundo a preservação do elemento cultural incontornável da cidade, a garantia da preservação e conservação.

No que refere E.9, sem pescadores não há festa, teme que alguma juventude pense que aquela festa, deve ter única e exclusivamente uma vertente pagã e de fato, ela não existe se não houver a vertente religiosa, se não houver envolvimento das entidades oficiais, que hoje ajudam muito o aparecimento da festa, a igreja sozinha, os pescadores sozinhos, não conseguem fazer a festa; contudo e segundo E. 5 “Festa não é arraial, só que eles dois convivem”.

Impõe-se refletir as questões da salvaguarda e que os jovens se interessem pela Festa para que perdure por muitos mais anos, uma passagem de testemunho aos mais novos, fortalecendo o sentimento de pertença e de comunidade.

Nota-se uma preocupação E.10 se o Armando agora por qualquer razão se for embora, não estão preparados, na missa campal, estão pessoas mais velhas, tem muita gente, porque existe uma camioneta no catamarã, que faz ida e volta para a Caldeira, a festa teve que se modernizar, tem que ter no mínimo três dias e com campismo, carregar o andor de Nossa Senhora, não é para todos os barcos, as ganchorras têm a ré ocupada, os grandes barcos que estão aí têm a ponte de leme à proa, há bons barcos, a “Mãe de Jesus”, mas diz que aquela festa não é dele, contribui, mas mora em Troino e a embarcação “Filipe e Pedro” em que mestre mora em Gâmbia.

Atualmente existe muitas pessoas que vão à Festa só para passar férias, vão ali para se divertir com a animação musical, divertimentos e passatempos, antigamente as pessoas iam todas à missa e participavam na procissão pela praia, vimos poucas pessoas na missa e nem à procissão vão ficando junto das tendas.



Foto 48 – Andor de Nossa Senhora na Procissão pela praia
Coleção Reportagens Baptista

Procura-se nesta fase tomar medidas sobre o reconhecimento da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia como património cultural imaterial. Por informações de vias secundárias, o Museu do Trabalho Michel Giacometti e a Comissão de Festas estão a trabalhar há já alguns anos, na inscrição e registo da Festa na Lista Nacional Inventário Nacional, reconheço que o processo de candidatura

não é fácil, mas têm muita matéria recolhida que integra o dossier e a ficha de inventário praticamente concluída conforme foi possível constatar.

CAPÍTULO IV – FIGURAS E CONDECORAÇÕES

Ao longo dos tempos perpetuaram-se figuras ligadas à Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, sendo reconhecidos e homenageados aqueles que se distinguiram na valorização da nossa comunidade com grandeza, o exemplo claro de João Sacristão, Comissão de Festas, Armando Oliveira e o mestre Zé da Gaia.

4.1 A importância de João Maria Afonso Lopes (João “Sacristão”) para a Festa

Segunda Maria Silva (2005, 78) João Afonso Lopes, de origem varina, apelidado por “Ti João Sacristão”, “afirmava que a última vez que a festa foi feita, foi em 1928, e que não voltou a fazer-se até que, em 1945, os sacristãos da cidade, liderados por ele, retomaram a festa, a 15 de Setembro de 1945, presidida pelo Padre Nabais, dos Padres do Coração de Maria, organizando eles a festa até 1947. Em 1948 entregaram-na aos pescadores varinos que a têm organizado até aos dias de hoje”.

João “Sacristão” como gostava de ser conhecido, homem do mar, pessoa simples, homem de fé em Deus, humanista, altruísta, alegre, exemplo da cidadania ativa, gratidão, compaixão e amor, promotor do desenvolvimento da formação religiosa dos pescadores de São Sebastião e da comunidade da Paróquia de São Sebastião.

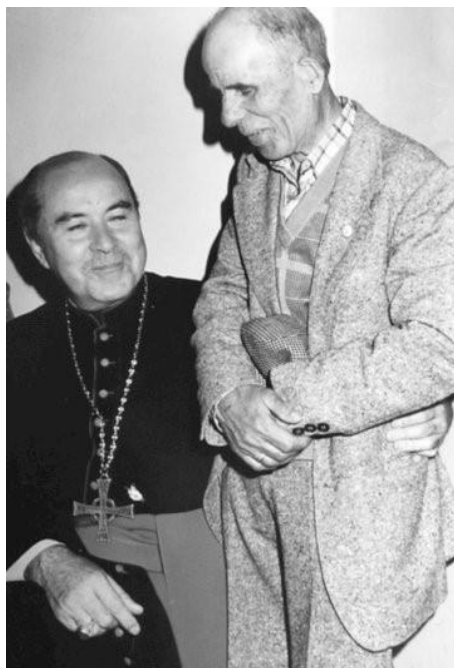


Foto 49 -D. Manuel Martins, 1º Bispo de Setúbal e João Sacristão
(Conceição Lopes, 2020, p.16)

Foi pai de onze filhos, esteve envolvido na construção do Nicho de Nossa Senhora do Cais, Nossa Senhora da Conceição, Capela de Nossa Senhora de Fátima – Faralhão, Capela de São José Operário – Bairro Carmona, Nicho de Nosso Senhor dos Navegantes – Tróia, Capela da Sagrada Família – Cachofarra/Vila Maria.

Responsável pela reativação da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia em 1945, em resultado de uma promessa, participou também no Centro Socioeducativo para a Infância, fundador da obra Juventude Marítima Católica e da Associação de Caridade dos Pescadores de São Pedro – São Sebastião em Setúbal. Em 1948 organizou a Festa conjuntamente com os pescadores e com a Juventude Marítima Católica e posteriormente com a Associação de Caridade de São Pedro.

Conceição Lopes (2020, p. 67) conta um fato relatado por João Lopes (João “Sacristão”) “Tínhamos ido para o mar, eu e um camarada da minha idade. Era de noite, e, de repente, levantou-se um grande vendaval. Estivemos à beira do afogamento. Um dos remos tinha caído ao mar, e a nossa bateira andava à róla. O temporal veio repentinamente. E, quando mais perto de terra, pior é. Depois o barco arrasou-se de água, e eu pensei...eu pensei assim, com a minha fé: Senhora! Livrai-nos deste perigo, porque eu vou visitar a vossa capela. Quer dizer, de um momento para o outro fez-se um chão, fez-se um chão, o mar fez-se um chão.”

Foi deliberado pela Câmara Municipal de Setúbal, em Reunião Ordinária, realizada em 14 de março de 2000, nº 6/2000, ponto 22, “Proposta nº 1/00 GVAIA (...) 3. Freguesia de São Sebastião – Urbanização do Farol: Rua João Maria Afonso Lopes (João Sacristão) – transversal à Av. Mestre Lima de Freitas (Anexo 6)”, a atribuição de um topónimo a João “Sacristão”.

Como se vê na foto abaixo.



Foto 50 – Paca toponímica “João Sacristão”

Foto do próprio

4.2 Condecorações à Comissão de Festas, Presidente e Tesoureiro da Comissão de Festas, últimos Párocos de São Sebastião – reconhecimento público

Purificação Pereira (2009, 26), realça que “em 2001 foi atribuída à Comissão de Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia o Diploma de Mérito e a Medalha da Cidade na área de *Atividades Culturais*, em reconhecimento do grande contributo desta romagem para a vida turística e cultural de Setúbal” pela Câmara Municipal de Setúbal, no Dia de Bocage e da Cidade.

A Câmara Municipal de Setúbal aprovou em Reunião de Câmara, realizada em 11 de Setembro de 2001, “Proposta DCED 159/2001”, a atribuição da Medalha de Honra da Cidade, classe “Cultura”, à Comissão das Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, “Festa de gente do mar da zona nascente da cidade, nomeadamente, Fontainhas e Faralhão, locais onde se concentra uma importante comunidade de origem varina. As festividades têm lugar no primeiro ou segundo fim-de-semana de Agosto na Caldeira de tróia. É com destino àquele belo recanto do Sado na península fronteira a Setúbal que, anualmente, sai uma colorida procissão marítima composta por dezenas de embarcações engalanadas. Transportam a

imagem da Senhora, no que constitui um dos mais pitorescos momentos da vida da cidade. Também a sua Comissão de Festas tem, ao longo dos anos, sabido interpretar os desejos da comunidade de dar continuidade a uma tradição tão enraizada nas suas gentes. Ao continuado esforço das mulheres e homens se deve a realização com elevado sucesso de um evento de reconhecido interesse público”.

A Câmara Municipal de Setúbal, também aprovou em Reunião de Câmara, realizada em 11 de Setembro de 2001, “Proposta DCED 159/2001”, a atribuição de Medalhas de Honra da Cidade, classe “Paz e Liberdade”, aos Padres Claretianos Álvaro Magalhães Teixeira e Manuel António Mendes dos Santos, párocos da Paróquia de São Sebastião – Setúbal, realçando a ajuda à respetiva Comissão, na revitalização das Festas da Nossa Senhora de Tróia.

Purificação Pereira (2009, 26) sublinha ainda “a cerimónia de distinções a personalidades e entidades do distrito de Setúbal na Gala da Costa Azul de 2003” onde a Comissão de Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia foi distinguida.

O *Correio de Setúbal*, na sua edição de 29 de setembro de 2003, publicava a seguinte reportagem “Setúbal em destaque na Gala da Costa Azul”, a Região de Turismo Costa Azul destacou o desempenho de personalidades e entidades do distrito, ressaltando a distinção aos elementos da organização das Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, sendo a mesma atribuída por sugestão da Câmara Municipal de Setúbal.

A 19 de agosto de 2015, o Município de Setúbal, aprovou em Reunião da Câmara, nº 15, “Proposta 007/2015/GAP”, a atribuição da Medalha de Honra da Cidade, classe “Associativismo”, a Armando Jorge de Oliveira, Presidente da Comissão de Festa da Nossa Senhora do Rosário de Tróia, “Natural de Setúbal, Bairro das Fontainhas, Armando Jorge de Oliveira, tarefa que abraça de alma e coração e que muito o orgulha, principalmente pela sensação de dever cumprido quando vê a alegria nos rostos dos pescadores durante aqueles três dias dedicados à sua padroeira. Assumindo-se como uma pessoa que tira sempre valiosas lições da vida, está envolvido na Associação da Família do Mar de S. Sebastião, é membro efetivo do Secretariado Permanente da Fábrica da Igreja da Paróquia de S. Sebastião e faz parte da Direção do Apostolado do Mar de Setúbal e Nacional” e a Medalha de Honra da Cidade, classe “Associativismo e Sindicalismo” a José Maria de Oliveira Afonso Lopes (Zé da Gaia), pescador, “José Maria de Oliveira Afonso Lopes, o Zé da Gaia “o mar, a pesca e a devoção, continuam a fazer parte de si, tesoureiro da Comissão da Festa da Nossa Senhora do Rosário de Tróia, evento celebrado com muita fé por si e pelos seus dois filhos. Faz ainda parte da Associação da Família do Mar de São Sebastião”.

Como se vê na foto abaixo.



Foto 51 - Armando Oliveira

Foto Câmara Municipal de Setúbal



Foto 52 - Mestre Zé da Gaia

Foto Câmara Municipal de Setúbal

Em 18 de março de 2018, a Junta de Freguesia de S. Sebastião – Setúbal, na sessão comemorativa do 465º aniversário da freguesia de Bocage , prestou

homenagem e atribuiu uma Medalha Honorífica da Freguesia (Distinção de Mérito da Freguesia - Medalha de Honra, grau ouro) à Comissão de Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, “Este galardão materializa o reconhecimento da relevância do contributo deste grupo de voluntários para o desenvolvimento local, mantendo viva uma das mais antigas celebrações da região, através da sua perseverança, dedicação e trabalho. A organização e realização do evento é da responsabilidade conjunta da Paróquia de São Sebastião e dos pescadores de Setúbal, representados pela Comissão de Festas. Esta Festa apresenta-se, hoje, com uma vitalidade reconhecida no concelho e na região. O visível aumento do número de participantes, setubalenses, pescadores e suas famílias, visitantes e turistas, é um sinal do valor cultural que este evento tem para a região, um património que a todos os setubalenses importa preservar. Como tal é de reconhecer valor e, por isso, distinguir os membros desta Comissão. É pela sua perseverança, dedicação e trabalho que temos a Festa como a conhecemos hoje”.

CAPÍTULO V – O LUGAR DA EDUCAÇÃO SOCIAL E O PAPEL DO EDUCADOR SOCIAL

Terminamos esta dissertação com um capítulo dedicado ao Educador Social, profissional, este responsável pela intervenção na promoção de valores e comportamentos através da educação não-formal, educador e mediador. Importa referir o saber dos educadores sociais, que ao mesmo tempo que promovem o sentido social, as relações interpessoais, a sociabilização e respondem às necessidades sociais, tem algumas características como polivalência técnica, pluralidade de funções, diversidade de contextos de trabalho, criatividade, adaptabilidade, dinamismo e reflexividade.

Partilho a opinião de Maria Véstia quando diz “Um trabalho de investigação nunca está completo”.

Dentro dos objetivos e de uma metodologia participativa, assumimos a reflexão como essencial para conhecer a situação atual, as experiências, leva-nos a um estudo prático e transformador da realidade, que facilitador nas fases seguidas. Primeiro a planificação com a definição dos objetivos, técnicas metodológicas e estrutura do estudo. Em segundo, a recolha de documentação em vários suportes, a compilação de documentos que tenham informação tendo por base os objetivos definidos e a contribuição dos educadores sociais. Em terceiro a análise da informação, a análise da

documentação, com o objetivo de compreender os conteúdos e criar conhecimento. Por último, a conclusão do estudo e os resultados alcançados.

Técnicas utilizadas na recolha de dados, análise de documentos e legislação, observação informal, direta e participativa, observação e análise do contexto onde se realiza a Festa, estudo de declaração e convenções sobre Património Cultural Imaterial.

De acordo com Peres e Lopes (2006, p. 150) a Educação Social “pertence ao âmbito do saber prático”. Há uma conjugação perfeita entre Educação Social e Animação Sociocultural. O Educador Social utiliza a Animação Sociocultural como forma de interação e abordagem no desenvolvimento comunitário, a promoção e formação de valores, esta ligação potencia ações que apontem para a intervenção socioeducativa como é o caso neste estudo.

A Pedagogia Social é um saber científico que desenvolve a relação entre a teoria e a prática, que abraça o social, o encontro com o outro, a criação de laços de proximidade, saber ouvir o outro, o saber ser, o saber estar marcada a atenção com o outro e com consciência ética.

O educador social faz a diferença, é um profissional de terreno, desenvolve a sua ação educativa em espaços sociocomunitários, em territórios de intervenção, atuante, tem o objetivo de ajudar as pessoas ou grupos, na construção de projetos autónomos de vida, entra em contacto com as populações, com o objetivo de as conhecer, ouvir, desenvolver projetos em conjunto, tendo por base os objetivos da educação social, a harmonia, integração, equilíbrio e formação e promover as relações sociais.

Ao Educador Social é exigido o saber técnico-científico, o espírito de entrega, o envolvimento pessoal e o compromisso, são agentes de transformação social e de mudança, chamando-os para o exercício da cidadania e o despertar do futuro, daí a importância do relacionamento interpessoal, vocacionado para desenvolver a sua atividade no âmbito da educação não formal.

O educador social tem competências para intervir em contextos sociais, culturais, educativos, é facilitador e de mediação, a sua prática socioeducativa e pedagógica, é desenvolvida em contexto social e fomenta a aprendizagem permanente.

Estão implícitos os princípios de solidariedade, desenvolvimento pessoal e social, hospitalidade, proximidade humana que caracterizam o trabalho a favor do outro e com o outro, o Educador Social partilha através de uma ação continua e

conjunta com as pessoas em busca de uma cidadania ativa, a partir da vida democrática, ação de apresentar oportunidades e a participação de todos.

Na perspetiva de Baptista (2001, p. 55) a “educação social assume progressivamente um sentido bastante mais abrangente, referindo-se a uma intervenção sociopedagógica junto de pessoas de todas as idades, e com todo o tipo de necessidades educativas”.

As tradições da região ou comunidade, ocorrerem em determinados momentos e forma, onde se incluem artefactos materiais e imateriais, o conhecimento, transmitido de geração em geração, preservado na memória coletiva, é revitalizado e animado através da encenação de ritos que chegam até aos dias de hoje. A tradição é um fator de transmissão, manutenção e transformação do legado recebido, que vem de um passado memorável herdado e que é autêntico e singular.

O Educador Social estimula e mobiliza os indivíduos e grupos, encontra na Animação Sociocultural a ferramenta, para realizar as ações, com ânimo, dinamismo e entusiasmo, a participarem, dar vida e movimento, de forma a preservar, promover, valorizar, revitalizar e conservar a memória coletiva, as suas raízes e o seu passado, de forma a impedir a degradação, desaparecimento e destruição do património cultural, neste caso imaterial, ligadas à cultura popular, em direção ao futuro e vitalizar as tradições, respeitando o passado. É um profissional de relação de relação de proximidade.

Como foi referido anteriormente a Animação Sociocultural valoriza a divulgação e recuperação das tradições, mobilizando as pessoas e grupos para que conheçam o património cultural e imaterial comum, tornando-a numa cultura autêntica e vitalizada, proporcionando a capacitação e a integração social dos indivíduos e grupos. A Educação Social procura formar as pessoas, para uma atitude ativa, cívica e democrática, onde a Animação Sociocultural fomenta a sociabilidade, o espírito comunitário e a participação social.

O desenvolvimento de técnicas que podem ser aquisição de conhecimentos ou reflexão crítica; de acesso ao património e à cultura; que promovam a vida associativa em comunidade.

Para Carvalho e Baptista (2004, p.83), a educação social é um ponto de “encontro, e de cruzamento, entre a área do trabalho social e a área da educação”.

Maria Antunes (2011, p. 148) partilha a postura de Quintana Cabanas “diremos que a educação comunitária é uma educação da comunidade para a comunidade” que implica os seus membros e empenham os seus agentes sociais no processo.

Uma intervenção fundamentada na participação, esta intervenção implicada uma planificação, promovendo o desenvolvimento da comunidade, promovendo através da educação processos de implicação, iniciativa e perceção da realidade.

A educação comunitária tem como objetivo promover o desenvolvimento das comunidades e das pessoas, integrando processos de educação informal, ouvindo as pessoas e motivando-as a participar, como já referido as fases de implementação, o diagnóstico, a planificação e a implementação, a partir de uma proposta metodológica ativa e participativa. A animação sociocultural é a técnica, é uma técnica que permite desenvolver ações educativas, de cariz social e comunitário, a educação comunitária e a animação sociocultural são dois tipos de intervenção que constituem uma oportunidade ao desenvolvimento da comunidade mediante metodologias de animação sociocultural num processo de intervenção comunitária.

A educação informal, demonstra de uma forma decisiva, onde a pessoa adquire conhecimentos e capacidades e atitudes, compreendemos a importância dos projetos e iniciativas de desenvolvimento comunitário, o reconhecimento e valorização do universo educativo informal.

O Educador Social pode ter várias funções, tais como educativa, informativa, orientadora, animação e dinamização de grupos, desenvolvimento e avaliação, observação e relação de proximidade, tendo como principais competências e valores, a capacidade para intervir, a empatia, a solidariedade, a fraternidade, o respeito, a responsabilidade, a bondade, o conhecimento social, a comunicação e abertura, que permita ao Educador Social uma intervenção profissional adequada e eficiente, o autocontrolo, autoestima e autoeficácia, consciência profissional e a capacidade em integrar uma equipa transdisciplinar.

A temática em questão, a preocupação da salvaguarda e a importância destas práticas e manifestações na contemporaneidade, gerar oportunidade e conhecimento, em particular este Património Cultural Imaterial, a Festa de Nossa Senhora de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, imaterial, mas vivo da comunidade marítima, não se encontram disponíveis, a necessidade de estar presente na comunidade local, disponível e dinamizado nas escolas.

CAPÍTULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS E POSSÍVEIS RECOMENDAÇÕES

A Educação e a Intervenção comunitária andam de mãos dadas no desenvolvimento das pessoas e das comunidades, promovendo o empowerment da comunidade, a reflexão, a inovação, a criatividade e novas respostas às pessoas.

O Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária tem, entre os objetivos, o aprofundamento de quadros teóricos fundamentando propostas de intervenção, identificação de estratégias e recursos de operacionalização, bem como análise crítica dos resultados da intervenção.

O Educador Social tem diversas competências de integração e análise da realidade social nas vertentes da intervenção comunitária e socioeducativa, de implementação um conjunto de procedimentos de intervenção socioeducativa, de construção de instrumentos de análise teórica e linhas de orientação de intervenção social no âmbito dos diversos contextos.

Estamos perante uma comunidade piscatória, onde os pescadores agradecem na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, a sua interceção e proteção, em momentos de doença bem como pedir uma boa pescaria.

Nossa Senhora do Rosário de Tróia é venerada pela comunidade piscatória setubalense, tendo sido escolhida pelos varinos de Setúbal como sua protetora desde sempre, porém, não é a única santa celebrada em Setúbal.

Ao longo dos anos, a tradição foi-se instalando na contemporaneidade, foi-se transformando e adaptando aos novos tempos, perdurando até aos dias de hoje. Foi introduzida a celebração da Procissão das Velas em vez do Terço, desapareceu a regata dos saveiros e o jogo do pau ensebado, perdurando as outras atividades de cariz popular, cultural e religioso. Deste modo, atrai cada vez mais pessoas à Festa, existindo atualmente limite para o acampamento que obriga a uma acreditação para os três dias da Festa, atualmente não se ficando apenas pelos pescadores, que assimilam a festa como uma identidade setubalense – sendo estas pessoas construtoras desta identidade.

A responsabilidade da Comissão de Festas foi crescente, um papel importante na preparação do terreiro e da Caldeira para receber a Festa, recai sobre a comissão todos os aspetos burocráticos e logísticos, não existindo nos últimos anos alteração significativa na sua composição.

A festa consistiu numa iniciativa dos Varinos de São Sebastião, atualmente passou a ter um envolvimento de toda a comunidade piscatória setubalense e da população setubalense.

A abordagem ao tema “salvaguarda e valorização do Património Cultural Imaterial” acompanha-me ao longo destes últimos dois anos da realização deste estudo, o PCI tem ganho uma maior adesão visível pelos movimentos protagonistas das candidaturas e comunidades locais (Kan San Jon, Caretos de Podence, Festa em Honra de N^a Sr.^a da Penha de França, Arte Xávega na Costa da Caparica, Bonecos de Estremoz) o reconhecimento das populações, quer mesmo o interesse das entidades e a envolvência da academia, no domínio da identidade, espírito de pertença, crenças e tradições, valores que reforçam a coesão social, o respeito pela memória coletiva.

No que concerne às medidas de salvaguarda da Festa como Património Cultural Imaterial, foi desencadeado em 2017 um processo de apoio na recolha de testemunhos sobre a Festa pela Escola Superior de Educação de Setúbal, indo ao encontro de apelo da Câmara Municipal de Setúbal, especialmente no tratamento audiovisual dos depoimentos de todos que se disponham a partilhar as suas memórias e vivências, dar-lhe uma perspetiva universitária para dignificar.

De acordo com Guilherme Martins (2020, p. 58) é importante “Reconhecer o interesse público inerente aos elementos do património cultural em função da sua importância para a sociedade”; “valorizar o património cultural através da sua identificação, estudo, interpretação, proteção, conservação e apresentação” e “formular estratégias integradas destinadas a facilitar o cumprimento do disposto na Convenção de Faro”.

Martins (2020, p. 61) evidencia a importância em “respeitar e encorajar iniciativas voluntárias complementares à missão das autoridades públicas, encorajar as organizações não-governamentais interessadas na conservação do património a atuarem no interesse público, a participação cívica é essencial, nos mais diversos domínios: identificação, proteção, conservação e apresentação, na reflexão e debate públicos sobre as oportunidades e os desafios”.

Numa sociedade da informação e do conhecimento, não poderíamos deixar de abranger a “dimensão do património cultural imaterial”, explorar as ferramentas de comunicação facebook, instagram, twiter, youtube, web site, com repositório de fotografias e vídeos, onde devem ir ver e aderir, a importância do envolvimento ativo dos utilizadores.

Dar-lhe uma dimensão digital, a criação de uma biblioteca e museu digital, espaço ou janela aberta para começarem a conhecer a narrativa, aberto a perguntas, respostas e encontro, consideramos também importante a edição de obras relacionadas com os aspetos mais curiosos, concedendo relevância aos bons conteúdos e juntando-lhe uma bibliografia atualizada sobre a Festa.

Para Martins (2020, p. 67) “Cabe ao Estado, em colaboração com todos os agentes culturais, “promover a salvaguarda e a valorização do património cultural, tornando-se elemento vivificador da identidade cultural comum”.

Foi perceptível perceber pelos periódicos consultados durante o estudo que está em desenvolvimento desde 2010 processo de inscrição da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, no inventário nacional as suas práticas e manifestações a Património Cultural Imaterial, promovido pela Câmara Municipal de Setúbal e a Comissão de Festas.

Tem que existir a preocupação da salvaguarda dos registos, da identidade, memória e a autenticidade divulgada através da herança cultural das comunidades.

Durante a realização da entrevista à coordenadora do Museu do Trabalho Michel Giacometti foi-nos proposto realizarmos em conjunto a implementação do *Kit de recolha do Património Imaterial*, instrumento pedagógico de forma a promover, a valorização, a participação em ações de salvaguarda do património imaterial com os alunos, para Ana Carvalho (2014, p. 23) “O esforço pela preservação destes bens culturais é essencial e uma das formas para a sua salvaguarda é, efetivamente, o registo”.

Carvalho (2014, p. 20) cita Galinha (2013, p. 14) “o PCI considera os seguintes domínios: tradições e expressões orais (a língua enquanto vetor do PCI); artes do espetáculo; práticas sociais, rituais e eventos festivos; conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza; aptidões relativas ao artesanato tradicional”.

A Festa exige a intervenção comunitária pelas quais não havia a festa, com o objetivo de preservar as práticas e manifestações, elevar a autoestima, envolver os mais novos para começar a se juntar, possibilitando às gerações mais novas, promover a origem e a importância para a coesão social deste território, incutindo o sentimento de pertença, o traço da nossa identidade, angustia muito assistir a este afastamento da juventude.

O papel do educador social é essencial, é o profissional que organiza e prepara as atividades a dinamizar e coloca-as em prática, interagindo com entidades, comunidade e alunos, criando momentos de educação não-formal e proporcionando conhecimento e atribuição de competências aos intervenientes, deve ter uma função ativa no processo de aprendizagem e consolidação de informação, avaliação constante e dos resultados, alterando as atividades se considerar necessário.

A Festa ganha uma “aura”, misturando práticas religiosas e práticas profanas, a tradição instalou-se na contemporaneidade, transformando-se e adaptando-se aos novos tempos, devido às novas práticas sociais e de sociabilização, encontraram

sempre forma para se manter até ao presente, valorizar as pessoas e a sua cultura, tradição que valoriza o povo e a cultura local.

Os pescadores escolhiam para as suas embarcações, em primeiro os nomes dos seus familiares, as filhas e mulher, em segundo recaía nos santos ou santas, por último optavam por nomes ligados às suas preocupações quer seja na intervenção social ou política, em muitos casos mesmo profano. Pintavam os barcos com cores vivas e desenhos maioria relacionados com o mar.

Algumas ideias conclusivas, tendo em conta os objetivos do estudo, nomeadamente: Festa tem singularidades únicas, o Círio Fluvial, o concurso barcos engalanados, os divertimentos e jogos no areal, a Procissão pela praia, o acampamento, a animação e convívio; como seus detentores os pescadores de Setúbal; a preocupação da salvaguarda da Festa no futuro; , a inexistência de pessoas para a organizar; a escassez de barcos de pesca com dimensões para carregar o atual andor de Nossa Senhora; o desinteresse dos mais novos pela Festa; importa salientar que são necessárias novas estratégias comunicativas da festa; a afirmação do modelo câmara – igreja – academia – comunidade; a candidatura de práticas e expressão PCI, expande a Festa; a perspetiva de ensino, com a implementação do *Kit de recolha do Património Imaterial*; a dinamização de um museu e biblioteca virtual; a realização de um seminário ou colóquio multidisciplinar de formar a abordar as práticas e manifestações; a criação do Centro de Interpretação ou Centro de Conhecimento “Culto Mariano – Festa em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia”.

Para terminar, algumas ações que levei acabo no decorrer da investigação: entreguei ao Armando Oliveira fotocópias das Atas Municipais referentes à atribuição das Medalhas de Honra da Cidade de Setúbal, os cartazes da festa de 1992 e 1994, bem como o trabalho académico fotocopiado de Maria Graça Silva; entreguei no Centro de Documentação do MTMG o trabalho académico fotocopiado de Maria Graça Silva; entreguei à Dra. Maria Miguel Cardoso, uma das responsáveis pela candidatura de inscrição no inventário nacional, cinco cartazes da Festa – 1992, 1993, 1994, 1995 e 1997 para juntar ao processo de candidatura.

Segundo a programação das Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia anunciada, no dia 1 de agosto de 2020, estas terão um novo formato por causa da pandemia de Covid-19.

Realizar-se-ão entre 19 e 24 de agosto de 2020, em moldes diferentes, sendo proibido o acampamento em Tróia, bem como a permanência de embarcações na Caldeira em Tróia, o uso obrigatório de máscara em todas as cerimónias religiosas,

devendo os barcos respeitar a lotação imposta por lei, sem passar pelas margens para não atrair aglomeração de pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes, M., (2011). *A Animação Sociocultural e Educação Comunitária. As Fontes da Animação Sociocultural*. Chaves: Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultura.

Baptista, I. (2001) *Educação Social, um espaço profissional com valor e sentido. Espaço(s) de Construção de Identidade Profissional*. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Bastos, J. & Fernandes, L. (2013). Muitos fios tecem a imaterialidade de um ritual: análise estrutural-dinâmica do Círio de Nossa Senhora de Tróia (Setúbal), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Revista TAE*, pp. 131-163

Cabral, C. (2009). *Património Cultural Imaterial. Proposta de uma metodologia de inventariação*. Consultado em 04 jul. 2018. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3034/14/Disserta%20a7%20a3o_Patrim%20nio-Cultural-Imaterial.pdf

Cardoso, M. (2012). *Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: estudo de um tempo liminar*. Consultado em 04 jul. 2018. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/8683/1/Projecto%20de%20tese.pdf>

Carvalho, A. & Baptista, I. (2004) *Educação Social - Fundamentos e estratégias*. Coleção Educação e Trabalho Social. Porto: Porto Editora

Carvalho, A. (2014). *Reafirmar a Identidade Cultural Imaterial Local como Recurso*. Dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Instituto Superior de Lisboa. Consultado em 04 jul. 2018. Disponível em: https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/5276/1/FCarvalho_ReafirmIdentCultLocal_PCI_%28Reparado%29.pdf

Clara, E. (2020). O património cultural de um povo transmite-se na família. Edição on-line *Jornal Sol*. Consultado em 17 set. 2020. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/708884/o-patrimonio-cultural-de-um-povo-transmite-se-na-familia>

Conselho da União Europeia. (2020). *Conclusões do Conselho sobre a gestão dos riscos no domínio do património cultural*. Consultado em 12 set. 2020. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/media/44116/st08208-en20.pdf>

Costa, A. (1989). A pesquisa de terreno em sociologia. Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.

Costa, P. (coord.) (2011). Kit de Recolha de Património Imaterial. Instituto dos Museus e da Conservação. Consultado em 06 set. 2018. Disponível em: http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Download/Kit/KIT%20Recolha%20Patrim%C3%B3nio%20imaterial_Integral.pdf

Costa, P. (2013). O inventário nacional do património cultural imaterial, da prática etnográfica à voz das comunidades. *Atas Colóquio internacional "Políticas públicas para o Património Imaterial na Europa do Sul: percursos, concretizações, perspectivas*. Direção-Geral do Património Cultural.

Crespi, M., & Planells, M. (2003). *Patrimonio Cultural*. Madrid: Editorial Síntesis.

Duarte, A., Pereira, F., & Gonçalves, L. (1996). *Festas, Feiras e Romarias – Percursos na Costa Azul*. Região de Turismo de Setúbal Costa Azul, p. 28-36

Eliade, M. (2001). O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Eliade, M. (2016). O sagrado e o profano. Lisboa: Relógio D'Água.

Ferreira, M. (2007). Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, In: Os Varinos de Setúbal. Relatório do Estágio Profissionalizante. FCSH/Universidade Lisboa, pp. 99-109, 115

Ferreira, Tânia (2014). A valorização turística do património cultural imaterial: o caso das Festas Nicolinas. Universidade do Minho. Escola de Economia e Gestão. Consultado em 15 abr. 2020. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/30551/1/T%c3%a2nia%20Cristina%20Fernandes%20Ferreira.pdf>

Fuestero, P. & Ferraz, A. (2011). *Estudio de los Instrumentos de Trabajo que utilizan la Educadora y el Educador Social en la praxis profesional*. Zaragoza. CEES Aragón.

Fuestero, P. & Ferraz, A. (2014). Estudio de las funciones en el ámbito laboral de la educadora y educador social. CEES Aragón. Consultado em 12 nov. 2018. Disponível em: https://nanopdf.com/download/estudio-de-las-funciones-de-la-educadora-y-el-educador-social_pdf

Francisco, H. (2012). A Festa a Nossa Senhora dos Altos Céus e as Danças Tradicionais da Lousa. O valor da cultura de um povo, a força da sua identidade, coesão social e economia da cultura perante a era da globalização. Consultado em 05 abr. 2019. Disponível em

https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2947/1/TESE%20FINAL%20-%20Helena%20Francisco_20_2_2012.pdf

Kurin, R. (2004) Les problems du patrimoine culturel imatériel. *L'internationale de l'imaginaire. Le patrimoine culturel imatériel. Les enjeux, les problems, les pratiques*, pp. 59–67.

Kurin, R. (2004) La salvaguardia del patrimonio cultural inmaterial en la convención de la UNESCO de 2003: una valoración crítica. *Revista Museum International*, UNESCO, pp. 68–81.

Galinha, S. (2013). *Cidadania e Identidade: Para uma participação cívica, vinculativa e inclusiva*. Soares, F., Castro, S. & Vieira, V. *Animação Sociocultural, Cidadania e Política Europeia*. Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sócio Cultural.

Gomes, R. (2016). Catando vidas no lixo: o caso de uma cooperativa de trabalho de reciclagem em Santa Marta – DF. Consultado em 25 jul. 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1646/1/RENATO%20MENDES%20GOMES%20-%20DISSERTACAO%20MESIC.pdf>

Guerra, I. (2006). *Pesquisa Quantitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Parede: Principia Editora.

Guia das Mais Famosas Festas & Romarias de Portugal. (2019). Lisboa: Atlântico Press, pp. 222-223

Lampert, R. (2010). Mais profana do que sagrada: a festa (popular) de Nossa Senhora dos Navegantes e suas relações com o Bairro Navegantes em Porto Alegre – RS. Consultado em 25 jul. 2019. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28469/000769997.pdf?sequence=1>

Lopes, A. (2004) *Devoção e poder nas festas do Espírito Santo*. Chamusca: Cosmos.

Lopes, A. & Serrano, J. (2009). *A Reconstrução do Sagrado*. Lisboa: Âncora Editora.

Malta, I. (2020). Ruínas romanas dão a conhecer passado e histórias de Tróia. *Revista A Região – O Setubalense*. Setúbal: Tipografia Rápida de Setúbal.

Marques, L. (2018). *Património Cultural Imaterial. O olhar antropológico*. Porto: Edições Afrontamento.

Martins, J. (1993). *Festas, feiras e romarias. Levantamento cultural. Exemplos e sugestões*. Aveiro: Estante Editora, pp. 71-76.

MTPAML. (2011). Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, Metrópoles. *Revista da Área Metropolitana de Lisboa*, 31, Património, R. PP 377, pp. 46-49

Nogueira, L., & Martins, P. (2004). Festa de Nossa Senhora de Tróia. *Paróquia e Igreja de São Sebastião, História e Arte, 1553-2003*. Setúbal: Corlito, pp. 43- 45

Oliveira, A. (2015). Festa de N.º. S.º. do Rosário de Tróia, Expressão da alma varina. *Cultura Costeira, Revista Marés, Revista Mútua dos Pescadores para o Mar e Economia Social*, 72. Edição Mútua dos Pescadores quadrimestral, p. 34

Oliveira, A. (2019). *Somos a família do mar a nível nacional*. Consultado em 20 ago. 2020. Disponível em:

<https://rr.sapo.pt/2019/08/14/religiao/apostolado-do-mar-somos-a-familia-do-mar-a-nivel-nacional/noticia/161187/>

Oliveira, G. (2020). *Património Cultural - Realidade viva*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Lisboa: Guide – Artes Gráficas, Lda;

Oliveira, Padre J. (2005). *Missionários Claretianos em Portugal (1898-2004.*, Pedroso: Claret – Companhia Gráfica do Norte

Parafita, A. & Fernandes, I. (2007) *Os Provérbios e a Cultura Popular*. Serzedo: Edições Gailivro.

Penteado, P. (2000). Peregrinações e Santuários. *História Religiosa de Portugal*, dirigida por Carlos Moreira Azevedo, volume II, Humanismos e Reformas, coord. João Francisco Marques e António Camões Gouveia. Lisboa: Circulo de Leitores, 2000, p. 346

Pereira, J., Lopes, M. & Maltez, M. (coord) (2014). *Animação Sociocultural. Turismo, património, cultura e desenvolvimento local*. Chaves: Intervenção.

Pereira, J., Lopes, M. & Cabral, M. (coord) (2016) *Animação Sociocultural. Globalização, multiculturalidade, educação intercultural e intervenção comunitária*. Chaves: Intervenção.

Pinho, J. (1997). As Festas de Tróia: protegidas pelas marés. *Sítios e memórias: Revista Bimestral de Artes e Culturas*. Ed. e Prop. Manuel Paquete. Lisboa: Dois Horizontes, pp. 82-89

Pinho, J., Silva, C., & Gonçalves, Fernanda. (1992). *Entre Urzes e Camarinhas: as festas da Arrábida e de Tróia*. Setúbal: Estuário, pp. 67-90

Pinto, M. (1971) *Toadas, Cantares e Danças de Setúbal e sua Região – Fatos e Tradições*. Edição da Junta Distrital de Setúbal, pp. 6, 17

Purificação, M. (2009). *A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia*. Estágio Académico. Universidade de Évora.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.

Ralo, R. (2010). *Devoção mariana e religiosidade popular. A Festa de Nossa Senhora das Candeias em Mourão: aproximação teológico-prática*. Mestrado em Ciências Religiosas. Consultado em 22 ago. 2019. Disponível em:

<file:///C:/Users/home/Documents/Downloads/Tese%20alterada%20em%2013%20de%20Julho%20de%202010.pdf>

Reportagem da RTP 1 – Portugal em Direto. (2020). Festas de Nossa Senhora da Tróia. Consultado em 12 abr. 2020. Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p6557/e454032/portugal-em-direto/801889>

Santo, M. (1984). *A religião popular portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Silva, M. (2005). *Festa dos Pescadores em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – sua tradição religiosa e cultural*. Trabalho de Seminário. Universidade Moderna de Setúbal.

Silva, A. (2019). *Documentário Gentes e Contornos - Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia*. Consultado em 27 ago. 2020. Disponível em: <https://educast.fccn.pt/vod/clips/1zuupayzup/streaming.html?locale=pt>

Simões, H. (2006). *Animação cultural. Três andamentos de compreensão*. Lisboa. Livros Horizonte.

Sousa, F. (2015) *PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL. MEMORIAMEDIA e-Museu - métodos, técnicas e práticas*. Alenquer: Memória Imaterial CRL. Consultado em 18 set. 2019. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/15872/1/PCI-MEMORIAMEDIA_METODOS_PRATICAS_web.pdf

Sousa, F. (2018) *A participação na salvaguarda do Património Cultural Imaterial. O papel das comunidades, grupos e indivíduo*. Consultado em 18 set. 2019. Disponível em: https://www.memoriamedia.net/pci_docs/A_Participacao_na_Salvaguarda_do_PCI_Filomena_Sousa.pdf

Teixeira, A. (1997). *Festas de N^a Sr^a de Tróia – Expressão da Alma Varina*.

Teixeira, A. (2008). *Matrizes das crenças em Portugal*. Lages, M. & Matos, A. (coord.). *Portugal Percursos de Interculturalidade. Matrizes e Configurações*. Lisboa: ACIDI, pp. 299-378.

UE-PAANE. (s.d). Manual de formação co-gestão, conservação, manutenção e valorização de património público. Consultado em 22 ago. 2020. Disponível em:

http://www.ue-paane.org/files/4215/4472/2717/Manual_Cogestao_Conservacao_Manutencao_e_Valorizacao_do_patri_Publico.pdf

UNESCO, ICCROM & ICOMOS. (1994). Documento de Nara Sobre Autenticidade. Consultado em 18 fev. 2020. Disponível em :

https://www.culturanorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1994-declaracao_de_nara_sobre_autenticidade-icomos.pdf?x35563

UNESCO. (2001). Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Consultado em 18 fev. 2020. Disponível em:

http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf

UNESCO. (2003). *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. Consultado em 18 fev. 2020. Disponível em:

<https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

UNESCO. (2004). *Declaração de Yamato sobre a abordagem integrada para a salvaguarda do património cultural, material e imaterial*. Consultado em 18 fev. 2020. Disponível em:

<http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/File/DownloadFile?idFicheiro=3073>

UNESCO. (2005). *Declaração de Faro*. Consultado em 18 fev. 2020. Disponível em:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/ConvencaodeFaro.pdf>

UNESCO. (2008). *Diretrizes Operativas para a Aplicação da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. Disponível em:

https://ich.unesco.org/doc/src/ICH-Operational_Directives-7.GA-PT.pdf

UNESCO. (2015). *Declaração de Namur. “O Património Cultural no século XXI; uma estratégia comum para a Europa”*. Consultado em 18 fev. 2020. Disponível em:

<http://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=09000016802f8127>

UNESCO. (2017). *Declaração de Cracóvia. Recomendação de Cracóvia para a Proteção do Património Cultural*. Consultado em 18 fev. 2020. Disponível em:

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cartas_e_convencoes_internacionais/traducaodadeclaracaodecracovia.pdf

UNESCO. (2018). *Declaração de Davos*. Consultado em 18 fev. 2020.
Disponível em:

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cartas_e_convencoes_internacionais/davos_declaration_2018-23.01.2018.pdf

Vala, J. (1989). A análise de conteúdo. Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.

Véstia, M. (2013). *Mulheres Avieiras – Porta-vozes da memória de um povo*. Dissertação de mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Instituto Politécnico de Santarém, Escola Superior de Educação. Consultado em 02 jul. 2020.
Disponível em:

<https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1814/1/tese%20de%20mestrado%20para%20avalia%2b%c2%ba%2b%c3%ba.pdf>

Viegas, H. (2020) *Festas Populares. Ritos sagrados e profanos. Memória de Portugal. Dois séculos de fotografia*. Lisboa: Atlântico Press.

Legislação

Decreto-lei nº 236/98 de 1 de agosto. Diário da República nº 176/98 – I Série A. Lisboa: Ministério do Ambiente.

Lei nº 13/85 de 06 de julho. Diário de República nº 153/85 - I Série. Lisboa: Assembleia da República.

Lei n.º 19/2000 de 10 de agosto. Diário da República nº 184/2000 - I Série. Lisboa: Assembleia da República.

Lei nº 107/2001 de 08 de setembro. Diário da República nº 209 - I Série. Lisboa: Assembleia da República.

Portaria nº 377/2007, 30 de março. Diário da República, 1ª Série, 64. Lisboa: Ministérios das Finanças e da Administração Pública e da Cultura.

Decreto-lei nº 139/2009 de 15 de junho. Diário da República nº 113/2009 - I Série. Lisboa: Ministério da Cultura.

Declaração Impacte Ambiental. 26 de fevereiro de 2009. Ocupação Turística da UNOP 4 de Tróia. Gabinete do Secretário de Estado do Ambiente. Ministério do Ambiente, do Ordenamento, do Território e do Desenvolvimento Regional.

Portaria nº 196/2010 de 09 de abril Diário da República nº 69/2010 - I Série. Lisboa: Ministério da Cultura.

Decreto-lei nº 115/2012 de 25 de fevereiro. Diário da República nº 102/2012 - I Série. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.

Decreto-lei nº 149/2015 de 04 de agosto. Diário da República nº 150/2015 - I Série. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.

DVD

Fernandes. L. (2011) *Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia*. MTMG DVD 42.

MTMG. (2007). *Dias de Festa - Dias de Fé*. MTMG DVD 7.

Victor, I., Cardoso, M., & Fernandes, L. (2006). *Dias de Festa - Dias de Fé - Festa da Nossa Senhora do Rosário de Tróia*. MTMG DVD 2.

Sites consultados

MEMORIAMEDIA e-Museu do Património Cultural Imaterial. Consultado em 20 ago. 2019. Disponível em www.memoriamedia.net

Portal Terra Mater. Consultado em 20 ago.2019. Disponível em <https://terramater.pt/temas/festas-e-romarias/>

Práticas e manifestações do Culto da Nossa Senhora da Nazaré. Consultado em 19 mar. 2020. Disponível em <https://cultosenhoradanazare.org>

MatrizPCI. Consultado em 27 jul. 2019. Disponível em <http://www.matrizpci.dgpc.pt/>

Direção-Geral do Património Cultural. Consultado em 27 jul. 2019. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imaterial/>

Comissão Nacional da UNESCO. Consultado em 02 set. 2019. Disponível em <https://www.unescoportugal.mne.pt/>

Referências de pesquisa sobre a implementação da Convenção de 2003. Consultado em 02 set. 2019. Disponível em <https://ich.unesco.org/en/2003-convention-and-research-00945>

Kit de Recolha de Património Imaterial. Consultado em 02 set. 2019. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imaterial/kit-de-recolha-de-patrimonio-imaterial/>

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico – Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Consultado em 27 out. 2019. Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=6640

Museu de arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Consultado em 27 jul. 2020. Disponível em <http://maeds.amrs.pt/destaque3.html>

Imprensa local

(1999, 13 de agosto) Tradição e devoção. O Setubalense, p. 12

João, T. (2004, 28 de julho). Comissão defende prestígio da centenária festa dos pescadores. O Setubalense, p. 6

Francisco, M. (2003, 29 de setembro). Setúbal em destaque na Gala da Costa Azul. Correio de Setúbal, p. 7

(2007, 13 de agosto). Milhares em homenagem a N^a S^a do Rosário de Tróia. Caldeira é capital da festa das três gerações. O Setubalense.

João, T., (2010, 16 de agosto). Festa de Nossa Senhora do Rosário termina hoje. Um “mar de gente inundou a Caldeira da Tróia. O Setubalense, p. 7

Santos, A., (2010, 18 de agosto) N^o S^a do Rosário de Tróia. Centenas de pessoas saudaram Círio fluvial. O Setubalense, p. 3

João, T. (2011, 17 de agosto). Belmiro de Azevedo foi à Caldeira e prometeu ajudar a festa. O Setubalense, p. 6

Malta, I. (2017, 8 de novembro). Festas de Tróia candidatas a Património Cultural. O Setubalense, p. 4

(2019, 2 de agosto). Bênção da Senhora de Tróia representa novo ano de boa pesca e protecção. O Setubalense, p. 2

(2019, 22 de agosto). Círio fluvial com duas centenas de embarcações. Milhares de pessoas recebem Nossa Senhora do Rosário de Tróia. SetúbalMais, p. 16

Lameiras, H. (2020, 16 de abril). Setúbal ganha quatro candidaturas nas 7 Maravilhas da Cultura Popular. O Setubalense. Consultado em 22 ago. 2020. Disponível em:

<https://www.asetubalense.com/local/setubal/2020/04/16/setubal-ganha-quatro-candidaturas-nas-7-maravilhas-da-cultura-popular/>

Redação S+ (2020, 16 de abril). Setúbal leva a concurso quatro candidaturas ao 7 Maravilhas da Cultura Popular. semmais digital. Consultado em 18 fev. 2020. Disponível em: <https://semmais.pt/2020/04/16/setubal-leva-a-concurso-quatro-candidaturas-ao-7-maravilhas-da-cultura-popular/>

ANEXOS

Anexo 1 – Poemas e orações a Nossa Senhora do Rosário de Tróia recolhidos durante o estudo

Segundo Alexandre Parafita e Isaura Fernandes (2007, p. 49) orações “Consideram-se aqui não só os textos adotados pelos cânones da Igreja, como também outros usados com grande rigor e profunda religiosidade na cosmogonia popular” e rezas “Menos convencionais que as orações, ganham, no entanto, maior autonomia e “funcionalidade” no seio do povo perante situações concretas”.

- N^a. S^a. de Tróia

Ai, deu-me uma lira
Para poder dedilhar
E deu-me as vozes dos anjos
Para com elas cantar.

Olho o Céu e vejo o sol,
Não me canso de o fitar.
Olho a lua, olho as estrelas,
fico pasmado a olhar.

Olho p`ró azul safira
Tão reluzente do mar;
Vejo o “Tróia no” veloz
As salsas ondas cortar.

Olho a traineira ligeira,
Branca pomba a deslizar,
Anda ver como navega,
Cheinha a abarrotar.

Além a Tróia romana,
Quer Setúbal namorar.
Por isso se vê ao espelho
Das águas, p`ra se enfeitar.

Estende os braços dengosos
Num constante preguiçar
E lembra moça galante,
Mortinha por se casar.

Nossa Senhora do Cais,
Na sua redoma a olhar,
Tem recebido o murmúrio
Do meu constante rezar.

Ela que vela do Céu
P`ras gentes de marear
Que dê rumo à minha barca
Ponha seu leme a girar.

E, no Parque do Bonfim
Onde vim p`ra te lembrar
Acabo esta ladainha
Do meu querer, do meu amar

Carlos Alberto Negrão
Inédito, de 14.7.964

- N^a Sr^a do Rosário de Tróia

Das Fontainhas sai linda e florida
A bordo da enfeitada embarcação
Em Tróia vai ficar na sua ermida
Guardada com carinho e devoção

Depois da homenagem na Caldeira
A Santa nas missas e louvada
Pescadores veneram a padroeira
Rogando a sorte a cada camarada

(Refrão)

N^a. Sr^a. bendita de Tróia do nosso Sado
Romaria tão bonita, é tradição do passado
Festa de origem varina
Das mais bonitas do sul
Dos olhos é a menina, do jardim do Rio Sado

Na volta vai à Torre do Outão
Rezar às puras almas suas crentes
Seguindo para terra e procissão
Depois de abençoar lá os doentes

A banda e os foguetões pelo ar
Avisam a chegada desta joia
Setúbal, solenemente vem saudar
Com amor, N^a Sr^a de Tróia

(Refrão)

Albino da Conceição
Adaptação de Vasco Fernando

- Hino da Senhora da Tróia

É tempo de oração, Senhora
Hora de reflexão é hora
Senhora da Tróia, Senhora
É hora de lembrança, d`espr`ança
É graça que alcança, a bonança
O tempo é de Festa, Senhora

Avé, Avé, Senhora do Rosário da Tróia
Avé, Avé, Senhora do Rosário da Tróia

Rogam os pescadores, Senhora
Varinos, peregrinos, é hora
Da Virgem Santa Protetora
Hora de romaria, alegria
Encontro da Família, harmonia
A bênção, a bênção, Senhora

Avé, Avé, Senhora do Rosário da Tróia
Avé, Avé, Senhora do Rosário da Tróia

Regressais no andor, Senhora
Da pesca, do labor, é hora
Senhora do Rosário, Senhora
Muitos Vos veneramos, oramos
Na Fé Vos consagramos, clamamos
Senhora da Tróia, Senhora

Avé, Avé, Senhora do Rosário da Tróia
Avé, Avé, Senhora do Rosário da Tróia
Avé, Avé, Senhora do Rosário da Tróia
Avé, Avé, Senhora do Rosário da Tróia

Manuel Carlos Casalão Zorro

- A Virgem da Tróia

De Setúbal se vê bem
Tua Capela branquinha
Nossa Senhora da Tróia
Virgem do céu a Rainha
O teu Rio Sado azul
Igual ao teu lindo manto
Esse mar que tu o cobres
Com luz, calma e encanto
Minha Senhora da Tróia

Teu andor engalanado
Dá aos bravos pescadores
Salvação, e bom pescado.
Os barcos com bandeirinhas
Vão contigo em procissão.
Minha Senhora da Tróia
Dá a todos tua bênção
Nas desgraças, Virgem Mãe
Não esqueças nossas dores
Oh! Virgem Santa da Tróia
Guarda os nossos pescadores

Alice Ramos

- Nossa Senhora do Rosário de Tróia

Senhora da Tróia,
Sois nossa Rainha,
Mandai para a terra
Muita sardinha.

Refrão

Salve, rainha!
Salve, rainha!
Senhora minha!
Mãe de Jesus!

Senhora da Tróia,
Mãe de caridade,
Sede compassiva
Com a nossa cidade.

Senhora da Tróia,
Conforto na dor.
Ouvi as súplicas
Dos pescadores.

As nossas famílias
Buscam proteção.
Somente a encontram
No teu Coração.

Sustentai os mares,
Na alta maré.
Dai às nossas almas
Fortaleza e fé.

Vinde Vós, Senhora,
Connosco reinar,
Dando-nos a bênção
Para o nosso mar.

- Rosário Mãe de Tróia

Na Tróia o povo varino
Junto ao sereno Sado
Deixava a sua bateira.
Como fiel peregrino
Nessa Tróia do passado
Acampava na Caldeira.

Mal as giestas floriam
Juntava-se a varinagem
Debaixo da sua vela.
Fogueiras à noite ardiam
Sã era a camaradagem
Com Rosário na capela.

Mãe Rosário padroeira
Que a Tróia deste fama
Com teu milagre sagrado.
Põe na praia a bateira
Que de areia, faço a cama
E da vela, o meu telhado.

Carlos Crispim
Março 2015

- Nossa Senhora de Tróia

Nossa senhora de Tróia
Minha oração nesta hora.
É pelo povo do mar
Que luta pelo seu pão
E reprime em solidão
O medo de naufragar.

Senhora teu caminhar
Por sobre as ondas do mar
Em missão de proteger.
Os pescadores que ao passar
Precisão de regressar.
Para seu peixe vender.

A Luz por sobre teu manto.
Espalha no mar o encanto.
Como Luz de estrela guia.
Que dá força e algum descanso.
Aos homens que no seu pranto
Anseiam pela luz do dia.

Por isso Senhora minha.
Nesta festa que divina,
Te louvamos com amor.
Pra sempre sejas bendita.
Na glória em Deus Infinita.
Protegendo o Pescador

Maria Caetano
2015

- Festa da Caldeira

Deixei ao pé da capela
A bateira em mar chão.
Minha tenda foi a vela
De areia meu colchão.

Á beira do sado dormi
Vi crianças a brincar.
Feliz na caldeira curti
Fé rambóia junto ao mar.

Caldeira dos pescadores
Onde os barcos levam flores
Pedindo p'la paz pelo pão.
Na Tróia de Rosário
É Capela Santuário
Porta dos céus proteção.

Vi no pescador a pureza
Do querer ao partilhar.
Vi na fogueira a beleza
De uma vela num altar.

Vi de origem varina
Ir o Cirio ao Outão.
Vi a juventude Sadina
Com a velha tradição.

Carlos Crispim

- Senhora do Rosário de Tróia

Em Tróia fica situada
Pelos pescadores amada
No alto uma linda capela...
Pela sua devota aparição
Fazem por ela devoção
Os peregrinos rezam por ela

Por ela fazem a sua romaria
Três dias em festa de alegria
Com o seu andor engalanado...
Na praia a eterna procissão
Num silêncio de grande emoção
Os pescadores dizem obrigado

De bonito manto azulado
Num Adeus ao Rio Sado
Engalanada vai padroeira...
Lenços brancos acenando
Corações com ela chorando
No rezar numa traineira

Por ti toda esta gente chora
Chamando não te vais embora
Os homens do mar são assim...
As lágrimas que não secaram
Dos pescadores que te amavam
Para ela estas lágrimas de mim

António Cruz
13 Maio 2019

Orações

- Oração a Nossa Senhora do Rosário de Tróia

Senhora Mãe Nossa. Vosso Santíssimo Filho demonstrou uma predileção especial pelos pescadores e pelo mar. Foi nas margens do Mar da Galileia que prometeu a Eucaristia, após a multiplicação dos pães, que Ele realizou muitos milagres, que Ele anunciou a Boa Nova. E foi também sobre as águas desse mar que Ele confirmou a fé dos Apóstolos com a tempestade acalmada e com a pesca milagrosa.

No rio Jordão, recebeu o batismo de João.

Ele próprio se proclamou Água Viva para a nossa sede espiritual, junto ao poço de Jacob, no diálogo com a Samaritana.

E Vós, Sua Mãe, seguíeis Vosso Filho em todas essas jornadas apostólicas, atravessando o mar nos frágeis barcos dos Discípulos.

Nós, pescadores de São Sebastião, de Setúbal, e nossas famílias queremos venerar-vos neste recanto da península de Tróia.

Sabemos que nos acompanhais nas fainas da pesca e nos protegeis nos perigos que todos os dias nos espreitam. Por isso, mesmo que a nossa fé possa parecer apagada, tendes um lugar muito especial no nosso coração.

Consagramos-Vos as nossas vidas e as nossas famílias, as nossas redes e os nossos barcos, a nossa saúde e o nosso trabalho.

E pedimos-Vos que intercedeis perante Vosso Divino Filho para que em todos os dias da nossa vida saibamos rumar sempre para o porto seguro da eterna felicidade. Amém.

Edição da Comissão de Festas de N^a. S^a. do Rosário de Tróia

- Oração a Nossa Senhora de Tróia

Mãe de Jesus e nossa Mãe!

Nós Vos bendizemos e Vos louvamos.

Senhora da Tróia, Santíssima Mãe de Deus!
Ao vosso amparo e proteção nos acolhemos
e Vos entregamos tudo quanto somos e temos,
com toda a confiança de filhos amados vossos.

Senhora da Tróia, Mãe de Jesus Cristo!
Ficai ao nosso lado, hoje e sempre:
no trabalho e no descanso, na tristeza e na alegria,
nas lutas e nos desânimos da vida.

Senhora da Tróia, Mãe da Igreja!
Ensinar-nos a amar e a obedecer a Jesus,
manifestando o nosso amor
na prática dos seus mandamentos.

Senhora da Tróia, Mãe da Divina Graça!
Defendei-nos das tentações,
livrai-nos do mal e em todas as horas
nunca deixeis de estar presente nos nossos caminhos.

Senhora da Tróia, Estrela do Mar!
Abençoi a nossa terra e o nosso mar,
os pescadores e todas as famílias,
a nossa Igreja e quantos nela trabalham.

Nossa Senhora do Rosário de Tróia, rogai por nós!
Agora e na hora da nossa morte. Ámen.

Edição da Comissão de Festas de N^a. S^a. do Rosário de Tróia – Agosto 2012

- Avé Senhora da Tróia

1 Avé Senhora da Tróia! Avé, Mãe dos Pescadores!
A todos os que rogam, livrai-nos das nossas dores.
Cobrei-nos com vosso Manto. Guardai-nos no coração.
Não desprezeis nossas preces, escutai esta oração.

Refrão:

Avé, Avé, Avé Senhora da Tróia. Avé, Avé, Avé Mãe dos Pescadores.
Avé, Avé, Avé Senhora da Tróia. Avé, Avé, Avé Senhora do Mar.

Avé, Senhora da Tróia! Avé, Senhora do Mar!
Protegei os Pescadores, não nos deixeis naufragar.
Olhai, Senhora formosa, a devoção que vos temos,
Vós sois a Cheia de graça, a quem sempre recorremos.

Avé, Senhora da Tróia! Avé, Senhora da Esperança!
Nas tempestades da vida, sede auxílio e Bonança.
Levai-nos a Vosso Filho, que é Caminho e Verdade.
Avé, Senhora da Tróia! Avé, Doçura e Bondade!

Autoria: António Augusto Gomes da Silva (2012 ou 2013)

- Oração I

Nossa Senhora do Rosário da Tróia,
Rainha da Baía de Setúbal,
Onde o céu se casa com a serra e o mar azul,
Nós Vos aclamamos, Senhora,
Com fé confiança,
Vos acolhemos felizes,
Nos nossos corações de criança!
A Vós imploramos socorro e protecção,
Nas aflições do dia a dia,
A Vós rezamos, com a certeza
De que atendeis as preces
Destes filhos que em Vós confiam!

Nossa Senhora do Rosário da Tróia,
De manto azul vestida,
Guiai sempre os nossos passos,
Por caminhos de amor e vida!

Nossa Senhora do Rosário da Tróia,
Mãe de Deus e nossa Mãe,
Dá-nos a bênção do teu Filho, Jesus,
Agora e sempre. Ámen!

- Oração II

Nas ondas do mar navegamos,
Rasgando horizontes de esperança,
Em horas de procela e bonança,
Entregues à sorte que buscamos!

E quando medonha aparece
A tempestade com furiosos ventos,
Senhora de todos os momentos,
A Vós erguemos o olhar em prece!

Senhora, branca, a vossa Capela
Alveja no horizonte da Baía,
E o coração, que em Vós confia,
Enche-se de paz serena ao vê-la!

Senhora da Tróia, querida Mãe,
Abençoei os vossos filhos no amor,
Guiai-nos pelos caminhos do Senhor,
Até à vida eterna convosco. Ámen!

Autoria: D. António Mendes dos Santos, Bispo Diocesano de São Tomé e
Príncipe Manuel (antigo Pároco S. Sebastião)

Anexo 2 - Cartaz da Festa em 2019

Festas de Nª Senhora do Rosário de Tróia 2019

**17 a 19 Agosto
Setúbal e Tróia**

18, 19 e 20 Agosto

20h30 Tríduo em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia na Igreja de São Sebastião em Setúbal

17 Agosto

08h00 Alvorada em Setúbal

10h15 Missa por alma dos marítimos falecidos na Igreja de São Sebastião em Setúbal

18h15 Procissão da Igreja de São Sebastião em Setúbal para a Capela na Península de Tróia, acompanhada pela Banda da Sociedade Musical Capricho Setubalense e pela Banda Musical Charranga de Sarrilhos Grandes

22h30 Procissão de Velas pela praia

22h00 Baile e Arraial em Tróia com o vocalista João Carlos

18 Agosto

08h00 Alvorada em Tróia

10h30 Missa seguida de Procissão pela praia acompanhada pela Banda Musical Charranga de Sarrilhos Grandes

16h00 Divertimentos na praia

17h00 Concurso de "Barcos Engalanados"

22h00 Baile e Arraial em Tróia com o vocalista André Patrão

24h00 Fogo de artifício

19 Agosto

10h00 Missa por alma dos marítimos falecidos e seus familiares

11h00 Divertimentos na praia

11h30 Distribuição dos prémios "Barcos Engalanados"

17h15 Círio Fluvial para Setúbal

APÓIOS: PSP de Setúbal — GNR de Orândola — GNR Tróia — Radio Amália — Radio Sim — Capitania do Porto de Setúbal — O Setubalense — Centro Social e Paroquial de São Sebastião — Bombeiros Voluntários de Setúbal — Bombeiros Voluntários de Orândola — Bombeiros Voluntários Santo André — Bombeiros Municipais de Setúbal

AGRADECIMENTO: Todos os Pescadores e Comerciantes de Setúbal

INFORMAÇÕES: Pede-se a todos os marítimos que participem no Tríduo, no Círio de Sábado e Segunda-feira e na Missa de Domingo e Segunda-feira. Agradecemos que todos os barcos se encontrem engalanados. A Comissão Organizadora das Festas, não se responsabiliza por acidentes ou actos que possam surgir durante as festas.

Figura 7 - Cartaz da Festa 2019

Anexo 3 - Livreto distribuído na missa campal em 2019

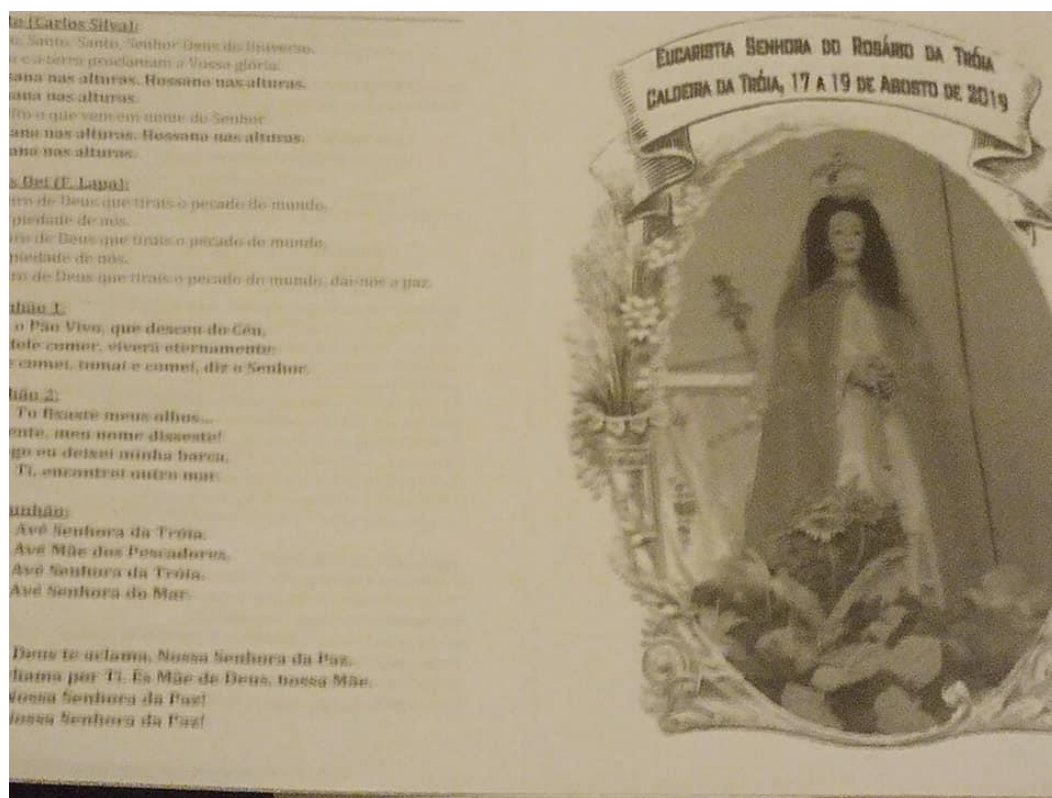


Figura 8 – Livreto distribuído na Missa campal

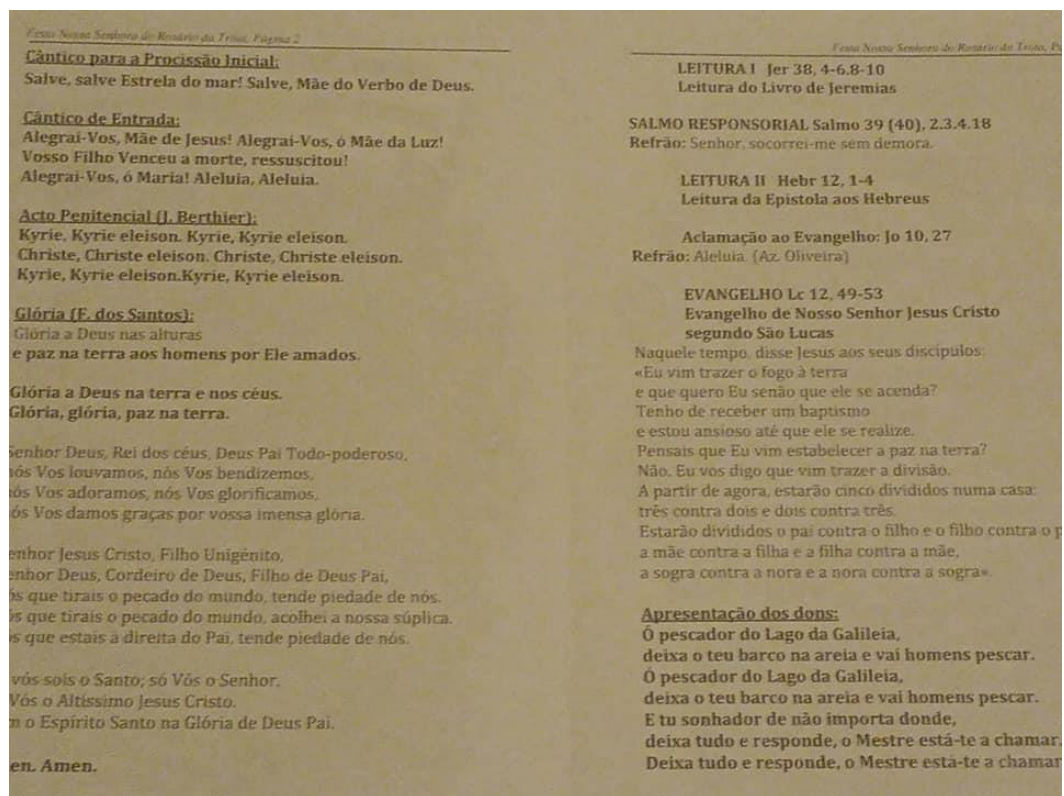


Figura 9 – Livreto distribuído na Missa campal

Anexo 4 - Imagens do terço, postal e imagem de Nossa Senhora em 2019



Foto 53 – Imagem, terço e postal de Nossa Senhora do Rosário de Tróia

Anexo 5 - Fotografia Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro – Câmara Municipal de Setúbal



Foto 54 - Aspeto da procissão fluvial no dia 14 de agosto de 1955
(AR10615_21)

Anexo 6 - Pintura em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Círio Fluvial no Restaurante “Pátio dos Golfinhos”



Foto 55 – Círio fluvial a sair da Caldeira - Tróia

Anexo 7 - Outras expressões em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia
– Revista no Núcleo de Amigos Bairro Santos Nicolau em Setúbal

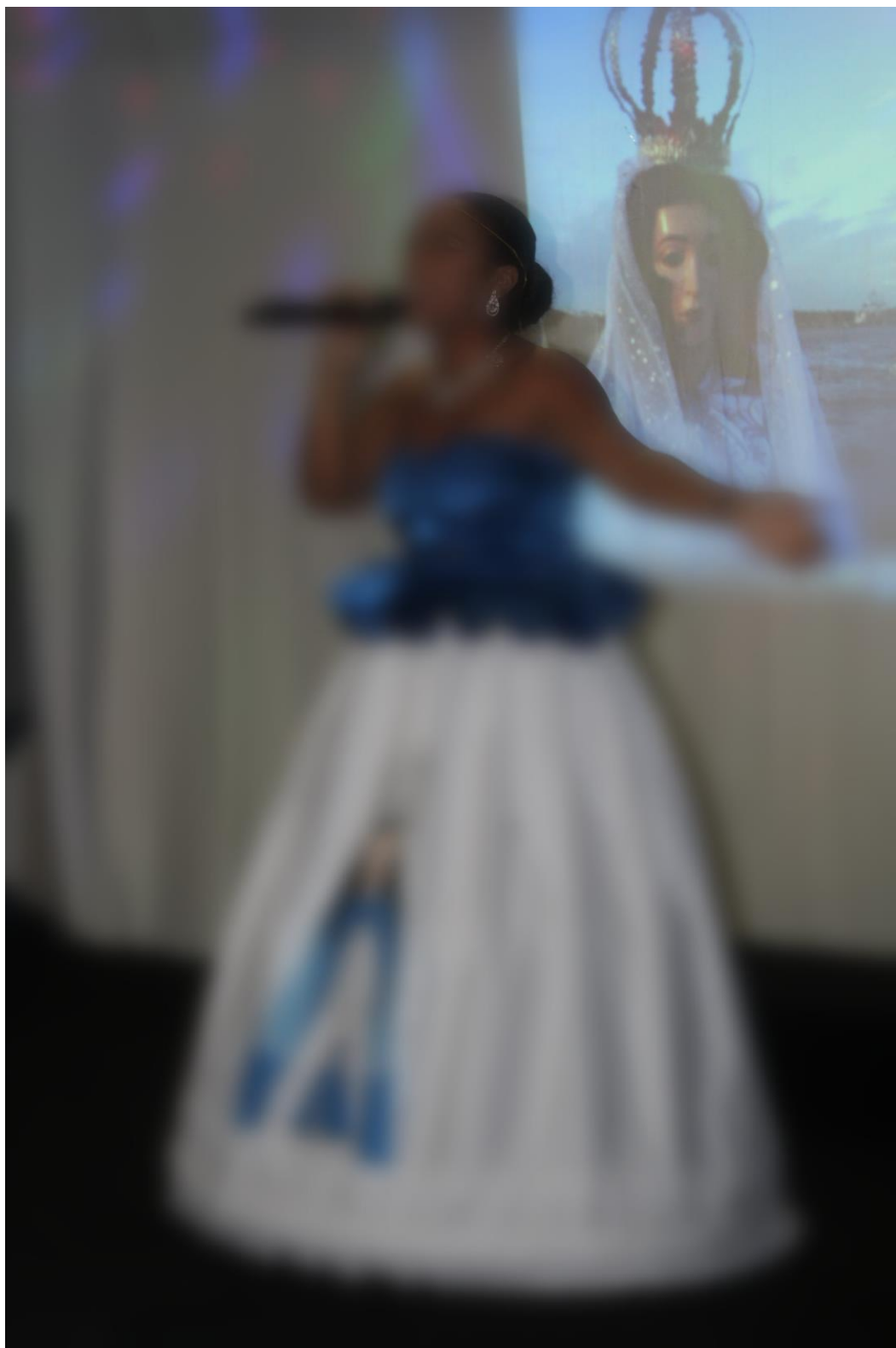


Foto 56 – Projeção da Imagem de Nossa Senhora

Anexo 8 - Postal antigo Nossa Senhora do Rosário de Tróia



Foto 57 – Postal antigo

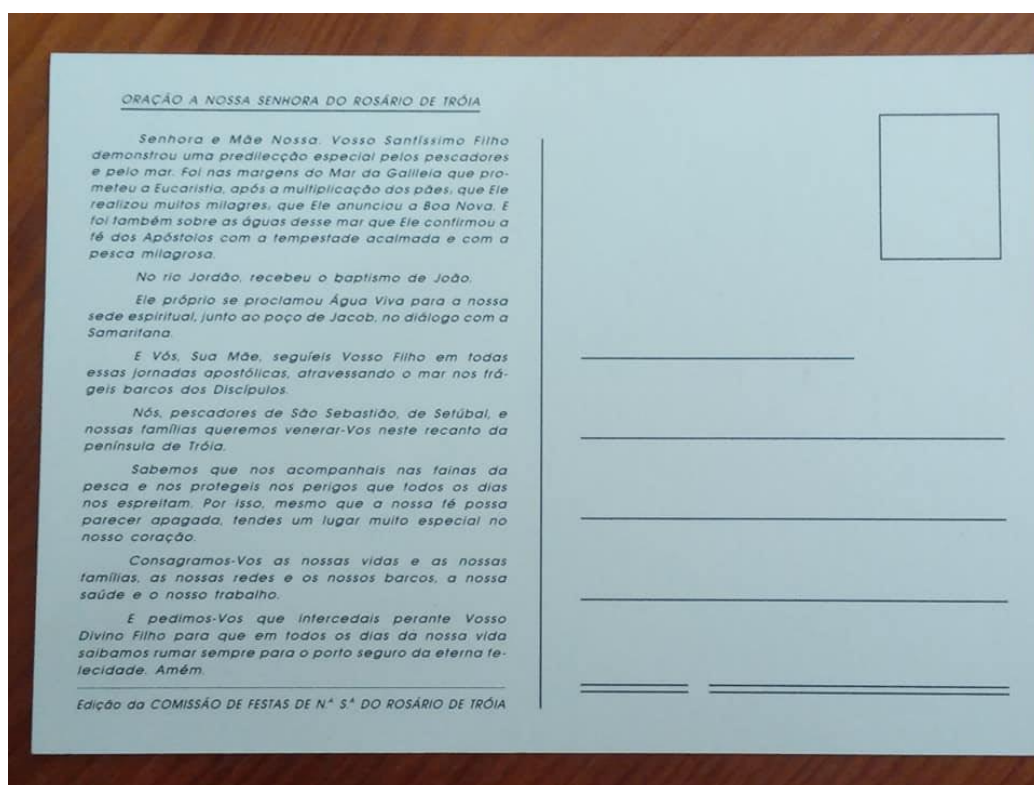


Foto 58 – Verso do postal com uma oração

Anexo 9 – Cassete com Hino da Senhora da Tróia



Foto 59 – Cassete antiga Hino da Sra da Tróia



Foto 60 – Cassete antiga Hino da Sra. da Tróia

Anexo 10 - Nicho de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Igreja de São Sebastião em Setúbal



Foto 61 – Nossa Senhora do Rosário de Tróia na Igreja de S. Sebastião

Anexo 11 - Artista plástico Madureira Pais e a aguarela N^a Sra^a Rosário de Tróia



Foto 62 – Momento da oferta da aguarela

Anexo 12 - Após a visualização do filme/documentário “Os Filhos do Rio Azul”, no CR Palhavã em Setúbal, com o protagonista setubalense Fernando Coelho.



Foto 63 – Com o protagonista do filme

APÊNDICES

Apêndice I – Modelos de autorizações gravação e cedência de fotografias

AUTORIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO ÁUDIO DE ENTREVISTA E UTILIZAÇÃO DE DADOS PARA EFEITOS ACADÉMICOS

Declaro, para os devidos efeitos legais, que autorizo o estudante de Mestrado de Educação Social e Intervenção Comunitária da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, Nuno Guerreiro Soares, a proceder à gravação áudio da entrevista sobre Património Cultural Imaterial da Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia, assim como a utilizar os dados da entrevista para efeitos académicos, na sua dissertação de mestrado e respetiva apresentação pública.

Por ser verdade, e por nada haver a obstar, esta declaração vai ser assinada por mim _____.

Local e data: _____, ____ de _____ de _____

Assinatura: _____

BI/CC nº: _____

AUTORIZAÇÃO DE CEDÊNCIA DE MATERIAL FOTOGRÁFICO E UTILIZAÇÃO PARA EFEITOS ACADÉMICOS

Declaro, para os devidos efeitos legais, que autorizo a utilização das fotografias que integram a coleção fotográfica “Reportagens Fotográficas Baptista” pelo estudante de Mestrado de Educação Social e Intervenção Comunitária da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, Nuno Guerreiro Soares. As fotografias poderão ser reproduzidas parcialmente, ou na sua totalidade, em qualquer suporte e integradas em qualquer outro material conhecido ou que venha a existir sobre Património Cultural Imaterial da Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia, para efeitos académicos, na sua dissertação de mestrado e respetiva apresentação pública.

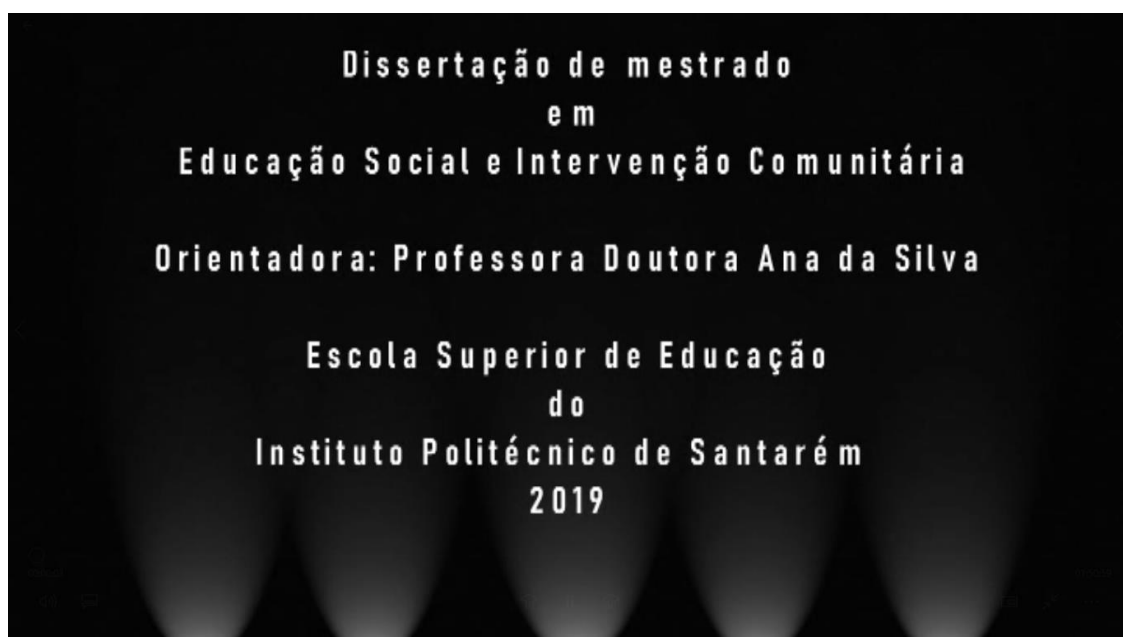
Por ser verdade, e por nada haver a obstar, esta declaração vai ser assinada por mim _____.

Local e data: _____, ____ de _____ de _____

Assinatura: _____

BI/CC nº: _____

Apêndice II - Filme da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia 2019



Link para visionamento do filme realizado sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia em 2019 <https://youtu.be/w2TiFq4is1Y>

Apêndice III – Compilação de filmes sobre a FNSRT

Simões Silva (2014.08.05). Festa de N^a S^a do Rosário de Tróia de 1992. Consultado em 2019, agosto 26. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5hFWO36nGlo>

Simões Silva (2017.08.24). Festa da Tróia" Festa de N^a S^a do Rosário de Tróia de 1992. Há 25 anos. Consultado em 2019, agosto 26. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jNaMRbsyck>

Simões Silva (2018.06.21). Festa da Tróia 1993. Suas gentes há 25 anos. Consultado em 2019, agosto 26. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YampO-R7DAU>

MTMG (2014.01.17). Círio Marítimo de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Agosto 2006 – Setúbal. Consultado em 2019, agosto 29. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oOfRS2YPr1k>

MTMG (2014.01.16). Círio Marítimo de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Agosto 2007 – Setúbal. Consultado em 2019, agosto 29. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iA9s4KBhTTE>

Simões Silva (2008.08.22). Festa de N^a S^a do Rosário de Tróia. Realizada pelos pescadores nos dias 16, 17 e 18 de Agosto de 2008. Consultado em 2019, agosto 29. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fomcneC95J0>

Simões Silva (2009.08.22). Festa da Tróia 2009. Consultado em 2019, agosto 29. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qMN7CMMuMe8>

Simões Silva (2010.08.25). Caldeira - Outão. Consultado em 2019, agosto 29. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=j3s7s2tpNs>

Carlos Silveira (2018.05.14) Rio de Cera. A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Consultado em 2019, agosto 30. Disponível em <https://vimeo.com/groups/110645/videos/269612159>

Simões Silva (2013.08.13). Festa da Tróia 2013. Consultado em 2019, agosto 30. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=WL8_qqIZu64

Simões Silva (2013.10.02). Hino a N^a S^a da Tróia. Consultado em 2019, agosto 30. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cSE5VdyfNDk>

Simões Silva (2014.08.13). Festa da Tróia 2014. Outão/Setúbal. Consultado em 2019, agosto 30. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Aeui90pMw7s>

JF São Sebastião (2016.02.15). Festa de Nossa Senhora Rosário de Tróia. Consultado em 2019, setembro 01. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mdxprpAY-H0>

Agência Ecclesia (2016.08.29) Procissão no mar de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Consultado em 2019, setembro 01. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Cp5D8LFrJcY>

Simões Silva (2017.08.13). Festa de N^a S^a do Rosário de Tróia 2017. Consultado em 2019, setembro 02. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=K-EBXkKYXtg>

Simões Silva (2017.08.15). Festa de N^a S^a do Rosário de Tróia. Chegada a Setúbal. Consultado em 2019, setembro 02. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bZS0tz6fzRo>

Simões Silva (2018.08.12). Festa de N^a S^a do Rosário de Tróia 2018. Consultado em 2019, setembro 03. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2OFqEFsH-ao>

Simões Silva (2019.08.18). Festa da Tróia. Igreja de S. Sebastião/Rio Sado. Consultado em 2019, novembro 24. Disponível em <https://youtu.be/5mjzF-AHkj4>
<https://www.youtube.com/watch?v=5mjzF-AHkj4>

Simões Silva (2019.08.20). Festa da Tróia 2019. Círio Marítimo no Rio Sado. Consultado em 2019, novembro 24. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=B4RoH8I02C8>

Prof^a. Ana da Silva (2019) Documentário Gentes e Contornos - Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. 2019. Consultado em 2019, novembro 24. Disponível em <https://educast.fccn.pt/vod/clips/1zuupayzup/streaming.html?locale=pt>.

Reportagem da RTP 1 - Portugal em Direto (2020.02.03), Festas de Nossa Senhora da Tróia (a partir do minuto 27). Consultado em 2020, abril 22. Disponível em <https://www.rtp.pt/play/p6557/e454032/portugal-em-direto/801889>

MAEDS (2020, janeiro 26) Festividades Tróia. Consultado em 2020, abril 22. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2sg6y3bEBhY&t=12s>

Apêndice IV - Descrição dos acontecimentos e etapas do processo de investigação

Nº	Acontecimento	Local	Dia e hora	Quem observou	Tipo de observação
	Transição orientadora para a Prof ^a . Doutora Ana da Silva		13.03.2018		
1.	Reunião com a Prof ^a . Ana da Silva Pesquisas bibliográficas, periódicos, filmes e vídeos Pesquisa repositórios científicos Internet Informadores privilegiados Pesquisa sobre metodologias investigação Guiões de entrevista	Lisboa	04/07/2018 10h00		
2.	Reunião com a Prof ^a . Ana da Silva Guião de entrevista Consultar tese da Maria	Lisboa	06/09/2018 10h00		

	Miguel Cardoso (revisão da literatura, metodologia e conclusões)				
--	--	--	--	--	--

3.	Reunião com a Prof ^a . Ana da Silva Entrevistas/guiões Património: Convenção UNESCO 2003 Orientações da UNESCO Recomendações da UNESCO Declaração Universal da UNESCO Procurar no inventário nacional PCI – Festa N ^a S ^a Rosário de Tróia Anotações na tese Maria Miguel Cardoso Perspetiva etnográfica	Lisboa	12/11/2018 10h00		
----	--	--------	---------------------	--	--

4.	Reunião com a Profª. Ana da Silva Analisar e refletir Questão das perdas – identidade e autenticidade Festa e identidade social Consulta tese Renato Mendes Gomes (MESIC) Metodologia Enquadramento – educação social/educador social	Lisboa	05/04/2019		
5.	Reunião com a Profª. Ana da Silva Ações e estratégias promoção e preservação da autenticidade e identidade e como avaliam Transformações/mudanças na festa Fundamentação teórica, observação da festa, metodologia, objeto de estudo e	Via chamada Messenger	25/07/2019 08h15		

	objetivos, consulta documentação sobre a festa Entrevistas				
6.	Peditório acompanhado pela Charanga de Sarilhos	Mercado do Livramento	10/08/2019 09h10	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito
7.	Peditório acompanhado pela Charanga de Sarilhos	Mercado 2 de Abril	10/08/2019 10h30	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito
8.	Peditório acompanhado pela Charanga de Sarilhos (Início na porta do Cemitério Nossa Senhora da Paz, o Armando Oliveira disse “vai uma música para o Zé da Gaia e para o Dr. Júlio Adrião) Pararam à porta de uma das duas coletividade do bairro (GD “Os Amarelos”) e tocaram uma música	Bairro Santos Nicolau	10/08/2019 11h10	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito
9.	Lanche na Casa da Família Conceição D. Lurdes Inácio, Aia de Nossa Senhora do Rosário de	Bairro Santos Nicolau	10/08/2019 11h45	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito e fotográfico

	Tróia (Convidaram os músicos e elementos da comissão e colaboradores da comissão de festas)				
10.	Peditório acompanhado pela Charanga de Sarilhos (Senhora emocionada coloca o telefone móvel em alta voz para o filho que está nos Estados Unidos ouvir a música da charanga que está a passar)	Bairro Santos Nicolau	10/08/2019 12h23	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito e fotográfico
11.	Peditório acompanhado pela Charanga de Sarilhos	Mercado de Nossa Senhora da Conceição	10/08/2019 12h26	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito e fotográfico
12.	Peditório acompanhado pela Charanga de Sarilhos Pararam à porta da outra coletividade do bairro (Núcleo dos Amigos do Bairro Santos Nicolau) e tocaram uma música,	Bairro Santos Nicolau	10/08/2019 12h35	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito e fotográfico

	existem pessoas que mandam as ofertas dentro de um envelope ou numa mola pela janela.				
13.	Peditório acompanhado pela Charanga de Sarilhos (Senhora coloca o seu donativo no saco de pano e dão-lhe um postal com a imagem de Nossa Senhora de Tróia, a senhora de imediato beija a imagem)	Bairro Santos Nicolau	10/08/2019 12h40	Nuno Soares (Senhora coloca o seu donativo no saco de pano e dão-lhe um postal com a imagem de Nossa Senhora de Tróia, a senhora de imediato beija a imagem)	Direta acompanhada de registo escrito e fotográfico
14.	Em frente do busto do Padre Nunes Missionário do Coração de Maria Charanga de Sarilhos	Bairro Santos Nicolau	10/08/2019 Terminou às 12h50	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito e fotográfico

	toca Hino de Nossa Senhora				
15.	Peditório acompanhado pela Charanga de Sarilhos (Senhora coloca o seu donativo no saco de pano e dão-lhe um postal com a imagem de Nossa Senhora de Tróia, a senhora de imediato beija a imagem)	Bairro de São Domingos (Início no Largo de São Domingos, junto à Igreja de São Sebastião)	10/08/2019 14h15	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito e fotográfico
16.	Peditório acompanhado pela Charanga de Sarilhos (Charanga entra dentro de alguns cafés e tocam) Existem pessoas que mandam as ofertas dentro de um envelope ou numa mola pela janela.	Bairro das Fontainhas	10/08/2019 15h40	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito e fotográfico
17.	Peditório acompanhado pela Charanga de Sarilhos (Charanga entrou dentro da loja Casa Pita e termina em	Bairro das Fontainhas	10/08/2019 Terminou às 16h10	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito e fotográfico

	frente)				
18.	2 Homens (Sr. Zeferino e “Chefe” Zezinho) Constroem/montam/prepa ram os 9 Andores (Santos: Sagrado Coração de Jesus, São Sebastião, São Pedro, Anjo da Guarda, São José, Nossa Senhora da Conceição, Menino Jesus de Praga, São José e São Vicente)	Igreja de São Sebastião	12/08/2019 19h20	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito e fotográfico
19.	2 Homens (Sr. Zeferino e “Chefe” Zezinho) Preparam o andor de Nossa Senhora do Rosário de Tróia	Igreja de São Sebastião	13/08/2019 20h00	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito e fotográfico
20.	Entrevista Lurdes Inácio		14/08/2019		

	Conceição - Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia		15h15		
21.	Entrevista Madalena Lopes – Filha de antigo pescador e antigo festeiro		14/08/2019 18h10		
22.	Entrevista Armando Oliveira – Presidente da Comissão de Festas		14/08/2019 22h45		
23.	Tríduo em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia (Oração noturna do terço)	Igreja de São Sebastião	14, 15 e 16/08/2019 21h30	Nuno Soares	Direta acompanhada Sem registo
24.	Ornamentação dos andores Ana Silva (cada andor +- 3 horas) Ornamenta os andores: S. Pedro, S. José, Menino Jesus de Praga e Anjo da Guarda João Oliveira e Guilherme Oliveira Ornamenta os andores:	Igreja de São Sebastião	15/08/2019 Ana Silva 14h50 João Oliveira 15h20 Sónia Raposo 15h45	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo fotográfico e escrito

	Nossa Senhora do Rosário de Tróia e Sagrado Coração de Jesus Sónia Raposo Ornamenta os andores: Nossa Senhora da Conceição, S. Vicente de Paulo e S. Sebastião				
25.	Entrevista Dr. Nuno Costa – Presidente da Junta de Freguesia de S. Sebastião		16/08/2019 14h00		
26.	Entrevista Padre Casimiro Henriques – Pároco da Igreja de São Sebastião		16/08/2019 14h00		
27.	Entrevista Lucinda Fernandes – Responsável pelo Museu do Trabalho	Museu do Trabalho	17/08/2019 14h00		
28.	Missa por alma dos marítimos falecidos	Igreja de São Sebastião	17/08/2019 15h15	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo fotográfico e escrito
29.	Procissão da Igreja de S Sebastião para o cais		17/08/2019 16h15	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo fotográfico e escrito

30.	Embarque dos andores nas barcas e traineiras junto ao cais	Cais	17/08/2019 18h00	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo fotográfico e escrito
31.	Festas Nossa Senhora do Rosário de Tróia Não estava patente uma exposição organizada pelo MTMG por indicação da Comissão de Festas 18/08/2019 Não se fez o jogo da corda, nem o dos sacos Não se realizaram os divertimentos na praia, porque não havia tempo. Durante as procissões na praia, poucas pessoas que se encontram nas tendas, não acorrem para participar nas mesmas. 19/08/2019	Caldeira - Tróia	17, 18 e 19/08/2019	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo fotográfico e escrito

	Adesão espetacular ao Círio fluvial, tanto no lado de Tróia com muita gente na praia, como pela quantidade de barcos no círio, como na quantidade de pessoas na margem de Setúbal.				
32.	Entrevista Joaquim Lopes – Filho de antigo festeiro e antigo pescador	Recinto da Festa - tenda	18/08/2019 15h45		
33.	Entrevista João Martins – Pescador (Faralhão)	Recinto da Festa - tenda	18/08/2019 19h08		
34.	Pesquisa de bibliografia sobre a Festa de Tróia	Centro de Documentação do Museu do Trabalho Michel Giacometti	20/08/2019 10h30	Nuno Soares	
35.	Visita à Exposição “Festas do Mar” Fotografia de José A. Carvalho	Museu do Trabalho Michel Giacometti	22/08/2019 10h00	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo fotográfico
36.	Consulta bibliografia geral	Biblioteca	22/08/2019	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo

	e no Fundo Local sobre Festa da Tróia	Pública Municipal de Setúbal	10h30		escrito
37.	Entrevista Dra. Maria das Dores Meira – Presidente da Câmara Municipal de Setúbal	Paços do Concelho	10/09/2019 21h30		
38.	Pesquisa de bibliografia sobre a Festa de Tróia (consulta DVD 42 e da conclusão da tese da Marta Ferreira)	Centro de Documentação do Museu do Trabalho Michel Giacometti	17/09/2019 14h30	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito
39.	Reunião com a Prof ^a . Ana da Silva Visualização do filme Festa de N ^a Sra do Rosário de Tróia 2011 – Lucinda Fernandes Entrevista pescador varino Tabelas com tratamento/análise de todas as entrevistas	Lisboa	18/09/2019 15h00		

40.	Entrevista David Lopes – Antigo mestre e atual membro da Comissão de Festas	Bairro S. Domingos	19/09/2019 18h15		
41.	Informador privilegiado – Armando Oliveira Lista prémios barcos engalanados Párocos Igreja de S. Sebastião Esclarecimento sobre alguns aspetos da Festa que surgiram após a entrevista	Café	20/09/2019 10H30	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito
42.	Entrevista Rui Costeira – Mestre e pescador	Salão do Núcleo Recreativo e Desportivo Ídolos da Praça	20/09/2019 20h15		
43.	Reunião com a Dra. Maria Miguel Cardoso Consulta da ficha	Museu do Trabalho Michel Giacometti	24/09/2019 14h30		

	inventário Património Imaterial e documentação anexa Esclarecimento sobre alguns aspetos da Festa que surgiram após as entrevistas				
44.	Entreguei 5 cartazes antigos da festa à Dra Maria Miguel Cardoso 1992, 1993, 1994, 1995 e 1997	Museu do Trabalho Michel Giacometti	25/09/2019 16h00	Nuno Soares	
45.	Entreguei 2 cartazes antigos da festa ao Presidente da Comissão de Festas 1992 e 1994 Cedidas fotografias antigas da festa pelo membro da Comissão de Festas David Lopes		26/09/2019 10h00		
46.	Entreguei à responsável do Centro de Documentação do MTMG, Dra. Conceição Heleno Trabalho fotocopiado	Museu do Trabalho Michel Giacometti	27/09/2019 10h30	Nuno Soares	

	Seminário de Investigação “Festa dos Pescadores em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Sua Tradição Religiosa e Cultural – Universidade Moderna/Setúbal – 2005 Maria da Graça Santos de Andrade e Silva				
47.	Entregue ao Presidente da Comissão de Festas Trabalho fotocopiado Seminário de Investigação “Festa dos Pescadores em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Sua Tradição Religiosa e Cultural – Universidade Moderna/Setúbal – 2005 Maria da Graça Santos de Andrade e Silva	Garagem	27/09/2019 11h00	Nuno Soares	

	Fotocópias das atas das Reuniões de Câmara 11/09/2001 (Atribuição da Medalha de Honra da Cidade de Setúbal à Comissão de Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia e aos últimos párocos de S. Sebastião, Paróquia responsável pela Festa de N^a S^a da Tróia – Padre Álvaro Teixeira e ao Padre Manuel António Santos) 19/08/2015 2001 (Atribuição da Medalha de Honra da Cidade de Setúbal – Armando Oliveira - Presidente da Comissão e José Lopes – pescador e Tesoureiro da Comissão de Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Consulta da memória descritiva – Monumento ao				
--	---	--	--	--	--

	Pescador Desconhecido (Cemitério de Nossa Senhora da Piedade) Consulta dos estatutos da Associação da Família do Mar de São Sebastião				
48.	Informador privilegiado – Armando Oliveira Mais esclarecimentos sobre algumas questões que têm suscitado durante a investigação	Garagem	30/09/2019	Nuno Soares	
49.	Alteração do tema da dissertação, passei a investigar o Património Cultural Imaterial da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, tendo o trabalho o seguinte título provisório: Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: perceções sobre a importância da salvaguarda de uma tradição	Serviço Académico Apoio a pós-graduações e mestrados	03/10/2018		

	da comunidade marítima de Setúbal.				
50.	Visualização filme “Os filhos do Rio Azul” Imagens Festa da Tróia	CR Palhavã	16/11/2019	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo fotográfico
51.	Ante-Estreia “Revista que paródia de Revista” Apontamento “Festa da Tróia”	Núcleo Amigos do Bairro Santos Nicolau	22/11/2019	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo fotográfico
52.	Confirmação de algumas referências bibliográficas sobre a Festa de Tróia	Centro de Documentação do Museu do Trabalho Michel Giacometti	14/01/2020 14h30	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito
53.	Visita à Exposição “FESTAS DE NOSSA SENHORA DA TRÓIA” Fotografia Renato Monteiro	Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal	28/01/2020 14h30	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo fotográfico e escrito
54.	Colóquio «O Culto de	Auditório da	01/02/2020	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo

	Nossa Senhora da Nazaré: Perspectiva Multidisciplinar Responsável científico: Pedro Penteado (CEHR – UCP) Centro de Estudos de História Religiosa Portuguesa - Universidade Católica Portuguesa	Biblioteca Municipal da Nazaré			fotográfico e escrito
55.	Festividades Populares de Tróia e as Celebrações Dionísias Projeção de fotografias de Renato Monteiro Leituras Poéticas de Sara Loureiro e António Marrachino Apresentação da obra de Dinis H. Machado	Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal	08/02/2020 17h00	Nuno Soares	Direta acompanhada sem registo
56.	Reunião de acompanhamento e orientação	Profª. Ana da Silva	18/02/2020 16h00		
57.	Reunião de acompanhamento e orientação	Profª. Ana da Silva	25/05/2020		
58.	Consulta de periódicos	Jornal O Setubalense	16/06/2020 16h00	Nuno Soares	Direta acompanhada de registo escrito

59.	Reunião de acompanhamento e orientação	Profª. Ana da Silva	02/07/2020		
60.	Reunião de acompanhamento e orientação	Profª. Ana da Silva	31/08/2020		
61.	Reunião de acompanhamento e orientação	Profª. Ana da Silva	12/09/2020		
62.	Reunião de acompanhamento e orientação	Profª. Ana da Silva	29/09/2020		

Apêndice V - Transcrição de partes relevantes de trabalhos académicos para a investigação

Trabalhos académicos sobre a Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia	Seminário de Investigação “Festa dos Pescadores em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Sua Tradição Religiosa e Cultural – Universidade Moderna/Setúbal – 2005 Maria da Graça Santos de Andrade e Silva II Parte – A Festa dos Pescadores em honra de N^a Sr^a do Rosário de Tróia 1^o Capítulo - A Pesca na Cidade de Setúbal, suas comunidades Pesqueiras e a Festa de Tróia 3. A Festa em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, pp. 65 - 93	Relatório Estágio Profissionalizante “Os Varinos de Setúbal” – Marta Ferreira – FCSH/UNL – 2007	Relatório Estágio Académico “A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia” – Purificação Pereira – Universidade de Évora - 2009	Trabalho de Projeto “Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: Estudo de um tempo liminar – Maria Miguel Cardoso – FCSH/UNL - 2012
Enquadramento geográfico da Festa de Tróia	A Festa de Tróia realiza-se entre a cidade de Setúbal, precisamente na freguesia de S. Sebastião – Igreja de S Sebastião e a Península de Tróia – Caldeira de Tróia, antiga Cetóbriga. A cidade de Setúbal, é um município do Litoral Português, pertencente ao distrito de Setúbal, integrada na região de Lisboa e Vale do Tejo. É sede de distrito e localiza-se na margem direita do estuário do rio Sado. A parte urbana da cidade possui quatro freguesias, a Freguesia de Nossa Senhora da Anunciada, a Freguesia de São Julião, a Freguesia de Santa Maria da Graça e a Freguesia de São Sebastião.			

	É nesta última freguesia que se inicia a Festa em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, mais precisamente na Igreja de S Sebastião. Este sumptuoso templo, foi construído entre 1564 e 1566, tendo sido restaurado após o terramoto templo de 1755, no qual ficou completamente destruído. Esta igreja foi construída fora das muralhas que envolviam a cidade, situando-se relativamente perto da zona ribeirinha de Setúbal, onde se encontra a “Doca do Comércio”, mais conhecida pela “Doca das Fontainhas”, precisamente em frente à Península de Tróia. A Península de Tróia pertence atualmente ao concelho de Grândola. De beleza muito peculiar, tem cerca de 18 quilómetros de comprimento que vão até à Comporta. Em toda a extensão tem uma vastíssima praia de areias brancas e mar calmo. A ponta norte da mesma é virada para Setúbal e para a Serra da Arrábida. É nessa ponta norte virada para Setúbal, na margem esquerda do rio Sado, que se situa a Caldeira de Tróia, a antiga Cetóbriga, na qual ainda existe ruínas da antiguidade, datadas do século I A.C., da permanência dos romanos por lá. Junto dessas mesmas ruínas encontra-se a ermida de Tróia. É nestas zonas descritas que se processa toda a Festa em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, iniciando-se na Igreja de S. Sebastião, partindo em (p. 75) seguida para a Península de Tróia, mais propriamente para a Caldeira de Tróia, sendo junto da ermida que se realiza a Festa. (p. 76)			
Enquadramento histórico da Festa de Tróia	A Festa em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia é um fenómeno social secular, não se conseguindo precisar exatamente o seu início por falta de fontes, o mesmo acontecendo em relação à ermida de Tróia onde a santa é venerada nos dias em que decorre a Festa. Contudo, existem várias referências a documentos que comprovam a existência desta festa e da ermida de Tróia a um passado bem distante, como vem relatado no livro “Urzes e Camarinhas”, de Jaime Pinho, Carlos da Silva e Fernanda Gonçalves, bem como de informações cedidas pelo Padre da Paróquia de S. Sebastião.			

	Na revista “O arqueólogo Português” de 1897, Pedro Azevedo demonstra a existência de um ermitão em Tróia e, portanto, de uma ermida, em 1482, baseado num documento da chancelaria de D. João II. A “Visitação da Ermida de Nossa Senhora de Tróia”, realizada em 1510, integrada nas que, regularmente eram feitas pela Ordem de Sant`lago, foi publicada em 1969 pela Fundação Gulbenkian. (p. 76) (...) na “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, afirmando que já nos finais do século XVI se erguia a capela de Nossa Senhora de Tróia. Esta afirmação tem por base o livro de André Resende “De Antiquitatibus Lusitaniae”. (...) Frei Agostinho de Santa Maria, em “Santuário Mariano”, de 1707, refere-se a Tróia como uma povoação antiga e destruída, onde se encontrava uma capela, cuja imagem recebia a devoção de moradores de Setúbal. Neste documento aparece pela primeira vez a menção a uma festa, a 15 de Agosto. (...) nas Informações Paroquiais de 1758, uma relativa ao pároco de S. Sebastião. Por ela ficámos a saber que a capela de Tróia pertencia a Setúbal e era portanto da responsabilidade deste pároco (...) O documento fala ainda de uma imagem existente na igreja e a informação de que se realizavam duas festas anuais em Agosto, uma de camponeses e outra de marítimos, de Setúbal. Aspeto curioso é o de ter sido D. João V a colocar o capelão, que aí dizia missa. No “Diário Histórico Setubalense”, de 1915, M. M. Portela, erudito desta cidade, fala de que em 1853 teria sido transferida de uma ermida, junto às ruínas de Cetóbriga, para Setúbal, a imagem de Nossa Senhora de Tróia. “O Elmano”, de 10.9.1898 notícia a reconstrução da igreja. Este jornal, a 24 do mesmo mês e ano, diz que a imagem de Nossa Senhora da Tróia voltava á sua antiga morada depois de ter permanecido 45 anos na igreja da Boa Morte, porque a igreja se encontrava já restaurada. Ficamos, pois a saber do estado de degradação da ermida de 1853 a 1898, data da sua restauração. Poucos dias depois o mesmo jornal informava, que se tinha realizado a festa e rezado a missa pelo prior de Melides (p. 77)			
--	---	--	--	--

	Pela primeira vez nos surge uma referência clara à festa de pescadores varinos. A notícia de 26 do mesmo mês refere que as barcas iam cheias. No ano seguinte este jornal será acompanhado pela “Folha de Setúbal” no anúncio da Festa. O jornal “O Trabalho”, anunciará a festa nos anos de 1901 e 1902. Para alguns períodos não se encontram quaisquer referências da festa na imprensa local, como as datas entre 1902 a 1929. No entanto, os testemunhos orais são bastante concludentes no sentido de preencherem alguns vazios. Os testemunhos confirmam-se uns aos outros para determinadas datas. O que leva a crer que a festa, durante esse período, se veio a concretizar, com alguma regularidade. A justificação para estes lapsos, imprensa setubalense, poderá encontrar-se na fato de, antes de 1945, a festa ser regida pelo pároco de Melides. A partir de 1946, as notícias sobre a festa de Tróia, são bastantes frequentes. (Jaime Pinho, Carlos Silva, Fernanda Gonçalves, Ob. Cit., p. 68-69) João Afonso Lopes, conhecido pelo nome de “João Sacristão”, homem bem informado e testemunha ocular, afirmava que a última vez que a festa foi feita, foi em 1928, tinha ele 14 anos, e que não voltou a fazer-se até que, em 1945, os sacristãos da cidade, liderados por ele, retomaram a festa, a 15 de Setembro de 1945, presidida pelo Padre Nabais, dos Padres do Coração de Maria, organizando eles a festa até 1947. Em 1948 entregaram-na aos pescadores varinos que a têm organizado até aos dias de hoje. Até à década de 1960, a missa em Tróia realizava-se dentro da capela e a procissão passava por cima de parte das ruínas de Cetóbriga, ainda por escavar. A partir desse ano, as escavações arqueológicas, ganham um cariz mais sério e protege-se o local das possíveis pilhagens. Desta forma a festa e a procissão afastar-se-ão sensivelmente do local usado tradicionalmente. (p. 78)			
A imagem e a lenda	“A origem da imagem da padroeira gerou uma lenda com várias versões, sendo a mais comum, a de que a santa foi encontrada na praia. Teria sido depois (p. 78) recolhida por um pescador. Esse pescador e os seus camaradas construíram a capela existente em Tróia. A Santa, A Senhora de Tróia, disseram que tinha aparecido lá, enrolada, na praia, na areia, e houve alguém que a apanhou (...) (Júlia das Flores, 88 anos). “A antiga imagem de Nossa Senhora de Tróia vem a Setúbal. Se há			

	muitas pessoas que a conhecem por a ter visto, a antiga imagem de Nossa Senhora de Tróia, a maioria da população setubalense nem sabe que ela existe...que se encontra em Tróia. (...) O possível aparecimento da sagrada imagem (deve-se) a um naufrágio, (em que) ela fora dar à costa, com os tripulantes do barco àquela localidade fronteiriça. Outrora, quase todos os navios faziam longas viagens, traziam a bordo uma imagem (...). (“O Setubalense” – 5.7.1948) (Jaime Pinho, Carlos Silva, Fernanda Gonçalves, Ob. Cit., p. 76) (p. 79)			
A Ermida de Tróia	“O altar mor, o qual é de pedra e cal, o degrau dele é de pedra e cal, tamanho como o do altar, e dois capitéis de jaspe grandes, e bem lavrados das ilhargas do altar, em que se põe os círios de levantar a Deus, e no altar mor está uma imagem com o Menino Jesus (...) O alpendre é todo coberto de telha vã e bem madeirado e calçado por baixo e tem quatro varas e terça e do norte ao sul tem seis varas e terça (...) Junto com a dita ermida estão duas casas pegadas com ela – uma câmara do ermitão e a outra dianteira que é da hospedaria (...), e assim, tem uma estrebaria (...), e tem uma casa de lenha (...)” “Achamos que a dita ermida tinha umas grades, de pau de castanho, para o arco da capela. E por minguia de gólfãos e fechadura não se punham. Em tal modo, que a gente entrava no dito altar-mor, e dormiam nela e faziam desonestidades, o que era pouco serviço de Deus; pelo qual mandamos que (p. 79) dentro de um mês os ditos gólfãos e fechadura se façam e as ditas grades se ponham no dito arco. As quais estarão sempre fechadas, salvo quando disserem missa, ou quando quiserem corrigir alguma coisa na dita igreja, e o dito ermitão, o mordomo serão avisados que cumpram assim esta nossa determinação.” In “Visitação de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal (Ordem de Santiago), 1510 (Jaime Pinho, Carlos Silva, Fernanda Gonçalves, Ob. Cit., p. 68) (p. 80)			
Aspeto da Festa de Tróia	O livro “Entre Urzes e Camarinhas” descreve de forma muito real o aspeto que a festa teve no passado e que ainda hoje conserva. “Um aspeto particular da Festa é o acampamento. Grande parte dos participantes acampavam durante estes dias no local onde ela se realizava. A duas formas de acampamento eram as barracas na praia e as choupanas nos barcos. As tendas eram feitas, eram geralmente, com os apetrechos do barco. São as velas, as			

	cordas, os oleados e até os mastros das embarcações são usados para este fim. Mas há também os que usam colchas, cobertores e lençóis, ou serapilheira, assim como toros de madeira apanhados no pinhal. As barracas são montadas só protegendo por cima; os lados, em princípio, não têm nada para tapar. Montar as tenda constitui a primeira tarefa a realizar e é feita fundamentalmente pelo homem da família. (...) Montam por vezes em grupo e partilham muitas vezes parte do material necessário. Outra forma muito comum de acampamento eram as choupanas, feitas nos saveiros. Os barcos ficavam arrumados ao lado uns dos outros e presos à praia. Assim a maré sobe e desce sem perigo de se desprenderem. Em cada saveiro era colocado um toldo, à maneira dos que eram feitos sobre a areia, preso a toros de madeira ou a canas. (p. 80) Dormia-se, portanto, ou nas barracas ou nos saveiros. Punham uma manta por baixo, para se protegerem da humidade e outra por cima; usavam também os xales das varinas. (...) Dormir na praia era um hábito, geralmente dos homens e em especial daqueles que ficavam até mais tarde a “beber um copo” e conversar. A iluminação noturna, só nos últimos anos é feita por geradores (da Câmara, Bombeiros Voluntários e Torralta). Anteriormente usavam-se lamparinas de azeite, “faróis” dos barcos (a petróleo), candeeiros a petróleo e velas. As fogueiras transmitiam uma luz aqui e ali espalhados pela praia. (...) os mais jovens ficavam a “brincar” e a bailar, por vezes, toda a noite. (...) Durante os dias apanhavam-se camarinhas, pinhas e toros de madeira para as fogueiras, que depois ateavam. Cozinhava-se, tarefa que cabia principalmente às mulheres casadas, comia-se e bebia-se todo o dia, passeava-se pela praia contornando a península para ambos os lados, aproveitando a maré baixa, conversava-se, visitando as barracas uns dos outros, faziam-se jogos e brincadeiras, tomava-se banho, pescava-se e apanhava-se berbigão e amêijoas. No Domingo ia-se à procissão, mas alguns rezavam de dia e por vezes mesmo à noite junto à capela. Perto da noite ateavam-se as fogueiras e ficava-se ali à volta a comer, beber conversar cantar e bailar. As crianças brincavam todo o dia na praia, livremente, sendo só necessário cuidado quando a maré estava a subir. Comiam e iam-se deitar cedo nas barracas ou nos			
--	---	--	--	--

	saveiros ancorados na praia. (p. 81) Existem muitas referências a uma praia limpinha, a um mar calmo e protegido por formar uma pequena enseada e ainda ao fato de, para além dos participantes da Festa, pouco mais gente se encontrar, tanto do lado da Caldeira, como do lado do mar (isto até aos anos 50). Ao princípio os participantes eram quase todos pescadores da zona das Fontainhas, mais tarde do Bairro Santos Nicolau e Bairro da Conceição, acompanhados da sua família, ou seja, tudo varinos. Eram todos conhecidos e vizinhos em Setúbal. Para além disto trazem, muito deles, hábitos comuns. (Jaime Pinho, Carlos Silva, Fernanda Gonçalves, Ob. Cit., p. 72-73) (p. 82)			
Os Varinos	Em finais do século XIX, pessoas oriundas das margens da Ria de Aveiro, instalaram-se em Setúbal, junto à zona ribeirinha da cidade, primeiramente nas Fontainhas e na Vila Maria e posteriormente quando essas zonas começaram a ficar repletas de casas, passaram a ocupar os terrenos mais acima, como o Bairro Santos Nicolau. Essas zonas, estavam fora das muralhas que envolviam a cidade de Setúbal. Essas “gentes” tinham trocado a vida pobre das suas localidades de origem, por uma vida melhor em Setúbal. No princípio eram designados por Ovarinos, designação esta que com a evolução tempral, perdeu o “o”, passando então a serem chamados de varinos. Os ovarinos dedicavam-se à atividade piscatória, no rio Sado, nas suas pequenas embarcações, as quais amarravam à porta de csas. As mulheres trabalhavam nas fábricas de conserva, onde eram exploradas e dedicavam-se também à tarefa de peixeiras, indo pelas ruas da cidade com canastras à cabeça vendendo o seu peixe aqui e ali. (...) ainda ajudavam os maridos pescadores na confeção das redes de pesca. (p. 82) (...) começaram a construir outras casas por detrás das primeiras, de forma encavalitada, separada por travessas, pátios e ruelas estreitas (Bairro das Fontainhas). Durante várias décadas, os ovarinos e o Bairro das Fontainhas são considerados pobres pela imprensa e desprezados pelas autoridades. (...) A pobreza era compensada pela alegria dos bailes, principalmente no Verão, faziam nos na praia, nos pátios e nas ruas. No verão iam acampar para a Caldeira de Tróia, mudando para ali a sua			

	vida e o seu arsenal de pesca. Eram eles que realizavam a festa de Nossa Senhora de Tróia, sendo que a mesma dependia do movimento das marés (a maior maré). A partir de certa altura esta festa passou a ser marcada sempre para o mês de Agosto. No início os barcos que participavam no Círio eram enfeitados com tolhas e lençóis, só posteriormente é que começaram a utilizar enfeites de papel, tudo dependia do dinheiro que se conseguis angariar. Os aspetos litúrgicos eram combinados com os padres, pedia-se autorização para a realização da festa à Capitania, tudo era tratado com a devida antecedência. A organização da Festa foi desde sempre da competência de uma comissão constituída por vários elementos, todos pescadores, sem haver distinção entre mestres e camaradas, quem se oferecesse voluntariamente ajudava a organizá-la. As mulheres não tinham participação direta na organização, provavelmente por não serem pescadoras. A partir de 1948, impulsionada pelo senhor João Lopes “Ti João Sacristão”, de origem varina, os varinos retomam de novo a organização da Festa e esta passou a estar definitivamente ligada à igreja de S. Sebastião, bem como aos varinos, sendo que a parte litúrgica da Festa era organizada pela paróquia e a parte pagã, ficou ao cuidado de sucessivas comissões de pescadores varinos (p. 83) A Festa era divulgada através de folhas afixadas em vários locais da cidade frequentados por pescadores. Esses locais eram, a Capitania do Porto de Setúbal, as caixas onde os pescadores guardavam o material de pesca, no cais das fontainhas e nas tabernas frequentadas por varinos, como havia um índice elevado de analfabetismo a notícia era passada oralmente. Quem financiava a Festa eram os pescadores através de angariação de fundos. A comissão percorria os bairros de varinos com alguns músicos e iam de casa em casa, recolhendo fundos. Estes serviam para cobrir as despesas da festa. (...) Preparavam também o material para acampar, entre eles, juntavam os alimentos, desde o peixe que constituía a base da sua alimentação, aos garrafões de água e de vinho...tudo era partilhado, pois os laços que os uniam eram muito fortes, havendo grande espírito de união e interajuda. A comissão organizadora tinha ainda o papel de supervisionar e controlar			
--	--	--	--	--

	a festa para que tudo corresse bem. E foi assim que esta comunidade piscatória de Ovarinos se apoderou da Festa de Tróia, adotando a Nossa Senhora de Tróia para sua santa padroeira. Ainda hoje são os filhos e netos dessas “gentes” oriundos de localidades perto da Ria de Aveiro que organizavam a Festa e que mantêm a devoção pela santa padroeira Nossa Senhora do Rosário de Tróia. (p. 84)			
A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia na atualidade	Para descrever a Festa de Tróia na atualidade procedeu-se à observação direta não participante que, à exceção de alguns momentos de contacto pessoal com elementos da Comissão da Festa, a fim de tomar conhecimento dos trabalhos preparatórios da mesma e nos dias mais próximos da sua realização, restringiu-se, essencialmente, aos três dias em que decorreu. (p. 84) Mal o ano de 2005 começou, voltaram as preocupações para a incansável Comissão da Festa em honra de Nossa Senhora Rosário de Tróia; era tempo de começar a preparar a Festa, quer a parte litúrgica a cargo da paróquia de S. Sebastião, quer a parte pagã a cargo da Comissão. Foi necessário reunir com muitas entidades, programar variadíssimos aspetos práticos ligados ao evento, elaborar o programa, enfim, um trabalho de dedicação e também muita devoção que faz com que esta Festa seja um acontecimento marcante na Cidade de Setúbal. Para anunciar a Festa de Tróia com alguma antecedência, foram elaborados cartazes que foram afixados em vários locais públicos da cidade, para que as pessoas tomassem conhecimento dos dias e do programa. Na segunda quinzena de Julho, já o Jornal de Setúbal noticiava a Festa, referindo o programa e introduzindo alguns dados históricos sobre a mesma. (...) Uma semana antes da festa, uma fanfarra, constituída por um pequeno grupo de músicos partiu da igreja de S. Sebastião a tocar os seus instrumentos animadamente, acompanhados por um membro da Comissão da Festa, com o objetivo de se fazer uma coleta e também para recordar às pessoas que os dias da festa se aproximavam. Com a devida antecedência os andores de Nossa Senhora de Tróia e dos Santos que a acompanham foram deslocados da capela da Caldeira de Tróia para serem enfeitados, indo depois para a igreja de S. Sebastião, onde foi			

realizada uma preparação espiritual nos dias 18, 19 e 20 de Agosto terminando, neste último dia, depois da missa. O tríduo em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia consiste na reza do terço durante dois dias e no terceiro dia uma missa em memórias dos pescadores falecidos. (p. 85) No interior da igreja de S. Sebastião encontravam-se as imagens dos santos, distribuídos pelos seus respetivos andores, ricamente ornamentados com flores, designadamente, a imagem de Nossa Senhora do Rosário de Tróia e dos Santos que a acompanham, permanecendo todos na igreja até à sua partida para a Caldeira de Tróia. A maioria das pessoas que participam nestas cerimónias são mulheres com uma idade considerável, algumas viúvas de pescadores e outras que sentem grande devoção pela Nossa Senhora de Tróia. A alvorada do dia 20 de Agosto fez-se anunciar ao som dos foguetes e dos morteiros, invadindo a cidade de Setúbal. Finalmente, chegara o dia da Festa. Pelas 15 horas deu-se início à missa por alma dos falecidos marítimos, estando presentes familiares dos mesmos, os devotos a Nossa Senhora de Tróia, algumas entidades, como por exemplo o Presidente da Câmara de Setúbal e alguns curiosos, enchendo a igreja de S. Sebastião. Algumas crianças trajavam vestes de pescador, de Nossa Senhora e de anjos. (...) Após terem organizado a procissão, prosseguiram para o cais, transportando aos ombros os andores com as imagens dos santos. A procissão foi muito participada e na sua passagem muitos eram os curiosos que vinham assistir. No cais a procissão era aguardada por muitas pessoas que ali se encontravam para se despedirem de Nossa Senhora de Tróia, bem como pelos barcos engalanados que aguardavam os andores para os transportar para a Caldeira de Tróia. As imagens foram colocadas nos barcos que, anteriormente, tinham sido selecionados por sorteio para as levarem. E, assim, entre o som das sirenes dos barcos e o adeus de imensos lenços brancos, abalaram para Tróia (...) A praia encontrava-se repleta de tendas, as pessoas cumprimentavam-se efusivamente e com alegria estampada nos rostos, tinha começado a festa			
---	--	--	--

	ali. (...) Ouvia-se música por toda a Caldeira, que era transmitida de uma roulotte colocada na praia para fazer animação. No recinto da festa havia também uma esplanada e um bar ambulante que serviam aqueles que não tinham preparado o jantar. À noite, por volta das 21 horas, no interior da capela, rezou-se o terço em louvor de Nossa Senhora. Eram as mulheres, poucas, aquelas que ali se encontravam, demonstrando grande devoção. Cá fora, ouvia-se o terço transmitido pelos altifalantes espalhados pela praia. Quando acabou o terço deu-se início ao arraial, que se realizou junto à praia, num palco ali existente. Muitas foram as pessoas que bailaram até de madrugada; jovens, adultos e até crianças, extravasando a sua alegria. Contudo, foi curioso verificar que as pessoas que ali se encontravam não eram as mesmas que tinham antes estado a rezar na igreja; essas estavam no acampamento, conversando com os amigos e familiares. No dia seguinte, dia 21 de Agosto, acordou-se bem cedo ao som de foguetes e morteiros. (...) Foi preparado o recinto para a missa, que realizou por volta das 10 horas, precisamente no lugar onde na véspera se tinha realizado o baile. Foi improvisado um altar e foram trazidas as imagens de Nossa Senhora e dos respetivos Santos e, já com a presença dos (p. 87) Bombeiros, o recinto foi vedado, havendo uma única passagem para quem quisesse participar na celebração. (...) Foi uma cerimónia muito bonita, onde se demonstrou a devoção daqueles que estão ligados à vida do mar. (...) Terminada a eucaristia, organizou-se a procissão, que prosseguiu pela praia, junto à beira-mar. Na procissão, iam as imagens dos santos sobre os ombros de alguns homens, mulheres e jovens, os estandartes com as imagens dos santos, as crianças devidamente trajadas de pescadores e de anjos, mulheres que transportavam uma rede onde eram depositados donativos para ajudar às despesas da Festa, o padre, ao acólitos, o coro que ia entoando cânticos dedicados a Nossa Senhora, a fanfarra dos bombeiros e grupo musical de Sarilhos Grandes e os restantes fiéis que participaram na missa. (...) A Comissão da Festa e os varinos tinham improvisado um enorme estrado coberto com uma mesa toda à volta, ali almoçando todos juntos com os seus convidados, entre eles os padres que presidiram à parte religiosa da festa,			
--	--	--	--	--

	o Presidente da Câmara de Setúbal e a Vereadora da Cultura, o Comandante da Capitania e muitos outros que quiseram participar na festa. Após os varinos, já sem a presença dos convidados, demonstraram a sua alegria fazendo brincadeiras, dançando e encenando cantorias e galhofas que divertiram todos aqueles que ali permaneciam. O grupo musical andava pela praia entoando músicas, sendo perseguidos por crianças e por algumas pessoas (...) (p. 88) À tarde, realizaram-se jogos na praia, entre eles a caça ao pato. (...) À noite, por volta das 21 horas rezou-se, novamente o terço e, após este, deu-se início ao arraial com outro baile muito participado, apenas interrompido à meia-noite para o fogo-de-artifício que se realizou na praia. (...) Encostados aos barcos, as famílias unidas olhavam embevecidas e espetáculo, ouvindo-se apenas exclamações de espanto perante a beleza da cor. Em homenagem ao padre da paróquia que estava de saída para outro local, fez-se um fogo preso com a sua imagem e lá estava também a imagem de Nossa Senhora, explodindo em cor e estrondo dos foguetes. Quando acabou ouviu-se uma grande salva de palmas (...) O último dia da Festa alvoreceu ao som dos foguetes e morteiros. Às 10 horas celebrou-se, novamente, missa, mas, desta vez, dentro da capela. Os santos já se encontravam na rua, junto ao muro que circunda a ermida (...) Dentro da igreja apenas se encontrava a imagem de Nossa Senhora. (...) (p. 89) O resto da manhã foi ocupado pela distribuição dos prémios aos barcos engalanados e sorteram-se os barcos que levaram a Nossa Senhora e os Santos no círio. Este acontecimento, realizado junto à roulotte da animação musical, ia sendo anunciado pelos altifalantes espalhados pela Festa. O almoço desse dia, para além dos convidados do dia anterior, contou também com a presença do Senhor Cardeal Dom José Saraiva Martins, o que honrou muito a Comissão e os varinos presentes. (...) Por volta das 17 horas, as imagens de Nossa Senhora e dos Santos foram retiradas da ermida e levadas em procissão para os barcos. As pessoas juntaram-se a elas, enchendo os barcos até não caber mais ninguém. Depois, organizou-se, então, o círio, começando a ouvir-se as sirenes a tocar. Finalmente, os barcos zarparam da Caldeira de Tróia, num imenso círio onde, aos barcos de pesca, se juntaram muitos outros barcos de recreio. Ouvia-			
--	--	--	--	--

	se o som de foguetes e muitas buzinas das embarcações. Na frente da procissão fluvial ia o barco que levava a imagem de Nossa Senhora, sendo seguido por todos os outros (...) O círio seguiu a praia de Tróia a caminho do Sanatório do Outao (...) A primeira paragem, como é tradição, foi no Sanatório do Outão. As varandas estavam já repletas de doentes, enfermeiros e médicos e outro pessoal, acenando com lenços brancos. Foram benzidos os doentes e o círio seguiu para a cidade de Setúbal. (...) Eram, talvez, milhares aqueles que vieram esperar o círio, apinhando-se em certas zonas (...) Parecia que a cidade tinha aberto os braços para receber a Santa de Tróia e os pescadores. Faz-se outra paragem em frente à Senhora do Cais para saudar a padroeira dos pescadores da cidade. (...) Foi um momento único de exaltação religiosa e, ao mesmo tempo, repleto de tradição. (...) o círio dirigiu-se ao cais das “Fontainhas”, onde desembarcaram parte das pessoas e, após um discurso religioso (...) as embarcações com a Nossa Senhora e os Santos voltaram para a Caldeira de Tróia. O momento da nova chegada a Tróia nunca é comentado na comunicação social. No entanto, para alguns varinos, é um momento especial. É o momento de terem a Nossa Senhora só para si. (...) São eles os guardiões dos símbolos desta Festa. (p. 91)			
Comunidades piscatórias	Em Setúbal, coexistem ainda duas grandes colónias de pescadores: uma fixada na freguesia de Nossa Senhora da Anunciada (arrabalde de Troino) e outra na freguesia de São Sebastião (Fontainhas). A colónia de residentes da sua existência que datam do século XIII, tratando-se possivelmente de um pequeno grupo de pescadores pobres, pois não foram incluídas as suas casas e os seus bens no interior das primeiras muralhas que foram construídas para defender a vila de Setúbal. A colónia de pescadores que se fixou nas Fontainhas é mais recente e localizava-se a oriente do espaço urbano mais antigo. Com o desenvolvimento da vila de Setúbal e o crescimento demográfico, estes dois grupos de pescadores foram crescendo separados, num primeiro momento pelas velhas muralhas do século XIV e depois por pequenas rivalidades, quer da arte de pesca, quer pelos santos de devoção diferentes. (...)			

	foram os pescadores de Troino os responsáveis pelas grandes capturas de sardinha (...) utilizando barcos cada vez maiores, e pescando no mar. Por seu lado os pescadores das Fontainhas pescavam fundamentalmente no estuário do rio Sado, dedicando-se à captura de linguado, do salmonete (p. 67) do choco e de outras espécies estuarinas com as suas pequenas embarcações. Esta comunidade veio a ser reforçada pela vinda de uma grande colónia de pescadores da Murtosa (Aveiro) que, com os seus “varinos” veio povoar o rio Sado. (...) muitos saveiros (tipo de embarcação) eram pintadas de preto com alcatrão e breu para isolar as juntas do barco, contudo eram as cores vivas que faziam com que os barcos se conhecessem ao longe no mar. (p. 68)			
Entrevistas realizadas	• Armando Oliveira (Presidente da Comissão De Festas) • Padre Álvaro Teixeira (ex-pároco da Igreja de São Sebastião) • Pescadores de 4 comunidades piscatórias (Varinos, Troino, Faralhão e Comporta) • 3 Mulheres religiosas Varinas que participam na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia • 4 Participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia			
Conclusão	Pretendeu-se com este trabalho de seminário testar a hipótese de que a continuidade da Festa de Tróia não se prende com o número de embarcações pesqueiras, mas sim com redes de socialização e os padrões culturais que passaram de geração em geração. (...) Conclui-se que a principal função que a Festa cumpre é a de coesão social entre o grupo de pescadores de Setúbal. (...) Quanto ao aspeto dos padrões culturais no processo de socialização a que estiveram sujeitos os participantes nesta Festa e que poderão sustentar a continuidade da mesma no futuro (p. 137) (...) comprovando que os padrões culturais se transmitiram através de sucessivas gerações até aos nossos dias. (...) A transmissibilidade da cultura e da tradição às gerações descendentes é também verificada na relutância à mudança, constituindo exemplo disso a passagem da Doca das Fontainhas para a Doca dos Pescadores, fato mal aceite pelos pescadores varinos, pois a proximidade das casas ao cais das embarcações constituía um costume e uma tradição antiga herdada dos			

antepassados, uma relação de proximidade e ao mesmo tempo de segurança. (...) A rivalidade existente entre as comunidades piscatórias Varina e de Troino mostra bem que, apesar de se ter diluído ao longo do tempo, na sua forma mais visível, ainda existe, na atualidade, de forma mais contida. É comprovada pelo fato de não acamparem juntos na praia e por continuarem a mostrar significativas diferenças nos hábitos alimentares próprios das suas culturas de origem. Até mesmo na forma como vivem a religiosidade são diferentes, tal como as artes de pesca que dominam. O pescador varino diz-nos que aquilo os distingue e que constitui a rivalidade atualmente são as suas culturas de origem. Este é um aspeto que comprova que os costumes, os hábitos e a tradição se têm mantido até à atuais gerações. Também a recusa em aceitar a ideia de que a Festa um dia poderá acabar, mostra que os valores culturais e de tradição ligados à Festa se encontram profundamente enraizados naqueles que a organizam. Conclui-se, também, que esses mesmos valores se alargaram (p. 138) às outras comunidades de pescadores e mesmo à cidade, pela forma como têm vindo a aderir à Festa, demonstrando que é nesses valores que terá de assentar a continuidade futura da mesma. Conclui-se que um dos principais aspetos que demonstra a passagem da cultura entre as sucessivas gerações (...) terem herdado dos familiares, de várias gerações, a sua profissão; a um pai pescador sucedeu um filho também pescador. (...) a visão das mulheres varinas sobre a Festa e o seu papel na passagem das tradições e da sua cultura entre as várias gerações (...) As práticas religiosas e o cuidar da capela e dos Santos foi herdado ao longo do tempo pelas mães que anteriormente procediam da mesma forma (...) a sua religiosidade é também herança cultural. Nasceram e foram criadas temendo pela vida dos pescadores, tecendo práticas de reza e costumes herdados há muito pelas mães e pela necessidade de apelo ao divino, na esperança de assim ajudarem os familiares a suportar os perigos do mar. Também as práticas ligadas à preparação religiosa da Festa demonstram uma tradição cultural há muito repetida e o simbolismo que envolve a chegada		
---	--	--

	do Círio é a demonstração de uma cultura que tem sobrevivido à passagem das gerações. Outro aspeto de grande relevância que mostra a necessidade de manter a cultura varina, prende-se com a chegada de Nossa Senhora a Tróia depois de realizado o Círio do terceiro dia da Festa. (p. 139) A Festa de Tróia é um meio privilegiado para a interação com os outros. Desde muito pequenas, as crianças varinas participam nesta Festa interiorizando os valores transmitidos pelos pais, mas também por uma grande família que é constituída pela comunidade, pois todos se conhecem. (...) A aprendizagem da profissão de pescador na Escola de Pesca da Casa dos Pescadores e o fato dos professores serem homens do mar que lhes ensinaram os saberes e as artes antigas, demonstra a existência de uma socialização secundária que foi muito importante para a decisão de ser pescador. Também o fato de, desde muito pequenos, terem contato com as lides da vida de pescador, prova uma rede de sociabilidade e uma sociabilização que desempenharam um papel decisório para o ingresso na vida do mar. (p. 140) O próprio trabalho de pescador no mar, junto com os outros pescadores, num isolamento próprio desta profissão, levou a que se criassem laços de sociabilidade que justificam a falta de rivalidade existente em terra entre os Varinos e os pescadores de Troino. A motivação demonstrada pelo pescador varino para a manutenção da continuidade da Festa, denota a existência de redes de socialização muito fortes que lhe inculcaram a necessidade de lutar pela Festa e pela sua preservação. As mulheres varinas tiveram desde a mais tenra infância uma ligação muito forte com a vida da pesca, traduzida na relação familiar com os pescadores, desenvolvendo práticas herdadas pelas outras mulheres da família, herança essa que, na sua socialização, foi tão forte que a devoção religiosa que as liga à Festa se manifesta quase uma obrigação à qual não podem faltar. (...) No que respeita às práticas religiosas e profanas como fator de coesão social entre aqueles que participam na Festa de Tróia (...) (p. 141) A religiosidade dos pescadores faz-se sentir pela enorme necessidade de apelo ao divino, perante os perigos eminentes da vida do mar e pela solidão que a			
--	--	--	--	--

	atividade da pesca traz a estes homens. No mar estão sozinhos à mercê das forças da natureza, contudo, a crença em algo superior a eles mesmos, fá-los sentir seguros de que voltarão salvos para junto das suas famílias. No entanto, para outros pescadores essa religiosidade faz-se notar de outra forma, na crença a Deus, ou na superstição qe que a sua ligação à Santa de Tróia trará mais sorte na apanha do peixe. (...) a religiosidade traduz-se numa relação muito pessoal que o pescador tem com o divino. A religiosidade da Festa dá-se pela coesão social que necessitam para se apoiarem no mar, têm em comum uma experiência de vida dura e de perigos. A Festa é um agradecimento pela vida, mas, ao mesmo tempo, é a razão que os liga uns aos outros no mesmo grupo, por isso valorizam tanto o convívio e a camaradagem que gozam neste evento. (p. 142) É a coesão social resultante das práticas religiosas da Festa, bem como todo o simbolismo religioso que ela encerra, pois são os seus barcos que transportam os Santos e que fazem o círio, que os faz a vida no mar. Por isso, no mar não cabem rivalidades, ali são todos iguais e frágeis, logo é muito importante a sua missão. Nas mulheres, esta religiosidade aparece pela necessidade de proteção aos seus familiares, mas reveste-se de práticas mais institucionalizadas, a missa e os terços. (...) A família e as relações de vizinhança que se desenvolvem na Festa são garante da continuidade da mesma, sendo uma tradição cultural que, em cada ano, é transmitida a todos aqueles que vão tomando contacto com a Festa. Os valores da Festa já não se encontram apenas naqueles que organizam a Festa, os varinos, mas alargou-se a todas as comunidades de pescadores de Setúbal e à própria cidade que reconhece o valor da tradição cultural da Festa, identificando-se com ela e nela participando. (...) A probabilidade da sua cultura ser transmitida é grande, o que garante que os valores da Festa serão transmitidos às gerações futuras. Em conclusão, poderá perspetivar-se que a continuidade da Festa não será influenciada pela crise da pesca que poderá diminuir o número das suas embarcações, mas que esta (p. 143) continuidade se deve ao fato de se basear nas redes de socialização e nos padrões culturais que foram sendo transmitidos			
--	---	--	--	--

	de geração em geração, perpetuando-se no futuro. (p. 144)			
Bibliografia e fontes específicas sobre Festa/Setúbal	PINHO, Jaime; SILVA, Carlos; GONÇALVES, Fernanda, Entre Urzes e Camarainhas – As Festas da Arrábida e de Tróia. Setúbal, Autores e Estuário Publicações, 1992 QUINTAS, Maria da Conceição, Setúbal – Economia, Sociedade e Cultura Operária – 1880-1930. Lisboa, Livros Horizonte, 1998			

Trabalhos académicos sobre a Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia	Seminário de Investigação “Festa dos Pescadores em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Sua Tradição Religiosa e Cultural – Universidade Moderna/Setúbal - 2005	Relatório Estágio Profissionalizante “Os Varinos de Setúbal” Marta Isabel Rosa Dias Ferreira – FCSH/UNL – 2007 Capítulo V – Festa de N^a S^a do Rosário de Tróia, pp. 99 - 118	Relatório Estágio Académico “A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia” – Purificação Pereira – Universidade de Évora - 2009	Trabalho de Projeto “Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: Estudo de um tempo liminar – Maria Miguel Cardoso – FCSH/UNL - 2012
Um pouco de passado...		A Península de Tróia localiza-se numa região privilegiadas pela envolvência do Sado e do mar, que lhe conferem características únicas. Os extensos areais brancos das praias, culminam em dunas onde se encontram uma vaga de vegetação formada por diferentes espécies – camarinhas, giestas, murtinhos, pinheiros, urzes. Estas dunas integram a Reserva Natural do Estuário do Sado. A fauna é riquíssima englobando diversas espécies de peixes, bivalves, aves aquáticas, répteis, mamíferos – coelhos bravos, lebres -,		

		entre outros. A origem do nome por que é conhecida é ainda hoje um mistério. Entre os séculos I d.C. e V – VII d.C. este local, conhecido por Ilha de Acála, foi cenário do maior complexo industrial romano no Ocidente. Ao longo desse período de tempo foi edificado um complexo conserveiro, onde se desenrolava uma intensa produção de conservas e caldos de peixe que, com uma aplicação gastronómica diversificada, eram exportados via Mediterrâneo (na expressão dos Romanos “Mare Nostrum”) até aos diferentes domínios do Império Romano. O garum, obtido a partir da fermentação e do maceramento das vísceras às quais se adicionavam diferentes espécies de ervas aromáticas, era um molho muito apreciado usado na condimentação dos alimentos e atingia preços elevadíssimos. Ânforas e vasilhas mais pequenas acondicionavam este preparado para que pudesse ser comercialmente exportado. Os tanques de salga de peixe são um dos vestígios ainda hoje visíveis. No entanto, e para além de um conjunto de infraestruturas relacionadas com a atividade de produção, foi ainda descoberta uma área habitacional com características dos povoados (p. 99) luso-romanos, ou seja, habitações, termas, uma basílica paleocristã de quatro naves, columbário e necrópole. Na obra “Festas, Feiras e Romarias – Percursos na Costa Azul”, os autores colocam a hipótese dos habitantes da ilha terem sofrido influência de novos cultos religiosos originários do Mediterrâneo oriental, como o culto a Mitra e o Cristianismo, uma vez que se verificaram alterações nas práticas funerárias. Ao invés da incineração (ainda praticada no séc I d.C), passaram a adotar a prática da inumação. Descobriram-se igualmente, sarcófagos com representações de Mitra, datados do séc. III d.C. com elevada qualidade artística pelo que podem refletir a adesão à nova religião por parte dos grupos sociais mais abastados (Duarte, Pereira e Gonçalves, 1997:29). Com a entrada em declínio do complexo industrial, séc. V-VI, Tróia deverá ter sido habitada por pescadores que, influenciados por práticas cristãs, procediam ao enterramento dos seus mortos nos grandes tanques	
--	--	--	--

		quadrangulares e retangulares das fábricas desativadas. Tal como afirmam autores, a partir do séc. VIII não foram encontrados dados que permitissem inferir uma manutenção do caráter sagrado do local (Duarte, Pereira e Gonçalves, 1997:30) Os vestígios deixados pela presença romana suscitam um interesse de que Jaime Pinho em “Entre Urzes e Camarinhas” nos dá conta. A Sociedade Anónima das Investigações Arqueológicas de Cetóbriga tentou, ainda no séc. XIX comprar o local, à época propriedade de Morgado Cabral, que organizava caçadas onde marcava presença a família real, D. Carlos e D. Amélia (1888, séc. XIX). D. Carlos, inclusive, demonstrou algum interesse nesses vestígios. De igual modo, Joaquim Sotto Maior, que em 1922 se tornou proprietário da região, mobilizou esforços para que se desenvolvessem escavações, no entanto estas só tiveram início em 1948 na zona do cemitério, onde ocorreu o primeiro levantamento de ossadas. A partir dos anos 60, as escavações passaram a ser protegidas de pilhagens. Pinho refere-se igualmente às transformações introduzidas por Sotto Maior, entre as quais, a plantação de um extenso pinhal (acácias, choupos, eucaliptos, nogueiras pretas, pinheiros mansos e bravos, ulmos, entre outras espécies) e o início de plantações agrícolas – bata, feijão e vinha, e posteriormente o arroz, cuja cultura se consolidou na (p. 100) na região, pelas condições favoráveis da zona aluvial da Comporta. A caça passou também a ser proibida na região (Pinho, 1992:92)		
A origem da imagem, a origem da festa		Jaime Pinho (1992) esclarece-nos acerca das lendas que se criaram em torno da origem da imagem . A Mais comum conta que a imagem teria sido encontrada na praia por pescador que ao recolhê-la, construiu juntamente com os seus camaradas a capela de Tróia. Pinho transcreve ainda a notícia d’“O Setubalense” de 5.7.1948, que atribui o aparecimento da imagem ao naufrágio de uma embarcação de longas viagens. Este tipo de navios transportava invariavelmente uma imagem a bordo. Assim, tripulantes e a santa teriam dado à costa. Existem notícias da existência de uma ermida em Tróia em 1482. A Fundação Calouste Gulbenkian publicou em 1969 a “Visitação da		

	Ermida de Nossa Senhora da Tróia”, que integrada na ordem de Santiago, data de 1510. Nesta, capela e utensílios religiosos são descritos minuciosamente (Pinho, 1992:68) A festa é pela primeira vez mencionada em 1707, num documento de Frei Agostinho de Santa Maria. Esta realizar-se-ia a 15 de Agosto, com a participação dos moradores de Setúbal, devotos da imagem da capela de Tróia, que o mesmo autor descreve como uma povoação antiga e em ruínas (Pinho, 1992:68). Em 1758, as Informações Paroquiais respeitantes ao pároco de São Sebastião dão-nos de que a capela de Tróia se encontrava sob a sua regência que se realizavam e que se realizavam anualmente duas festas em Agosto, uma de camponeses e uma de marítimos (Pinho, 1992:69). A imagem de Nossa Senhora de Tróia permanece 45 anos na Igreja da Boa Morte, de 1853 a 1898, devido à degradação da ermida. É precisamente em 1898, o ano da reconstrução da igreja que a imagem regressa à sua “casa”, noticia-o “O Elmano” a 24.09.1898. A mesma publicação informava, dias depois, a realização de uma festa de (p. 101) pescadores varinos, em que a missa tinha sido rezada pelo pároco de Melides. Esta associação a um grupo social específico surge pela primeira vez referenciada. Em conjunto com “A Folha de Setúbal”, “O Elmano” faz no ano seguinte o anúncio da festa e em 1901 e 1902 o jornal (O Trabalho” executa essa tarefa (Pinho, 1992:69). Entre 1902 e 1929, há uma grande omissão da imprensa local em relação à festa, facto que Jaime Pinho imputa à dependência que a festa tinha do pároco de Melides. De 1946 em diante tornam-se frequentes as notícias sobre a festa. A festa parece mesmo ter tido um interregno entre 1928 e 1945, data em que a sua realização é retomada pelos quatro sacristãos da cidade, entre eles, João Afonso Lopes (mais conhecido por João Sacristão), sacristão da Freguesia de São Sebastião. É desta forma que a Paróquia de São Sebastião assume a realização das práticas religiosas da festa, enquanto os restantes preparativos, ligados ao lado pagão da	
--	--	--

		festa, continuam da responsabilidade das comissões de pescadores (Pinho, 1992:78) (...) Maria Alzira Lopes, (mais conhecida por “Maria Travessia”), falou-me muito da festa ou não fosse ela muito devota a N^a Sra do Rosário de Tróia e também sua aia (A aia tem a seu cargo a imagem, a conservação desta. O vestuário é lavado e engomado. A Aia é igualmente responsável pelos materiais das eucaristias e pela ornamentação dos andores das imagens que vão na procissão), tendo mencionado o primo João, o mesmo João Sacristão, varino, que juntamente com os restantes três sacristães da cidade retomou festa “(...) eu tinha um primo que era sacristão, que era o João (...) fui começando a acompanhar a festa da nossa senhora de Tróia, porque depois o meu pai foi mordomo muitos anos, o meu irmão, o mais velho seguiu também o meu pai e o meu irmão “Zé da Gaia” também. Esse ainda hoje dá a sua ajuda para a Senhora da Tróia”. Chegada à década de 60, a Festa de Nossa Senhora de Tróia sofreu alterações e a procissão deixou de passar por cima das ruínas de Cetóbriga que, tal como referi anteriormente, passaram a ser alvo de escavações de uma forma mais sistematizada. (p. 102)		
Antigamente era assim		O movimento das marés definiu desde sempre a realização da festa da N^a S^a do Rosário de Tróia, festa de marítimos e das suas famílias. De igual modo, a sua organização manteve-se da responsabilidade de uma Comissão, cujos integrantes eram pescadores. (...) A angariação de fundos fazia-se no seio da comunidade varina e os pescadores contribuíram com a maior parte do financiamento. Acompanhada de uma banda de músicos, a comissão percorria os bairros, tentando reunir mais fundos e publicitando a festa. Anúncios na imprensa local, cartazes afixados junto dos locais frequentados pelos pescadores e sobretudo o “boca a boca” completam o conjunto de meios usados na divulgação da mesma (Pinho, 1992.78). Cabia igualmente à comissão requerer junto da Capitania e dos proprietários da região as autorizações para o cortejo marítimo e para o		

	acampamento no espaço da festa, respetivamente. Encarrega-se também de todos os preparativos, organizava os jogos e as atividades lúdicas e agia de forma a minimizar e colmatar qualquer distúrbio (Pinho, 1992:79). Os participantes acampavam no local, mais conhecido por Caldeira de Tróia, durante dias, montando barracas feitas com os mastros do barco tal como me contou Encarnação Pateiro. (p. 103) (...) Também pernoitavam nos saveiros aplicando-lhes um toldo para servir de abrigo e tanto nas barracas como nas embarcações usavam mantas no chão para se deitarem e mantas para se cobrirem. Os xales das varinas também eram usados para o mesmo fim como nos conta Jaime Pinho (Pinho, 1992:72). Havia uma clara divisão sexual do trabalho: os homens entreajudavam-se na montagem das barracas e pescavam (...). Na caldeira a maré vazia propiciava a apanha de algum marisco, sobretudo a ameijoia e o berbigão. (...) As mulheres preparavam as refeições e comiam juntos (Pinho, 1992:76). (...) A bebida, especialmente, o vinho tinto, assumia um papel fundamental na Festa, estando disponível para todos, homens, mulheres e jovens, pois as bebedeiras eram (p. 104) encaradas com grande permissividade (Pinho, 1992:77), o que ilustra claramente e de forma inequívoca como a Festa, se constitui como um momento que quebra a rotina diária e cede lugar a comportamentos tidos como excessivos no quotidiano, mas aceites num determinado tempo e espaço, como este, o da Festa. (...) Detenhamo-nos então nos momentos de lazer, na alegria e convívio entre os participantes. Durante o dia, decorriam vários jogos no areal da praia, como o “puxar a corda” que no seu testemunho sobre a festa, Maria da Conceição pareceu recordar com saudade (...). Com a mesma nostalgia, pareceu Encarnação Pateiro recordar as brincadeiras em que gritavam pregões caraterísticos de algumas atividades como a venda de tremoços e a venda de leite.	
--	---	--

	O “pau ensebado”, cujos participantes se esforçavam por subir, tentativa após tentativa, perante as gargalhadas e as piadas jocosas dos que assistiam, era das brincadeiras mais divertidas. (p. 105) Tal como Jaime Pinho afirma, esta festa “é, na sua essência, uma festa de pescadores, então é fácil compreendermos que grande parte das brincadeiras seriam feitas no “rio”, isto é, na Caldeira.” (Pinho, 1992:71) Dessas brincadeiras, conta-nos, faziam parte as corridas de bateiras que contavam com a participação de três homens e três mulheres em barcos separados (dois nos remos e um no leme) e a corrida dos patos. Estes eram lançados à água e cabia aos bons nadadores, persegui-los a nado. Os patos ficavam para quem os apanhava (Pinho, 1992:71). As crianças jogavam com as bolas de trapos, à semana (é o equivalente ao “jogo da macaca” dos tempos de hoje), brincadeiras transportadas do espaço do bairro, do dia-a-dia. O jogo dos sacos, exclusivo da festa, fazia sucesso entre as crianças e os jovens. (...) os participantes aproveitaram para passear pela praia, para conversar aqui e ali e visitarem as barracas uns dos outros, para tomarem banho (tomavam banho vestidos) mas também para recolher madeira e pinhas para as fogueiras que se faziam à noite. Era em volta destas que os serões se passavam, como que dotadas de um efeito congregante. As fogueiras iluminavam o local, desprovido de iluminação elétrica. Todos comiam e bebiam, cantavam acompanhados pelos que dominavam um instrumento (acordeão, gaita, guitarra, viola), fossem elas cantigas ao desafio ou cantigas religiosas, que assim marcavam presença no lado profano da festa, para além de cantadas na missa, nos barcos, na procissão. Faziam bailes de roda, dançavam o Vira, conversavam (Pinho, 1992:70). (...) (p. 106) Apesar da festa e da situação de acampamento proporcionarem uma maior liberdade entre os jovens e constituírem um momento muito oportuno para a aproximação entre os dois sexos e frequentemente do início do namoro, os adultos e casados, os pais (...) vigiavam e impunham regras de forma a manter o controle e a evitarem situações que pudessem pôr em causa honra das jovens solteiras. (...)	
--	---	--

		A importância da festa, cuja realização era ansiada durante todo o ano, decorria do fato de se estabelecer como um momento único de homenagem a N^a S^a de Tróia, e de união entre os devotos. No lado mais profano da festa, a animação dos participantes, as rodas, bailes, jogos e brincadeiras; as conversas mais sérias, mas também as mais trocistas, as cantigas serão a dentro, a comensalidade coletiva, promoviam e consolidavam o (p. 107) convívio e a partilha, reforçando as relações afetivas e sociais e sobretudo o sentimento de comunidade. (p. 108)		
A festa hoje – Observação participante		Hoje em dia a festa reveste-se de um outro dinamismo e atrai participantes que já não fazem parte de famílias de pescadores. As grandes dificuldades vividas pelos marítimos são observáveis através do aumento do número de abate dos barcos, o que acaba por se refletir na festa. Hoje em dia, o cortejo marítimo tem cada vez menos embarcações de pescadores. A festa sofreu ao longo do século passado alterações, que passaram pelo alargamento das cerimónias religiosas, pela realização de um baile com grupo musical atuar ao vivo à noite, pela introdução de algumas infraestruturas no espaço da festa que são hoje indispensáveis, como por exemplo, os altifalantes espalhados pela praia. Estes são cruciais na animação da festa e geram um efeito aglutinador nos participantes, já que é através deles que se fazem as emissões da Comissão de Festas, que desenvolve uma espécie de mini concursos, incitando as pessoas à participação e interação constantes. Não podemos esquecer que a festa de Tróia conta atualmente com centenas de pessoas, muitas desconhecidas entre si. Há no entanto o que se pode designar de “núcleo duro”, que são famílias que, anos após ano marcam presença até aos dias de hoje. A atual Comissão de Festas (da Comissão de Festas fazem parte três famílias estudadas, a Lopes, Oliveira Silva Sousa) é constituída por cinco elementos: José Maria Lopes, David Lopes, Orlindo da Silva Sousa Rendeiro, Aníbal Caboz e Armando Oliveira (presidente). Destes cinco elementos apenas os três primeiros são pescadores, enquanto que Aníbal Caboz e Armando Oliveira são filhos de pescadores. Importa salientar que		

		a comissão que outrora só integrava homens, teve há alguns anos atrás um (p. 108) elemento feminino – Inês Oliveira (filha de Armando) era secretária. Fato inédito na história desta comissão, mas parece refletir as mudanças socioculturais que o país sofreu. Armando Oliveira é para muitos o verdadeiro dinamizador da festa e o responsável pela sua revitalização. Há quinze anos atrás entrou para a comissão como tesoureiro e dois anos depois transformava-se no seu presidente. Movimenta-se no tecido social como ninguém, tendo uma rede de conhecimentos muito alargada. Muitos dos apoios obtidos para a revitalização da festa, sobretudo ao nível das altas instâncias nasceram produto do seu esforço e da sua capacidade para contornar burocracias. (...) São necessárias autorizações para a utilização do espaço público, para lançar o fogo-de-artifício, para acampar nos terrenos da Sonae. Esta última tarefa torna-se complicada pela limitação do número de campistas no espaço. Por outro lado é necessário decidir aspetos mais práticos da festa como que embarcações irão transportar as imagens até à Caldeira. As verbas são um problema constante, já que uma festa desta envergadura envolve despesas avultadas e os subsídios das Câmara Municipais de Setúbal e de Grândola são insuficientes para fazer face às despesas. As ações de angariação de fundos junto de setubalenses anónimos, e das casas comerciais, e o peditório realizado na semana anterior à festa pelo bairro das Fontainhas e Santos Nicola, são fundamentais. Ainda assim, os que mais contribuem para a festa são os pescadores. A comissão de festas confiante na importância beleza de que a festa se reveste tem por hábito convidar algumas individualidades. Num dos anos anteriores esteve presente o Cardeal de Roma Saraiva Martins e todos os anos, marca presença o Comandante da Capitania do Porto de Setúbal e Sesimbra, ou não fosse ela uma festa de pescadores. (...) (p. 109) (...) em Setúbal foi celebrada uma missa por alma dos marítimos falecidos. (...)	
--	--	--	--

		A preocupação com os que já partiram para outro mundo é de tal forma premente que surgiu a ideia de erigir um Monumento ao Pescador Desconhecido em homenagem a todos os marítimos, mas também aplacar alguns sentimentos dos familiares dos pescadores desaparecidos que se viam impossibilitados venerar postumamente os seus entes queridos. (...) O monumento foi aprovado e vai ser construído no cemitério de Nossa Senhora da Piedade. Voltando à festa, após a missa seguiu-se a procissão da igreja até Tróia feita com o acompanhamento musical da charanga e dos bombeiros até à dica das Fontainhas, onde as imagens foram colocadas nos barcos e rumaram a Tróia. A viagem terá durado apenas trinta minutos. Todo o percurso foi emocionante. À chegada encontrámos um aglomerado de tendas e de pessoas completamente instaladas. O transporte das imagens e das pessoas até terra implicava a passagem para pequenos botes e através deste pisámos o areal de Tróia. (p. 110) (...) No espaço da comissão encontrava-se parte da família Lopes – o casal Lúcia e “Zé da Gaia” que prestavam grande ajuda na preparação das refeições servidas aos convidados da comissão, incluindo o Padre Victor Portugal, pároco da freguesia. (...) O recinto era explorado por um bar e uma pequena banca de venda de artigos de vestuário, chapéus, bonés. Também não tinha sido esquecida a assistência médica e o fornecimento de água aos campistas. Uma ambulância e um carro de bombeiros permaneciam no local ininterruptamente, para cumprir essas funções. Também não foram esquecidos os wc portáteis que espalhados pelo espaço, asseguravam as necessidades mais básicas. O transporte do local era assegurado por uma camioneta que partia do ferry-boat para o local e vice-versa. Para além da camioneta, apenas os veículos que faziam a assistência aos organizadores da festa e os veículos dos seguranças privados que faziam a vigilância do recinto eram permitidos. (...) Ainda no sábado rezou-se o terço e a partir das dez horas começou o baile. A este acorriam sobretudo os mais jovens, mas também	
--	--	--	--

		alguns casais e entre os presentes alguns indivíduos alcoolizados. (p. 111) (...) Outros inda aproveitaram a baixa-mar da manhã para passarem para o outro lado da caldeira e vice-versa, porque do lado onde nos encontrávamos há um número limite de campistas, imposto pela Sonae, e os que excedem esse número ou não obtêm autorização para acampar junto da Comissão de Festas que atribui um determinado espaço a cada família, vêem-se obrigados a acampar na outra margem. Algumas pessoas aproveitaram também a baixa-mar para apanhar algum marisco, como exemplo, berbigão e búzio. (...) Algumas pessoas aproveitaram a maré vazia se virem abastecer com água potável, que como já referi anteriormente era fornecida por um carro de bombeiros. Nesse dia estiveram presentes os Bombeiros de Sesimbra, os Bombeiros de Grândola e uma ambulância do Pinhal Novo. As manhãs começavam também com as emissões da cabine de som da Comissão de Festas, que estavam entregues a Graciano, locutor de rádio. As emissões passavam sobretudo música popular portuguesa, e alguma estrangeira, de língua anglo-saxónica, mas também espanhola, como os Gipsy Kings, mas sem nunca esquecer o hino do Vitória de Setúbal. A cabine de som, situada junto da tenda da Comissão funcionava como uma espécie de ponto de encontro e as atividades lúdicas desenvolviam-se aí preferencialmente. Tinha uma espécie de rubrica ao estilo do “peça que toca” em que os participantes podiam pedir uma música e deixar uma dedicatória; distribuía brindes e ofertas da Comissão de Festas e apelava aos participantes que minimizassem ao (p. 112) máximo a poluição que a situação de acampamento de centenas de pessoas do local cria inevitavelmente. Frases como esta ouviam-se repetidamente – “Não esquecer que junto da cabine de som temos sacos plásticos, não coloquem o lixo no chão, se não tiverem sacos plásticos por favor venham busca-los.” (Graciano, locutor da cabine de som) (...) Nessa manhã realizou-se a Eucaristia Solene em honra de N^a S^a	
--	--	--	--

		do Rosário de Tróia, seguida da procissão pelo areal, que para algumas das minhas entrevistadas, são o ponto alto da festa, no que se refere às celebrações religiosas. A assistirem estiveram algumas individualidades importantes como o Diretor Geral das Pescas, Eurico Monteiro e o Comandante do Porto de Setúbal e Sesimbra, Crespim de Sousa. Álvaro Teixeira Antunes, um dos anteriores párocos da freguesia de São Sebastião, fez questão de estar presente. Depois de almoço começaram as atividades lúdicas, como a caça ao pato que acompanhámos dentro de um pequeno barco a motor que fazia a assistência aos nadadores participantes. Um dos patos atravessou a caldeira até à outra margem e foi apanhado quase em terra. O outro foi apanhado quase à saída da caldeira por um elemento da família Lucas. (p. 113) Ao final da tarde domingo procedeu-se à pontuação dos barcos engalanados (...) para no dia seguinte serem atribuídos os troféus. As refeições tornavam-se momentos privilegiados de conversa e convívio. Depois do jantar tivemos a notícia de que haveria uma procissão de velas com o intuito de se unirem a milhares de cristãos que se encontravam em Fátima na peregrinação do 13 de Agosto. O fogo-de-artifício à meia-noite revestiu-se de grande espetacularidade. Na segunda-feira de manhã, as mulheres participaram numa caça ao pato, aproveitando a baixa-mar e ainda antes do almoço distribuíram-se os prémios dos barcos engalanados. Nas embarcações com mastro ficou em primeiro lugar a embarcação “Nabo”, seguida da embarcação “Mãe do Mar” e “Dois Amores”, respetivamente segundo e terceiro lugar. Nas embarcações sem mastro, venceu a “Leninha”, em segundo lugar ficou a “Cinco Estrelas” e terceiro “Rio Azul”. (...) Não tentámos fazer entrevistas aos nossos interlocutores, fomos observando e conversando aqui e ali. (...)	
--	--	--	--

		À beleza natural da região, aliaram-se mais de meia centena de barcos engalanados que, repletos de pessoas, faziam uso das suas buzinas ao longo de todo o percurso, anunciando a sua passagem. (p. 114) (...) paragem, obrigatória , junto do Hospital do Outão onde doentes, alguns acamados acenavam à imagem foi comovente. A chegada a Setúbal foi deveras impactante pelas centenas de pessoas que esperavam o círio ano longo de toda a zona ribeirinha. O cortejo parou junto da Nossa Senhora do Cais onde o aglomerado humano era ainda maior. (...) (p. 115)		
Sagrado e Profano, lado a lado		A fé religiosa, a devoção à imagem de N^a Sra de Tróia, desde a sua origem, razão principal da realização da festa. No início do século, as celebrações religiosas resumiam-se à missa de domingo na capela e à procissão pelo areal, ou seja, ao único dia de festa. Com o alargamento da festa aos três dias, sábado, domingo e segunda-feira, as celebrações estenderam-se igualmente. No presente, nas noites de sábado e domingo reza-se o Terço em louvor a N^a S^a do Rosário de Tróia e realiza-se uma Santa Missa na manhã de segunda-feira, último dia de festa e dia do cortejo marítimo. Entre as minhas entrevistadas encontrei testemunhos nos quais percebemos a importância e imprescindibilidade desses momentos, o que vai de encontro aos testemunhos recolhidos no passado por Jaime Pinho em “Entre Urzes e Camarinhas” (...) (p. 115) A pesca é uma atividade que ainda hoje encerra grande perigo. Tal como Pinho afirma, “Esta religiosidade encontra as suas raízes nos constantes riscos em que o mar colocava os pescadores, agudizados pela fragilidade dos saveiros e pelo isolamento e solidão provocados pela pesca (...) Desta relação de dependência de um elemento natural mais forte que eles – o mar -, os pescadores eram levados a um maior aprofundamento da sua religiosidade, tanto mais que as embarcações e os apetrechos ligados à pesca eram mais frágeis e a tornavam mais perigosa. A origem nortenha dos varinos, tradicionalmente mais religiosos que a gente do sul, terá contribuído também para manter a fé da		

	comunidade” (Pinho, 1992:75). Acrescentando, a precariedade das condições a bordo das embarcações e sublinho a relação dependência que esta comunidade mantinha e ainda mantém ao mar ao mar, e que faz com que perante um temporal os pescadores chamem por Nossa Senhora, do mesmo modo que o fazem em terra ao pedirem o fim do vendaval, ansiosos por regressar às suas embarcações para poderem voltar ao mar e trazerem o sustento das suas famílias. (...) A fé parecia amparar pescadores e suas famílias numa realidade marcada pela incerteza e pela morte. Esta festa foi desde sempre palco das demonstrações de fé e de agradecimento dos pescadores e das suas famílias. As promessas eram uma constante na festa. (...) (p. 116) (...) o pagamento de promessas era feito de diversas formas, nomeadamente, através do transporte dos andores na procissão, sobretudo o de N^a Sra do Rosário de Tróia, o mais pesado e o maior em virtude do tamanho da imagem. A noção de sacrifício está aqui patente. (...) Outras formas de pagamento são as doações de imagens para a capela, a oferta das vestes (vestido branco e manto azul) - Os Cânones religiosos definem rigidamente qual o vestuário da imagem da santa. N^a S^a do Rosário de Tróia deve vestir vestido branco e manto azul (...) – e adornos da imagem, como a cabeleira e a coroa. “Maria Travessia”, aia da N^a Sra e a sua filha, Lurdes (comprada em Fátima) à imagem, assim como, o vestido e o manto. Também em 2006, houve quem promettesse o financiamento das flores do andor de N^a Sra do Rosário. De fato, todas estas práticas se mantêm hoje em dia, à exceção dos crentes prenderem dinheiro ao manto da imagem. A igreja católica intercedeu diretamente nesta questão, desaconselhando essa prática. Em virtude do pagamento das promessas, o número de imagens que acompanha a de N^a S^a de Tróia na procissão foi aumentando ao longo dos anos. Hoje em dia, o cortejo integra mais oito imagens, para além de N^a S^a: Sagrado Coração de Jesus, Mártir de São Sebastião,	
--	--	--

		Menino Jesus de Praga, Anjo da Guarda, Nossa Senhora da Conceição, São Pedro, São José e São Vicente. (...) Nesta festa, sagrado e profano parecem coexistir pacificamente, com momentos claramente definidos. A procissão que percorre o areal de Tróia constitui-se como um exemplo claro, pois atualmente nem todos os participantes da festa privilegiam o cariz (p. 117) religioso da festa, pelo contrário, mas não interferem nas celebrações. Estas são transmitidas através dos altifalantes instalados ao longo do espaço da festa. No entanto, a noite, momento por excelência da folia, do baile e de alguns excessos, foi este ano tomada por uma procissão de velas. Dia 12 de Agosto, domingo, realizou-se pela primeira vez uma procissão de velas como forma de união a milhares de cristãos que se encontravam em Fátima na peregrinação do 13 de Agosto. A ideia da procissão surgiu ainda durante o dia de domingo e não reuniu consenso entre os devotos. As críticas prenderam-se com a falta de organização e com o fato das velas usadas (feitas por encomenda em Fátima). Estarem destinadas à missa da manhã do dia seguinte, e de fato segunda-feira não haviam velas. (p. 118)		
Entrevistas realizadas		Não tentámos fazer entrevistas aos nossos interlocutores, fomos observando e conversando aqui e ali. Entrevistadas (Maria da Conceição, Maria Alzira Lopes, Lurdes Lopes, ...) Histórias de vida: Lurdes Lopes, Zé da Gaia, Rosa Almeida, Orlindo Sousa, Júlia Oliveira, Encarnação Pateiro, Armando Oliveira, Álvaro Pateiro		
Conclusão		(...) Focado na comunidade varina de Setúbal, este estudo englobou passado e presente, permitindo-nos perceber as transformações sofridas ao longo de décadas e fazer uma pequena antevisão do seu		

		futuro. Esta comunidade caracterizava-se por estreitas redes familiares e de vizinhança e por uma endogamia social e geográfica, ancorada num espaço que se estendia do bairro das Fontainhas ao bairro Santos Nicolau, este último palco privilegiado do estudo desenvolvido. Todos se conheciam e o controle social fazia-se sentir. Com ele, um sentimento de segurança e proteção, que hoje se perdeu. Fatores como o sucessivo falecimento dos moradores mais idosos, a construção de novos fogos no bairro, inclusivamente prédios de habitação, a procura de residência por parte dos jovens, e consequentemente novos moradores, contribuíram para que o bairro sofresse alterações estruturais que produzem hoje em dia nos habitantes que pertencem à comunidade varina e ainda residem nesse espaço, uma saudade do passado. Esse passado faz parte da memória coletiva da comunidade – as brincadeiras de infância na barreira e nas ruas do bairro, as rodas em volta das fogueiras, os bailes, as cantigas ao desafio, numa clara apropriação do espaço público. (...) (p. 130) As indústrias conserveiras extinguíram-se na região e a pesca, a outra principal atividade de subsistências destas famílias, encontra-se numa crise que se arrasta há décadas. Se a vida de pescador era difícil no século passado, atualmente não o é menos. (...) Com os poucos rendimentos que vão obtendo nesta atividade torna-se complicado subsistir e ir renovando os equipamentos das embarcações. Investimentos desse tipo tornam-se cada vez mais inviáveis, o futuro é incerto e os pescadores são uma classe cada vez mais envelhecida. O abate dos barcos tornou-se assim, num fenómeno crescente. A Festa de N^a S^a do Rosário de Tróia, festa de pescadores e das suas famílias, que se assume como expressão máxima da religiosidade desta comunidade ressent-se cada vez mais com esta realidade. (...) As histórias de vida recolhidas neste estudo são fruto das memórias individuais dos interlocutores, baseados num passado vivido na primeira pessoa. (...)	
--	--	---	--

		As memórias e o entendimento que cada indivíduo tem da realidade produzem necessariamente discursos e verdades diferentes. (...) (p. 131)		
Bibliografia e fontes específicas sobre a Festa/Setúbal		ABREU, Maurício, 1988, A Indústria Conserveira em Setúbal: Retratos, Setúbal, Museu do Trabalho/Câmara Municipal de Setúbal ALHO, Albérico Afonso Costa, 1998, Cronologia Geral da História de Setúbal (1249-1910), Escola Superior de Educação de Setúbal DUARTE, Ana; VICTOR, Isabel, 2000, Alguns Aspetos da Indústria Conserveira em Setúbal, Setúbal, Câmara Municipal DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando António Baptista; GONÇALVES, Luís Jorge, 1997, Festas, Feiras e Romarias – Percursos na Costa Azul, Edição: Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul PAIXÃO, António Cavaleiro, As Ruínas de Tróia, Disponível em http://troiaresort.com/cultura/ruínas.htm PINHO, Jaime et al, 1992, Entre Urzes e Camarinhas: as Festas da Arrábida e de Tróia, Setúbal: Estuário QUINTAS, Maria da Conceição, 1998, Setúbal: Economia, Sociedade e Cultura Operária (1880-1930). Lisboa, Livros Horizonte. SANCHIS, Pierre, 1992, Arraial: Festa de um Povo. As romarias portuguesas, Lisboa: Publicações Dom Quixote SARAIVA, Clara, 2002 “Introdução Geral” in Festas e Tradições Portuguesas, Rio de Mouro Círculo de Leitores e Autores SEGALEN, Martine, 2000, Ritos e Rituais, Mem-Martins, Publicações Europa-América SILVA, José Custódio Vieira da, 1990, Setúbal, Lisboa, Editorial Presença. SOARES, Joaquina, 1989, “Alguns aspetos da produção do espaço urbano de Setúbal de 1920 a 1930” in Movimento Cultural, IV, nº 6, Setúbal, Edição dos Municípios de Setúbal SOARES, Micaela, 1991, “Varinos” in O Trabalho e as Tradições Religiosas no Distrito de Lisboa, Lisboa: Governo Civil de Lisboa Sites consultados:		

		http://www.cm-murtosa.pt http://maps.google.com http://www.mun-setubal.pt http://www.troiareort.com http://webcarta.net		
--	--	---	--	--

Trabalhos académicos sobre a Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia	Seminário de Investigação “Festa dos Pescadores em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Sua Tradição Religiosa e Cultural – Universidade Moderna/ Setúbal - 2005	Relatório Estágio Profissionalizante “Os Varinos de Setúbal” Marta Isabel Rosa Dias Ferreira – FCSH/UNL – 2007 Capítulo V – Festa de N ^a S ^a do Rosário de Tróia, pp. 99 - 118	Relatório Estágio Académico “A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia” – Purificação Pereira – Universidade de Évora - 2009 Breve apresentação histórica sobre a ocupação da zona da Caldeira na Tróia, pp. 6-8 A Ermida de Tróia, pp. 8-14 Nossa Senhora de Tróia e as Festas efectuadas em sua honra, pp. 14-20 A festa antigamente, p. 21 A Festa na actualidade, pp. 22-25 Distinções atribuídas à Comissão de Festas da N^a. S^a. Rosário de Tróia, p. 26 Os varinos, pp. 31-33 Património Imaterial, pp. 41-43 Consulta pública de Avaliação de Impacte Ambiental da UNOP4 de Tróia, pp. 47-49	Trabalho de Projeto “Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: Estudo de um tempo liminar – Maria Miguel Cardoso – FCSH/UNL - 2012
Breve apresentação histórica sobre a ocupação da zona da Caldeira na Tróia			O estuário do rio Sado pela riqueza em peixe e abundância de sal sempre foi um local que, naturalmente, foi apreciado para se habitar tendo como motivação central a exploração dos seus recursos naturais. A Península de tróia fica localizada no Concelho de Grândola, e é uma faixa de areia na margem esquerda do estuário do Sado que tem cerca de 17Km de comprimento e mais ou menos 1,5Km de largura. A Caldeira de Tróia é rodeada por dunas e por zimbrais e pinhais, entre outra vegetação invasiva. Na maré baixa a zona da Caldeirada fica a descoberto, observando-se o solo que é composto por areais e lodaçais, sendo	

		bordejada por vegetação de sapal. Durante o Inverno procuram refúgio nesta área cerca de duas mil aves aquáticas. Foi ocupada pelos Romanos entre os séculos I e V-VI da nossa era, que ali desenvolveram um complexo industrial de preparação e conserva de peixe. O espaço habitacional e de armazenamento era constituído por edifícios de rés-do-chão e alguns tinham, também, primeiro andar. Estes formavam quarteirões separados por ruelas, teria um balneário, um columbario e imensas cetárias. Existe um templo paleocristão que, ainda tem vestígios de pinturas murais. Na necrópole que foi explorada pelo arqueólogo Manuel Heleno, foi possível distinguir diferentes épocas: século II sepulturas por incineração, meados do século III túmulos de inumação e numa camada mais superficial campas da época medieval. (p. 6) É, provável, que em Tróia tivesse existido uma feitoria Fenícia, antes dos romanos ali se instalarem, esta suposição é baseada num caixão de chumbo, que ali foi encontrado, em 1814, e que conteria objectos fenícios. O Professor Manuel Heleno faz algumas considerações a este respeito chegando à conclusão que essa hipótese é provável, tendo em conta que o rio Sado servia para o escoamento de minérios provenientes do Alentejo. Gaspar Barreiros e André de Resende, autores quinhentistas, referem nas suas obras “Chorographia” e “Antiquitatibus Lusitaniae” que Tróia teria começado por se chamar Cetóbriga, que teria sofrido algum cataclismo que levou a sua população a abandoná-la. Estes dois autores mencionam as ruínas de casas submersas, que no século XVI ainda deviam ser bem visíveis sob as águas do rio. Dos documentos conhecidos, o nome de Tróia aparece pela primeira vez mencionado em 1476 na Chancelaria de D. Afonso V. Estas ruínas sempre fascinaram o imaginário de escritores, arqueólogos, curiosos, homens do poder, como aconteceu em 1897 em que o Rei D. Carlos passou ali algum tempo a efectuar explorações. Em 1910, pela sua reconhecida importância para o património português, as ruínas de Tróia foram classificadas como Monumento Nacional por Decreto de 16 de Junho (p. 7) Em 1959 foi efectuada uma prospekção arqueológica subaquática no rio	
--	--	---	--

		Sado, sob a orientação do arqueólogo Manuel Heleno, o jornal O Setubalense desse ano tem um artigo sobre esta matéria em que é referido “em certas zonas, até 200 metros da margem de Tróia, verificaram a existência de ruínas de construções romanas, a profundidades que vão até aos 13 meros, sobretudo à entrada da chamada Caldeira... Estas e outras intervenções documentam a grande importância desta estação arqueológica, que nunca mereceu de quem de direito a dedicação merecida em termos de exploração científica continuada e metódica. Há alguns anos o IGESPAR e a IMOAREIA assinaram um protocolo para ali se desenvolverem estudos arqueológicos. Através do projecto UNOP4 de Tróia fica-se a saber que além das escavações arqueológicas, está projectado um Centro de Interpretação daquelas ruínas. (p. 8)	
A Ermida de Tróia		Sabe-se que em 1482 já existia a Ermida de Tróia devido a um documento encontrado na Chancelaria de D. João II, em que refere que o filho do ermitão de Tróia teria sido morto por Nero Nogueira “...Sabede que Pero Nogueira, escudeiro de Dom Goterre, morador e a ujlla de São Tiago de Cace, nos enuyou dizer que e a dita ujlla matará hu Afonso Vaaz, filho do ermytam da Troya, per rrezã da qual morte elle fora presso per nossa mãdado”. Segundo o Padre Álvaro Teixeira o que se refere neste documento é corroborado pela existência de um elemento arquitectónico, ainda hoje (p. 8) existente na capela “...existe ainda o arco da porta que separa as duas pequenas sacristias da capeta actual, num gótico tardio, de finais do século XV e que certamente integrava a arquitectura da capelucha de então.” A capela de Nossa Senhora do Rosário de Tróia foi construída sobre as ruínas romanas e foi visitada em 1510 por D. Jorge, filho de D. João II, e Mestre da Ordem de Santiago. Segundo Pedro Azevedo nesta nesta desconhecia-se quem teria sido o seu fundador, pois seria costume mencioná-lo nas visitas, o que não se verificou no que se refere a esta ermida. Este documento é muito rico devido à descrição que faz da capela, dos ornamentos, dos paramentos, dos vestidos de Nossa Senhora, das pratas, dos livros, dos círios e de outros objectos. Sobre a capela e o conteúdo do altar é referido o seguinte: o altar-mor	

		era de pedra e cal com um degrau, também, de pedra e cal, nos lados do altar teria dois capitéis grandes de Jaspe lavrados, onde se colocam os círios. No altar encontrava-se uma imagem de madeira pintada, com a coroa pintada de dourado e que tinha no colo o menino Jesus. Por baixo encontrava-se um retábulo de portas com a imagem de Nossa Senhora e de Santa Catarina. Perto encontrava-se outro retábulo pequeno com a imagem de Nossa Senhora e outro retábulo pequenino em pedra da Batalha com a imagem de Santa Catarina no meio. No mesmo altar encontrava-se, ainda, uma cruz com um crucifixo, um espelho de marfim com um pé muito rico, uma estante para o missal e dois castiçais de estanho. As paredes da capela-mor eram de pedra e cal novas e de boas madeiras de castanho novo. Metade da capela-mor estava ladrilhada com tijolo e a outra (p. 9) metade era de argamassa e tinha duas grades de pau de castanho de alto a baixo com uma porta que não estava posta de golfões e fechaduras. Tinha uma estante de oficiar as missas que estava em boas condições e era lavrada. As paredes do corpo da ermida eram de pedra e cal com cobertura de telha vã e o pavimento estava todo ladrilhado. Tinha uma pia de água benta em pedra lavrada, e não tinha mais nenhum altar. As portas principais eram fortes e boas com dois ferrolhos. Tinha um alpendre coberto com telha vã com ripas e madeira. Além da ermida existia a casa do ermitão, uma hospedaria, uma casa de lenha e uma estrebaria. A ermida não tinha rendas vivendo das esmolas dos confrades e de outras pessoas que queriam dar, também não tinha obrigação e dizer missas, embora tivesse "...de costume de mãdare dizer todallas oytovas de páscoa aa coarta feira, huua misa camtada do dinheiro das esmolas". Nesta época esta ermida tinha alguma notoriedade ao mais alto nível social, dos cinco paramentos referidos foram oferecidos pela Rainha D. Leonor. Entre os vestidos de Nossa Senhora estava um oferecido pela Duquesa de Coimbra mulher de D. Jorge. Entre os círios oferecidos está um de Álvaro de	
--	--	--	--

		Ataíde e dos do comprador do Mestre, Diogo Gonçalves. As alfaias, os ornamentos, os Têxteis, os livros, os ex-votos, as pratas, os círios e outros objectos religiosos pertencentes a esta igreja são, também, reveladores da sua grande importância nesta época. Por este texto ficamos a saber que já haveria uma forte ligação e devoção do povo de Setúbal à Nossa Senhora quando se refere a uma das suas vestimentas "...vestimenta de chamalote vermelho com sua alva de todo comprida já vssada. A qual se fez das esmolos do pouco desta villa de Setuall.", e à confraria "...sesemta e huu çirios que são a confraria de nossa senhora, nouos e bõs da vila de Setuual". (p.10) Esta era uma ermida de romagem pois são referidos ex-votos como pernas, braços, corações e olhos e grande quantidade de ofertas de círios de várias localidades do país. São povoações que se situam em zonas fluviais ou marítimas o que leva a supor que poderiam ser pescadores que se deslocariam ao longo da costa ou dos rios vindo pescando até ao estuário do rio Sado. Tróia era um local de refúgio onde se podia pernoitar na hospedaria, a chaminé permitiria que se aquecessem em noites frias. Também a oferta de círios por lavradores e a existência de uma estrebaria pressupõe que este seria um local de passagem das gentes de povoações como Carvalhal, Comporta, Melides, Grândola, Santiago do Cacém, etc., para Setúbal. Nesta época e, certamente, em épocas muito anteriores e posteriores a ermida de Nossa Senhora de Tróia era um local de convergência de marítimos, lavradores e outras pessoas que pretendiam atravessar o rio até Setúbal, sendo por isso muito conhecida. Devido à grande religiosidade da altura e a Senhora ser vista como protectora foi-se desenvolvendo uma enorme devoção à sua imagem. Na obra De Antiquitatibus Lusitaniae de André de Resende, publicada em 1593, este autor refere-se à capela de Tróia da seguinte forma: "A meio da cidade coberta pelas areias, está um templo antiquíssimo, o qual, mediante restauro, foi consagrado, à Virgem Maria pelos cristãos. Sobre o pórtico, distingue-se uma cabeça de carneiro, com seus chifres retorcidos, trabalho em	
--	--	---	--

		mármore e, diga-se a verdade, muitíssimo perfeito.” (p.11) A capela referida por André de Resende não teria sido restaurada, mas construída com materiais da antiga cidade romana. Como ao longo dos anos esta sofreu algumas intervenções é natural que a sua configuração e ornamentação inicial tenham sido alteradas, não se encontrando, presentemente, a decoração mencionada. No Santuário Mariano, de 1707, Frei Agostinho de Santa Maria refere a existência de um templo em Tróia o qual fazia parte da paróquia de São Sebastião em Setúbal. Na Memória Paroquial de 1758, o prior Manoel Pereira de Carvalho, diz que na capela de Tróia era dita missa pelo seu capelão, Padre Machário José Ferreira Nabo, todos os Domingos e dias Santos, para os pescadores da costa e do rio e para todos os navegantes católicos. Manuel Portela, no Diário Histórico Setubalense, menciona que em 1853 foi retirada a imagem de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, de uma ermida situada na margem esquerda do rio Sado que teria sido construída com materiais de um templo pagão. No Jornal O Districto de 7 de Novembro de 1897 vem publicada a seguinte notícia “Os pescadores devotos da imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, na Tróia, obtiveram licença para a reedificação da respectiva capella, que está muto arruinada. As esmolas não faltam e o proprietário d’aquelle vasto domínio, o sr. Morgado Cabral, ofereceu a madeira e pedra.” Esta é a primeira notícia conhecida sobre a capela depois que a imagem foi transferida em 1853. O mais provável é que nesta data se tenha retirado a imagem da ermida devido ao seu estado de abandono e degradação, permanecendo, assim, por um período de quarenta e cinco anos. Até que em 1897, por motivo desconhecido, os pescadores juntaram-se conseguindo licença para a sua reconstrução. (p. 12) Em 25 de Setembro de 1898 o Jornal O Districto menciona que as obras da reconstrução da ermida da Tróia tinham terminado. E que a festa da reinauguração se realizaria em Outubro. Em 16 de Outubro o mesmo jornal informa o seguinte “Realisou-se na quarta feira e não na terça, por não poder comparecer o reved.º prior de Melides, José Esteves Dias, a bênção da ermida”.	
--	--	--	--

			Outro jornal da época também noticia a reedificação e festa de reinauguração da ermida da Nossa Senhora de Tróia. No jornal O Elmano, de 10 de Setembro de 1898, existe uma notícia referente à reconstrução da ermida de Tróia, em 15 de Setembro o mesmo jornal refere que no dia 12 teria sido efectuada a bênção da capela que fora reedificada por uma subscrição de operários. A festa que estava anunciada para os dias 7, 8 e 9 de Outubro de 1898 foi adiada para o dia 16 por falta de despachos eclesiásticos, não sendo, também, realizada nesta data devido ao mau tempo, sendo finalmente efectuada no dia 22 desse mês. Há uns dez, onze anos a capela sofreu intervenções ao nível da cobertura e das paredes exteriores. As obras foram efectuadas pela Comissão de Festas e pelos pescadores das Fontainhas. Segundo os documentos apresentados a capela de Nossa Senhora de Tróia já existia em 1482, sendo provável que a sua construção fosse muito anterior a esta data, uma vez que nas visitas de 1510, passados apenas 28 anos, já não haveria memória da data da sua fundação e de quem a mandou construir. Esta ermida erigida em cima de uma antiga cidade romana, tem uma história de mais de quinhentos anos, durante este longo período foi submetida a (p. 13) algumas intervenções que foram alterando a sua arquitectura interior e exterior, no entanto, continua a desempenhar o mesmo papel para a qual foi construída. (p.14)	
Nossa Senhora de Tróia e as Festas efectuadas em sua honra			As informações sobre a Nossa Senhora de Tróia e as suas festas são escassas e com grandes hiatos entre elas. Por esta razão existem muitas dúvidas que, provavelmente, nunca serão esclarecidas. A partir da segunda metade do século XX as informações são mais frequentes e pormenorizadas, os testemunhos das pessoas da comunidade piscatória que começaram a participar na festa muito jovens, tem sido fundamentais para melhor conhecer e entender esta festa quer do ponto de vista religioso como social. A primeira referência que se conhece sobre a imagem de Nossa Senhora, vem mencionada na visita de 1510 “E no dito altar estaa huua Jmagem com ho mjinno Jhu, no collo e estaa alta e he de pao pyntado com sua coroa pyntada douro...”, por este texto ficamos a saber que esta imagem é	

		diferente da que hoje se venera, esta não tem menino Jesus no colo. Pode-se deduzir a partir do texto da visitação que esta Senhora seria muito venerada e considerada milagrosa, pois são mencionados diversos ex-votos, grande quantidade de círios, vestidos, paramentos, ricos ornamentos da capela e uma confraria que lhe era dedicada. A segunda referência conhecida data de 1707 e foi escrita pelo Frei Agostinho de Santa Maria na sua obra o Santuário Mariano "...Se conserva hum Templo dedicado a nossa Senhora, invocada de todos com o título da Senhora da Troya, nome certamente mais imposto das ruínas da antiga Cetobriga, que de alguma outra povoação, que tivesse semelhante nome. He esta Sagrada Imagem muyto antiga, & tem com ella grande devoção os moradores de (p. 14) Setúbal. A sua estatura he de hua mulher de boa proporção, não tem Menino em os braços, he de vestidos." É provável que a imagem referida pelo Frei Agostinho de Santa Maria seja a mesma que a atual ou muito parecida, também, é uma Senhora de grande proporção e não tem Menino Jesus. A Comissão Organizadora das Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia mandou restaurar a imagem, há uns seis anos, o restaurador que efetuou o trabalho referiu que esta era do século XV, e que por isso deveriam ter muito cuidado com ela. Esta imagem de estatura alta é de madeira maciça e apenas os braços são articulados. É através deste texto que se fica a saber que a festa já se realizava em 1707 "Festa (...) no dia da Assumpção da Senhora a 15 de Agosto.", e que os moradores de Setúbal tinham por ela grande devoção. Esta é uma festa que se efetua há, pelo menos, trezentos anos e embora esta tradição secular tivesse tido alguns períodos de interrupção, hoje está em pleno auge, além de funcionar como elemento congregador de relações entre a comunidade piscatória conseguiu chegar ao coração de todos os setubalenses. Nas informações Paroquiais de 1758 o Prior Manoel Pereira de Carvalho refere o seguinte "...Compreende mais a dita freguesia Seis Ermidas, ou Capelas Sufragancas a Saber a de Nossa Senhora dos Prazeres no Citio da Tróya..." Nesta data a ermida da Nossa Senhora de Tróia era dedicada a N^a. Senhora dos Prazeres, desconhece-se a causa da mudança da invocação e	
--	--	--	--

		como era esta imagem. Através desta memória paroquial ficamos, também, a saber que a imagem era muito milagrosa e que se celebrava no mês de Agosto duas festas: uma pelos hortelões e outra pelos marítimos. (p.15) Manuel Portela menciona que em 1853 teria sido transferida, para a Igreja do Senhor da Boa Morte de Setúbal, a imagem de N.^a Senhora de Tróia. Esta transferência ter-se-ia efetuado devido ao abandono e degradação da capela, que foi reconstruída 45 anos depois. Durante este período não se conhecem referências às Festas ou outros atos religiosos relacionados com a N.^a Senhora de Tróia. Em Novembro de 1897 o jornal O Districto informa que os pescadores devotos de Nossa Senhora dos Prazeres de Tróia conseguiram licença para a reedificação da capela. Havendo muitas esmolas para a sua reconstrução e que o senhor morgado Cabral, proprietário deste local, ofereceu a madeira e a pedra. O mesmo Jornal em 25 de Setembro do ano seguinte noticia que as obras de reconstrução da Ermida da Nossa Senhora de Tróia tinham terminado e que a festa se realizaria nos dias 7, 8 e 9 de Outubro. No dia 9 de Outubro este jornal referia que devido a atrasos nos despachos eclesiásticos a festa teria sido adiada para o dia 16. No Jornal de dia 16 de Outubro diz o seguinte “Realizou-se na quarta-feira e não na terça, por não comparecer o reved^o prior de Melides, José Esteves Dias, a bênção da ermida. Hoje, se o tempo permitir, sae o círio da igreja da Annunciada, com o andor de uma pequena imagem de N. Senhora de Tróia, em direção á igreja da Boa Morte, onde entra para receber a própria Imagem pertencente á ermida da Troia e que desde a ruína d’aquella ermida estava recolhida n’esta igreja. D’aqui segue ao caes, onde embarcará no Vapor Rio Sado, cedido para este fim pelo sr. António José Baptista. Chegando à Troia, há festa de igreja, por musica vocal e instrumental, sendo orador o (p.16) reverd^o padre Nabetto. De tarde e á noite arraiá, abrilhantando toda esta festividade a philarmnica Palmellense.” Por este Jornal ficamos a saber que a capela foi benzida no dia 12 de Outubro de 1898 e que da Igreja da Anunciada sairia um andor com uma	
--	--	--	--

		pequena Imagem da N.^a Senhora Tróia, que depois seria trocada na Igreja da Boa Morte pela Imagem pertencente à Ermida de Tróia a qual seguiria para esta localidade a bordo do Vapor Rio Sado. Fica-se, também, a saber que a festividade pagã seria abrilhantada pela Filarmónica Palmelense. O Jornal O Elmano, também noticia esta festa. No dia 19 de Fevereiro de 1898 refere que o compositor José Maria Corte Real estava compondo um hino intitulado Himno da Tróia, para a inauguração da capela em recuperação na antiga Cetobriga. No dia 10 de Setembro diz que se realiza no dia 2 de Outubro a festa da Nossa Senhora de Tróia em que além da cerimónia religiosa, haverá arraiais, musica, iluminação e passeios fluviais. No dia 24 de Setembro menciona que a Imagem regressa à capela, passado quase meio século, recentemente restaurada. O Elmano de 15 de Outubro informa que no dia 12 se tinha realizado a bênção da capela, onde estiveram presentes muitos pescadores da comunidade varina. Menciona o horário do Vapor que irá transportar o círio e as pessoas que o acompanham “O Vapor Sado faz carreiras a 150 réis, ida e volta. O horário é o seguinte: Sabbado – Partida: á 1 hora (círio) e ás quatro horas da tarde. Domingo – Partida: 10 horas da manhã e 1 e 3 e meia horas da tarde. Domingo – Regresso: ás 2 e 5 horas da tarde. Segunda-feira – Partida: ás 2 horas da tarde (círio).” A partir deste horário ficamos a saber que a festa começaria no Sábado e terminaria na Segunda-feira de tarde. Além disto é expresso claramente a grande participação dos pescadores da comunidade varina deduzindo-se, a partir desta e outras notícias, que teriam sido eles os impulsionadores e organizadores da recuperação desta Capela. (p.17) Devido ao mau tempo a festa não se realizou no dia 16 mas no dia 22 de Outubro de 1898, O Elmano de 26 de Outubro de 1898 refere que foram muitos romeiros aquele sítio pitoresco sobretudo no Domingo “N`esse dia, o vapor que partiu depois das 2 horas da tarde, e em que ia o sr. António José Baptista, e levava ainda, a reboque, uma barca carregada de gente.” O círio regressou na Segunda-feira de tarde e à noite houve arraial junto da Igreja da Boa Morte. A reinauguração da Ermida de Nossa Senhora de Tróia, além dos pescadores da comunidade varina, mobilizou algumas figuras importantes e	
--	--	--	--

		muitos outros setubalenses. (...) No ano seguinte a festa realizou-se, em Outubro mas a imprensa já não fez grande cobertura desta. O Elmano de 25 de Outubro de 1899 diz apenas que a festa será abrilhantada pela Sociedade Filarmónica União Setubalense. Entre 1899 e 1901 não foi encontrada nenhuma referência à festa, no entanto isto não quer dizer que a mesma não se tenha realizado. Em 1902 os jornais, O Elmano e O Trabalho voltam a falar da festa da Nossa Senhora do Rosário de Tróia, neste ano a festa realizou-se nos dias 2, 3 e 4 de Agosto, onde estiveram presentes muitas pessoas e o arraial foi abrilhantado pela banda dos Bombeiros Voluntários. Em 1904 o jornal O Trabalho refere que a festa de Nossa Senhora de Tróia se realizou nos dias 14 e 15 de Agosto. (p.18) Só voltamos a ter notícias da festa em 1919, que foi realizada no princípio de Agosto, através do jornal O Setubalense que diz que parte do valor apurado nesta reverterá a favor da Cruz Vermelha Portuguesa. Em 1997 o padre Álvaro Teixeira num texto intitulado Festa de N.^a S.^a do Rosário de Tróia – Expressão da Alma Varina que escreveu para a RDP diz o seguinte a respeito desta festa “Já mais perto de nós, entramos num período do qual pouco ou nada sabemos (...) No entanto, João Afonso Lopes (o João sacristão), homem bem informado e testemunha ocular, que após muitos anos da vida de pescador, exerceu o cargo de sacristão na igreja de S. Sebastião, afirma que a última vez que a festa foi feita foi em 1928 – tinha ele 14 anos – e que não voltou a fazer-se até que, em 1945, os sacristães da cidade, liderados por ele, retomaram a festa, a 15 de Setembro, presidida pelo Pe. Nabais, dos Missionários do Coração de Maria, organizando eles a festa até 1947. Em 1948, entregaram-na aos pescadores que a têm tido a seu cargo até aos dias de hoje.” As invocações da senhora da Ermida de Tróia, segundo o padre Álvaro Teixeira, foram alterando ao longo do tempo: Nossa Senhora de Tróia, Santa Maria de Tróia, Nossa Senhora dos Prazeres e Nossa Senhora do Rosário de Tróia, esta começou a ser utilizada depois de 1948 data do seu reinício. Nos jornais compulsados não se encontraram notícias referentes à Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia entre 1920 e 1945. Segundo informação encontrada no Setubalense de 1946 o cício da Senhora de Tróia recomeçou	
--	--	---	--

		nesto ano "...em ação de graças pela Paz, creou-se o Círio de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, que em tempos idos já existiu...". Neste novo círio a festa começou por realizar-se aos Domingos e Segundas-feiras. Este ano marcou o recomeço desta tradição, organizada pelos pescadores das Fontainhas, que se tem mantido regularmente até ao presente. (p.19) Neste período em que não se encontrou referências à Festa de Tróia, existem no entanto, notícias frequentes e extensas às Festas de Nossa Senhora do Cais na qual participavam os pescadores do Tróino e das Fontainhas. Em 1947 não foi encontrada nenhuma referência à festa, mas é provável que se tenha realizado, em 1948 volta a ser noticiada mencionando-se que foram muitos os romeiros que se deslocaram à capela em Tróia. Em 1950 a festa volta a fazer-se durante três dias. No jornal O Setubalense de 8 de Agosto de 1953 temos um programa completo da festa da Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Em 1954 e 1955 a festa é noticiada pelo mesmo jornal mas sem pormenores. Em 1955 faz-se a coroação de Nossa Senhora do Rosário de Tróia na Igreja de São Sebastião, momento registado pela câmara de Américo Ribeiro. Em 1959 a festa é noticiada dizendo-se que fora muito concorrida tanto pela parte religiosa como pela recreativa, em 1960 esta é referida mas sem grande destaque. Como só a partir da década de 1960 as ruínas romanas começaram a ser exploradas com algum cariz científico protegendo-se a zona da escavação, para evitar prováveis pilhagens. A procissão de Nossa Senhora do Rosário de Tróia que até esta altura se fazia passando por cima de parte das ruínas soterradas, começa a ser efetuada por um percurso um pouco mais afastado do usado tradicionalmente. (p.20)	
A festa antigamente		A festa começava a ser preparada em casa com o arranjo dos bens e da comida que era necessária para o acampamento de três dias na Caldeira. Normalmente levam-se animais vivos, como galinhas, para matar no Domingo que era o dia de se comer carne. O acampamento era feito de duas formas: tendas na praia que eram construídas com lençóis, colchas, mantas e com as velas dos barcos e choupanas que se faziam nos barcos.	

		As mulheres eram as mais sacrificadas pois tinham que preparar as refeições e cuidar dos filhos, no entanto podiam participar nos jogos, nas cantigas, nos bailes. No Domingo a festa começava com a missa e a procissão pela praia, durante a tarde dedicavam-se a jogos e brincadeiras como as regatas de saveiros, a corridas aos patos, a subida do pau ensebado, entre outros. A noite era especial acendiam-se fogueiras ao longo do areal e aproveitando-se o aconchego e a luz que proporcionavam conversava-se, cantava-se e dançava-se toda a noite. Uma das tradições da festa que se foi perdendo no tempo, mas que era muito apreciada, era o canto ao desafio ou desgarrada. Eram cantigas que se faziam ao despique entre dois participantes e que incidiam sobre os presentes, estas eram muitas vezes acompanhadas por tocadores de viola, guitarra, gaita-de-beiços ou acordeão. Este tempo de descanso e espaço coletivo proporcionavam a convivência e o aprofundar de amizades, assim facilitavam os conhecimentos entre rapazes e raparigas que aproveitavam a vigilância menos apertada para iniciar os namoros. Os pescadores e os seus familiares saiam da festa com ânimo renovado e boas memórias desses dias. (p.21)	
A festa na actualidade		Ao longo dos anos a festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia sofreu algumas alterações. Com base no que escrever o padre Álvaro Teixeira, Maria da Graça Silva, nos testemunhos orais de membros da comunidade varina e na observação direta efetuada em 2007, descreve-se os pormenores fundamentais desta festividade religiosa e pagã. As festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia começam a ser preparadas com alguns meses de antecedência. A Comissão organizadora prepara toda a parte burocrática e prática da festa que é trabalhosa e cansativa, mas no entanto é feita com amor e muita vontade. Esta é efetuada no mês de Agosto sendo a data e a hora da sua realização dependente das marés, devido à necessidade dos barcos de maior calado poderem entrar na Caldeira na tarde de Sábado e saírem na Segunda-Feira, também, à tarde e poderem voltar a entrar depois que o círio fluvial termina.	

		A Nossa Senhora e os Santos que a acompanham – Nossa Senhora de Tróia, S. Sebastião, S. Pedro, Sagrado Coração de Jesus, S. Vicente, S. José, Nossa Senhora da Conceição, Menino Jesus de Praga e o Anjo da Guarda – são transportados da Ermida de Tróia numa carrinha para Setúbal com algum tempo de antecedência (oito dias), com o objetivo de se prepararem os andores e a Imagem da Senhora ser devidamente vestida e ornamentada pela sua aia. Depois de preparada as imagens são levadas para a Igreja de São Sebastião, onde permanecem durante as celebrações que antecedem a festa. Nos três (p.22) dias anteriores à partida para a Ermida de Tróia é realizado um ritual religioso (tríduo), que se compõe da oração do terço durante dois dias e no terceiro celebra-se uma missa em memória dos pescadores falecidos. As cerimónias efetuadas na Igreja são acompanhadas, sobretudo, por mulheres com alguma idade que têm grande devoção pela Nossa Senhora, sendo elas, que principalmente, mantêm o caráter religioso da festa. Depois da missa a Nossa Senhora sai em procissão a pé até ao Rio Sado onde se inicia a passagem para a Caldeira de Tróia com todos os barcos engalanados. Os barcos que transportam as imagens foram anteriormente selecionados por sorteio. A Nossa Senhora tem de ir num barco grande, pois neste vai, os padres, os músicos e as entidades oficiais. As outras imagens podem ir em embarcações mais pequenas. Os que levam as imagens para a caldeira já não são os mesmos que as trazem. Quando chegam à Caldeira os Santos e a Nossa Senhora são colocados em barcos mais pequenos que depois os transportam até à praia junto de um edifício denominado Palácio. Este é um momento de magia único, as imagens que são retiradas, pelos pescadores, dos pequenos barcos que se balançam nas águas límpidas, a multidão que se junta para receber o cortejo, as vozes, a areia branca, o murmúrio do mar, os barcos enfeitados, as aves, a vegetação do outro lado da caldeira, a serra da Arrábida em pano de fundo, as cores alegres, o dia ensolarado, o ambiente carregado de um simbolismo centenário e sentimentos religiosos pintam um quadro de emoção que dificilmente se esquece. Depois que todos os Santos e a Nossa Senhora são retirados dos barcos inicia-se uma pequena procissão até à capela, onde o senhor padre faz uma	
--	--	--	--

		pequena alocução. À noite faz-se a procissão das velas que começou há dois anos (2007), numa altura em que a festa se realizou no dia 12 de Agosto, coincidindo com os festejos de Fátima, em cada ano existem mais pessoas a participar nesta cerimónia. (p. 23) Os pescadores e os familiares acampam na Caldeira para poderem desfrutar em pleno quer das cerimónias religiosas quer dos festejos pagãos. O convívio, o baile, os jogos, os comes e bebes, são rituais que se iniciam e se prolongam para os outros dias. No Domingo a alvorada faz-se ao som de alguns foguetes, durante a manhã celebra-se a missa campal num recinto frente ao Palácio, em cima de um palco coloca-se o altar (que era em forma de barco em 2007), está presente a Nossa Senhora e os santos que a acompanham e o recinto fica completamente cheio de pessoas para assistirem á eucaristia. Em seguida realiza-se a procissão ao longo da margem da Caldeira. O padre Álvaro Teixeira diz-nos que a “distância de percurso é determinada pelos barcos de pesca encalhados na areia”. Todo o cortejo da procissão é organizado e alinhado no recinto da missa: os andores transportados aos ombros, os estandartes, os músicos, os membros do clero presentes e a rede de pesca para as ofertas (antigamente as notas eram presas ao manto de Nossa senhora). Dá-se depois início da procissão pela praia e todos participam nesta cerimónia de uma singularidade impar. Depois do almoço convívio com as entidades oficiais, a tarde é passada entre brincadeiras e jogos como a caça ao pato, corrida de sacos, construções na areia, etc. Faz-se também, a votação dos barcos engalanados, este são apreciados por um júri constituído por pessoas que se encontram na Festa. Na noite de Domingo também se faz um baile e à meia-noite começa o fogo-de-artifício que dura à volta de vinte e vinte e cinco minutos, este é um momento muito apreciado por todos, depois o baile continua até às duas da manhã. (p.24) Na Segunda-feira está tudo mais calmo, pois muitas pessoas foram só passar o fim-de-semana, nestes dias chegam a estar na Festa cerca de dez mil pessoas. Durante a manhã é celebrada uma eucaristia por alma de todos os pescadores falecidos. Em seguida faz-se a entrega dos prémios aos barcos	
--	--	--	--

		melhor engalanados. Pelas duas horas e meia/três horas começa-se a preparar as imagens para o círio fluvial que dura à volta de uma hora, a este respeito o (pe. Álvaro Teixeira: 1997:8) refere o seguinte “Um Círio, propriamente, é o conjunto de atos duma romagem a um local de especial devoção popular. Mas, nas festa de N.^a S.^a de Tróia, o Círio toma a parte pelo todo porque se refere à última procissão pelo rio, integrada por todas as embarcações de pesca e recreio, presididas por uma delas em que vai a imagem de Nossa Senhora e cuja proa rasga as águas em primeiro lugar.” O círio formado pelos barcos dos pescadores e de recreio, dirige-se para o Hospital do Outão onde o senhor padre faz uma oração pelos doentes, os que podem encontram-se nas varandas à espera deste momento. Esta pequena cerimónia dura entre dez a quinze minutos, todos os barcos apitam e depois do adeus partem rumo a Setúbal. No percurso de regresso param por um omento em frente da Senhora do Cais para uma pequena prece (também esta imagem teve outrora grandes procissões em sua honra). Depois dirigem-se para o cais do Comércio onde são aguardados por grande multidão, após as orações e os agradecimentos faz-se o adeus e o círio regressa novamente à Caldeira. Faz-se uma pequena procissão até à capela onde se vão deixar Nossa Senhora e os outros santos. Nos dias seguintes a Comissão procede á limpeza e arrumação do recinto. (p.25)	
Distinções atribuídas à Comissão de Festas da N^a S^a Rosário de Tróia		Em 15 de Setembro comemora-se o dia de Bocage como o dia da Cidade e do Concelho de Setúbal. A Câmara Municipal promove uma cerimónia, durante esta efeméride, para homenagear publicamente personalidades e entidades que em diferentes áreas tenham contribuído para a dignificação da cidade e da sua população. Em 2001 foi atribuída à Comissão de Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia o Diploma de Mérito e a Medalha da Cidade na área de Atividades Culturais, em reconhecimento do grande contributo desta romagem para a vida turística e cultural de Setúbal. Na cerimónia de distinções a personalidades e entidades do distrito de Setúbal na Gala da Costa Azul de 2003 os elementos da organização das Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia foram agraciados com esta	

			distinção. (p.26)	
Os Varinos			Os pescadores da Zona da Murtosa que pescavam na ria de Aveiro, quando a pesca ali começou a escassear, deslocaram-se para outras zonas do país à procura de locais que tivessem mais recursos piscícolas. Para o rio Sado começaram por vir fazer temporadas durante o Verão. Nos finais do século XIX com o desenvolvimento da pesca e da indústria fixaram-se em Setúbal na zona das Fontainhas. Esta comunidade de pescadores começou por ser designada por ovarinos, esta denominação terá a ver com o fato de serem de perto de Ovar ou por causa da vara que era utilizada na condução dos barcos na ria de Aveiro. Mais tarde passaram a ser designados como varinos. Durante muito tempo mantiveram uma ligação muito próxima aos familiares que ficaram na Murtosa, deslocando-se lá sempre que era possível. A comunidade de pescadores que se fixou nas Fontainhas foi aumentando a partir de uma rede familiar que auxiliava outros familiares que queriam vir para Setúbal, com o objetivo de conseguirem uma vida um pouco melhor. Jaime Pinho descreve da seguinte forma a continuada vinda da população da Murtosa para Setúbal. “Ao longo de 1910-1930 continuavam a chegar murtoseiros a Setúbal, chamados pelos que já cá estavam, juntando família. Vinham de comboio, adultos e crianças, em grupos de 10 ou 15 para o bilhete sair mais barato. Os mais pobres faziam a viagem de pé, a pedir e a mendigar”. O Bairro foi crescendo em ruas estreitas e casas pequenas, onde as condições de vida eram muito difíceis. O aumento da comunidade levou à (p.31) necessidade de nas décadas de 1930 e 1940 começarem a instalar-se no Bairro Santos Nicolau. As mulheres trabalhavam nas fábricas de conserva ou eram peixeiras e os homens eram pescadores. As crianças também começavam a trabalhar muito cedo, devido à grande pobreza estas tinham que ajudar, apesar da sua tenra idade, o agregado familiar. A sua infância era passada nas fábricas de conservas onde estavam sujeitas a terríveis condições de trabalho e falta de segurança. Os rapazes e idade escolar começavam a ajudar os pais na faina do mar, assim a profissão do pai passava a ser também as dos filhos.	

			Os trabalhadores das fábricas de conservas estavam sujeitos a condições precárias de trabalho e a salários irrisórios, como atrás já foi mencionado. Os pescadores também tinham uma vida difícil e cheia de perigos, as embarcações não eram muito seguras e não havia meios para pedir ajuda no mar, quando se viam em situações de grave perigo restava-lhes apelar para as forças divinas, os varinos recorriam à Nossa Senhora do Rosário de Tróia, da qual tinham sempre uma imagem no barco. Esta comunidade antinha relações de vizinhança estreitas e devido às suas tradições e hábitos havia uma identidade cultural que os ligava, fortalecia e levava a que se protegessem entre si. A vida dura era compensada pela alegria que se vivia durante os bailes que se faziam nas ruas, pátios e praia, estes aconteciam sobretudo durante o verão. Antigamente havia alguma rivalidade entre os pescadores do Tróino e das Fontainhas, esta verificava-se por causa dos namoros, no entanto no mar eram todos iguais não havendo diferendos. Este antagonismo verifica-se apenas entre os homens, as mulheres começavam a conviver desde crianças, nas fábricas de conservas. As festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia eram um momento especial para os Varinos que eram muito religiosos e devotos da Senhora, Os três dias que passavam na Caldeira acabavam por ser umas mini férias para reunir (p.32) energias para enfrentar mais um ano de labuta, as convivências estreitavam-se e muitas vezes resolviam-se desacordos que existiam entre alguns membros da comunidade. (p.33)	
Entrevistas realizadas			• Armando Oliveira (51 anos, Presidente da Comissão das Festas) • D. Maria Alzira Lopes (81 anos, Aia de Nossa Senhora de Tróia) • D. Maria Lurdes Lopes Inácio (61 anos, filha da D. Alzira, veio ocupar o lugar da mãe) • Padre Victor Portugal (não foi possível concretizá-la) • Francisco Pita Pereira (65 anos, foi pescador)	
Património Imaterial			A Convenção para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial aprovada em Outubro de 2003 entrou em vigor a 20 de Abril de 2006 e foi ratificada por Portugal em 26 de Março de 2008 e tem como objetivos: a) A	

		salvaguarda do património cultural imaterial; b) O respeito pelo património cultural imaterial das comunidades, dos grupos e dos indivíduos em causa; c) A sensibilização, a nível local, nacional e internacional, para a importância do património cultural imaterial e do seu reconhecimento mútuo; d) A cooperação e o auxílio internacionais, no quadro de um mundo cada vez mais globalizado, que ameaça uniformizar as culturas do mundo aumentando simultaneamente as desigualdades sociais. Nesta Convenção definiu-se Património Cultural Imaterial como “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. O património cultural imaterial manifesta-se nos seguintes domínios: a) Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial; b) Artes do espetáculo; c) Práticas sociais, rituais e eventos festivos; (p.41) d) Conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza; e) Aptidões ligadas ao artesanato tradicional. As Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia e as tradições da comunidade piscatória das Fontainhas englobam-se na totalidade em todos os parâmetros definidos para o património cultural imaterial. O património imaterial é transmitido de geração em geração e recriado constantemente pelas comunidades e grupos em função do seu meio ambiente, da sua história, criando um sentimento de identidade e continuidade. A Comunidade de pescadores das Fontainhas tem uma identidade cultural que a particulariza e que a define como única no seio de outras. As suas tradições de raízes profundas têm a sua origem na população da Murtosa e nos seus usos e costumes, que foram trazidos pelos naturais desta localidade quando se deslocaram para Setúbal, à procura de melhores condições de vida. Estas tradições continuam a persistir hoje, embora com adaptações resultantes da evolução e modificação do seu meio ambiente e história. A memória coletiva de uma comunidade depende das transmissões efetuadas através da socialização de geração para geração. Esta realiza-se no repetir dos velhos rituais, na transmissão dos usos e costumes, no lembrar de memórias	
--	--	---	--

		passadas, nas ações e atos diários, no desenrolar de práticas sociais e ações religiosas e festivas. A comunidade varina possui uma identidade que lhe permite relembrar os seus antepassados e manter a sua memória coletiva. No entanto os seus descendentes estão a passar por novas formas de socialização (externas à comunidade) o que pressupõe a adaptação a valores culturais mais abrangentes, tendo como consequência uma menor valorização das tradições do grupo. (p. 42) Como a festa de Tróia é organizada e está intrinsecamente ligada aos varinos é inevitável levantar a questão, irão os jovens continuar as tradições dos seus pais? Relativamente a esta interrogação o que se verifica é que existe um desinteresse entre as camadas mais jovens pelas suas tradições. É possível, no entanto, que esta situação venha a alterar-se, podendo contribuir para isso a sensibilização destes jovens, e de todas as pessoas em geral, para a importância de que se reveste a Festa de Tróia a nível social, religioso, cultural e turístico para a região de Setúbal. O registo e divulgação do património imaterial deverão efetuar-se, também, com recurso às novas tecnologias. Estas permitem registos áudio e visuais que melhor documentam a nossa herança intangível. A Internet é um meio privilegiado para a difusão deste património pois permite o recurso a meios multimédia, que no seu conjunto possibilitam uma visão mais abrangente e realista deste património, abrangendo todos os segmentos de público e que se encontrem em qualquer lugar. Não consegue, no entanto, transmitir todas as vivências e emoções que uma participação presencial consegue captar. É, também, por isso que as tradições que se mantêm vivas devem ser preservadas e divulgadas para um grande número de pessoas as possam conhecer e vivenciar. Respeitando e valorizando um património imaterial que espelha a identidade de determinada comunidade ou grupo. Como a Internet é um dos meios de comunicação de eleição entre as camadas mais jovens, esta poderá ser utilizada como meio de sensibilização e valorização das Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia.	
--	--	--	--

		É dentro de um espírito de divulgação, registo e valorização das Festas de Nossa Senhora de Tróia que se propõe a criação de um site sobre este património cultural imaterial. (p.43) (...) Elaborou-se a proposta para o pré-programa do site levando-se em linha de conta que este deveria conter muitas fotografias e um filme sobre as festas. Partiu-se do princípio que as imagens são mais eloquentes que muitas palavras, e que em relação ao património cultural imaterial estas são fundamentais para uma melhor perceção da realidade que se pretende mostrar. (p.44) (...) A página para se manter apelativa deverá ser atualizada regularmente. Para que a página seja conhecida é importante fazer a sua divulgação, tanto através de outros meios de comunicação como os jornais e as rádios a nível local, regional e nacional, como na própria Internet. Tendo-se conhecimento que a Comissão de Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia se debate com dificuldades financeiras para a realização da Festa, não seria correto entregar-lhe um site que iria aumentar-lhes as despesas. O objetivo é conseguir o valor suficiente para liquidar o site, cinco anos de alojamento e algumas alterações que se prevejam necessárias. Este é um projeto que se prolonga muito para lá deste curto estágio, no entanto, todas as ações necessárias serão empreendidas para que seja possível a sua concretização. (p.46)	
Consulta pública de Avaliação de Impacte Ambiental da UNOP4 de Tróia		Tendo-se tomado conhecimento, no dia quinze de Dezembro, que estava a decorrer, até esse dia, a consulta pública referente à avaliação de impacte ambiental da UNOP4 de Tróia, no qual se insere a zona da Caldeira onde se realiza a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Foi enviada uma carta ao Presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, expondo a preocupação de não terem sido contempladas neste projeto as Festas de Tróia. Nesse mesmo dia, que era o último do prazo de consulta, tentou-se contactar o Presidente da Comissão Organizadora da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia e a Diretora do Museu do Trabalho Michel Giacometti, não foi possível estabelecer contacto por se encontrarem ausentes. No entanto,	

		como mais tarde referiu a Dra. Isabel Victor o Museu estaria disponível para empreender as ações consideradas adequadas nesta situação, após auscultação da Câmara Municipal de Setúbal. Entre 7 de Novembro e 15 de Dezembro esteve em consulta pública a avaliação de impacte ambiental do projeto de ocupação turística da UNOP4 de Tróia. No qual se insere a zona da Caldeira, o palácio e as ruínas de Tróia. Neste documento no capítulo “Objetivos e antecedentes” lê-se o seguinte “O objetivo do projeto é a concretização, no terreno, dos três principais objetivos do PU de Tróia. A salvaguarda dos recursos naturais e valorização do património natural e cultural”, a partir deste primeiro objetivo poderia deduzir-se que a salvaguarda e valorização do património diriam respeito, não só às ruínas e outras edificações antigas como, também, à Ermida e festa que se realiza em honra da Senhora de Tróia. (p.47) Este pressuposto pareceria realista e fundamentando devido a algumas ajudas que a Sonae tem proporcionado para a Festa e da garantia que tem transmitido, verbalmente, aos pescadores que esta seria mantida. No entanto, na página 7 deste documento no ponto “3.3.2 Hotel Palácio Sottomayor e Anexos” não existem nenhuma referências à Ermida ou à Festa. O que seria totalmente apropriado uma vez que a Festa se realiza precisamente em frente a este palácio e a Ermida fica na área de intervenção deste projeto. Além do Hotel que vai ser instalado no palácio projeta-se a construção de um Centro de Interpretação Arqueológico e Ambiental (este é um projeto fundamental de apoio aos turistas que visitam as ruínas). No entanto como se poderá conjugar uma Festa centenária com um tradicional acampamento de pescadores e familiares durante três dias, co um hotel de charme que certamente manterá esta zona exclusiva para os seus clientes. No dia 26 de Fevereiro de 2009 foi emitida a decisão do Secretário de Estado do Ambiente, Humberto Delgado Ubach Chaves Rosa, relativamente à declaração de Impacte Ambiental, a qual foi considerada favorável condicionada. A realização do projeto está sujeito a dezasseis condicionantes, entre elas encontra-se uma referente à Festa. Na condicionante número nove está expresso o seguinte “Garantia da realização da festa centenária de Nossa	
--	--	---	--

		Senhora do Rosário de Tróia, que se realiza durante o mês de Agosto e que é tradição dos pescadores acamparem nesta zona, durante os três dias em que a mesma se desenrola.” (p.48) Por enquanto parece estar salva a realização da Festa da Nossa Senhora do Rosário de Tróia e o acampamento dos pescadores das Fontainhas. A grande interrogação que surge neste momento é saber para onde irá a Sonae deslocar a Festa quando o hotel estiver pronto? (p.49)	
Conclusão		O principal objetivo deste trabalho, que era encontrar informação que permitisse um melhor conhecimento acerca das Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, parece ter sido atingido. Claro que há muitas interrogações que, ainda, ficam por esclarecer, isto deve-se à falta de documentação conhecida que as permitam clarificar e, também, à falta de tempo para aprofundar as pesquisas. (...) (p.49) O abate de barcos a falta de jovens pescadores, ainda, não afetam de forma visível as Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, mas num futuro relativamente próximo, podem vir a afetar. Primeiro – as leis cada vez mais restritivas levam a que a vida dos pescadores, já de si difícil, se torne insustentável, levando-os ao abate dos seus barcos com o objetivo de conseguirem alguns recursos financeiros. Foi o senhor Armando que alertou para este fato que é uma realidade vivida presentemente. Segundo – Mesmo que não se continuem a abater embarcações o envelhecimento dos pescadores e a falta de interesse dos jovens por esta profissão, levarão progressivamente à falta de manutenção dos barcos o que se traduzirá na sua degradação. Terceiro – O fato de não haver pescadores jovens faz com haja um maior distanciamento e falta de relacionamento afetivo da juventude com a Festa de Tróia. A Comissão parece estar tranquila relativamente à posição da Sonae perante esta Festa, tendo em conta que nas reuniões mantidas sempre foi assegurado a sua continuação. O fato é que as obras que estão projetadas para a envolvente da capela e do palácio, onde a Festa de Nossa Senhora de Tróia se desenrola, não	

		parecem ser compatíveis com a continuação da sua realização. Crê-se que foi pelo exposto que não foram contempladas na Avaliação de Impacte Ambiental a realização destas Festas. Mesmo estando assegurado, pela Declaração de Impacte Ambiental, que a realização do projeto está (p.50) condicionada à continuação da mesma. Existe a expectativa de se saber que condicionantes serão impostas pela Sonae para que possam ser realizadas. Outro grave problema com que esta centenária tradição se depara é com a falta de interesse e empenho por parte dos jovens da comunidade varina. Fazendo com que o futuro se perspetive com muitas dúvidas relativamente à continuação da sua realização. No entanto, nada assegura que a situação não possa vir a mudar, havendo uma valorização deste património cultural imaterial por parte dos jovens. Não através da socialização no seio da sua comunidade, mas como reação ao reconhecimento da sociedade setubalense da verdadeira importância desta Festa a todos os níveis. O senhor Armando Oliveira é um homem de uma grande visão e ao tentar que esta seja uma Festa de toda a cidade de Setúbal, pode estar a encontrar uma solução para a sua continuação, ainda que se venha a fazer em moldes diferentes dos atuais. A história diz-nos que a Ermida e a Festa de Tróia, têm sobrevivido a várias gerações e que apesar de alguns interregnos, sempre existe, em determinado momento, uma ou várias pessoas que fazem reviver as tradições recreando-as de acordo com o seu meio ambiente. Relativamente ao site continuarão a ser efetuadas todas as ações que possibilitem a sua concretização, pois acredita-se que será um bom meio de divulgação desse património cultural imaterial. (...) Este permitiu algumas ações práticas que, apesar de mínimas, podem contribuir para a ampla divulgação de uma tradição centenária e da identidade de uma comunidade de pescadores. (p. 51)	
Bibliografia e fontes específicas sobre a		AZEVEDO, Pedro A., Estudos sobre Tróia de Setúbal, em O Archeologo Português, vol. III, nº 1 e 2 de 1897. CASTELO-BRANCO, Fernando, Aspetos e problemas arqueológicos de Tróia de Setúbal – Tróia Vista pelos “Antquários” Quinhentistas. In Separata da	

Festa/Setúbal		Revista “Ocidente” Volume LXV. Lisboa 1963 DUARTE, Ana e VICTOR, Isabel, Alguns aspetos da Indústria Conserveira de Setúbal. Setúbal, Câmara Municipal, 2000. Festas, Feiras e Romarias Percursos na Costa Azul. Setúbal, Edição da Região de Turismo da Costa Azul, 1997. FERREIRA, Marta Isabel Rosa Dias, Os Varinos de Setúbal. Relatório de Estágio Profissionalizante, Universidade Nova de Lisboa, 2007. MARQUES, Luís, Tradições Religiosas – Entre o Tejo e o Sado – Os Círios do Santuário da Atalaia. Lisboa, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da U.N.L., 1996. PINHO Jaime, SILVA Carlos, GONÇALVES Fernanda, Entre Urzes e Camarinhas, As Festas da Arrábida e de Tróia. Setúbal, Autores e Estuário Publicações, 1992. PORTELA, Manuel Maria, Diário Histórico Setubalense. Setúbal, tipografia Santos, 1915. QUINTAS, Maria da Conceição, Setúbal nos Finais do Século XIX. Lisboa, Caminho, 1993. QUINTAS, Maria da Conceição, Setúbal, Economia, Sociedade e Cultura Operária, 1880-1930. Lisboa, Livros Horizonte, 1998. SANTA MARIA, Fr. Agostinho de, Santuario Mariano. Lisboa, 1707. Tomo 2. SILVA, Maria da Graça Santos Andrade, Festa dos Pescadores em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Sua Tradição religiosa e Cultural. Seminário de Investigação, Universidade Moderna – Setúbal, 2005. SILVA, Carlos Tavares e CABRITA, Mateus Gonçalves, O Problema da destruição da povoação romana de Tróia de Setúbal. Separata da “Revista de Guimarães” Vol. LXXVI, 1996. TEIXEIRA Álvaro, Festas de N.ª S.ª do Rosário de Tróia – Expressão da Alma Varina, documento elaborado para a RDP – Canal 1, para radiofusão em 17 de Agosto de 1997. Avaliação de Impacte Ambiental. Estudo prévio de ocupação turística do UNOP4 de Tróia. Outubro de 2008. Apontamentos sobre a Península de Tróia, 1924. Passado de um	
---------------	--	---	--

			manuscrito de autor desconhecido. Declaração de Impacte Ambiental – Ocupação turística da UNOP4 de Tróia. 26 de Fevereiro de 2009. TEIXEIRA, Padre Álvaro. Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Diploma de Mérito e a Medalha de Honra da Cidade de Setúbal, 2001. Jornal O Correio de Setúbal entre 1860 e 1899 Jornal O Districto entre 1886 a 1908 Jornal O Elmano entre 1890 a 1915 Jornal O Jornal de Setúbal entre 1866 e 1869 Jornal O Roteiro de 1909 Jornal O Semeador de 1915 Jornal O Setubalense entre 1855 e 1960 Jornal O Trabalho entre 1900 e 1920 Sites ttonline.dgarq.gov.pt – Arquivo Nacional da Torre do Tombo De Nossa Senhora de Fátima De festas religiosas – fazem parte de outros sites	
--	--	--	---	--

Trabalhos académicos sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia	Seminário de Investigação “Festa dos Pescadores em Honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia – Sua Tradição Religiosa e Cultural – Universidad e Moderna/ Setúbal - 2005	Relatório Estágio Profissionalizante “Os Varinos de Setúbal” Marta Isabel Rosa Dias Ferreira – FCSH/UNL – 2007 Capítulo V – Festa de N ^a S ^a do Rosário de Tróia, pp. 99 - 118	Relatório Estágio Académico “A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia” – Purificação Pereira – Universidade de Évora - 2009	Trabalho de Projeto “Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: Estudo de um tempo liminar – Maria Miguel Cardoso – FCSH/UNL - 2012 Capítulo II – Estudo de caso – A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, pp. 52 –93 A Etnografia do acontecimento, o trabalho de campo e a sequência festiva, pp. 52-64 Caldeira e Ermida, os lugares do sagrado, pp. 65–73 Comissão organizadora: os agentes e as responsabilidades, pp. 74–78 A “Festa da Tróia”, entre famílias e comunidades, pp. 79 –86 “Quando a festa acaba, acaba o verão”: projeções e sentimentos, pp. 87–88 A Santa, os santos e seus vizinhos: o religioso e o profano, pp. 89- 93 Capítulo III – Turismo, emblematização e apropriação A SONAE e a festa, uma relação cambiante, pp. 94 -99
A Etnografia do acontecimento, o trabalho de campo e a sequência festiva				O nosso tempo no terreno divide-se entre a realização de entrevistas centradas ou histórias de vida, quando a disponibilidade dos festeiros assim o permitiu. (...) A aprendizagem em terreno é permanente por via da observação participante. Se o gravador ou máquina de filmar não estão ligados, o caderno de campo está à mão e anota-se no final o que assim merecer ser registado. (...) Do acompanhar deste processo através da imagem resultará, quando o terreno assim, o ditar, a realização de um filme etnográfico, que cumule o processo fílmico e as preocupações de quem realiza. (...) O filme etnográfico é considerado pela generalidade (p. 52) da literatura produzida como um subgrupo dos documentários no sentido lato das suas múltiplas definições. (...) o filme etnográfico é marcado pelas ideias de proveniência de uma tradição realista. Está implícita a ideia de que a Câmara e não as pessoas que filmam, e , por último, assume o papel preservacionista, de culturas, de mundos em extinção, que poderão resultar numa espécie de arquivo visual de formas culturais

				vivas ou em perigo de extinção. (...) (p.53) (...) Os festejos em honra da Nossa Senhora do Rosário de Tróia iniciam-se três dias antes da partida para a caldeira de Tróia. Nestes três celebra-se o tríduo, orações em honra da Santa e dos marítimos que já pereceram na Igreja de São Sebastião, em Setúbal, à noite, com início geralmente por volta das 21h30. (...) Aquando do dia da partida para a caldeira já várias famílias se instalaram no seu território, o habitual, repetindo ano após ano os lugares em que acampam. (p. 54) Apesar da restrição e redução do tempo de acampamento por parte dos novos proprietários do território, aqueles que têm história no terreno conseguem sempre arranjar maneira de um, ou até mesmo dois dias antes iniciarem o carregamento dos seus pertences para o local do acampamento. Estas famílias são possuidoras de embarcações, familiares de pescadores e pescadoras, algumas no ativo, outras já não, e possuem, legitimidade para com os restantes, de proceder de forma privilegiada nos dias de hoje. A data da realização da Festa de Nossa Senhora não é constante no calendário, varia de acordo com os humores do rio e marés. (...) O dia de sábado, dia da partida oficial para a caldeira, inicia-se com a missa solene na Igreja de São Sebastião em honra da Santa. (...) A Comissão de Festas percorre o espaço incessantemente, de um lado para outro, garantindo que todos os preparativos estão a postos. Aproximamo-nos do espaço da Igreja ao som da afinação dos instrumentos da Charanga de Sarilhos e da Fanfarra dos bombeiros. (...) Observamos as largas dezenas de pessoas que preenchem o espaço da Igreja, ela própria bastante grande e imponente. (...) (p. 55) (...) Padre Victor Portugal, pároco da Igreja de São Sebastião, alterna a missa entre a formalidade do discurso litúrgico com os votos e conselhos que antevêm os próximos três dias de devoção. O final da missa em honra da Nossa Senhora do Rosário de Tróia é feito com canções por parte do coro que acompanha toda a cerimónia. (...) Assim que a eucaristia termina inicia-se o reboiço logístico necessário à realização da procissão pela cidade. Homens e mulheres dirigem-se à zona adjacente ao altar, onde se encontram os andores com os respetivos santos e santa majestosamente ornamentados com a incrível variedade de plantas e flores. É necessário coordenar as alturas dos homens e mulheres que carregam os andores
--	--	--	--	--

			bem como a distribuição dos mais resistentes pelos andores mais pesados, como é o caso do andor da Santa. Durante o percurso da procissão é permitido que haja trocas entre os romeiros para evitar o cansaço ou até mesmo para dar lugar a todos os que queiram e necessitam de carregar os santos. Os santos primeiro e a santa por último são seguidos pelo Pálio carregado pelos acólitos, e termina com o padre da paróquia que leva a cruz de Cristo nas mãos, ao peito. (...) (p. 56) (...) A procissão desce as ruas das Fontainhas, passa a linha do comboio e atravessa parte da Luísa Todi em direção ao cais onde aguardam as embarcações. (...) A música está presente durante todo o percurso acrescentando dramatismo aos espetáculo a que assistem centenas de pessoas, nas varandas dos prédios envolventes, à porta dos cafés e restaurante, no edifício do Despachante Oficial, ao longo da avenida e na despedida no cais. Quando a procissão chega ao seu último destino, o cais das Fontainhas, também conhecido como a Doca do Comércio, as embarcações já estão a preparadas para receber os andores. Quem rumo à caldeira para a Festa junta-se aos santos e solicita boleia aos mestres dos barcos. Geralmente estes vão lotados com pessoas, conhecidas ou não dos mestres, e famílias a quem pertencem as embarcações. (...) Os santos a santa são colocados nos barcos, com a supervisão do Armando. A distribuição dos mesmos foi previamente estabelecida nas semanas que antecedem a festa. Soam as buzinas dos barcos e iniciam-se as despedidas entre quem vê partir e quem parte, denunciada pela frequente utilização dos lenços brancos. No entanto os ânimos no momento da partida são muito diferentes dos que se vivem à chegada. Sente-se um frenesim nos tripulantes, uma alegria em partir que não está presente na hora de regressar, dando lugar a um sentimento de comoção generalizado entre a assistência e tripulações. (...) O barco que transporta a Nossa Senhora lidera o percurso com alguma distância das embarcações que lhe seguem e essa deverá ser sempre mantida durante todo o cício marítimo. (...) (p. 57) (...) O rio Sado veste-se de um azul profundo em sintonia com o azul da Santa. À proa, a imagem parece ganhar vida com a ondulação da viagem, fato que preocupa os seus guardiões que viajam à proa a seu lado, assegurando uma viagem tranquila. Na chegada á caldeira ouvem-se foguetes anunciando a chegada das embarcações. (...) As imagens são levadas para a capela de Nossa Senhora, onde ocorre nova missa, de menor duração, que termina com algumas recomendações para os dias
--	--	--	---

				que se seguem. O som é propagado por todo o areal através de vinte altifalantes com ligação direta à cabine do som que se localiza no centro da festa. (...) Mesmo não estando no espaço, todos terão que ouvir o sermão ou a música da rádio pois os altifalantes não deixam as mentes sossegarem. Assim que o momento solene termina os devotos acorrem ao interior do espaço da capela para saudarem as imagens e benzerem-se perante a Nossa Senhora. Por baixo das imagens está uma pequena caixa que recebe donativos, onde pode ler-se “É o que quiser dar”. (...) Dá à ré, devagarinho, com calma, são expressões frequentemente gritadas pelos homens durante o círio, percorrendo toda a extensão do rio, boca a boca, barco a barco. (p. 58) (...) A Lurdes é a aia de Nossa Senhora e o Orlindo, um dos membros da comissão, que pela sua fé e disposição é o responsável pelas atividades religiosas. (...) Descemos para o acampamento onde a música portuguesa de cariz mais popular reina e iniciam-se as assadas para o jantar. Cada família recolhe ao seu próprio acampamento e empreendem visitas uns aos outros, com uma maneira muito particular de se relacionarem, que oscila entre a partilha de um quotidiano difícil, discussão de problemas sérios e brincadeiras jocosas. (...) Se em 2006 a noite o tempo após o jantar cingia-se, a nível litúrgico, à reza do terço na capela, em 2007, a Comissão de festas e o representante da Paróquia decidem recriar um ritual antigo, que em tempos já se praticou. A Procissão de velas, que se substituiu à reza do terço à noite, é presentemente uma das cerimónias religiosas que se processam no local que maior impacto visual cria. Quando foi (re)criada teve como justificação a união aos peregrinos de Fátima, que no dia (13 de Agosto) lhe prestavam devoção num outro território sagrado. A partir das 21h30 dirigem-se ao espaço onde acontecerá o baile para receber o andor da (p.59) Nossa Senhora que está pousada no palco. (...) Entoam-se cânticos religiosos, responsabilidade de Lurdes, e durante toda a procissão, que nesta ocasião só vai até meio do percurso de acampamento, efetuam-se paragens para leituras de passagens da bíblia. A cerimónia dura cerca de quarenta e cinco minutos. Os que não participam na procissão colocam-se respeitosamente à porta das tendas e por lá permanecem até que a mesma termine.(...) Depois da recolha da Santa é hora de baile. Famílias acompanham os seus mais novos, que ao som de músicas dos tempos dos pais, dançam agarrados, como a moda manda. O álcool é abundante assim como a diversão. Encontram-se
--	--	--	--	--

			no espaço que no dia seguinte se transforma em terreiro de missa, trocam de par, maridos e mulheres mentem-se uns com os outros, dançam, riem e festejam o momento. Na parte central do terreno estão o carro dos bombeiros de Grândola, que abastece a festa de água potável, uma ambulância, GNR, casas-de-banho portáteis, bem como uma fileira de caixotes do lixo. (...) Os foguetes anunciam a alvorada na Caldeira e ouvem-se em Setúbal. O dia começa cedo e as carreiras de autocarros da SONAE, que fazem a ligação entre os ferries e o recinto, continuam a trazer pessoas. (...) Por volta das 10h30 tem lugar a missa campal que concentra a grande maioria dos presentes no acampamento. Este é o momento religioso da Festa de Tróia com maior relevância no espaço. Após a missa organizam-se em procissão os santos, a santa, os estandartes, as oferendas à Nossa Senhora que se relacionam com o mundo marítimo e as crianças que transportam a rede para os donativos à Festa. (...) (p. 60) Os romeiros são advertidos previamente para colocarem as suas t-shirts no momento da procissão. Quando se inicia o percurso forma-se um autêntico mar de gente que percorre o areal da caldeira de uma ponta a outra. A este momento juntam-se um rol de entidades oficiais, que seguem em procissão junto, uns atrás dos outros. São os representantes da Capitania e Porto de Setúbal, Presidente da Câmara de Setúbal, elementos da SONAE dos gabinetes de Arqueologia e Ambiente, padres Claretianos ou outros representantes eclesiásticos, e, no ano transacto, o Presidente da SONAE, Belmiro de Azevedo. (...) Os barcos soam as suas buzinas ao passar da procissão conferindo à passagem um barulho ensurdecer. Todo o percurso dura cerca de uma hora e meia. No seu final soam novamente os foguetes e as imagens recolhem à capela. Os familiares e amigos abraçam-se ou cumprimentam-se à porta da capela. (...) Nos momentos de procissão é frequente vermos manifestações sentidas de pesar à passagem da Santa, sobretudo no género feminino. Segue-se o almoço. Na tenda da Comissão serve-se uma caldeirada à Zé da Gaia (...) Conquistam-se amizades e deliciam-se os olhos e barrigas com a paisagem e iguarias marítimas. (...) a meio da tarde iniciam-se as brincadeiras na areia, promovidas pela Comissão. Com o (p. 61) apoio dos Patrocinadores que concedem t-shirts, porta-chaves, brinquedo, entre outros, encetam-se jogos que, repetidamente, ano após ano, são anunciados nos cartazes. São estes o jogo da corda, a caça ao pato, perguntas e respostas na Cabine de Som, corridas de sacos e
--	--	--	--

			pau ensebado (Do domínio da festa do antigamente o pau ensebado é repetidamente anunciando nos cartazes de Festa, no entanto, e de acordo com a nossa permanência, verificamos que este não se realiza presentemente.) Participam crianças, jovens e adultos e a afluência para o momento é grande. Tal como as refeições são momentos que promovem a aproximação, o diálogo, o riso e a boa disposição. No final da tarde os membros da comissão passeiam pelo areal avaliando os barcos que se encontrem devidamente engalanados. (...) O dia termina, sempre ao som da música e recomendações da comissão pela palavra de Graciano, o locutor da Festa. Após o jantar volta a haver baile e à meia-noite dá-se o tão esperado fogo-de-artifício. O investimento da Comissão no fogo é grande e quando este não está de acordo com as expetativas dos festeiros é comum receberem críticas. No domingo de manhã volta a haver alvorada cedo ao som dos foguetes. Até 2010 era habitual existir missa antes do baile de Domingo, mas em 2011 e 2012 esta foi passada para segunda-feira de manhã, dia em que não havia até esta data, cerimónias religiosas no espaço da caldeira. Dá-se a santa missa por alma dos marítimos falecidos e familiares, às 10h30, e o resto da manhã é passado na areia, em brincadeiras organizadas. (...) São entregues os prémios do concurso Barcos Engalanados, geralmente troféus patrocinados pela Costa Azul, e distribuem-se (p. 62) lembranças pelos donos das embarcações. No final do dia, à hora que a maré permita, trazem-se as imagens da capela e inicia-se o transporte das mesmas para os botes que as levam às embarcações. (...) A logística na Caldeira, muito embora já esteja previamente tratada, parece sempre ser mais difícil e implica a utilização de um papel com a relação entre os barcos e os santos., bem como o controlo atento das imagens. Ao som da voz de Lurdes, que na hora da despedida canta “Ó Tróia, adeus, Virgem Mãe, adeus” inicia-se o Círio Fluvial. Quem fica na caldeira reveste-a de lenços brancos, despedindo-se da Santa. (...) O círio de regresso a Setúbal reúne um maior número de barcos que o anterior pelo fato de algumas das embarcações já se encontrarem na caldeira no primeiro dia festa oficial. Juntam-se barcos de recreio ao cortejo que se dirige a baixa velocidade ao Hospital do Outão. Neste, os doentes internados vêm para as varandas, pelo seu próprio pé, de cadeiras de rodas ou até mesmo acamados, acompanhados pelas enfermeiras e enfermeiros. As varandas enchem-se de pessoas e penduram-se os
--	--	--	---

				lençóis brancos. O padre dirige umas palavras aos doentes, abençoando-os e desejando-lhes rápidas melhores. (...) O percurso, no barco da santa, é musicado pela Charanga de Sarilhos que em tons graves anuncia o momento de despedida. (...) Ao dobrar o antigo estaleiro naval, encontramos não dezenas, mas uns dois milhares que aguardam o Círio. São dirigidas palavras aos fiéis em oração e o reconhecimento devido a Nossa Senhora do Cais. (...) O padre dirige-se novamente aos fiéis, despede-se, e acaba por desembarcar, juntamente com o restante corpo eclesiástico, à semelhança de muitos dos tripulantes das embarcações. As pessoas acenam a Nossa Senhora, (...) (p. 63) Já com os barcos em andamento são retiradas algumas flores dos andores e atiradas para a população que lhes acena. Em 2008 regressámos à Caldeira, juntamente com a Santa, e santos. Assistimos a um autêntico reboiço, sem par, na Capela, ao pousar dos andores e maioritariamente feminino, motivado pela distribuição das flores. (...) (p. 64)
Caldeira e Ermida, os lugares do sagrado				(...) “Este é um local sagrado”. Estas palavras foram proferidas pelo Padre Victor Portugal, atual pároco de São Sebastião, em 2006, no final da missa campal, antes do início da procissão pela praia. Com estas palavras o padre pedia aos festeiros que colocassem as camisas e calções ao participarem na procissão, desencorajando a realização da romaria com os trajes habituais que vemos no terreno, biquínis, fatos-de-banho e tangas. (...) A manutenção do carácter sagrado do local exige, obviamente, a presença humana, e a celebração do mesmo enquanto tal. Historicamente esta condição é evidenciada, ao longo dos séculos, atribuindo à Ermida e à santa que a habita diferentes designações de Maria, bem como às celebrações que ali acorreram. O sagrado estende-se ao areal, presentemente por via da celebração, há dezanove séculos atrás pela prática de cerimónias fúnebres com características cristãs, entre outros cultos ali realizados. (...) (p. 65) (...) “A importância religiosa de Tróia era bastante notável, como o prova o numero considerável de círios, as diversas, ofertas de personagens illustres e os inumeros ex-votos” referindo ainda que “D’estes documentos se tira a noticia curiosa do emprego da palavra Tróia precedida do artigo a, dizendo-se então a Tróia. (Azevedo, 1897:17) (...) (p. 66) (...) documentação da chancelaria de D. Afonso V e atesta a existência do nome Tróia em 1476. O segundo documento sobre o qual o arqueólogo dedica a sua atenção é da chancelaria de D. João II e comprova a existência na data de 1482 de

			um ermitão em Tróia, e, conseqüentemente, de uma ermida, sendo a primeira referência histórica conhecida sobre esta última. O documento em questão refere que o filho de o Ermitão de Tróia teria sido morto por Pêro Nogueira (...) Esta referência surge igualmente num dos documentos escrito pelo Padre Álvaro Teixeira, intitulado “Festa de N.^a S.^a do Rosário de Tróia – Expressão da Alma Varina”, bem como na única obra publicada dedicada, parcialmente, às Festas de Nossa Senhora do Rosário. O terceiro documento referenciado é da Ordem de Santiago, data de 1510 e intitula-se “Visitação da Ermida da Nossa Senhora da Tróia”, este foi recentemente publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1969. Fala-nos sobre o recheio e alfaia da capela bem como do abandono em que caíra. (...) (p. 67) (...) No altar encontrava-se uma imagem de madeira pintada, com uma coroa pintada de dourado e que tinha no colo o menino Jesus, por baixo desta, um retábulo pequenino em pedra da Batalha com Santa Catarina ao centro. Neste altar estavam ainda presentes uma cruz com um crucifixo, um espelho de marfim com um pé muito rico e ainda uma estante para o missal bem como dois castiçais de estanho. Metade da capela estava ladrilhada com tijolo e a outra metade era de argamassa e tinha duas grades de pau castanho com uma porta que não estava posta por falta de golfões e fechaduras. A ausência de porta levava a que qualquer um pudesse entrar na ermida, fazendo no seu interior as suas necessidades e “desonestidades”, segundo a descrição referida. Tinha ainda uma estante de oficiar as missas que estava em boas condições e era lavrada. Percebemos também que para além da ermida existia ainda a casa do ermitão, uma hospedaria, uma casa de lenha e uma estrebaria. (...) (p. 68) (...) Percebemos que este era abundante e por tal revelador da sua importância religiosa na época. A Rainha D. Leonor, esposa do D. João II, ofereceu duas das cinco vestimentas, referidas no levantamento, a Nossa Senhora. Entre os restantes ofertantes encontramos ainda a Duquesa de Coimbra, esposa de D. Jorge e a vila de Setúbal, em nome colectivo; “Outra vistimenta de chamalote vermelho com sua alva de todo comprida ja vssada – j vistimenta. A qual se fe as esmolos do pouco desta villa de setuual.”⁸³ Percebemos pelo texto e referencias feitas ao seu recheio, componentes e ofertantes que a ermida seria de romagem, são referidos ex-votos como pernas, braços, corações e olhos assim como uma imensa quantidade
--	--	--	--

			de círios de várias localidades do país. Pressupõe-se que este seria um local de passagem quer de marítimos quer de lavradores corroborado pela existência de uma estrebaria nas suas imediações. A Ermida de Tróia volta a ser referenciada, oitenta e três anos depois, em 1593, pelo humanista André de Resende, na sua obra <i>De Antiquitatibus Lusitaniae</i>, onde pode ler-se; “A meio da cidade coberta pelas areias, está um templo antiquíssimo, o qual, mediante restauro, foi consagrado à Virgem Maria pelos cristãos. Sobre o pórtico, distingue-se uma cabeça de carneiro, com seus chifres retorcidos, trabalho em mármore e, diga-se a verdade, muitíssimo perfeito.” (Castelo- Branco, 1963:5). Em 1707, Frei Agostinho de Santa Maria, na obra <i>Santuário Mariano</i>, refere a existência de um templo em Tróia, o qual fazia parte da paróquia de São Sebastião em Setúbal (Pinho, 1990: 68). Manuel Portela, no <i>Diário Histórico Setubalense</i>, 1915, menciona a retirada da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Tróia em 1853 de uma ermida situada na margem esquerda do rio Sado e que teria sido construída com materiais de um templo pagão (Teixeira, (s/d): 5). (...) (p. 69) (...) Encontrava-se na posse dos herdeiros de Joaquim Felisberto da Cunha Sotto Maior que na época, em 1939, era o proprietário de Tróia. As notas foram realizadas em 1924 e a sua autoria é hipoteticamente atribuída a Manuel Alberto dos Reis, que na data das mesmas esteve em Tróia a realizar estudos de natureza agrícola e florestal. Sobre a ermida podemos ler, entre algumas afirmações que os dados descritos até presente contrariam, que “(...) devia ser bem diferente do seu aspecto actual porque tinha capela-mor que era toda revestida de formosos azulejos representando cenas da vida da S.ma virgem, e o corpo da igreja era bastante espaçoso. Entrava-se por um alpendre para um vestíbulo e depois para a ermida, tudo alinhando com esta e da mesma largura. Á esquerda de quem entra está a casa do ermitão que ainda hoje se conserva, mas do alpendre apenas restam as paredes laterais que ultimamente foram cortadas a menos de um metro de altura (...) Devido ao vandalismo que perseguiu a Tróia quando a propriedade estava abandonada, nada quasi resta dos interessantes azulejos que revestiam a capela mór e que os turistas arrancavam para levarem como “recuerdo”. E foi por isso que quando se começou a dismantelar a ermida levaram a imagem da padroeira para a ermida do Senhor Jesus da Boa Morte, de Setúbal.” A 19 de Fevereiro de 1898, o jornal <i>Elmano</i> publica a seguinte noticia “Hymno da Tróia: O apreciado compositor musical, sr. José Maria
--	--	--	---

				Corte Real está compondo um hymno que intitulou – hymno a Troia, - para ser tocado na inauguração da capella em reparação, situada na antiga Cetobriga. A 25 Setembro de 1898 o jornal O Districto informa-nos que estão terminadas as obras de reconstrução da ermida; “Nossa Senhora da Tróia: Terminaram as obras de reconstrução da Ermida da Tróia. A commissão continua a adquirir donativos. A festa há de realizar-se nos dias 7, 8 e 9 de Outubro, segundo nos informam. Antes será recolhida a imagem à sua restaurada ermida. Há mais de 45 annos que está na igreja do Senhor Jesus da Boa Morte.” voltando a noticiar a 9 Outubro de 1898, o reinicio das festas na sua antiga morada; “É finalmente no próximo domingo que se realiza a festa de Nossa Senhora da Troia, que, por uma demora de despachos eclesiásticos, tem sido addiada. Depois de manhã é a cerimonia da bênção da ermida. No próximo domingo o vapor Sado faz carreiras entre Setubal e a Troia, pelo preço de 200 réis. O arrayal n’esta cidade é no sitio da Boa Morte, próximo á capella do mesmo nome, que é da onde sae e aonde recolhe a procissão com o círio. Consta que é a Sociedade Capricho que abrilhanta estas festas.” Este acontecimento surge também noticiado pelo ELMANO onde podemos ler, a 24 de Setembro de 1898; “Senhora da Tróia: Fez hontem 45 annos que foi (p. 70) removida para a Igreja da Boa Morte, d’esta cidade, a imagem de Nossa Senhora da Troia, em consequencia da sua capella, na antiga Cetobriga, se achar em completo estado de ruína. A referida imagem regressa, passado quasi meio século, á sua antiga moradia, recentemente restaurada, no dia 3º do corrente mez, devendo a festividade effectuar-se no dia 2 de Outubro próximo, como já noticiámos.” O jornal O Districto de 7 de Novembro de 1897 refere que os pescadores devotos da imagem obtiveram licença para a reedificação da capela, na altura muito arruinada. Esta obra terá contado, segundo o noticiado, com as habituais esmolas da comunidade piscatória setubalense e varina bem como com a oferta de madeira e pedra pelo proprietário d’aquelle vasto domínio, o sr. Morgado Cabral. O jornal ELMANO, a 15 Outubro de 1898 noticia a a bênção da capela referindo que a sua assistência era predominantemente de pescadores varinos; “Festa da Tróia - Effectuou-se no dia 12 do corrente a cerimonia da bênção da capella de Nossa Senhora da Troia há pouco reedificada por subscrição promovida por um grupo de operários. Depois da bênção foi resada uma missa pelo prior da freguesia de Melides, José Esteves Dias, a que assitiram os srs. Manuel Lopes Filhó, Manuel
--	--	--	--	---

			José Ramos, Antonio Maria Cardoso, José da Costa, Julião Veloso e muitos pescadores da colónia o varina residente nesta cidade. Hoje segue para a antiga Cetobriga o círio que vai festejar Nossa Senhora da Tróia, regressando na Segunda-feira de tarde”. Com efeito, o que lemos nas notas anteriormente referidas da autoria de Manuel Alberto dos Reis é corroborado pelas obras de reconstrução da capela noticiadas, “(...)da ermida que viu André de Resende não há vestígios porque foi totalmente demolida para se construir a actual, que é relativamente recente e com toda a certeza uma reconstrução á fundamentis.” (Gaudêncio, 1924: 18) Relembramos que a propriedade privada em Tróia iniciou-se no século XIX com o Morgado Cabral. Em 1922, os terrenos são vendidos a Joaquim Sotto Maior e em meados dos anos 70 adquiridos pela Torralta, com a promessa de criação de um empreendimento turístico de ponta. Em 1997, e após a declaração de falência por parte da Torralta, Tróia é comprada pela SONAE Turismo. (...) (p. 71) (...) Em meados de 2000, Armando Oliveira, a restante comissão e alguns amigos, voltaram a arranjar o tecto da capela. Segundo os próprios, toda a estrutura do telhado estava podre e foi a Comissão de Festas que por lá andou seis meses a recuperá-lo, desde o vigamento à telha. A actual propriedade do terreno, e por tal dos seus edifícios, não possui as chaves de acesso à capela, estando estas entregues à Paróquia de São Sebastião cuja utilização se encontra reservada à Comissão de Festas e a pessoas chave como o Orlindo, elemento da comissão responsável pelo acompanhamento dos aspetos de cariz religioso, bem como a Lurdes, aia da Nossa Senhora de Tróia. A última obra a que nos referimos totalizou três mil e quinhentos euros e o porta-chaves da capela é da Tróia Resort. A descrição realizada mostra-nos alguns dos pontos essenciais a reter acerca da ermida e do local. Desde a sua descoberta no séc. XV, subentende-se que quer a ermida, quer a caldeira, eram local de romagem, de pescadores e lavradores, que à semelhança das figuras ilustres da nobreza da época, ofertavam das mais diversas maneiras a Nossa Senhora, apetrechando o seu guarda-roupa, utensílios de missa e a própria ermida. Esta situação verifica-se ainda nos dias que correm. Na parede do lado direito da capela, ao lado do local onde permanece a Nossa Senhora, encontramos retratado em azulejo uma embarcação de nome Troiana. Segundo o que nos foi relatado por Orlindo, a Troiana foi uma embarcação que encalhou⁸⁵ à entrada da caldeira, na sua margem esquerda, e foi destruída pela ação erosiva do
--	--	--	--

				tempo e do rio, tendo ali permanecido. O filho do dono da embarcação, ofereceu, em memória do pai, motivado pela devoção à Nossa Senhora, os azulejos brancos que revestem o interior da capela tendo, numa das suas paredes, imortalizado a embarcação de família que ali pereceu.(...) (p. 72) (...) A ligação à cidade de Setúbal e a devoção ao local por parte das suas gentes, cedo são evidenciadas, de acordo com o descrito anteriormente. Pela sua localização, pois o acesso privilegia aqueles que têm barco, a apropriação do local foi sendo gradual, ao longo dos séculos, adquirindo uma expressividade sistemática no calendário e na memória desde finais de séc. XIX e durante todo o séc. XX até aos dias que correm. (p. 73)
Comissão organizadora: os agentes e as responsabilidades				É frequente ouvirmos no terreno, quando falamos com os responsáveis pela organização da Festa, a frase “Quando acaba um ano começamos logo a preparar o seguinte”. Como o Armando tanta vezes nos repetiu, é um trabalho esgotante, cansativo e para o qual não há preparação possível. Os tempos mudam e muda-se as suas vontades. Preparar as Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia nos dias que correm não tem muito a ver com o seu passado recente. A nova propriedade do terreno, com contornos semelhantes aos ordenados pela Torralta, exige o cumprimento de uma série de requisitos para que o festejo aconteça, entendido por aqueles que o fazem como uma dificuldade do processo. Lembramos o nosso primeiro ano de trabalho de terreno, 2006, onde uma, entre as muitas pessoas com quem conversámos, nos dizia com algum pesar “filha, hoje tudo é muito difícil, fazer isto é com uma grande dificuldade que fazemos” apontando para a pulseira plástica vermelha que tinha no braço. Armando Oliveira, descendente de varinos do Bairro Santos Nicolau, é o atual Presidente da Comissão de Festas. Desde o seu primeiro ano enquanto tesoureiro, até ao atual, enquanto Presidente, já se passaram vinte e um anos de organização. É um homem relativamente novo, que como diz, começou nisto muito cedo. Educado e de uma extrema amabilidade move-se no tecido social como poucas pessoas fazem. Daquilo que conhecemos sobre a Festa facilmente percebemos o porquê de ser, consensualmente, o seu organizador. O Armando personifica a ponte equilibrada entre dois mundos. Pertence à comunidade piscatória e frequenta a festa desde que se entende, muito embora não seja pescador de profissão a sua origem familiar e conhecimento da prática legitimam-no, por outro, é letrado, comunicativo e a sua

				maneira de ser e de estar conferem-lhe uma capacidade inata para o apaziguamento e resolução de conflitos.(p. 74) (...) É visto pelos seus pares com respeito e admiração quer pelo trabalho que desenvolve nas festas quer enquanto pessoa. Ouvimos por várias vezes referir que só uma pessoa como o Armando poderia ter paciência para o nível de responsabilidade a que a Festa obriga. (...) (p. 75) (...) Esteve durante dois anos como secretário da Festa passando a Presidente, em 1993. Atualmente a comissão de festas é composta por um presidente, um secretário, um tesoureiro e dois vogais, respetivamente; Armando Oliveira, Inês Oliveira, José Afonso Lopes (Zé da Gaia), Orlindo Rendeiro e Aníbal Caboz. A Inês Oliveira, filha de Armando, recentemente incorporada para estas lides, é a primeira representante do sexo feminino a estar na comissão de festas, os cargos foram sempre destinados a homens, desde a data da sua criação em 1962. Quando questionado sobre o porquê da escolha das pessoas para a comissão responde-nos, com a naturalidade que lhe é característica, que teve por base as suas relações de amizade e familiaridade. Esta equipa faz-se rodear de um conjunto de pessoas amigas que ajudam a montar e desmontar e a tratar das coisas da festa. São, segundo Armando Oliveira, entre oito ou dez pessoas. Refere duas delas por quem tem imenso apreço, o Eletricista (Guedes) e o homem do som (Graciano – rádio Pinhal Novo), que fazem tudo de borla quase há dezoito anos. A Comissão de Festas tem a função principal de organizar todo o calendário festivo. Para que tal aconteça deve, em consonância com o corpo eclesástico determinar as horas e constituição das cerimónias religiosas, bem como as restantes atividades que decorrem no espaço da caldeira. Esta organização prende-se com as atividades, religiosas e de recreio, que ocorrem nos três dias de festa, no entanto, o seu trabalho, como seria de prever, ultrapassa estes três dias implicando meses de preparação. Têm como obrigação contactar todos os órgãos de soberania, por intermédio de cartas. (...) (p. 76) Têm como obrigação, e necessidade, a realização do peditório pelas zona das Fontainhas, Bairro Santos Nicolau e São Sebastião. É deste peditório que resulta a maioria do dinheiro da festa, as verbas necessárias à sua realização são um problema constante e os subsídios que as Câmaras de Setúbal e Grândola lhes
--	--	--	--	--

			concedem são absolutamente irrisórios face às despesas. Os particulares e as casas comerciais do bairro são os seus verdadeiros patrocinadores. Segundo o Armando todo o processo demora muito tempo. Afirma que quando uma festa acaba começam logo a pensar na festa do ano seguinte, a memória está fresca, os erros são facilmente identificáveis bem como as situações que clamam melhorias ao seu alcance, ainda assim lamentam que cai tudo sobre os nossos ombros para organizarmos a festa. O dinheiro recolhido nas capelinhas paga o fogo, o artista do baile, a Charranga de Sarilhos e o gerador alugado que alimenta a eletricidade do recinto da Caldeira. À fanfarra dos bombeiros oferecem a comida e os transportes e reservam ainda uma verba para o almoço de Domingo, reservado às entidades oficiais e convidados da festa. A sua realização custa anualmente cerca de 30.000 euros. (...) Referimo-nos às tomadas de decisão sobre o transporte da santa e santos, que segundo o Armando são sempre motivos de conflito; “(...)escolher os barcos também é muito complicado, às vezes os pescadores também não ficam contentes, não é? Há muitos que afirmam que este ou aquele é que devia levar, mas pronto, nós dizemos sempre “pronto tem razão, para o ano será diferente”, há que dar muito a mão a palmatória como se costuma dizer não é?” (2009) bem como as atribuições de credenciais de campismo, recentemente limitadas em número pela SONAE. Para a distribuição das credenciais são agendados dias, em frente à estátua do Padre Vieira, no Bairro Santos Nicolau, onde se encontra presente ou o Armando ou um outro membro da comissão. (...) (p. 77) (...) Pessoas estas que o próprio, por vezes, não conhece ou não está ver quem é, familiares deste e daquele e do outro. Hoje é muita gente. São seleccionadas pelo próprio mediante a sua ligação ao mar, diz-nos com a autoridade que a própria função lhe fornece, que se vir que são pessoas que não têm nada a ver com a festa, refere-se ao mundo piscatório ou religioso, desculpa-se com o facto de não possuir mais credenciais. Essas ocasiões antecedem os festejos na caldeira dado que a entrada no local, recentemente controlada e vigiada de forma permanente, só é permitida mediante a apresentação da mesma. As medidas são, de uma forma geral, encaradas como necessárias nos tempos modernos, muito embora considerem que por outro lado dificultam em demasia a realização, podendo vir a assumir um carácter desencorajador. (p. 78)
--	--	--	---

A “Festa da Tróia”, entre famílias e comunidades				Setúbal tem, ainda nos dias que correm, duas comunidades piscatórias residentes em duas freguesias opostas (uma a Norte e outra a Sul), uma fixada na freguesia de São Sebastião (Bairro das Fontainhas), e outra na freguesia da Nossa Senhora da Anunciada, (Bairro do Tróino). O crescimento destas comunidades deu-se de formas separadas, pelo tipo de pesca que praticavam, pela devoção religiosa a santos diferentes e pela origem ancestral. A comunidade sobre a qual incide este trabalho, de São Sebastião, é marcada por uma forte presença de gente varina, originários da zona da ria de Aveiro, sobretudo da Murtosa. De acordo com Pinho (1990) estes indivíduos trocaram a vida pobre da ria por uma menos pobre em Setúbal que na altura da emigração, finais de séc. XIX, via crescer exponencialmente a indústria conserveira tendo tido o seu apogeu nos anos 20 com 120 fábricas em plena laboração. Caracterizados como nómadas, no primeiros anos da sua emigração, começam a radicar-se no bairro das Fontainhas, Vila Maria e posteriormente, já na década de 30, no Bairro Santos Nicolau. Marcada por uma pobreza vincada, esta comunidade continua, entre 1910 e 1930, a receber familiares, que seriam acolhidos e inseridos nas famílias já radicadas. A rivalidade com o Tróino persiste, sobretudo no universo masculino dado que as mulheres e crianças, rapidamente se misturavam nas fábricas de conservas onde as relações sociais estabelecidas primavam pela solidariedade na pobreza. (...) (p. 79) (...) uma das primeiras casas do Bairro Santos Nicolau, que como já vimos foi o último da comunidade varina a ser construído, foi a do seu pai e por isso assistido ao princípio do bairro “(...) aquilo ali há três bairros, é o bairro santos Nicolau, o Bairro Barreto, e o Bairro Rendeiro, há quem diga que aquilo é tudo Bairro Santos Nicolau, mas não.” Assume que a rivalidade entre Tróino e Fontainhas era tal que “(...) não havia ordem de passar do quartel para as Fontainhas, os de baixo, e os das Fontainhas não tinham ordem de passar para ali. Mas afinal mais tarde casaram homens lá de baixo com as raparigas aqui das Fontainhas, e vice-versa”. Em 2006, numa conversa de grupo no terreno, o tema volta a ser abordado com Álvaro, também ele de origem murtoseira e estando hoje perto dos 70 anos, e outros dois familiares, um dos quais afirma vigorosamente ter sido o primeiro a casar com uma varina, e como isso foi um problema para o conseguir; “Antigamente haviam rivalidades, era a festa da Tróia e a da Arrábida, uma rivalidade que não imagina! Quem deitava mais fogo, quais eram os barcos que iam mais engalanados(...) era de
---	--	--	--	---

				uma maneira que quem passasse da linha do comboio para cima já não passava! E para lá era a mesma coisa!” Este testemunho foi dado como contraponto à situação que se vive nos dias de hoje, onde a festa é da grande família do mar de Setúbal. A distância entre estas duas comunidades, até meio do século passado potenciada pela ausência de meios de transporte, as diferentes proveniências, Norte e Sul de Portugal, que curiosamente se radicaram na cidade os de Norte a Norte e vice-versa, e, de acordo com Domingos, os diferentes tipos de pesca realizados alimentaram, para além dos já nomeados, esta diferenciação por oposição entre as mesmas. No entanto, pela via do namoro e encurtamento das distâncias, a aproximação entre ambas inicia um processo lento que não terminará, mas permite hoje convívio, sociabilidade e amizade. (p.80) (...) Confirma-se na oralidade esta ligação varina aos primórdios da festa de Tróia, ritual como a conhecemos nos dias de hoje.(...) Esta família alargada dos descendentes da Murtosa repercute-se ainda hoje no terreno e na comissão de festas, sendo que todos os seus componentes são descendentes de famílias com esta origem. Pela forte ligação e devoção a Nossa Senhora de Tróia, geracionalmente transmitida, ainda se responsabilizam pela realização da Festa, incrementando-a. Mas não eram só da Murtosa as famílias que compunham este quadro antigo da Festa. Se aos varinos coube a realização dos festejos e o cunho de pertença dada a sua antiguidade, e aos seus descendentes a continuação dos mesmos, os pescadores de Setúbal, sem ligações diretas à Murtosa, bem como os do Faralhão, Praias do Sado e Carrasqueira marcam presença nesta festa desde sempre e têm-na como sua. (p. 81) (...) Esta situação é também abordada por Pinho (1990) quando afirma que relativamente aos pescadores destas zonas e sem ligação à Murtosa, a atitude por parte da organização era de aceitação relacionando-se com o facto de todos fazerem pesca no rio, e por tal, a camaradagem da profissão e a partilha do quotidiano, ultrapassaria as questões de origem. Nos dias que correm, como nos contava Álvaro em 2006, a Festa engloba toda a gente da família do mar. No entanto, entre o antigamente e o presente decorrem mais de 100 anos. Marcados fortemente por uma (p. 82) presença varina desde o seu principio até a atualidade, espelhada pelos netos e bisnetos, a relação com outros grupos piscatórios foi-se mantendo, à exceção do Tróino, cujas relações só se começam a alterar após a primeira metade do século
--	--	--	--	---

			passado e cuja fonte de devoção era outra, também diametralmente oposta, a Nossa Senhora da Arrábida. Nos dias de hoje não se discute a varinagem. Está presente, quando é necessária, à la carte, puxam os seus galões mas, de uma maneira geral, é a atividade piscatória que dita a legitimidade de pertença. Não nos podemos esquecer que, presentemente, a geração de meia idade da festa, cujo passado nesta lide já é considerável e eles próprios já possuem, na grande maioria, duas gerações de descendentes consigo, é já a 2ª geração de descendentes de varinos nascida em Setúbal. A sua identificação surge, num primeiro nível, com Setúbal. Se já no tempo dos seus pais assim o era, descendentes de varinos orgulhosos do seu passado familiar mas setubalenses de nascimento e criação, no caso desta segunda geração a questão de varinagem já faz parte de uma história na qual eles são o presente. As proveniências, nos dias de hoje, não controlam o local do acampamento, tudo está misturado. Em cada tenda encontramos uma família que se faz representar na maior quantidade de pessoas possível. Nas famílias alargadas, e cuja presença seja assídua, as tendas são colocadas lado a lado formando um U, deixando a descoberto um pátio coberto com um material semelhante à serapilheira, ou com outros materiais. (...) (p. 83) (...) A proximidade da zona central da Festa ou o afastamento desta nada tem a ver com o tempo de prática da Festa. É entendido pelos próprios como a vontade de estar mais sossegado, afastando-se do terreno central ou até mesmo cruzando o rio até à outra margem, na baixa--maré. Relacionámo-nos com famílias que ocupavam estes diferentes espaços e quando os questionámos pela escolha do local para o acampamento justificações como sempre foi assim, gosto de estar mais sossegado, ou, por oposição, gosto de estar perto dos acontecimentos (junto à tenda da comissão e cabine de som) eram dadas sem hesitar. Nas nossas viagens de autocarro, de manhã, para o terreno, observámos de igual modo esta situação. Quem empreende viagens diárias procura as famílias a quem se junta nos sítios específicos. (...) Já nos habituamos a visitar estas famílias nos sítios habituais. Sabemos que à chegada encontraremos como primeira tenda a dos Lucas que dispõem de um enorme pendão onde se lê "Família Lucas". É das famílias mais numerosas da festa. Todos, sem exceção, envergam t-shirts durante os três dias com a imagem
--	--	--	--

			da Santa e família Lucas por baixo, tendo ainda o ano em que se encontram. Começa a percorrer se o terreno e segue-se a tenda da comissão de Festas, sobrelevada, sem estar assente na areia, formando um género de palco onde existe uma grande mesa disposta em U para receber os convidados da comissão. É neste espaço que acontece magia. (...) (p. 84) (...) As famílias da comissão acampam no espaço traseiro deste palco aberto, onde encontro a esposa e filhas do Armando, o Zé da Gaia, a Lúcia, o João, o Jorge. Ao lado da estrutura da comissão seguem-se outras tendas de amigos e abre-se o caminho que nos leva à capela e à zona do bar e bazar. O caminho é também feito de tendas e famílias, e sabemos de antemão que mais ou menos metro para a esquerda ou direita estarão as famílias do Formiga e do Joaquim. (...) Nos barcos, que majestosamente rasgam a areia e não arredam pé, encontraremos a meio do percurso a família da Deonilde, na sua Virgem Medianeira, e do David no seu Birrinhas. Com todas estas pessoas, entre tantas outras, nos cruzamos neste trabalho e neste percurso lento de cinco anos. O mapeamento que fazemos é risível quando comparado com o que aqueles que lá cresceram e viveram conseguem fazer. Sabem de cor onde encontrar os que lhes são próximos. A unidade familiar assume-se como a composição central da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. O acampamento propicia uma intensificação das relações humanas bem como uma oportunidade única de repercutir nos mais novos o sentido da Festa. Recriam-se condições excecionais para a transmissão de valores e sentimentos sobre a pesca e sobre a devoção. Não se fala, pratica-se. (...) (p. 85) (...) Esta continuidade familiar no terreno assume para os próprios a garantia de que a festa continuará; em 2008 João e Joaquim, respetivamente, diziam-nos “Tenho uma fé que se mantém. Isto nunca acabará. As pessoas ao mais alto nível podem exigir, que nós estamos cá para cumprir. Somos pessoas novas, faço parte de um futuro já com quarenta anos mas tenho aqui uma menina com treze (...) eles são futuro e nós vamos incutindo aquele bichinho da Tróia e acho que eles vão continuar e vão cumprir regras” e “Nasceram muitas famílias aqui. Acho que era uma tradição manterem esta festa. Filhos de pescadores, homens do mar, eu e outros, temos aqui famílias já enraizadas na Festa da Tróia.” E estas famílias, alargadas e insufladas na atualidade por amigos que se vão juntando totalizam, no acampamento, um número bem superior ao que é permitido pela Sonae, dando
--	--	--	--

				corpo e voz à sua comunidade.(p.86)
“Quando a festa acaba, acaba o verão”: projeções e sentimentos				Devolvemos a expressão a Adelaide, antiga mestra conserveira das Fontainhas e devota de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. (...) Com efeito, a festa constitui para os pescadores e familiares a quebra necessária com o seu quotidiano de trabalho. A restrição do numero de dias de acampamento veio retirar aos festeiros de Tróia a oportunidade de realizarem no terreno, à semelhança do que acontecia em tempos não muito distantes, o acampamento por mais dias que aqueles anunciados como os oficiais da Festa. (...) A especificidade do acampamento confere à Festa de Nossa Senhora de Tróia esta vertente. Testemunhos de acampamentos prolongados, que variam entre as duas e três semanas, a outros mais ousados pertencentes aos mais velhos, que nos dizem que eram praticamente os meses todos de Verão, lamentam a situação atual de restrição. Continua a forçar as barreiras e a chegar mais cedo ao acampamento e sair mais tarde, situação apenas concedida à Comissão Organizadora.(...) (p. 87) (...) E por lá se iria manter, deviam-nos dar mais dias para descansarmos depois da festa, isto antigamente não era assim. Esta alteração, no entanto, e pelo que pudemos inferir até ao presente não constitui, entre festeiros e SONAE, um cavalo de batalha. A perda deste direito adquirido pela própria configuração e isolamento do território é aceite presentemente como um dado a respeitar. Em troca, sentem que se o fizerem poderão continuar a ter a Festa de Tróia. O sentimento de não infringir regras ou pôr em cheque a figura da Comissão é partilhado e respeitado, no entanto, este facto não desencoraja algumas investidas que testam os ânimos e as aberturas, com permanências mais longas que as permitidas. (...) (p. 88)
A Santa, os santos e seus vizinhos: o religioso e o profano				(...) Pela descrição feita anteriormente, no subcapítulo dedicado à Ermida de Tróia sobre a visitação de D. Jorge, filho de D. João II, em 1510, na qual a Santa é descrita como tendo o menino nos braços; percebemos que a imagem do séc. XVI não corresponde à venerada nos dias de hoje. A imagem actual possui as mãos em posição de oração e não tem o menino nos braços. De acordo com o livro Festas e Romarias, Percursos na Costa Azul, as invocações religiosas organizadas pelas populações ribeirinhas estão ligadas, na sua maioria, ao culto mariano ou culto a Maria¹⁰⁹. De uma forma geral, as imagens originais, provavelmente de pedra ou madeira, por remontarem ao séc. XV ou XVI, deterioraram-se ao ponto de serem

				substituídas durante o séc. XVIII ou XIX, por imagens de Roca, que se tornaram muito populares a partir do séc. XVII pela sua leveza e facilidade de transporte (Duarte, Pereira e Gonçalves, 1997: 35). Existem, pelo que percebemos até ao presente, pelo menos três histórias que mistificam o aparecimento da imagem, sendo que a mais comum e repetida pelos pescadores, nossos interlocutores, é a de que foi encontrada nas águas da caldeira, sem origem precisa. Nas outras duas encontramos pequenas variações desta, uma citada por Jaime Pinho (1990), pertence ao jornal Setubalense de 1948, onde se avança com a hipótese de pertencer a uma embarcação de longas viagens que naufragou; enquanto que outra, relatada por Joaquim Gaudêncio (1924), conta que a (p. 89) sua origem deve-se à devoção de um rico armador de Setúbal que, pela intervenção da santa, se salvou de um naufrágio. Os santos que acompanham a Nossa Senhora em procissão totalizam presentemente oito exemplares, sendo estes: O Sagrado Coração de Jesus, Mártir de São Sebastião, Menino Jesus de Praga, Anjo da Guarda, Nossa Senhora da Conceição, São Pedro, São José e São Vicente. Os santos provieram de famílias, que por meio do pagamento de promessas ou oferendas, foram, ao longo dos tempos, preenchendo o corpus de acompanhamento da Nossa Senhora. São Sebastião e o Sagrado Coração de Jesus são os membros mais recentes. Foram comprados a expensas da Comissão com a intenção de substituírem os que já estavam deteriorados. Os últimos santos que resultaram de oferendas foram a Nossa Senhora da Conceição e o Anjo da Guarda.(...) Presentemente a Comissão já não está a aceitar ofertas de santos. Se por um lado não caberão todos dentro da capela de Tróia, por outro, o decréscimo do numero de embarcações que contribuem no seu transporte para caldeira, torna de difícil concílio o aumento do corpus das imagens. As imagens, que têm tido diferentes moradas ao longo dos tempos, passam, presentemente e novamente, todo o ano em Tróia realizando apenas deslocações para participação nas festas de outros santos. Em Janeiro, na festa do Padroeiro, A Nossa Senhora e o São Sebastião vêm para Setúbal, e em Maio, na Festa de Nosso Senhor do Bonfim, desloca-se apenas a Nossa Senhora. Recentemente, de há quatro anos a esta parte, a festa dos pescadores de Alcácer do Sal (Festa de Nossa Senhora do Castelo) pediu auxilio à Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, que personificada na comissão, torna possível a presença da Santa de Tróia na sua celebração anual. As famílias que ofertaram os santos perderam qualquer
--	--	--	--	---

			tipo de poder sobre os mesmos a partir do momento em que se efetuou a dádiva. Se ausentes, a responsabilidade de carregar os santos é delegada nos amigos próximos ou nos familiares que ainda frequentem a festa de Tróia. “A festa da Troia nunca devia de acabar. É uma festa muito importante e é a alegria de muitos pescadores e até quando passam as maiores agonias é lembrarem-se da Sra. da Tróia. Quando nos lembramos da Sra. da Tróia vêm sempre coisas ao pensamento, de boas, de benefício que a Sra. da Tróia tem feito” (Domingos, 2006). (...) (p. 90) (...) A fé religiosa e a devoção à Nossa Senhora de Tróia são, desde a origem da Festa, a razão principal da sua existência. No entanto, estas celebrações assumiam nos seus primórdios, início do século XX, um único dia para a realização das cerimónias de carácter litúrgico. Seriam estas a missa de Domingo na capela de Tróia e a procissão pelo areal. Sem datação definida para esta alteração que se foi efetivando de maneira processual e gradual, o acampamento terá conhecido o seu início como algo desorganizado e por iniciativa de algumas famílias que acabavam por ficar no terreno após as celebrações litúrgicas. O alargamento oficial aos seus três dias de cerimónias várias foi dando corpo e substância ao presente da Festa. Com este alargamento foram-se igualmente incrementando as cerimónias litúrgicas que se impuseram como contraponto à realidade profana da Festa. Se para os de fora, a Festa de Nossa Senhora de Tróia constitui um momento de celebração que ultrapassa em demasia a sua componente religiosa, para os próprios, este equilíbrio é mantido naturalmente, assente nas raízes de uma crença sem explicação, na qual todos os outros comportamentos seriam permitidos e estariam a salvo. A fé mantida é caracterizada pelo Padre Álvaro Teixeira (2012) como uma fé de cariz tradicional, denominação que encontra para nos explicar a ausência de comparência por parte de muitos dos romeiros de Tróia, de forma sistemática ao longo do ano, às missas na paróquia de São Sebastião Esta religiosidade popular encontra na família e na atividade económica as bases da sua existência e renovação. A pesca, sendo uma atividade económica (p. 91) que, ainda nos dias de correm, acarreta um imenso perigo aos que a praticam, encontrava no seu passado remoto razões acrescidas para o temor vivido, enfatizado pela fragilidade das embarcações tradicionais, os saveiros, e pelo isolamento e solidão que a própria atividade acarretava¹¹³. São diversos os testemunhos de pedidos de
--	--	--	--

				auxílio a Nossa Senhora de Tróia que fomos recolhendo ao longo dos anos de terreno. É lembrada e relembada nas horas de maior aflição sendo a Festa o momento por excelência para lhe prestarem tributo, quer pelos milagres que fez, quer para que possa aceder aos pedidos de um ano farto em pescarias. Os mortos no mar são frequentemente rememorados na Festa, bem como as condições em que os trágicos desfechos ocorreram. (...) O cumprimento de promessas, a renovação da fé e a rememoração dos mortos são os vetores mais significativos desta devoção a Nossa Senhora de Tróia que se efetivam no terreiro de Festa. Associada a esta forte componente está ainda a bênção das embarcações e dos indivíduos nas águas da caldeira. Sem que seja acompanhado por um qualquer ritual religioso, este tomar banho na Festa não se associa única e exclusivamente ao facto do território ser, para além de sagrado, ao mesmo tempo, uma excelente praia de condições naturais únicas e irrepetíveis. Este a to é-nos descrito como uma renovação dos corpos fatigados bem como das embarcações fustigadas pelo ano de trabalho. (...) (p. 92) (...) Os bailes constantes, a música e a presença abundante do álcool desvirtuam, aos olhares destreinados, as intenções para com o território e celebração. No entanto, a concomitância lógica e natural destes dois mundos não parece inquietar a representação eclesiástica da Festa, que a encara como fazendo parte da ordem natural das coisas, participando, inclusivamente, das brincadeiras, dos almoços, das danças e de uma bebida aqui e ali. Não nos esquecemos, entre tantas outras manifestações semelhantes, de um almoço de Domingo no qual, no final, o Padre atual percorreu, de braço dado com a sua mãe, o território da Caldeira ao som da Charranga, bailando, rindo e batendo palmas. Estas atitudes, de aproximação com o lado profano da festa, não lhe retiram, no entanto, a autoridade moral necessária de que faz uso quando impõe ordem e respeito, ou faz recomendações, no decorrer dos mais diversos momentos litúrgicos. Pelo contrário, parece incrementá-la. (p. 93)
A SONAE e a festa, uma relação cambiante				(...) Tendo em conta que este excerto foi retirado de um texto de 1919, sobre uma visitação a Tróia, achamos pertinente o facto de quase nos servir como futurologia, à época. Marca, no entanto, uma maneira romântica de perspetivar as potencialidades de Tróia, que se tem mantido ao longo dos tempos, e que se efetiva com toda a força e pujança com a ocupação por um empreendimento turístico das dimensões do atual. Com efeito, o casino já foi construído, assim como os vários

			hotéis e unidades hoteleiras, assim como parte do núcleo de interpretação das ruínas romanas. A nós interessa-nos o que falta, a requalificação da zona da Caldeira, cujo projeto de exploração abordaremos no subcapítulo seguinte. Para o presente importa referir que estão reunidas as condições para que este avance, transformando um espaço com características próximas do seu estado selvagem, noutra coisa. As entidades necessárias já deram o seu aval e a festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, e a componente campal, foram salvaguardadas num dos inúmeros pontos do documento a que nos reportaremos. Desde cedo que as preocupações demonstradas com a caldeira de Tróia diziam respeito a dois níveis distintos, o ambiental e o arqueológico. Considerada como o berço de criação para espécies aquáticas e aves a caldeira possui um ecossistema com características únicas que conferem um estatuto de raridade na zona de Tróia (..) (p. 94) (...) No entanto, e por altura dos festejos de Nossa Senhora de Tróia, fazem-se sentir na festa a presença dos representantes dos departamentos da Sonae, Ambiental e Arqueológico, que, no seu segundo dia de festejos, comparecem, ano após ano. (...) (p. 95) (...) No nosso primeiro ano de terreno, 2006, os ânimos sentidos na Festa encontravam-se bastante exaltados. A Sonae havia introduzido nesse ano a utilização de pulseiras, de diferentes cores, que assinalavam em todos os pulsos o tempo de permanência permitido aos seus portadores. Esta foi a situação, seguramente, que mais revoltou quem por lá acampa na altura dos festejos de Tróia. O desconhecimento desta prática, comum nos Festivais de Verão, adicionou uma dimensão de desconfiança e descontentamento. (...) O início das relações entre a Sonae e a Comissão de Festas, em 2001, não foi agradável. A primeira declaração pública sobre esta nova propriedade surgiu no Setúbal na Rede, um jornal digital, a dia 3 de Agosto de 1998, onde podemos ler: "Armando Oliveira conta com o apoio da Câmara Municipal de Setúbal, da Câmara Municipal de Grândola "e ainda algum da Torralta que, por enquanto deixa-nos fazer ali as festas", embora já tenha avisado que "se calhar para o ano as coisas poderão ser feitas noutros moldes". Mas como "enquanto o pau vai e vem folgam as costas", os organizadores preferem não pensar de imediato (p. 96) "no que os novos donos da Torralta poderão fazer às nossas festas". Para já, e numa "jogada de charme", a organização convidou representantes da empresa a visitarem a Caldeira, este ano, "para verem que não tem nada de mal
--	--	--	--

				e que estamos só a celebrar as tradições de Setúbal, tradições que, como todos sabemos, devem ser respeitadas". Após estas declarações, nos dois anos seguintes, e tendo como pano de fundo as restrições que a Sonae fazia sentir à Comissão de festas, os ânimos exaltaram-se de forma mais efetiva devido uma entrevista que o Presidente da Comissão de Festas cedeu a um jornal local de Setúbal. Teve como principal intenção trazer ao domínio público, através do jornal mais lido na cidade de Setúbal, a ameaça sentida entre os festeiros sobre a realização das Festas. As declarações incidiram sobre as imposições com a segurança no terreno, a limitação dos dias de festa e do número de pessoas, apelidando-as de restrições que pretendiam acabar com a Festa de Tróia. Após a entrevista, o então interlocutor entre a Sonae e a Comissão, administrador geral, chamou a atenção do Presidente da Comissão de Festas mostrando-lhe o seu desagrado pelas declarações feitas, preocupado com a imagem dada acerca do empreendimento. Sabemos que desde essa altura o interlocutor mudou, delegando num seu subordinado a articulação com os festeiros, ao qual se juntaram as representantes dos departamentos ambiental e arqueológico, posteriormente. Foi apresentado um pedido de desculpas pelo representante da Comissão após essas declarações e, de acordo com o que nos foi relatado, as coisas ficaram resolvidas entre ambos, sem que tenham no entanto voltado a reunir. A relação estabelecida com o novo interlocutor por parte da Sonae é-nos relatada como positiva e fácil ao nível do entendimento entre as partes envolvidas, facilitando os procedimentos necessários à realização da Festa. Os representantes dos departamentos ambiental e arqueológico são-nos descritos como pessoas que na realidade não nutrem grande simpatia pela realização dos festejos. Quando questionámos os envolvidos na organização sobre esta situação, no sentido de aprofundarmos as características da Festa que seriam despoletadoras de uma certa antipatia por parte destes representantes, o acampamento é-nos apresentado como a razão fundamental. Sobre os rituais, garantem-nos que gostam, são os momentos bonitos e regrados da festa, o resto, o intervalo, que é sem duvida a maior parte do seu tempo, é descrito (p. 97) como indesejável. Em duas ocasiões distintas, o responsável pelo Departamento Ambiental salvaguardou, em conversa no terreno, a perturbação que o acampamento implica no território e nas espécies que o habitam, não discordando diretamente sobre a sua realização. Relativamente ao responsável pelo departamento de Arqueologia, os momentos solenes da Festa
--	--	--	--	--

			foram bastante elogiados sem que houvesse referência elogiosa à situação do acampamento. Este foi referido como necessário à realização dos festejos mas com um impacto não tão positivo no território das ruínas. Relataram-nos algumas situações de violação deste território, pela ausência de delimitação e proteção do mesmo, situação à data resolvida. As negociações que ocorrem offstage e permitem que a festa se venha a desenrolar não são, nos dias que correm, do conhecimento da grande maioria das pessoas que acampam, ficando reservadas para os representantes da comissão. Estas aflições, bastante atenuadas após a inserção da Festa de Tróia enquanto cláusula do projeto de exploração turística do território, estão na origem de um sentimento de responsabilidade extrema, por vezes sufocante, que paira sobre os membros da comissão. As possibilidades de algo correr mal, ou a incerteza do próprio acontecimento, afligem-lhes os nervos e inquietam-lhes as mentes. A festa deixou de ser lúdica dando lugar uma responsabilidade sem par nas suas vidas. Aos restantes, festeiros, famílias e acompanhantes, estas situações que envolvem diplomacia e jogo de interesses, passam efetivamente ao largo. Se em 2006 a contestação era elevada, em 2007 e 2008, os ânimos aquietaram-se. A introdução da GNR a cavalo, a delimitação do território de acampamento com a presença permanente de guardas, o crescimento das cercas que delimitam as ruínas não pareceram surtir qualquer efeito contestatório, à semelhança do que aconteceu com as pulseiras. Muito pelo contrário. Os discursos cambiaram. Por diversas vezes ouvimos falar destas acções, agora positivamente. Gerou-se uma onda de aceitação sobre a segurança, que em seu entender está lá para os proteger de possíveis assaltos, assegurando-lhes uma noite mais tranquila. Este facto relaciona-se com o aumento de participantes no acampamento, onde já nem todos se conhecem. A introdução das casas de banho portáteis também foi encarada como uma ajuda às próprias condições de acampamento, assim como a água potável. Consideram, inclusivamente, que a Sonae deveria providenciar balneários, para poderem tomar banho em condições, sem ser à entrada das tendas ou nas dunas traseiras. Em momento algum as ações levadas a cabo pela Sonae, bem como o progressivo encurtamento do espaço, cada vez mais efetivo com o crescimento das ruínas, foram encaradas como ações que visam, (p. 98) meramente, a proteção do território e a minimização dos estragos.
--	--	--	--

				Como reverterem a seu favor, não têm sido questionadas ou sentidas como ameaças mesmo sendo uma presença de vigília, e controlo, efetiva e visível. A garantia de continuidade da Festa parece-nos ter acalmado todos e quaisquer ânimos. O facto da realização da mesma puder vir a sofrer alterações, como aliás já foi referido por várias vezes aos membros da comissão por parte dos representantes da Sonae, não tem, à data presente, repercussões efetivas. O plano de requalificação do território está ainda numa fase incipiente, sendo que a única intervenção sentida diz respeito às ruínas, e pouco mais. O resto do território continua a estar disponível para a realização da Festa, situação que num futuro próximo não se verificará se tivermos em conta as alterações projetadas. Quando questionámos os interlocutores da Sonae sobre a articulação entre a Festa e a construção do Hotel de charme e área adjudicante, onde ocorre a missa e o baile, a solução apresentada foi a do fecho do hotel nos dias da Festa, por muito inverosímil que possa parecer. Como a prática não se efetivou, os ânimos acalmaram, e a aproximação entre a Sonae e a Festa tem sido gradual e publica, vivendo-se presentemente tempos de calma. A presença do próprio Belmiro de Azevedo no almoço de Domingo, em 2011, muito contribuiu para esta relação, aparentemente apaziguada, entre as duas instâncias visadas. (p.99)
Conside rações presentes: inquietações futuras				(...) Reza a história que alguns dos romeiros encontraram no templo romano o local ideal para comportamentos indesejáveis, no ano de 2010. Consequentemente, os organizadores sofreram chamadas de atenção inquietantes, que ainda hoje questionam a sua justificação, tendo aumentado significativamente a vigilância e o afastamento definitivo do circuito das ruínas do circuito festivo. Temos vindo a assistir, gradualmente, a um processo lento e difuso de conotações do local que o distanciam significativamente do lugar de memória (Nora, 1986) que os pescadores elegem como seu. As cambiantes intencionalidades do território, o fosso entre o que é projetado como desejável para a ocupação do mesmo e a partilha com a realidade campal, bem como as recentes configurações deste grupo como potencial destruidor da riqueza (p. 117) ambiental e arqueológica, surgem como estratégias que poderão sentenciar os desígnios futuros da festa. A realização da mesma sob outros moldes é garantida, a requalificação do território assim o obriga e a propriedade recente já o admitiu. (...)Somos tentados, pelo estudo do seu presente, a avançar com as hipóteses de um futuro próximo, no qual conseguimos

				perspetivar uma festa sem acampamento, resumida às cerimónias de carácter litúrgico, bonitas, pacíficas e fugazes, aprazíveis ao olhar (Urry, 1995), e que ainda assim conseguiriam devolver, em medida doseada, aos seus espectadores, um certo sentido de autenticidade (Macannell, 1999). Como resposta a estas inquietações encontramos uma comunidade que utiliza o seu passado enquanto artefacto do presente (Lowenthal, 1978), assumindo-o como o legitimador sobranceiro do usufruto do território. Este é, no entanto, um processo relativamente pacífico no seu presente dada a inserção da manutenção da festividade enquanto cláusula de exploração do território. Esta ocasião proporcionou aos que estão por dentro das negociações, a calma que necessitavam para lidar com um presente que sentiam fugir, por imposições que lhes são externas e com as quais sabemos que teriam sérias dificuldades em lidar. Pacificado o exterior viram-se para si próprios e encontram no seio da sua organização social os motivos que ameaçam o seu futuro. Perdemos a conta ao número de vezes que ouvimos, de há três anos a esta parte, a festa de Tróia só acabará quando já não houver pescadores para a fazer. (...) presença das gerações mais novas na Festa, que inequivocamente assume uma condição de segurança do futuro, não resolve, no entanto, esta questão. Estas gerações não partilham, por razões alheias às suas opções de vida, da profissão dos pais ou avós, que significaram até ao presente, o cunho identitário destas festividades. A diminuição drástica do número de embarcações e da quase extinção de uma profissão, que oscila entre as justificações da escassez de peixe, os incentivos ao abate das embarcações pela então C.E.E., a delimitação cada vez mais cerrada das zonas autorizadas à pesca no rio, à fragilidade da própria profissão, minam este presentismo festivo. Apresentamo-lo como o último paradoxo detetado. Nenhum dos pais ou mães pescadores afirmaram em momento algum que queriam a sua profissão para os seus filhos. A vontade de perpetuar esta imagem identitária da festa contraria o desejo efetivo que esta se concretize. É uma festa de pescadores, é tradição e por isso não devia acabar conhece um presente que já é (p.118) quase passado e que não tem ambições de ser futuro, podendo assumir contornos definidores acerca da sua autenticidade revestindo-a de uma efetiva encenação (Macannel, 1973, 1992, 1999). (...) Esta hipertrofia tornou-se desconfortável em si mesma. O presente anseia por se ver como passado, pois ainda não aconteceu completamente e mesmo assim já passou (Hartog, 2003:28-29). Assumem a
--	--	--	--	--

				projeção da festividade enquanto património, conceito erudito que relegam para as instâncias mediáticas e museais, utilizando frequentemente na sua nomeação, e no seu discurso formal sobre si próprios, a legitimação da celebração apoiada nos meandros da tradição. Esta utilização reveste-se da duplicidade problematizada por Augusto Santos Silva (1994): o uso da tradição, enquanto instrumento cultural básico, serve quer os movimentos que contrariam a mudança, quer aqueles que pretendem incorporá-la, controlá-la e agarrá-la, coexistindo na maioria dos casos numa só posição, ambígua mas não contraditória. Estes processos, estas consciências, estes usos, trazem à luz das nossas problemáticas sujeitos que se (re)equacionam numa realidade nova, numa encruzilhada, num presente omnipresente que rema contra a maré da contemporaneidade dos processos de patrimonialização, objetificação, mercantilização, apropriação e emblematização cultural. São demasiados os quadros em que se poderiam enquadrar. No entanto quis esse mesmo presente que a realidade da Festa de Tróia fosse outra. Resta-nos o questionamento que, esperançosamente, nos providenciará as bases certas ao aprofundamento teórico-prático deste estudo de caso. Tendo em conta tudo o que foi exposto até ao presente indagamos sobre que matérias se apoiará o futuro desta celebração (?), na certeza porém, de que contrariaremos a afirmação, algo provocatória, com os patrimónios da humanidade, nada se perde (Jeudy, 2008: 103). De que forma se operacionalizará a coexistência de dois patrimónios distintos que se norteiam por sistemas de valorização e proteção diferentes? Quais as (re)significações do espaço? Haverá espaço para a apropriação ou a marginalização da festividade ditará sinergias futuras? Por último, mas não menos importante, sob que quadro social e político se desenharão estas lutas, conquistas e perdas? (...) (p. 119)
Bibliografia e fontes específicas sobre Festa/Setúbal				AZEVEDO, Pedro (1897, 1898) “Estudos sobre Tróia de Setúbal”, in O Arqueólogo Português, vol. 3 e 4, pp. 257 a 265 e 18 a 45 CABRITA, Mateus; TAVARES DA SILVA, Carlos (1964) “Estações romanas da Região de Setúbal”, in Revista Cetóbriga, nº 1 e 2 CABRITA, Mateus; TAVARES DA SILVA, Carlos (1966) “O Problema da

				destruição da povoação romana de Tróia de Setúbal” in Revista Guimarães, vol. LXXVI CASTELO-BRANCO, Fernando (1963) “Aspectos e problemas arqueológicos de Tróia de Setúbal” in Revista Ocidente, vol. LXV DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando; GONÇALVES, Luís (1997) Festas, Feiras e Romarias – percursos na Costa Azul, Setúbal, Região Turismo da Costa Azul GONÇALVES, Victor ; TAVARES DA SILVA, Carlos (1978) “Ânforas romanas da área urbana de Setúbal” in Setúbal Arqueológica, vol. IV MARQUES DA COSTA, António (1924 a 1934) “Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal” in O Arqueólogo Português, vol. 26, 27, 29, pp. 314-328, pp. 314-328, pp. 2-3 MARQUES, Luís (2000) Tradições Religiosas entre o Tejo e o Sado, Lisboa, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões PINHO, Jaime (1990) Entre Urzes e Camarinhas: as festas da Arrábida e de Tróia, Setúbal, Estuário REIS, Manuel (1924), GAUDÊNCIO, Joaquim (1939) Apontamentos sobre a Península de Tróia, documento manuscrito, Biblioteca Municipal de Setúbal SOARES, Joaquina (1980) Estação Romana de Tróia, Câmara Municipal de Grândola e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Setúbal VASCONCELLOS, José Leite de (1895) “Ruínas de Tróia (em frente de Setúbal), in O Arqueólogo Português, vol 1, pp. 54-62
--	--	--	--	---

				VASCONCELLOS, José Leite de (1897) “Escavações reais em Troia”, in O Arqueólogo Português, vol. 3 VASCONCELLOS, José Leite de (1897) “Estudos sobre Tróia de Setúbal” in O Arqueólogo Português, vol. 3, nº 5 a 6, pp. 156 a 160
--	--	--	--	--

Apêndice VI - Preparação das entrevistas

Passos Necessários	Descrição
Definição dos objetivos da entrevista	Possibilitar a compreensão das ações e estratégias para a salvaguarda da Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia, tendo por base o que se segue: 1. Identificar “detentores” da Festa enquanto património cultural imaterial; 2. Identificar e caracterizar medidas de salvaguarda da Festa enquanto património cultural imaterial, “incluindo a identificação, documentação, investigação, preservação, protecção, promoção, valorização, transmissão - essencialmente pela educação formal e não formal – e revitalização dos diversos aspectos deste património”. 3. Conhecer a perceção que têm os informadores privilegiados sobre eventuais “ameaças de degradação, desaparecimento e destruição do património cultural imaterial (UNESCO, 2003) e sobre fatores que contribuem para essa situação; 4. Obter informações relativamente à perceção que têm sobre os resultados das medidas de salvaguarda identificadas
Entrevistados (as)	Lurdes Inácio Conceição – Aia de Nossa Senhora Madalena Lopes – filha de antigo festeiro e pescador

	Armando Oliveira – Presidente da Comissão de Festas de Tróia Dr. Nuno Costa – Presidente da Junta de Freguesia de São Sebastião Padre Casimiro Henriques – Pároco da Igreja de São Sebastião Mestre Lucinda Fernandes – Coordenadora do Museu do Trabalho Michel Giacometti Joaquim Lopes – filho de antigo festeiro e pescador João Martins – pescador (Faralhão) Dra. Maria das Dores Meira – Presidente da Câmara Municipal de Setúbal David Lopes – antigo pescador e mestre de embarcação (origem varina) Rui Costeira – pescador e mestre da embarcação “Galarim” (avós oriundos da Murtosa)
Entrevistador	Mestrando do curso de Educação Social e Intervenção Comunitária do Instituto Politécnico de Santarém-IPS.
Condições Logísticas	Impressão do guião. Gravador áudio do telemóvel

Apêndice VII - Planificação da entrevista

Descrição	Passos necessários	Descrição
	Propósito	Possibilitar a compreensão das ações e estratégias para a salvaguarda da Festa Nossa Senhora do Rosário de Tróia, tendo por base o que se segue: 1. Identificar “detentores” da Festa enquanto património cultural imaterial; 2. Identificar e caracterizar medidas de salvaguarda da Festa enquanto património cultural imaterial, “incluindo a identificação, documentação, investigação, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão - essencialmente pela educação formal e não formal – e revitalização dos diversos aspetos deste património”. 3. Conhecer a perceção que têm os informadores privilegiados sobre eventuais “ameaças de degradação, desaparecimento e destruição do património cultural imaterial (UNESCO, 2003) e sobre fatores que contribuem para essa situação; 4. Obter informações relativamente à perceção que têm sobre os resultados das medidas de salvaguarda identificadas.
	Entrevistados (as)	Lurdes Inácio Conceição – Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia (avós oriundos da Murtosa) Madalena Lopes – filha de antigo festeiro e pescador

		Armando Oliveira – Presidente da Comissão de Festas de Tróia Dr. Nuno Costa – Presidente da Junta de Freguesia de São Sebastião Padre Casimiro Henriques – Pároco da Igreja de São Sebastião Mestre Lucinda Fernandes – Coordenadora do Museu do Trabalho Michel Giacometti Joaquim Lopes – filho de antigo festeiro e pescador João Martins – pescador (Faralhão) Dra. Maria das Dores Meira – Presidente da Câmara Municipal de Setúbal David Lopes – antigo pescador/mestre de embarcação (origem varina) Rui Costeira – pescador/mestre da embarcação “Galarim” (avós oriundos da Murtosa)
	Meio de comunicação	Tipo – oral (gravada com consentimento). Espaço – instalações da cooperativa. Momento – a definir com o entrevistado.
	Tempo de entrevista	Variam em duração desde 19 minutos a 1 hora e meia.
Elaboração	Entrevista	Variáveis a serem estudadas: Descrição dos itens: - Elaboração de questões agrupadas em categorias e/ou em subcategorias. - Considerar expectativas do entrevistador. - Resumir o discurso oportunamente.
	Marcação da entrevista	Apresentar de forma breve o tema da investigação. Decidir o espaço e o tempo com o entrevistando.

		NOTA: evitar local onde estejam presentes outras pessoas, nomeadamente familiares, amigos ou conhecidos da pessoa que está sendo entrevistada, com o fim de evitar possíveis interferências.
Realização	Critérios gerais a ter em conta	Embora seja apenas feita uma análise de conteúdo às palavras transcritas do entrevistado, deve-se ter em conta: - O estado de espírito do entrevistado (confiança, confusão, Constrangimento ...). - Contradições do entrevistado. - Momentos em que o entrevistado manifesta as suas emoções. - Linguagem corporal. - Tonalidade e ritmo da linguagem do entrevistando. - Género de linguagem utilizada. - Ambiente onde a entrevista é realizada.
	Aspetos formais a ter em conta	Apresentação: - Criar um ambiente descontraído, mostrando gentileza e atenção para com o entrevistado. - Manter o profissionalismo, procurando levar o entrevistado a responder às questões e esclarecendo dúvidas que este possa ter. Descrição do projeto: - Referir o âmbito da entrevista. Consentimento: - Solicitar a autorização do entrevistado via prévia autorização. NOTA: desde já, explicando a fundamental importância, pedir autorização para

		gravar. Caso haja, resistência, tentar o compromisso. Tentar pedido para a gravação, ao tempo em que diz que no final deixa ouvir para ele ver se autoriza ou não. Decorrer da entrevista: - Deixar o entrevistado falar livremente. - Focar o entrevistado nos tópicos principais. - Estimular o entrevistado a expor mais acerca dos tópicos mais importantes. Terminar a entrevista: - Atender ao limite de tempo da entrevista. NOTA: se estiver tranquilo deixa correr mesmo ultrapassando o tempo; se estiver a ficar ansioso remarca para continuar a conversa noutro dia explicando que ele está falando coisas tão interessantes e importantes e que gostaria de continuar a conversar mais um pouco sobre a experiência dela. - Fazer um apanhado das ideias principais. - Apresentar um agradecimento final. NOTA: reforçar a importância do contributo – sempre valorizando a pessoa entrevistada. Tomar notas: - Anotar as disposições corporais e emocionais do entrevistado. - Eventualmente, apenas no caso da não autorização da gravação da entrevista, proceder às anotações diretas no curso da entrevista.
--	--	---

Apêndice VIII - Realização da entrevista

Legitimação da entrevista	Objetivo	Tópicos/exemplos de questões	Observações
	Legitimar a entrevista Informar sobre o âmbito do trabalho que conduziu à realização da entrevista	Encontro-me a frequentar o Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária e no âmbito da dissertação de mestrado pretendo realizar estas entrevista tendo por investigação as medidas e ações de salvaguarda da Festa enquanto PCI.	Frisar que se trata de um estudo
	Motivar o entrevistado Informar sobre a importância da participação do entrevistado	Necessitado da sua colaboração para compreender de que forma o movimento cooperativista contribui para a inclusão social dos catadores de resíduos sólidos recicláveis.	Esclarecer: -Objetivo da entrevista. -Que não há respostas corretas ou erradas.

	Utilização dos dados recolhidos	Esta entrevista é importante para confirmar e, eventualmente, aprofundar a literatura existente acerca desta matéria. Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e anonimato.	Garantir a confidencialidade e anonimato do sujeito, a sua proteção e a não difusão dos registos. Solicitar o uso de maior sinceridade, sem qualquer tipo de preocupação com juízos de valor.
--	---------------------------------	---	---

Dados biográficos do entrevistado	Objetivos	Questões
	Caraterísticas do entrevistado	Ambos
	Possível relação entre respostas e itens descritos	Idades (acima de anos). Informadores privilegiados/perceção dos atores

Apêndice IX - Passos subsequentes à realização da entrevista

Verificação dos requisitos dos dados	- Validade: Comparação com outros dados externos de importância. - Relevância: importância em relação aos objetivos propostos. - Clareza: referência a datas, profissão, idade, nome do local do evento.
Tratamento dos dados	Análise das respostas às questões: - Transcrição da entrevista. - Análise de conteúdo da entrevista escrita.
Elaboração das análises	- Explicitar metodologia. - Descrever recolha e tratamento de dados. - Apresentar a análise dos dados. - Realizar as conclusões.

Fonte: Elaboração Autor (Renato Mendes), a partir de Agostinho (2012).

Apêndice X -Transcrição integral das entrevistas realizadas

Dimensão	Sub-dimensão	Conteúdo
Caraterização da participação do entrevistado e familiares na festa	Caracterizar o trabalho desenvolvido e participação na festa	(Armando) Participa nas festas desde miúdo/pequenino (ia sempre com os meus tios); membro da comissão das festas há 27 anos; tive a minha filha como secretária; a família participa na festa, a esposa é responsável por algumas coisas; presidente da comissão há 26 anos; desempenha funções burocráticas, tratar das licenças, falar com as entidades e chegar ao fim e estar tudo tratado; chegou a desempenhar as funções de secretário; trabalhamos arduamente desde maio até 15 de setembro para a festa, no final da festa sentimo-nos todos realizados. Os reconhecimentos da Câmara Municipal de Setúbal e da Junta de Freguesia de São Sebastião, é bom, todas estas instituições nos reconhecerem o nosso trabalho e o empenho que nós temos para que esta festa seja uma realidade, na península de Setúbal e cidade de Setúbal, sente-se o nosso trabalho ser reconhecido. É assim, já atingi um grau muito acima se calhar, eu fui o grande responsável, às vezes eu digo que a festa é “minha”, com amor, com carinho, sinto que é minha, que é familiar, se calhar fiz coisas que não devia ter feito, para chegar a um patamar tão grande, nós não temos muito arcaboço para que esta festa vá mais para cima, porque eu agora quero

		estagnar esta festa, mas é assim sinto que temos que fazer isso, o sítio onde estamos, as pessoas cada vez estão a aderir mais nós, temos que fazer uma restrição. A comissão começa a trabalhar 3 meses antes na organização da festa. A comissão é composta por 3 membros efetivos e 7 suplentes; é assim, a escolha não tem muito que escolher, antigamente as pessoas convidavam-se uns aos outros para a comissão e fui um daqueles que fui escolhido, hoje estou farto de pedir à juventude, às pessoas que queiram vir para a festa, porque esta festa tem uns contornos que quem ser membro da comissão tem que abrir a bolsa, porque nós vamos trabalhar mas pagamos da nossa algibeira, os nossos alimentos, as nossas deslocações e tudo, estou farto de dizer às pessoas qualquer dia temos que pensar bem, se querem vir, se querem que esta festa acabe. Da comissão de 1962, devem existir um ou dois elementos vivos. (Padre Casimiro) Na Paróquia de S. Sebastião há 2 anos, é o primeiro padre diocesano na Paróquia de S. Sebastião, estavam aqui os Padres Claretianos, que com a morte do Padre Álvaro Teixeira, decidiram encerrar o ciclo da sua presença, os Padres Diocesanos estão ligados a um território concreto, no meu caso, o meu destino poderá ir desde a Trafaria a Canha e de Canha a Setúbal. (Presidente da Câmara) Sim, não é com muita regularidade, mas
--	--	--

		pontualmente vou à Igreja de S. Sebastião. Sim já me disseram que teve origem na devoção a Nossa Senhora do Rosário de Tróia por parte dos nossos pescadores que vivem ali naquela freguesia de S. Sebastião essencialmente, também há pescadores da freguesia da Anunciada que são devotos de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, que menor, mas essencialmente é uma procissão digamos de devotos, de pescadores devotos de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Consiste, numa comunhão, numa participação, num convívio, numa proximidade entre uma festa, essencialmente, que tem duas partes, uma parte pagã e uma parte religiosa, a parte pagã tem que ver com todos aqueles que aproveitam esta altura do ano para conviverem, para se divertirem e também homenagear, acabam sempre por homenagear Nossa Senhora. E aqueles que são católicos, são religiosos e têm fé na virgem, na Nossa Senhora do Rosário de Tróia, portanto estão ali com devoção e em sinal de agradecimento a Nossa Senhora, digamos pelo ano que tiveram de trabalho e pelo ano próximo, o ano que se segue para que tenham saúde, sorte na faina, na sua atividade piscatória e portanto é este agradecimento que eu acho que eles estão ali em devoção, eu sendo católica, sou cristã e portanto acho este ato, este evento de um grande simbolismo de agradecimento dos pescadores a Nossa Senhora, um ato muito importante, muito interessante, um ato que já remonta há muitos,
--	--	--

		muitos anos atrás e que a mim me sensibiliza muito e me toca muito, e portanto é sempre com muito gosto que quando me convidam para participar, quer na parte pagã, quer na parte religiosa, eu participo, porque gosto de estar junto das pessoas, e portanto há a procissão na praia, que se segue a uma missa, e portanto eu estou praticamente sempre na missa de domingo, normalmente é um domingo e depois estou na procissão que se segue na praia, e vamos ao almocinho, que é a parte pagã e que é um almoço que de fato, em que todas entidades oficiais que participam naquela celebração, estão presentes, em confraternização com a organização da festa, e portanto fazem ali uma caldeirada, nunca vista em lado nenhum, e portanto no dia da procissão marítima, lá estou eu, porque eu acho que é uma procissão que toca, de fato, que a mim me toca em particular, porque é uma procissão, que não se realiza quase sítio nenhum, já se realizou em tempos idos, em terras algarvias, noutros sítios, mas tanto quanto sei, é quase única no país, poderá mais haver mais uma ou outra e agora foi reativada o Círio da procissão da Nossa Senhora da Arrábida, não é, mas teve interrompida durante muitos e muitos anos, e foi agora com a ajuda da União das Freguesias de Setúbal, com a Paróquia da Anunciada, que se reativou, mas de fato a Nossa Senhora do Rosário de Tróia, tem um peso maior, é mais antiga, eu penso que nunca teve interrupções, o que lhe confere um outro simbolismo, uma outra importância.
--	--	--

		A Câmara de Setúbal não se pode dissociar, de uma festa tão importante como esta para a nossa comunidade piscatória, e portanto ela é feita, como disse atrás, em honra da Nossa Senhora de Tróia, tem esta particularidade religiosa, mas tem outra particularidade, que é uma particularidade cultural, histórica e de manter uma tradição, e portanto desse ponto de vista a Câmara Municipal não pode estar dissociada desta participação e ajuda com uma comparticipação financeira e com uma participação logística, muito importante, se não fosse a Câmara, eu não sei se a festa se aguentaria, a ser feita, sem ajuda, de quase mais ninguém, nos últimos anos, a União das Freguesias de Setúbal tem dado um apoio muito importante, a Freguesia de S. Sebastião também dado um apoio, mas o município do sítio onde se realiza a festa, não sente tanto a festa como sua, porque a sede do município está quase a 80 quilómetros de distância e não têm ali uma comunidade piscatória como nós temos, não é, e aquela festa começou a ser feita para Setúbal e para os setubalenses, não é, o município de Grândola, participa com algum apoio logístico e talvez apoio financeira, não tenho a certeza, mas o envolvimento é diferente, porque quase todas as pessoas que ali estão, são de fato de Setúbal. No ponto de vista logístico, financeiro. Temos que ver, do ponto de vista sociológico e do ponto de vista de proximidade, é extremamente importante, nós sentirmos o que é que a nossa comunidade sente, quais
--	--	--

		são os seus anseios, as suas expetativas, o que é que sentem, como é que, do ponto de vista cultural aquilo acontece, como é do ponto de vista histórico aquilo acontece, como é do ponto de vista da tradição aquilo se mantém há tantos e com aquela veneração, justa veneração a Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Como já disse, é não deixar cair a cultura, a tradição, religião e história. Exatamente aquilo que eu acabei de dizer, a preservação da história, da cultura, da tradição e da religião, e portanto, ao acabar, ou ao pôr em causa, em risco, a continuidade daquela celebração religiosa, portanto não estar previsto naquela declaração ambiental, a utilização do rio para aquela atividade, não é, estávamos a por em causa uma atividade que tem muitas e muitas décadas de realização. O sucesso é muito grande, não é, o grau de sucesso é muito grande, assim nós tivéssemos mais capacidade, quer de meios humanos para poder ajudar, quer de meios financeiros para poder ajudar, que o sucesso, que a ajuda e o apoio seria ainda melhor e maior, no sentido de não deixar nunca cair aquele evento. Eu já disse, a União das Freguesias de Setúbal, tem tido um papel muito importante, quer financeiro, quer apoio logístico, a Junta de Freguesia de S. Sebastião, a Capitania, a APSS, a Sonae, a Câmara de Grândola, enfim, estas entidades são todas extremamente importantes, a
--	--	---

		própria paróquia, porque esta é uma festa, que começou e que tem um apoio fundamental com a paróquia, não é, devido à sua forte ligação à religião. Sim, nós temos nos últimos anos, temos feito, constituímos um grupo de trabalho, que funciona com a Comissão de Festas, não é, este grupo de trabalho começou a ser promovido pela Câmara Municipal, foi a Câmara que criou o grupo de trabalho, que tem estas entidades todas estas entidades, no sentido de melhor organizar a festa e dar melhores condições que ficam ali alojadas, não é, e de funcionamento do próprio evento e portanto foi liderado por nós, mas tem estas entidades todas que eu disse há pouco. Sem sombra de dúvida, nós podemos assistir de ano para ano, há turistas nacionais e já alguns internacionais, que veem naquele dia para ver a festa e podemos ver no rio, há uma série de barcos, de pessoas que não são de Setúbal, que vêm integrar a própria procissão e nas margens do rio essencialmente do lado de Setúbal, também do lado de Tróia, também há muita gente nos ferrys, não é, nos barcos, nos catamarans, muita gente ali naqueles pontões e nas praias, mas do lado de Setúbal, é uma coisa impressionado, os milhares de pessoas que estão a acompanhar a vinda dos barcos até ao final da procissão. O evento é fundamental para a candidatura, sem evento não há candidatura, mas estamos, o Museu do Trabalho já fez um grande
--	--	---

		levantamento em relação ao evento e estamos a preparar o processo da candidatura à UNESCO, não é, é um processo complicado, que é capaz demorar algum tempo, que todos estes mestrados e doutoramentos que já foram feitos à volta, desta realização, vão ser com certeza fundamentais para o processo de candidatura. (Presidente da JFSS) frequentei assiduamente durante muitos anos a Igreja de S Sebastião, fui lá escuteiro e portanto também por essa via o contacto a alguns anos atrás com as Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Ela surge para no fundo como manifestação religiosa para acudir no fundo, ir ao encontro daquilo que eram os receios dos marítimos de então, ou seja as pessoas tinham por hábito e aliás isso acontecia pelo país inteiro, arranjar estas manifestações religiosas, para poderem no fundo pela via religiosa, tentar ter anos com menos sobressaltos, com menos problemas no mar, com menos mortos, com menos acidentes ou seja por via religiosa pedir no fundo ajuda superior para que tivessem menos problemas na sua vida marítima, que é uma vida muito difícil, muito conturbada e que não raras vezes vai ceifando aqui ou acolá, as vidas de alguns marítimos, pescadores neste caso, e portanto eu acho que é esta a origem que também não é exclusiva aqui de Setúbal, mas julgo que será esta a origem, ela já tem algumas centenas de anos e portanto mas, daquilo que se sabe, do ponto vista daquilo que é a história, julgo que
--	--	--

		essa seja a origem. Elas têm uma componente religiosa muito forte e portanto daí corresponderem ainda hoje a esta questão, de ir ao encontro daquilo que são as preces dos homens do mar, portanto essa componente religiosa mantem-se muito fortíssimo com vários pontos altos, durante os três dias de festa, como os círio fluviais, as procissões na praia, tanto à noite como de dia, enfim, depois tem uma componente festiva também intensa, a missa de domingo, ela tem de fato a sua maior força, é a componente religiosa, depois consegue aliar aqui uma componente festiva, quase pagã, em determinados aspetos, também muito intensa, tem arraiais, tem bailes, tem foguetes, tem enfim, convívios generalizados pelo território da festa, na Caldeira, entre as famílias, enfim, é também um ponto de encontro, é um ponto de convívio, é um ponto de festa, com uma componente religiosa muito forte, como disse, de devoção a Nossa Senhora do Rosário de Tróia e com esta componente de pedir para que possam tirar dali o seu sustento, não tinha referido isso e que possam viver mais um ano sem grandes sobressaltos e que possam continuar a valer às suas famílias, que é aquilo que os homens do mar pretendem. Ora bem, a junta de freguesia tem apoiado as festas, financeiramente, dá um apoio financeiro, dá apoio logístico, portanto com questões que nos vão sendo pedidas à peça, com mesas, com cadeiras, etc e de certa forma aqui a alguns anos atrás, quisemos que a procissão
--	--	---

		tivesse maior brilhantismo e fomos nós que propusemos à Comissão de Festas, que a banda, na altura era a banda de Alcácer, mas agora é a banda da Capricho, uma banda aqui da cidade, pudesse participar também na procissão e portanto é a junta que também que paga, a atuação da banda na procissão e é a forma que nós temos, para além do relacionamento que é o melhor que pode existir, há este tipo de apoios, portanto diretamente na procissão, que sai no sábado até à santa passar para o barco, há o apoio financeiro e o apoio logístico. Nós associamo-nos à festa para além destes três tipos de apoios, associamo-nos com a nossa presença naturalmente, para nós é uma honra muito grande participar fisicamente, os membros do executivo na festa, mas nós temos uma relação de parceria com eles ou seja nós não nos intrometemos nas decisões que a comissão toma, limitamo-nos a agir de todas as maneiras que nos são solicitadas para que a festa tenha de fato um futuro garantido, quer na relação com as outras entidades, isso também é muito importante, com outras juntas de freguesia, com as autoridades policiais, etc, quer na questão do apoio direto que a junta pode dar, quanto às todas as outras dinâmicas das festas, nós não nos intromete-mos, enfim naquela comissão que recentemente foi criada há dois anos, vamos dando algumas opiniões, não é, naquilo que é a opinião coletiva saída daquela comissão, mas não passa disso, de resto, a comissão é autónoma, desenvolve a festa, têm as suas relações com a
--	--	---

		igreja, que eles lá têm que dirimir, mas a junta é no fundo um parceiro, a quem eles podem solicitar algum apoio, que não se intromete naquilo que é o nível de decisão da festa. Nos últimos anos, a Comissão de Festas fez uma coisa surpreendente e numa altura que se falava, enfim que a festa estava ali com alguns problemas, podiam até condicionar a possibilidade de a festa se realizar ou não, esta deve ser das festas que envolve mais entidades no que diz respeito à sua viabilização, e portanto o que a Comissão de Festas conseguiu fazer foi juntar todas à mesma mesa, PSP, GNR, duas Câmara Municipais, três Juntas de Freguesia, Polícia Marítima, Porto de Setúbal, bom, enfim um conjunto grande e alargado de instituições e que têm perspetivas diferentes de intervenção, uma junta de freguesia atua de uma maneira, a PSP como autoridade atua de outra, o Porto de Setúbal tem outros desideratos, e portanto, colocar toda esta gente a falar, toda esta gente mais do que a falar, sentados à mesma mesa, a pensar no que é que de melhor podiam fazer para a que festa fosse o melhor possível, foi o melhor que se conseguiu nos últimos anos, e nós temos orgulho de ter participado nesse movimento, e portanto hoje não tenho dúvidas, volvidos dois anos, de uma perspetiva de trabalho mais coletiva, não tenho dúvidas absolutamente nenhuma, a festa hoje não está minimamente em perigo, resolveram-se alguns problemas que de fato existiam, de barracas que estavam lá permanentemente, de situações de alguma insegurança que
--	--	---

		poderia haver ali, mas resolveu-se isso tudo, questões de salubridade, os chuveiros, mais meios para a festa, mas todos com a sua capacidade instalada, já agora a Tróia Resort, porque aquele não é um terreno que é público, mas está na jurisdição da Polícia Marítima, há ali um conjunto de fato significativo, os bombeiros, um conjunto significativo de instituições que se tiveram de sentar à mesma mesa, e todos volto a dizer, com a sua capacidade instalada, ver como é que podiam contribuir melhor para que a festa fosse de fato um sucesso e hoje isso sente-se, temos uma festa de fato diferente e eu acho que isso foi o que melhor se fez para preservar aquela festa. E já agora, só outra coisa, e também a questão da promoção da festa, nós temos, aquilo que é a nossa capacidade de colocar cá fora a informação, todos os nossos meios à disposição da festa, portanto isso em regra temos isto também para o movimento associativo, mas neste caso, ou seja, a divulgação do cartaz, publicidade, enfim tudo isso, é possível e, portanto, também é um dos nossos contributos para a promoção da festa, a sua divulgação. (Lucinda Fernandes) No Museu, sentimos um reconhecimento por parte da comunidade que acompanha a Festa. Aqui temos feito muito trabalho de terreno, com as comunidades e tudo isto criou um grande envolvimento entre o Museu e as comunidades relativamente à Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Começamos a estudar e frequentar a Festa, sob orientação da Dra.
--	--	--

		Isabel Victor. Na altura, a nossa equipa eramos apenas três: Dr^a Isabel a Dra. Maria Miguel e eu, antropólogas e agora somos duas. Acompanhámos os rituais das Festa a recolher testemunhos, histórias de vida, objetos significativos associados a estas pessoas ligadas à comunidade marítima. Para além disso também envolvemos também os nossos estagiários no estudo da Festa Recordo-me que juntamente com dois estagiários (que na altura eram a Marta Ferreira e o Ricardo e que fizeram a sua tese de licenciatura, que se intitula “Varinos, nós?”), andámos pelas casas das pessoas, ligadas à comunidade marítima, a recolher objetos que fossem significativos para estas pessoas, fizemos uma exposição com esses objetos e documentos em que as pessoas reportavam as suas memórias. Fizemos aqui uma grande exposição, e também trouxemos a Santa para o Museu e não imagina como é que, as pessoas entravam aqui e sentiam este espaço como um “santuário”, chegavam ao pé da Santa e abençoavam-se. Todas estas histórias estão relatadas na tese destes dois jovens nossos estagiários. Toda a comunicação entre o museu e a comunidade, tem grande importância, porque eles sentem que o museu também faz parte desta grande família de marítimos e é um ganho para todos.
--	--	---

		Acompanhamos nesses dias o antes e depois da Festa, desde o peditório, (ainda ontem por exemplo, fomos ver os andores a serem enfeitados), depois acompanhamos, na igreja, a missa em memória dos marítimos falecidos, a ida da procissão dos andores engalanados para Tróia, em barcos dos pescadores, as missas na caldeira, os jogos, o almoço com famílias e entidades oficiais, a vinda para setubal , passando pelo Outao, a charanga, sem duvida devido a todos estes passos que acompanhamos, as pessoas sentem uma relação de grande proximidade com as pessoas aqui do museu, envolvidas neste trabalho. Promocional é o que a Câmara faz, colaborando com a Comissão Organizadora, tem a equipa do museu que também colabora, portanto são pequenos passos. Eu diria que sucesso há sempre porque, quando nós acreditamos e fazemos acontecer, é sempre um passo à frente, podem ser passos pequeninos, mas são sempre passos de sucesso. Eu só poderei falar do Museu, porque nós temos um grande envolvimento, de acompanhamento, de estarmos, com a nossa presença, juntos desta comunidade, acompanhando toda a festa, registando a festa, convivendo com as pessoas, almoçando com famílias de pescadores. Não só estamos aqui como representantes da Câmara ou do Museu, participamos na Festa como observadores mas também como pessoas. Portanto o que o Museu do Trabalho realiza, é dar abrigo a estes
--	--	--

		estagiários que queiram trabalhar a Festa, é fazer exposições, é fazer recolha de histórias de vida, é fazer filmes, mas isto tudo porquê, por causa da identidade de Setúbal, uma identidade marítima associada a memórias, à história, tudo isto está ligado com esta antiga fábrica de conservas que hoje é um Museu, e hoje é um Museu de Histórias. (Rui Costeira) Participo na festa sempre, desde criança mesmo, talvez com 2 ou 3 anos, ia com o meu pai e com a minha mãe, com o meu avô o “Velho Pesca”. Muitos dos meus familiares participavam na festa, muitos mesmo, o meu tio “Manel Zé”, o meu avô o “Velho Pesca”, o meu tio “Zé Maria Pesca”, o meu pai o “Zé Pesca”. Participo sempre na festa desde que sou pescador. Às vezes quando estou no mar penso em Nossa Senhora do Rosário de Tróia. Sempre na Doca das Fontainhas, agora é que passámos para lá, quando acabou as barracas. (João Martins) Desde que nasci participo na festa. Sempre todos. O meu pai nasceu praticamente aqui dentro disto. Participo sempre na festa desde que sou pescador. Muitas vezes, ainda este ano pensei muito nela, mas prontos, não me deu o que eu precisava que viesse comigo no primeiro dia. Nas duas, o meu começo 16 anos, mesmo sério cá fora, foi na
--	--	---

		Doca das Fontainhas. Varinos já não há, se não for a malta do Faralhão, se vocês verem aí na praia, a maior parte da malta que está aí é do Faralhão, a maior parte dos pescadores é do Faralhão. É normal, não me fez diferença. A união dos pescadores é importante na festa. A frota pesqueira está a diminuir bastante. Muito, porque a maior parte de barcos foram abatidos pela CEE, e se volta-se ia o resto. É, a minha filha mais velha, não pode vir no primeiro dia, ela disse, se não for este ano, nunca mais vou à festa. Na geração de hoje em dia, é capaz de ter mais um bocadinho, os únicos três dias de festa que eu tenho e a minha família, é a festa, é estes três ou quatro dias, antigamente vínhamos para aqui 15 dias. Muitos fatores, não obriguem a gente acampar só estes três dias, deixem a gente acampar pelo menos dois dias antes e dois dias depois chega para a gente vir para cá, porque não compensa vir aqui três e montar isto tudo e carregar tudo, depois carregar tudo para o barco outra vez, não compensa vir três dias, disse à minha mulher para o ano se a gente for, viemos só os dois ou os três, ficamos dentro barco, não compensa carregar tudo para a terra, é muito trabalho e ninguém dá valor a isso.
--	--	--

		Muito, há pessoas que vêm para aqui, tenho ali primos que vieram para aqui e ficaram por baixo de um guarda-sol, dois dias antes de começar a festa e não deixaram montar nada. Vem prejudicar muito, porque os barcos vão-se acabando e não há trabalhos em terra, porque se houvesse trabalhos em terra, então não havia metade dos pescadores aí. Eu não sei se sou religioso, não sou praticante, que é mesmo assim, a maior parte deles também não, o único sítio onde venho que vou a uma igreja, que vou ver a capela, este ano ainda não fui, é aqui na Tróia, na Festa da Tróia, gosto muito e quem pratica também não me afeta. Não sei, também não me convidem, que isto dá muito trabalho. É uma festa nossa, dos pescadores, tem muitos anos, não sei bem quantos anos tem esta festa, mas tem muitos e muitos anos, os meus avós, os pais dos meus avós, o meu pai nasceu aqui dentro, vinham para aí com uma bateira, viravam a bateira de segunda hora e era a barraquinha deles, quatro varas, não é nada disto que nós temos hoje, isto era só areiazinha, banho era só quando acabava a festa. (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Muitos familiares ligados à festa, avós, tios, primos, muitos, toda a minha família, o meu pai também foi festeiro da Tróia, não tinha nada a ver, não era pescador, era mecânico, ele gostava muito, naquela altura punha-se o dinheiro no manto da Nossa Senhora, ele como tinha quase dois metros altura, era a pessoa
--	--	--

		indicada para pôr as notas no manto e então o meu fez parte, sim senhora da Festa da Senhora da Tróia e a minha família toda. Eu acho graça, já tenho dito isto muitas vezes e volto a dizer, a minha foi para Tróia tratar das coisas da Festa da Nossa Senhora, comigo no ventre, depois eu nasci em Abril, portanto eu já caminhei no ventre da minha querida mãe, é assim. (Nome da mãe) Maria Alzira Lopes, com muito amor e muito gosto. Eu não acho bem um legado, eu acho o muito amor que nós temos por Nossa Senhora, eu e a minha mãe, a minha mãe às vezes dizia, Maria porque dizem que a mãe é Aia de Nossa Senhora, não gosto nada, eu tudo o que fazia a Nossa Senhora e faço, é tudo por amor, eu é a mesma coisa, mas enfim, se o nome de Aia é mais seletto, que seja com o nome de Aia. (quantos anos foi a sua mãe Aia de Nossa Senhora) Sessenta e tal anos, sessenta e cinco anos bem medidos. Isto era assim, a minha mãe era Aia de Nossa Senhora, mas olhe, os vestido, era eu que fazia, ajudava a minha mãe a lavar as toalhas, a tratar dessas coisas, na capela quando era a festa, porque não havia ainda o círio de Setúbal para Tróia, portanto os andores poucos, que haviam lá na capelinha, eu e a minha mãe é que ornamentávamos, as pessoas compravam as folhinhas ou a minha mãe comprava e depois as pessoas pagavam à minha mãe, claro, sem interesses absolutamente
--	--	---

		nenhuns e os andores que estavam em Tróia eram lá ornamentados e ficavam muito bonitos também, não eramos floristas, mas valeu. É tratar de Nossa Senhora, vestir assim portanto, não era o caso da minha mãe, porque a minha mãe sabia coser, mas claro ao nível de Nossa Senhora, da roupa de Nossa Senhora, é tratar da capelinha lá em Tróia, tratar dos pertences de Nossa Senhora, tratá-los e guardá-los de ano para ano, depois lá em Tróia, tratar da capela, ornamentar a capela, e pô-la própria para a chegada do círio de Setúbal para Tróia. Porque é que tem que ser uma mulher e não é um homem, nos tempos de hoje, eu acho que, a mim não fazia impressão nenhuma, que se fosse um homem a ser, que quisesse ser, portanto, não seria a Aia, bem entendido, mas talvez um sacristão. Mãe é a palavra certa, Nossa Senhora é mãe e então acho que as mães lidam bem com as mães, acho que sim, a palavra mãe é muito importante. Familiar não, não posso considerar que faça parte das festas, mas que tenho lá dois meninos, dois homens, que o pai partiu há 3 anos e que ficaram lá realmente aquelas raízes, trabalhadores, orientados pelo Armando, o presidente da comissão, mas muito trabalhadores, sempre prontos para tudo e para as Festas de Tróia, então isso nem se fala, portanto eu acho que ainda tenho lá dois seguidores. Participa sim senhor, participa, o meu João é o mais apaixonado
--	--	---

		pela Senhora da Tróia dele, arranjou um trabalhinho esta semana, disse-me com muita pena, este ano não consigo ir à Festa da Tróia. Na festa, além de Aia, não, fazer os vestidos, ornamentar os andores, um bocadão, Nuno ninguém diga que é trabalho, é um trabalhão, (...) porque realmente isto dá uma trabalhadeira que não há medida, eles então em Tróia, é uma loucura, é de loucos, é um trabalho de loucos, porque é um trabalho feito para três dias e são meses, a montar, a arranjar, quando é trabalho de pedreiro, porque as coisas, claro a capelinha apanha os vendavais ali do mar e está ali exposta, ou porque cai o telhado, ou alguma coisa que não está bem, tem que ter trabalho de pedreiro, lá vai o Zé pedreiro, a ajudar na parte dele e todos os outros que lá estão, são realmente pessoas impecáveis, uns porque fazem parte da comissão, outros porque que não fazem ajudam, o meu marido não faz parte da comissão, mas ajuda, no que é preciso, estamos prontos para ajudar. Aí sendo duas semanas, duas semanas bem medidas, a tratar tudo em casa, porque levo daqui tudo limpo e tudo tratado, tudo lavado, tudo pronto, para ser depois chegar à capelinha, tenho um grande anjo da guarda há três ou quatro anos, não sei bem, que antigamente era com grande sacrifício que lavava os azulejos da capela, porque era com paus de vassoura juntos uns nos outros, para chegar ao tamanho e os braços para cá e para lá, e a ajuda muitas vezes do meu Zé da Gaia, que ele
--	--	---

		dizia, à sobrinha dá cá que eu agora ajudo-te um bocadinho, mas agora apareceu-me um anjo da guarda, dois anjos da guarda, que é o tio e o sobrinho, que é o Toninho, que até agora coitado fez uma operação ao estomago, tem estado muito debilitado, mas quando o meu marido me disse que estava em Tróia, a pintar, a limpar a capela, eu disse, ó meu deus como Nossa Senhora é tão nossa amiga, que deu as melhoras significativas ao Toninho para ele me poder ajudar, porque a minha também não é favorável, não é, e então por isso mãe é mãe, que está sempre a olhar pelas necessidades dos filhos, e então, eu no meu trabalho para levar para lá, duas semanas bem medidinhas, de trabalho para levar tudo pronto, e depois lá, vou logo no barco das 07h30 e até à hora do círio chegar, levo a ornamentar e a arranjar a capelinha, pôr as tolhas, as carpetes, limpar o último pozinho, dar o brilhozinho e o cheirinho do pronto, e é estes tempos assim, e depois nós acabamos a Festa da Tróia, da nossa parte, que faz parte da capela, só na terça-feira às duas e tal da tarde, que é quando deixamos a capelinha toda limpinha, com os santos tirados dos andores, os andores limpos, tudo limpinho e tudo arrumadinho, Nossa Senhora posta no nicho onde lhe pertence, e só terça-feira à volta das duas e tal da tarde, é que nós dizemos pronto, graças a deus e lhe agradecemos à mãe por a lida estar pronta e feita de lá. Tem sim senhor, teve há dois anos, que também lhe ofereceram, não é todos os anos, há anos que calha a ser todos os anos, mas, teve aí
--	--	---

		uma temporadinha de uns seis ou sete anos, que não ofereceram roupa a Nossa Senhora, mas, este ano é oferecido por uma senhora que esteve muito doente, foi operada aos intestinos, esteve mesmo muito doente, ainda, faz parte, não quero dizer quem é a senhora, não sei se ela achará por bem dizer, e quem lhe pertence também, mas é uma senhora que é costureira e que faz coisas muito importantes, já uma vez ofereceu a veste a Nossa Senhora e agora como se achou melhor, ela atribuiu a que realmente fosse Nossa Senhora, que a amparasse e que a ouvisse e então ofereceu-lhe novamente as vestes este ano. (David Lopes) Foi o período que faltei às festas da Terra, foi se esse período que andei embarcado. Um dia chego a casa, tinha a minha filha 5 anos não me conhecia, e então pensei fiz um sócio e comprámos um barco, que era a “Rainha de Sesimbra”, mais tarde modernizei esse barco, para um barco grande, depois vendi-o, comprei um já individual sem sociedade, que era o “Doca Nova” e agora vendo o “Birrinhas”, na altura que fui para a reforma. O ofício de pescador, é uma vida ingrata, eu tenho vários exemplos, em que uma delas, uma delas, safei-me, porque tive que me safar, alguém que nos empara, e é política que eu sigo, sou católico praticante quando calha, tenho tudo o que é de católico, desde o batismo ao casamento e contínuo por cá, e então a vida de pescador, é uma vida ingrata, mas é uma vida, que se gosta, começasse a gostar, e gostasse,
--	--	--

		por cada dia é uma aventura, todos os dias temos que ir à procura. Todos os dias tem que se largar e não se sabe o que se colhe, e quando saímos de casa, não sabemos quando voltamos ou se chegamos a voltar. Eu tive um “naufrágio”, tive uma volta de mar ali em frente aos árabes, na Tróia, que me levou e o meu camarada ficou preso nas redes e foi a minha salvação, porque se ele também tem ido para dentro de água, tínhamos morrido, mas, passou a coisa e depois fui trabalhar para Sines uns tempos, com o meu barco, até à hora de o vender e vim-me embora. Depois vim para a reforma, mas como o bichinho que nasce com gente, ainda fui trabalhar a quase 2 anos por conta de outros, até que fui proibido de ir para o mar porque tinha os netos para criar, para criar para ir buscá-los à escola e levá-los. Eu sempre, costumasse a dizer e não há ninguém que não o diga, os que lá vão, à festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, todos dizem, eu nasci na Tróia, eu nasci na Festa da Tróia, mas eu não nasci na Festa da Tróia, porque nasci em novembro, porque se tenho nascido na altura mais cedo, se calhar, nascia na Festa da Tróia, e nascia porquê, porque quando eu nasci, já o meu pai fazia parte das Festas de Tróia, dos anos após anos, das Festas de Tróia e então longo de menino comecei a fazer parte das festas, porque estava agregado ao meu pai, o meu pai quando eu já tinha 10, 11 anos, já me fazia trabalhar para a festa, a carregar coisas naquela altura, era tudo à mão, e então sempre vivi na
--	--	--

		Festa da Tróia, até que embarquei, embarquei aos 18 anos, e então falhava algumas e quando estava cá, via, quando não estava, falhava. Depois, o meu pai ausentou-se um bocadinho na Festa da Tróia, mas participava, porque comprou uma taberna, salvo erro em 76, comprou uma taberna, e então ia só assistir à missa, à procissão, à parte da Igreja, porque ele é era um homem crente e dedicado mesmo à igreja, era mesmo beato, como se costuma dizer, em então sempre participámos. Depois comprei o barco, a partir de 82, fiz as festas todas até hoje, em 1990, por teimosia minha e do meu pai, porque eu comecei a dizer ao meu pai, que a festa tinha que melhorar, tinha que começar a modernizar-se porque estava tudo a modernizar-se e a festa estava parada, e o meu pai disse-me assim e disse-me a verdade e eu para ver se era verdade, foi então que fui para a Comissão, filho cá fora falasse muito, lá dentro é diferente, e realmente é, na altura o meu pai ainda acabou por fazer uns 7 ou 8 anos junto com a gente, eu mais tarde passado dois anos, piquei o Armando, o atual coordenador, para vir dar um auxilio, porque a gente, o mais novo era eu e o Arlindo que tinha entrado no mesmo ano, eu comecei a picar o Armando, embora, embora, não vou, vai e não vai, e veio, e atualmente está cá, e então sempre na Festa da Tróia. O meu pai conheceu-a precisamente na Festa de Tróia, o meu pai conheceu a minha mãe na Festa da Tróia, porque a minha mãe veio à festa, porque trabalhava na seca do bacalhau de Alcochete e então veio à
--	--	---

		festa e do que namorava aí com um senhor aí de cá, do que se desentendeu com ele e pediu boleia para Setúbal para se pirar, e então o meu pai começou a perguntar, então você é de onde e tal, e não sei quê, ela disse que tinha um irmão que era o Zé Francês, que é um homens conhecidos aí em Setúbal, também nasceu em França. E então o meu pai disse, então, mas esse rapaz anda ao mar comigo, é meu moço, e que vieram a falar até Setúbal, entretanto passados dois, três domingos não sei, ele agarrou no camarada para ele ir ver a irmã, e assim foi casaram. Só primos distantes, o Zé da Gaia, o Domingos Mucharra e outros, eram 16 primos, são tudo parentes, é tudo primos. Desde que fui para a vida profissional de pesca, sempre participei. Eu gosto muito da Nossa Senhora do Rosário de Tróia e quando tava, quando andava à chapada como mar, na história que contei anterior, não me lembrei da Nossa Senhora da Tróia, lembrei-me (fico um bocado emocionado), o meu Santo padroeiro e o meu Santo que me acompanha, é o Mártir S. Sebastião, e é da minha igreja de S. Domingos, não sei porquê, desde muito novo, tenho o Santo o Mártir de S. Sebastião, tenho isso tudo, gosto muito do Mártir de S Sebastião e é o meu Santo de devoção, eleito. Com o barco sim, e fui eu que ajudei, quando puseram lá os armazéns novos, chama a gente os cacifes, não havia associações, havia uma em Sesimbra, onde é que eu era dirigente, porque eu fui dirigente e
--	--	---

		ainda hoje sou, da Mútua dos Pescadores, atualmente da Comissão das Festas de Tróia, depois passei, outra associação também onde eu fiz parte da direção, e cheguei a ser presidente da Assembleia-geral do São Domingos FC, e então tinha esses encargos todos, até que com a idade e com a vida, depois fui para Sines com o barco, comecei a deixar as coisas. Depois quando fizeram os cacifos, eu é que fui o homem que andei em negociações com eles, a atual negociação que ainda hoje existe, que era a gente ia para lá, mas não pagávamos a água, a luz e a limpeza, eles já têm tentado meter, enquanto eu estive cá no ativo nunca conseguiram. E às vezes eles diziam, onde é que isso está escrito, eu dizia a palavra ainda vale muito, se querem barafunda eu arrojo, não tenham problemas, eu arranjo complicações que sabem bem como eu e então depois também tinha uma carrinha de caixa aberta, ajudei os pescadores a passarem as coisas para baixo. Mais tarde, ainda não tínhamos aquele pontão por fora, a doca estava mol, não havia nem rei nem lei, ou o que é isso, eu fiz um baixo assinado, levei uma cópia à Administração de Portos, uma à Capitania, uma à Câmara e outra ao Setubalense, que era o jornal na altura. E o Comandante do Porto era boa pessoa, gostei de falar com ele, ele fez-se de mediador e quando chegámos então da reunião, puseram os nomes que ainda hoje lá existe, nos trapiches, onde é que os barcos deviam de ficar cada um, com o seu lugar, e então tenho feito muito e
--	--	---

		quem me conhece sabe, eu tenho a alcunha do “David Maluco”, não quer dizer que eu tenha muito juízo, mas “David Maluco”, porquê, porque o meu pai e o ti Marinho Roberto, que tinha um barco também, homem de idade, chamavam-me Maluco, tanto o meu pai com o Marinho, e depois diziam, este gajo é maluco, então ele deixa de ir para o mar, para ir para Lisboa, tratar de assuntos de pesca e de outras coisas, quer dizer eles vão para o mar, e ele vai-se embora tratar das coisas deles e depois é o maluco, é maluco, e fiquei o maluco, é totalmente ao contrário do que a malta pensa. (Madalena Lopes) O meu irmão é pescador. Todos, os meus tios, as minhas tias, na altura que os maeus avós eram vivos, iam na bateira do meu avô para a festa. Toda a minha vida, desde que nasci. Também desde que nasci, já na barriga da minha mãe. Foram os meus pais. Sim, sim todos. Sempre, não falho. Não há palavras, é um sentimento muito grande, de agradecimento, de esperança no futuro, para que ela ilumine todos os pescadores e todas as suas famílias. Peço todos os dias à Nossa Senhora de Tróia e de Fátima, que abençoe sempre eles quando vão para o mar, para que vão e que possam voltar sempre com saúde.
--	--	---

		(Joaquim Lopes) O meu era pescador e conhecido por “Domingos Patanisco”. Já está reformado, o meu irmão, mas tenho malta da família que são todos pescadores. Sempre. Eu, há 61 anos. Participo sempre em todos os anos na festa, umas vezes mais ativa, a ajudar a Comissão outra vez não, mas sou voluntário Esperam, esperam, quando não podem vir aqui, estão lá em cima da muralha à espera da Santa. O meu pai. Sempre, vou lá sempre. Sinto uma emoção muito forte. Costumo, o meu pai foi pescador, o meu irmão foi pescador, eu também andei ao mar, e é normal pedir à nossa padroeira. Prepara-se a novena, antes da festa e a eucaristia, e depois é a procissão.
Caraterização atividade da festa e continuidade das festas	Definir a missão Caraterizar as atividades	(Armando) A comissão de festas é primeiro, tem que se trabalhar e apresentar trabalho, para as pessoas sentirem que nós estamos a trabalhar e estamos a realizar qualquer para a festa e para eles sentirem-se bem. Depois vem tudo por acréscimo, os subsídios e isso tudo, nós quando começamos a festa não sabemos qual é o dinheiro que vamos

		receber, às vezes, eu e os membros da comissão metemo-nos se calhar em algumas loucuras, fazer contratos de fogo-de-artifício, fazer isso e aquilo, além de termos algumas ajudas das câmaras, da Infratróia, das juntas de freguesia, mas o nosso lema é apresentar trabalho e que todas pessoas se sintam bem ao longo destes 4, 5 dias da festa. Antes, pronto, há a parte burocrática, a parte de tratar dos seguros, de contactar as câmaras, contactar as entidades, depois é preparar tudo, montar as coisas para que os forasteiros e os devotos de Nossa Senhora chegam tenham as condições, desde os sanitários, desde a água, o duche para eles tomarem banho, fazer com que eles se sintam bem e que nós demos o mínimo de condições para se eles se sentirem ali bem. A Comissão de Festas percorre o espaço, garantindo os preparativos: montar a eletricidades, montar algumas zonas que têm que ser reservadas, reservar também algumas zonas, como as ruínas, tentar sensibilizar as pessoas, apanhar o lixo, estou a dar exemplos, mas há outros mais exemplos. Há pessoas que é o festeiro e outras vezes é o mordomo, é a mesma coisa, mas há um sentido das pessoas, aquelas pessoas antigas, que é o festeiro, agora mais moderno é o mordomo. (Padre Casimiro) A sustentação atual da Festa da Tróia deve-se à tradição religiosa ou a uma herança cultural que tem passado de geração em geração, eu penso que são as duas coisas, é claro que as festas
--	--	---

		nascem sempre e nomeadamente as festas de cariz popular, como é esta, nascem sempre com uma matriz religiosa ligado a um milagre ou um acontecimento particular na vida de uma comunidade, de um grupo de pessoas. Nasce com essa base, depois a seguir obviamente desenvolvem-se e ao crescerem, muitas das vezes pode ficar mais ou menos esbatida, mas eu penso que está lá sempre presente, depois é claro que elas vão ganhando outras matrizes, hoje é quase impossível não se fazer uma festa sem os bailes e etc., e portanto essa dimensão mais popular também lá está, não vejo mal nisso, penso é que estas forças têm é que se equilibrar, estre aqueles que vão apenas para a festa e querem a festa enquanto baile e etc., e depois entre a comunidade mais crente, que vai querer defender também este lado mais espiritual e depois é claro que há aqui também uma grande força cultural, sendo que tem que ser a população a assumi-la ou não, mas portanto penso que a cultura vai influenciar a festa e a festa vai influenciara a cultura, e é natural que assim seja. Mas tal aqui em Setúbal como o resto das comunidades piscatórias do país e do mundo, a dimensão de fé é sempre muito grande, para os pescadores e para os homens e mulheres do mar, porquê? Porque se calhar como noutras profissões, nos momentos de aflição, uma força superior é de fato a única esperança para não perecerem quando as forças humanas não são suficientes para dominar as dificuldades, e por
--	--	--

		isso mesmo este dado da fé, obviamente estará lá no coração das mulheres e dos homens do mar, sejam eles de que religião ou mesmo que sejam ateus, mas há sempre uma força de fato a quem se socorre, quanto mais não seja aquela famosa expressão “sou ateu graças a deus”. Portanto, quanto mais não seja isso, aqui Setúbal, penso que são homens e mulheres mesmo que não sejam praticantes, homens e mulheres sensíveis à fé, a ligação muitas das vezes é apenas naqueles que são crentes, é a missa dominical, sendo que há gente que também tem missa de semana e que são frequentadores de grupos e etc., o Apostolado do Mar aqui na cidade também ajuda a essa dinamização e depois concretamente o trabalho que o movimento Stella Maris fez na zona da Anunciada e depois estas festas que acabam também por ser dinamizadores da fé das pessoas, portanto mesmo que não sejam praticantes de missa dominical certinha, acabam por ser homens e mulheres sensíveis à fé e esse dado está presente. Eu não sei (como surge a devoção a Nossa Senhora do Rosário, há uma lenda, pode dizer-me com surtiu) objetivamente e historicamente, não faço a mais pálida ideia, é um assunto que não tenho estudado, tenho sim andado a recolher alguma documentação que o Padre Teixeira deixou por aí dispersa e alguns dados tão ali para um dia estudar e depois lhe responder a essa pergunta, mas depois aí já não vai fazer efeito, mas penso que a Senhora de Tróia insere-se naquilo que é a mesma realidade
--	--	--

		da Senhora do Rosário na Moita ou a Senhora do Bom Sucesso em Cacilhas. O aparecimento mais milagroso menos milagroso acaba por se inserir sempre que estes promontórios e ao que sei o mar estaria bem mais recuado da capela de que hoje em dia, portanto estes promontórios, estas zonas elevadas seja perto do mar seja em terra, sempre foram lugares tido como santos e ao serem estes lugares tipicamente onde Nossa Senhora aparece, e aí pedimos o seu socorro, para onde naturalmente nós olhamos. O fato de ao rio estar aquele promontóriozinho na Caldeira, acaba por ser um lugar para as pessoas se recolherem, onde os barcos em mau tempo facilmente entrariam e encontrariam refúgio para se estar, portanto, quanto mais não seja naturalmente é um lugar ideal para se edificar uma capelinha, um lugar de refúgio, um lugar de proteção, penso eu que, mesmo sem dados históricos atrever-me-ia a dizer que quase seria um lugar natural para Nossa Senhora aparecer, para os pescadores encontrarem refúgio para lá permanecerem e pernoitarem ou se defenderem das intempéries. Antes de eu chegar, não sei muito bem como é que eram as coisas. Atualmente a Senhora de Tróia está ali a ocupar uma capelinha, que tradicionalmente é da Senhora da Esperança, vamos ver se a Senhora da Esperança volta para lá ou não, mas naturalmente gosto de colocar a Senhora da Tróia num lugar de alguma preponderância na igreja, ela já esteve no interior da igreja, mas de fato, no interior da igreja,
--	--	--

		também não me parece o local mais próprio, dado que a igreja já tem uma senhora titular, que é Nossa Senhora do Rosário e depois obviamente também a Senhora de Fátima, que ocupa um lugar de destaque e ainda por cima em Portugal, é preponderante na vida das pessoas, mas de todas as formas, eu gosto de dar algum relevo à Senhora da Tróia, precisamente por esta sensibilidade que os pescadores têm a Nossa Senhora de Tróia e portanto no ano naturalmente vamos falando, vamos dizendo, ela lá vai aparecendo também nas diversas procissões e portanto penso que o lugar na comunidade de S. Sebastião da Senhora de Tróia é um lugar cativo e permanente. Eu sei que ela já esteve um bocadinho mais mortiça, agora está um pouco mais viva, mas eu acho que isso faz parte da história, todas as tradições, as procissões, hoje começam a ganhar alguma preponderância, depois do segundo concílio do Vaticano, de uma forma geral as procissões perderam algum brilho, porquê, porque tínhamos saído do séc. XIX e no início do séc. XX, em que a devoção popular ou piedade popular, foi muito marcada pela devoção às relíquias, diversas devoções, depois do segundo concílio do Vaticano, quis-se uma fé um bocadinho mais racional, mais limpa, sem tanta “crendice” e então tentou-se racionalizar um pouco a fé. Hoje penso que essa recusa, essa resistência a esta piedade popular está mais purificada, padres já não são tão avessos a essas coisas, acabamos por aceitar um bocadinho essa dimensão popular.
--	--	---

		As tradições orais valem o que valem, não são apenas os dados históricos comprovados cientificamente, que são os certos e os a ter em conta, as tradições orais ajudam-nos a sentir e a perceber o que é a vivência das pessoas que os dados históricos não nos ajudam a perceber, portanto aquilo que se conta oralmente, é aquilo que se vive no coração, aquilo que os documentos dizem, é o que se passa na cabeça. São sempre tempos diferentes e a tradição vai ter que se adaptar aos tempos diferentes e os tempos diferentes vão ter que receber a tradição e vivê-la, as tradições valem enquanto diz alguma coisa às pessoas e pronto, e se algum dia a tradição tiver que acabar, acaba, um dia apareceu e um dia vai desaparecer. Tem que existir mudanças, não é, hoje os barcos são a motor e no passado não eram, só por aí, pela tecnologia, as coisas vão mudar e vão ser diferentes, eu não vejo uma tradição estanque, fazermos as coisas como fazíamos há 500 anos. As reconstruções históricas, são bonitas e são boas e dá-nos uma ideia daquilo que era o passado, mas a tradição tem que dizer alguma coisa às pessoas do tempo, portanto, as festas têm que se adaptar áquilo que é também o momento atual, se agente faz uma procissão noturna, obviamente vamos encontrar luzes na rua, se fazemos uma procissão por mar, ninguém vai fazer uma procissão por mar hoje à vela e a remo, portanto, a tradição vai vivendo do tempo e o tempo vai vivendo da tradição, e as coisas têm que caminhar passo a passo,
--	--	---

		modificando-se, mas isso penso que é tudo normal e natural. Penso, pelo lugar que Nossa Senhora do Rosário de Tróia tem na vida dos pescadores, e os pescadores ainda são uma comunidade forte nesta cidade, e por essa devoção, que os pescadores têm a Nossa Senhora de forma particular, pois influenciam a cidade e a cidade acorre a ver a Nossa Senhora, muitas daquelas pessoas que vão ver aquela procissão não devem ter propriamente fé, mas, acho muito interessante que uma fé simples como a de um pescadores consiga arrastar tantas multidões, quanto mais não sejam mirões, mas conseguem arrastar. É isto, celebrar Nossa Senhora, festejar Nossa Senhora, é ela que vai socorrendo os pescadores, que vai atendendo os pescadores, que vai ouvindo os seus lamentos, as suas dores, eles fazem a festa e aquilo que mais desejam, é que as pessoas também façam festa com eles, conforme disse, às vezes nem têm propriamente, uma ajuda palpável, mas o fato de lá estarem para eles já é uma alegria. As pessoas quando se associam, quando levam um barco, mesmo que seja um barco de recreio, um barco turístico, estão lá, fazem parte daquela gente toda, e acaba por ser emocionante, até para mim que não tenho ligações antigas a esta festa, ao ver aqueles inúmeros barcos, e as multidões no cais, ou nos diferentes lugares a ver a procissão passar, acaba por ser uma massa que está toda unida, em espaços diferentes se calhar até em tempos diferentes, mas acaba por estar unida, e aquilo que une é de fato a fé daqueles homens e
--	--	---

		daquelas mulheres do mar, que arrastam toda a gente, inclusive o padre, para a devoção a Nossa Senhora e pelo amor a Maria. Certamente, não podemos é querer que os mais novos sintam da mesma forma que os mais antigos sentem, portanto, eles farão o seu caminho de fé e depois no futuro vamos ver, que sentimento será isso expressar-se-á na forma como eles vão viver a festa e como a vão fazer. Mas mesmo que ela acabe, não significa que eles não acreditem, podem é ter formas de expressá-la diferentes e isso temos que respeitar. Nem pode. Acho que não podemos exigir isso, cada pessoa dá o seu contributo a uma festa, com a sua sensibilidade, com a sua educação, com sua cultura, a cultura muda, as tradições têm que mudar e nós temos que aceitar isso, não podemos estar presos ao passado apenas porque é passado, e não é, à porque a gente já fazemos isto há 500 anos, é mentira. Nunca nada se fez há 500 anos, da mesma forma e do mesmo modo, não pode ser, é impossível, nós somos homens e mulheres diferentes dos nossos irmãos do séc. XVI, portanto e por isso mesmo também temos que fazer as coisas de forma diferente. Acho que o valor daqueles que fazem a festa, o valor intrínseco, acho que é o mesmo, agora as vivências desses valores, acho que são diferentes claro. O amor que os pescadores continuam a ter a Nossa Senhora e a forma como este amor vai ser passado às gerações futuras.
--	--	--

		Sim, qualquer círio acaba por ser uma procissão, a palavra círio vem do antigamente, quando as procissões que as pessoas faziam a determinado lugar santo, normalmente santuários, mas também há estas capelas e ermidas, e eram iluminados por um Círio. Portanto essas peregrinações, essas procissões acabaram por ganhar o nome da vela que ia à frente a iluminar, que é a luz de Cristo, que é sempre a luz de Cristo, aquele grupo de pessoas, seja círio, procissão, peregrinação, é tudo a mesma realidade. Por causa das sensibilidades dos padres, às vezes há padres não querem nada andar em procissões, etc., se um padre acaba por fazer isso, há outro que é mais sensível da paróquia do lado ou ali da mesma região, que acaba por aceder ao pedido das pessoas e lá vai, isso não é só aqui em Tróia, isso passa-se no mundo inteiro, às vezes, e isso é muito interessante, porque acaba por virar tradição, às vezes nem sequer já as pessoas têm memória, mas às vezes o que está atrás. Ninguém me apanha em procissão ou não quer, não têm essa sensibilidade, e esta sensibilidade em particular de um padre, olha às vezes faz com que vire tradição. Portanto aqui na igreja, faz-se o tríduo, que está acontecer (quarta, quinta e sexta), depois no sábado é celebrada a missa em honra de Nossa Senhora, depois faz-se a procissão com Nossa Senhora de Tróia, depois há a procissão então até aos cais, depois a imagem vai por mar até à
--	--	--

		capelinha, e lá fica, depois há a procissão pela praia, isto no sábado, depois no domingo, há a missa solene em honra de Nossa Senhora, pode haver um pregador ou não, vindo de fora, isso depois compete ao próprio pároco dizer, se é ele que vai pregar, se vem um de fora, este ano será o Padre Luís Ferreira, que é o vigário episcopal da pastoral aqui da nossa diocese e é também o pároco São Simão e São Lourenço de Azeitão, e é um padre que vem trabalhar aqui para a cidade porque foi mudado aqui para paróquia de S. Paulo, portanto eu achei que seria boa forma da comunidade piscatória o conhecer e o acolher. Depois então a missa solene que é o grande acontecimento de domingo, depois na segunda-feira, há de novo a eucaristia, desta feita na capelinha e depois a procissão por mar, depois Nossa Senhora volta à Caldeira. Depois virá para a igreja, aqui fica ao longo do ano, por um lado. Porque a capela não tem propriamente peregrinações e círios ao longo do ano, e por outro lado para poder estar noutros eventos religiosos. A imagem de Nossa Senhora tem que ir para lá, acaba por fazer-se essa procissão, essa peregrinação de Nossa Senhora para a sua capelinha, a procissão pela praia, é uma espécie de bênção de acolhimento dos peregrinos que vão estar a viver aquela celebração, esta é a procissão noturna, depois no domingo há de novo uma procissão pela praia e essa sim, vivemos Jesus na eucaristia, há ali uma procissão quase de festejo ponto alto das festas. Depois a procissão de regresso que
--	--	--

		acaba por ser a bênção de Nossa Senhora a estes lugares icônicos da cidade e do próprio povo, portanto a bênção de nossa senhora já não apenas à comunidade piscatória, por isso já não é uma procissão tão particular como as procissões na praia, mas acaba por ser uma procissão grande, monumental de bênção á cidades e às suas gentes. O hino, oração a Nossa Senhora, eu penso que é recente, as pessoas que o fizeram estão vivas ou morreram há pouco tempo. São sempre aquelas recomendações básicas e gerais, para uma boa convivência da festa, porque há sempre abusos, há sempre aquela tentativa natural dos foliões se imporem aos peregrinos e a intenção é fazermos o equilíbrio, entre aquilo que é festa religiosa e a festa pagã, para fraseando um padre da minha juventude, “festa não é arraial”, só que eles os dois convivem”, as recomendações é isto, para que as pessoas se saibam comportar, viver os dias de festa e não resvalar para a folia desenfreada, esquecendo-se que acima de tudo é uma festa religiosa, expressão da fé de um povo. Olhe porque às vezes mesmo não sendo crente, as forças faltam e depois é preciso socorrer-nos de uma força maior, hoje eu costume dizer que as pessoas não são crentes, mas são altamente espirituais e é interessante vermos, como em qualquer festa, mesmo a festa de Santiago, por exemplo que não é propriamente uma festa religiosa ou já não é uma festa religiosa, já o foi, mas é uma festa popular da cidade, acaba por
--	--	--

		haver sempre as tendinhas, onde se vendem santinhos e no meio dos santinhos lá estão as coisas da bruxaria e por ali fora, ou seja as pessoas não são religiosas mas são altamente espirituais. Porque muitas vezes, em vez de uma fé purificada, acabam por ter uma fé supersticiosa, não vão à missa, não vão à igreja, não rezam a Deus, mas depois têm a pata de coelho (agora se calhar já não existe) ou a ferradura ou a vassoura atrás da porta, para que mal nenhum não aconteça e depois andam a levar banhos de sal porque a bruxa mandou, portanto as pessoas acabam por ter sempre necessidade de se ligarem a alguma coisa, quanto mais não seja a um clube de futebol, que acaba por ser a religião dos novos tempos. Também há o terço e na procissão reza-se o terço. A questão da oração e do movimento, sempre esteve ligado, portanto uma procissão acaba por ser um momento de oração, a maior parte das vezes a gente não vê a coisa assim, mas é, portanto o andar em movimento ajuda-nos a ter mais atenção àquilo que rezamos e àquilo que fazemos, mas se tivermos a andar e a rezar o terço, nesta atitude de andamento, acabamos por ficar muito mais centrados e concentrados, naquilo que fazemos, eu no seminário fui educado a rezar o terço todas as noites a andar e andamos sempre, não estamos parados quietinhos a rezar, portanto a questão da procissão e da oração, ou de unir as duas coisas, nasce também nesta atitude que é o movimento, é unir o movimento dos pés, ao
--	--	---

		corpo, e aquilo que é a oração. Por outro lado, esta questão da visibilidade também me parece importante. É possível, mas procissão de velas, repare, é uma coisa muito importante, conforme já lhe disse, estas tradições antigas de ir aos lugares santos, sempre tiveram associados a si esta questão do círio, e a luz é a luz de Cristo. Quando fazemos uma procissão e levamos uma vela, aquela vela faz memória da nossa vela batismal, estamos a caminho e queremos ser iluminados por Jesus, podem não encontrar referências, mas como eu já disse as tradições fazem-se e criam-se, portanto não encontramos referências, mas hoje faz-se, daqui a 500 anos já se encontram referências. Não são os mesmos, são normalmente cânticos associados a Nossa Senhora e vão mudando consoante a pessoa que os faz que os prepara, portanto acaba por ser uma escolha pessoal, que depois se vive comunitariamente. A escolha dos sítios acaba por ser um bocadinho, os pontos que na duração da procissão, ficam mais ou menos em espaços equidistantes, portanto acaba por ser não é escolhido pela tenda, é escolhido, é pelo ponto de paragem em relação ao anterior e, portanto, assim sucessivamente. São espontâneas, não é, portanto ou seja, em qualquer procissão, esta da Tróia ou em qualquer outra, nós vemos muitas vezes isso, às
--	--	--

		vezes as pessoas tiveram um drama na sua vida, naquele ano e portanto fazem uma paragem espontânea e fazem uma oração espontânea, cantam um cântico, lançam flores, quer dizer essas manifestações são de diversa ordem e são pessoais, em relação àquela pessoa e há pessoas que avisam que vão fazer aquilo, ou que gostariam de fazer aquilo, há outras que não, portanto mas isso não são propriamente tipificadas mas são espontâneas e por isso mesmo são aceites. Lembrá-los em primeiro lugar e rezar ao senhor, para que eles possam estar devidamente purificados e que se abram ao amor de Deus e que nessa dimensão habitem no céu na comunhão dos santos. Às duas coisas, mas obviamente a tradição religiosa tem aqui um grande peso, porque a procissão e as festas, sempre estiveram ligadas à fé de um povo e é por essa fé que se sustentam, muitas das vezes essas festas saem da esfera da igreja e passam para a esfera mais da cidade ou do povo, aqui há um acorrer popular das pessoas que vão ver a procissão passar, há aquelas que vão para a Caldeira só para dançar, comer e beber, há aqueles que vão para rezar, Nossa Senhora acolhe toda a gente. Precisamente por aquilo que disse, porque já são três, quatro gerações, ali presentes, que ali acorrem, a quem Nossa Senhora diz muito, a quem já muita relação, e, portanto, são os mais antigos, são aqueles que sempre lá estiveram e depois há um ato de posse. Eu acho
--	--	--

		que isso ainda que não seja propriamente uma coisa da gente incentivar, então fiquem lá com a festa, etc., acho que isso não! É preciso ir controlando e ensinando que a festa é de todos, mas eu acho que também não se pode pedir às pessoas que estejam completamente desligadas, eu acho que isso é natural, é admissível, depois precisa é de ser educado, mas é para isso que também cá estamos. É sempre uma equipa de senhoras, que têm esse trabalho muito próprio, é esse o tipo de coisas que não se deve mexer, porque são muito particulares e diz muito àquelas pessoas. Assisti o ano passado, e acabam por serem momentos muito particulares na vida daquelas pessoas, por outro lado é preciso saber, porque vestir uma imagem despir uma imagem, não é propriamente tarefa fácil, há cuidados inerentes, há experiências que são adquiridos, mas acaba por ser sempre um grupo restrito. Eu nunca acompanhei isso, mas acho que essa é uma necessidade material e muito humana, que é recolher fundos para as despesas, não é uma coisa que eu diga que acho bem ou acho mal, parece-me que vivemos num mundo assim e é assim que se faz. Os andores e as imagens prendem-se muito com a tradição das que cultuam ou peregrinam, não é propriamente uma presença de imagens fixas, até porque um dos andores que vai é S. Vicente de Paulo, que é um santo muito recente naquilo que é a história da igreja. Depois há o S. José, o S. Pedro e esses são santos logo do início do cristianismo,
--	--	---

		portanto muitos dos estandartes e dos santos têm a ver com as devoções das pessoas que estão atualmente, portanto não significa que amanhã não entrem andores e não saiam andores ou imagens por assim dizer, a tradição também tem muito a ver com as pessoas que estão hoje e essas pessoas vão influenciar a tradição e a tradição influencia essas pessoas, e acima de tudo uma tradição que não seja viva, parece-me que não serve. São pessoas que a organização (Comissão das Festas) vai pedindo, qualquer pessoa pode levar desde que entre em contacto com a organização, qualquer pessoa pode levar. Os santos vão mudando ao longo, não mudam todos os anos, não é uma mudança assim tão a curto prazo, mas necessariamente ao longo dos séculos as coisas têm que mudar. O Vaticano tem coisas mais importantes para se preocupar do que com dinheiro nos vestidos, é uma prática que a igreja não aconselha. Já foi vivida em muitos lugares, mas de fato colocar notas nos mantos e nos vestidos e Nossa Senhora, e ela ir a carregar com dinheiro, não é de fato uma imagem que igreja ache muita simpatia. Por outro lado, acaba por ser um bocadinho falta também de respeito para com a própria figura de Nossa Senhora, aquilo não é só uma escultura que vai ali a carregar vestidos. Por outro lado, os mantos são por vezes peças históricas de grande valor e por isso mesmo, não me parece que alfinetes respeitem muito aquilo que é a história, portanto pelo lado espiritual, pelo lado
--	--	---

		religioso e por este lado mais histórico, não é de fato uma prática aconselhada e que se deve evitar. É claro que essas coisas existem, porque há três tipos de pessoas que vão à festa da Senhora da Tróia, há aqueles efetivamente vão porque creem em Nossa Senhora e estão lá, há aqueles apenas porque Nossa Senhora diz alguma coisa, exatamente como vão uma vez a Fátima, também vão uma vez a Tróia, portanto poderíamos dizer que não são praticantes, mas vão peregrinar. Depois há aqueles que vão pela festa e pela comida, pela bebida, pela dança e pela farra, e se calhar até há um quarto tipo que vão aqueles que já vão mesmo para fazer confusão, isso existe, muitas das vezes as críticas que se fazem, também é por desconhecimento, porque já me aconteceu perguntar a quem faz essa crítica e já lá estive, e já lá foi e pessoa nunca lá foi. Há assim uma crítica gratuita, aquilo que se responde a estas pessoas, é que, em todas as festas existem e sempre existirá abusos, a nossa função não é criticar pela crítica gratuita, é educar e tentar controlar esses abusos, não é, mas as pessoas são livres e não sou eu que as vou proibir de beber para se portar bem. Eu penso que isso obedece a normas, quer de facilidade da peregrinação, do lugar, de navegação. E como não existir, acho que isso não é uma coisa que se controla, acho que é uma coisa natural e que as pessoas vão precisar disso, fazer
--	--	---

		festa, penso é que isso tem que ser controlado, tem que ser bem equilibrado, mas sempre existiram, sempre vão ter que existir, as pessoas também precisam de um bocadinho de arraial no meio da festa. (Presidente da Junta) Esta festa tem uma importância vital, do ponto de vista social e do ponto de vista cultural, para aquela população que está diretamente envolvida, já disse as razões pelo qual as festas surgiram e pelas quais ainda se mantem, com uma componente religiosa também muito forte e isso para as pessoas, isso é a sua identidade, e portanto é muito importante para elas que a festa continue a existir e que tenha as características que tem, é vital para aquele “povo”, se identifique enquanto povo, depois temos o ponto de vista cultural, e aqui o âmbito alarga-se, não é, porque as festas são muito importantes para a freguesia e para a cidade e extravasam um pouco aquilo que é o Bairro Santos, o Bairro das Fontainhas, as Barrocas, extravasam um pouco esses bairros de tradição mais piscatória e é uma manifestação cultural muito, muito interessante, muito genuína, que atrai muita gente, muita gente vai de fato às margens do rio para ver a santa passar, e são umas festas que as pessoas habituaram-se a ver, têm um enorme carinho por elas, e portanto do ponto de vista social, é identitário, como disse o mais possível, é vital e do ponto de vista cultural é um dos maiores eventos que a Cidade de Setúbal tem e dos mais genuínos, e portanto isto teve diretamente a ver com a nossa identidade, e portanto não há, a Cidade de Setúbal, não seria
--	--	--

		a mesma sem as Festas de Tróia, há aqueles eventos que pode passar sem um ou outro evento, claro que sim, mas sem as Festa de Tróia, seria uma outra cidade qualquer, Setúbal recebeu muita gente de outros lados, recebeu gente dos países de expressão da língua oficial portuguesa, recebeu gente que veio do Alentejo, gente que veio de muitos outros lados, muitos destes também vieram também de fora, mas qualquer das formas, esta é uma das manifestações que se prende com a nossa identidade mais remota e isso é muito importante preservar, a nossa riqueza cultural está em preservar aquilo que Setúbal tem de mais antigo e acolher também as novas culturas, mas saber o que somos é fundamental para termos estes elementos identitários fortes, é fundamental para sabermos o que é que é Setúbal, e para sabermos o que é que é ser setubalense e para sabermos o que somos e para nos apresentarmos ao país e ao mundo, o que é que é Setúbal e o que é que é setubalense. Vamos lá ver, ela património imaterial já é, o ser candidata e ser-lhe reconhecido esse valor, poderá trazer maior visibilidade às festas, e com maior visibilidade mais apoios e nós sabemos que nestas coisas, neste tipo de festas, esses apoios são fundamentais para trazer ainda mais qualidade e para que solidifique ainda mais a sua realização e portanto poderá ter este mérito, de dar maior visibilidade ainda à festa, e com isto conseguir trazer mais apoios, mas é o reconhecimento de uma coisas que ela já é.
--	--	---

		Os aspetos que estão na sua origem, as questões religiosas, e, portanto, da devoção dos marítimos, não só para a questão do sustento como para a questão da segurança e o impacto que tem na vida das pessoas e na cidade. Do ponto de vista cultural é um elemento incontornável, de grande valor cultural, é um elemento identitário muito forte, para a comunidade não só para aqueles que vão ver a santa, mas então para os que participam mesmo, são momentos de grande emoção e que eles têm a possibilidade de um contacto mais próximo com as questões religiosas, com as questões da igreja e com a Nossa Senhora, e portanto todos anos participam da forma como participam, de coração aberto, isto tem a ver com a sua identidade, é aquilo que eles são, para a comunidade é um elemento fortíssimo. (Lucinda Fernandes) O que se sabe e que a festa é de origem real, no contexto de valorização real de Setúbal, a partir de D. Afonso V. E cresce quando a corte patrocina a Ermida de Tróia e o seu culto mariânico e D. Manuel eleva Setúbal a «notável Vila». As Ordens Mariânicas que patrocinam a Festa têm a ver como culto da fecundidade materna, o que é patente para as mulheres do povo, mesmo actualmente. Se ouvirmos um
--	--	---

		relato recente, recolhido por mim, de uma pescadora do rio, a Sandra afirmou-me convictamente que depois da Festa o mar dá mais peixe, a Caldeira enche-se de peixe. Para as gentes do mar, que enfrentam graves perigos e a fome, a proteção da Virgem Mãe é fundamental, - é a proteção de uma Deusa, a proteção da nossa mãe. Neste ritual mágico cruzam-se várias dimensões - as dimensões históricas, religiosa, familialista, simbólica, identitária, etc. A antropologia cultural e social dá grande importância à análise destes rituais, como âncoras da cultura que estamos a estudar, e então foca a parte imaterial destes rituais, de uma grande complexidade, que incorporam a imaterialidade e o sonho na cultura. Como existe esta comunidade, é uma festa comunitária com um alto valor social, que está ligado a estes organizadores culturais, como aqui o Sr. Armando, que acaba por ser um organizador, com a sua Comissão, desta grande complexidade que liga uma estrutura dinâmica, com muitas dimensões e isto é que importa estudar e integrar. Todas estas pessoas que estudaram a Festa, desde o Jaime Pinho, que escreveu “Urzes e Camarinhas”, a Dra. Ana Duarte que também tem algo sobre as festas, a nossa colega Graça, de quem eu não conheço a tese, mas que também tem algo sobre isto, a Purificação também, portanto era pegarmos nestes
--	--	--

		trabalhos todos e ver estas transformações todas e ver o que é que podíamos fazer no futuro, isto era um trabalho conjunto, mas lá está, às vezes dispersamo-nos. Às vezes é importante focar e a minha área de foco, que eu gostaria de aprofundar, era mesmo esta área do simbolismo ligado ao imaterial, vivido por estas pessoas desta Festa. Muitas vezes apreendemos com os nossos pais e também no meio onde nos inserimos ...ou seja as crianças que hoje estão na Festa de Tróia, acabam por ter uma comunicação simbólica de inconsciente a inconsciente, portanto poderão um dia dar ou não continuidade ao trabalho dos seus pais, serão os continuadores da Festa. Julgo que sim, acho que já respondi, pegando nos trabalhos já feitos e se estudarmos trabalho a trabalho notamos que existem transformações, este estrutural-dinâmico das Festas é preciso aprofundar para além da dimensão sociológica, simbólica, imaterial., que a antropologia estuda Como antropóloga, eu vejo a Festa não como uma Festa entre outras, mas como um Ritual identitário e o que eu gosto mais é o simbolismo da Festa, o que não se vê, mas se sente. Eu vou sempre pelo lado imaterial da festa, pelo lado simbólico da festa, é um lado, julgo eu, que falta muito, muito estudar - o que é consciente é o que está à vista, o que é inconsciente e não se fala, até o silêncio, é que precisa ser
--	--	--

		estudado. Enquanto houver esta população, eu julgo que não. A participação da Comunidade justifica manter a continuidade da festa, reavivá-la. Há aqui um sentimento com ganhos identitários e que depende muito desta comunidade e da devoção da comunidade (João Martins) Tem muitas, para já na causa da água, a gente antigamente não tínhamos água, eu trouxe, 15 ou 16 garrações de água, bidões de água, para a gente poder tomar banho, poder fazer o comer, agora já não, não se tem ouvido, esteve aí dois meninos aí na rádio e ele sabe quando me vê fica assim danado comigo, estava na rádio a dizer, não tomem banho, três dias sem tomar banho não é nada, eu estava ali à porta da minha tenda e vejo ele vir com os ténis na mão e banhinho tomado, mandei-o parar, isto está mal, digam às pessoas, não gastem muita água a tomar banho, gastem o essencial para tomar banho, não é, não gastem água, eles também tomam banho, quem é a pessoa hoje em dia, quando foi do meu tempo, de pequenino, estava aqui uma festa inteira sem tomar um banho, as pessoas hoje em dia não são capazes e você sabe que não é capaz, não se diz assim, não tomem banho, gastem o essencial para tomar banho. Para a população não sei, para mim tem muita importância, é os
--	--	---

		únicos dias que a gente descansa, descansa não, trabalha muito. Depende do dono disto, eu estou em crer, se o Armando sair, isto acaba, a gente diz à minha malta, se o Armando um dia sair ali de dentro, a festa acaba. Não sei se há, se isto continuar muitos mais anos, tenho dúvidas disso, gostava que continuasse, porque é uma festa de que eu gosto. (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Minha é, ai Nuno, de quem é, eu acho que é de toda a pessoa que ama Nossa Senhora, eu acho que é, (não é só dos pescadores?), não, não, bom, o que é pena, porque os pescadores às vezes dizem assim, a Festa da Tróia tem tendências a acabar, já tive alturas que disse que não, mas presentemente eu acho que sim, porque há muitas exigências, da parte de quem tem muito e muito e muito dinheiro, exigências essas que às vezes a Comissão não pode corresponder, com aquilo que lhe é pedido e outra coisa, portanto eles é que mandam, eles é que são donos, eu já não me admiro nada e porque também já tenho dito, pessoas da minha idade, já tenho 71 ano, não é brincadeira e 71 ano bem vividos, no sentido, um bocadito complicado da vida, portanto quando acabar eu, não é por dizer que sou eu, sou eu Armando, todos aqueles que lá estão, o António, o Zé pedreiro, o Aníbal, não me quero esquecer de ninguém, o senhor Diamantino, pronto todos aqueles que estão integrados presentemente em ajudar a Nossa Senhora e ajudar as Festas de Tróia, quando este povo que vai ter
--	--	---

		um dia que partir para a casa do pai, quando ele acabar, eu tenho a certeza absoluta que acaba a Festa da Tróia, porque não há hoje seguimento, se isto não vai acabar, então que haja seguimento, mas nós não vimos seguimento, vimos um seguimento muito mau, faltaram os pescadores e foram para lá, pessoas um bocadinho, que não são assim muito válidas e que o Armando tem muitos problemas. Porque os varinos, a palavra varinos, ali no Museu do Trabalho quando foi feito esta família Lopes, isto tinha um título “Varinos, Nós”, os que trataram deste trabalho, foi um trabalho muito enriquecido, consideravam “Varinos, Nós” todos os que faziam parte daqui do Bairro Santos Nicolau, foi uma série de famílias, que colaboraram com fotografias muito antigas, peças antigas, por isso, os varinos, acho que são sempre varinos, mesmo que eles queiram ser pescadores, que um bocadinho mais fino, são varinos. (David Lopes) Agora é diferente, porque agora já há pouco pescador, os velhos morreram e os novos, alguns também estão a entrar numa certa idade, estão-se chateando, mas sempre tivemos grandes apoios, principalmente na era moderna, que é da era que estou lá. Felizmente. Vou trabalhar para a Tróia, pago o transporte, quando é preciso pagar e chega ao fim do dia, farto de trabalhar e ainda me pedem 7, 8, 9 euros conforme o que comemos, se não a gente não conseguia aguentar a festa, e é de louvar a 5 ou 6 pessoas que estão lá que não são
--	--	---

		pescadores e que trabalham para auxiliares, no duro e a pagar do bolso deles, como eu pago e a comissão. Sim, não havendo barcos, ainda temos um lema. Está enraizado na Festa da Tróia que é, enquanto houver barcos de pesca, é eles que transportam os Santos, porque já temos tido problemas, com pessoas que escreveram, manifestaram-se, foram pescadores, deixaram de ser pescadores e que manifestaram-se, queriam trazer Santos nos barcos de recreio e a gente disse que não. Alguns, sim, e nota-se quando a procissão vai da Igreja de São Sebastião para o cais, para embarcar para a Tróia, vê-se muita gente nova, a agarrar os andores, que vêm a propósito de Tróia, que eu arranjo os transportes ou levá-los ao catamarã, para virem transportar os Santos. Sim, tem sido sempre pouco mais ou menos igual. Acho que sim, porque e se quisermos ter uma prova disso, é vermos o círio quando vem de Tróia para Setúbal, os milhares de pessoas que não ao longo da marginal e dizem que é a festa da cidade, que é festa de Setúbal, mais importante, os de Grândola querem, Setúbal quer, mas temos sido apoiados por todos, felizmente, agora é um bocado burocracia, porque até para o direito dos autores temos que pagar, é para tudo, depois não se pode fazer isto, não se pode fazer aquilo, há muito entrave, mas não na pessoa do Armando, e dos apoios que vamos tendo, temos levado a nossa pela frente.
--	--	--

		Continuidade da festa, a gente precisava de pessoal novo e competente, para começar a verem como é, porque de um momento ao outro a gente, estamos velhos, o mais novo, olha é o neto do Armando que tem 15 anos, o resto a seguir. Parece que sou eu, ai não, é agora um rapaz que entrou com 50 e tal anos que é o cozinheiro que é o Sidónio, fora isso são todos velhos, o mais novo sou eu que vou fazer 69 anos e o Armando que é mais novo ainda do que eu, o resto é o António da Reboca, é o Zé que também tem 60 anos, é tudo, o compadre do Armando, o Diamantino que também é velho, somos todos. A festa tem um grande prisma a nível e não tem mais porque a gente não convida os órgãos sociais, porque não temos hipótese. Porque temos lá, é como toda a gente sabe, aquilo é pequeno, por exemplo, convidar uma entidade do estado, por exemplo, o nosso presidente, a gente não pode convidar o nosso Presidente Marcelo, porque leva uma comitiva atrás que só eles encham a Festa da Tróia, é impossível. Já lá foi umas horas o nosso cardeal Martins Saraiva, que é da Congregação dos Santos, que está em Itália. O padre Manuel António que agora é bispo levou-o lá. Ele gostou muito, esteve lá, assistiu, e disse, está aqui uma festa feita à maneira. E há quem diga que a nível nacional no nosso país, é única. E é única porquê, Viana do Castelo já lá estive, é linda, mas vai ao mar, estive lá oito dias, comi e bebi em terra, dormi em terra, Peniche, a daqui e dali, é bonitas, é festas religiosas muito bonitos, mas esta é feita
--	--	--

		no mar, é por mar e tem que ser no mar, e quem não levar a barraca de campismo, dorme na areia ou vem-se embora, é muito tradicional ainda, continua a manter, antigamente era os saveiros, depois os barcos foram maiores, não se podia virar do fundo ao ar, ficou com as tendas e lá está. (Madalena Lopes) Sim, sim, também vou lá assistir e também assisto à missa por alma dos pescadores. Agora, eu penso que antigamente, a festa era mais por motivo de devoção, agora as pessoas, a era é outra e vão mais para divertimento, porque é praia, é verão, é calor, mas para aqueles mais antigos é mesmo devoção. Eu gosto da festa, porque gosto de divertir-me, brinco muito, fazemos grandes brincadeiras todos em família, mas a parte da procissão, da missa, é sem dúvida a mais que mexe. (Joaquim Lopes) Eu acho que é uma festa cultural, não só cultural como católica, porque derivado aos bairros piscatórios que existe, como nós, sabemos que Fontainhas e Bairro Santos, são como irmãos, mas fora desses dois bairros, há outros bairros piscatórios, como Bairro do Viso, agora o Bairro Afonso Costa, que era antigamente o Bairro Carmona e muitos pescadores espalhados pelo Faralhão, pelas Praias, que assistem a esta festa e fazem parte até dela. Sem dúvida alguma é a procissão pelo mar e a procissão pela praia.
--	--	---

		As alterações que a festa tem levando ao longo dos anos todos, para mim até tem sido melhorias, porque já se nota mais civismo perante as pessoas, já acarretam mais as regras que existem, antigamente era um campismo mais selvagem do que é agora. É um bocado complicado, falar sobre o futuro, porque vêm restringir cada vez mais regras mais fortes, tanto para o pescador como para o campista, onde por um lado é bom, mas, por outro lado, vai -se acabando as pessoas e é a falta de barcos que existe desde que começaram a abatê-los. Era a entrada de gente nova, para ajudar a comissão que são, a faixa etária já é um bocado velhada, está envelhecida, e se houvesse malta nova para corresponder a isso, era muito bom. Penso que sim, isto é transmitido de pai para pai, de pai para filhos, de filhos para os netos, penso que seja assim, porque há aqui muitas gerações envolvidas já. Tem, tem, tem, não é por acaso que nós chegámos com o círio, à segunda-feira desde Albarquel, desde o PUA até ao bairro das Fontainhas, aquelas muralhas por ali a fora está sempre cheia de gente. Sempre uma pessoa até bastante conhecida minha e que fazia uma boa caldeirada. Carreguei, carreguei a Nossa Senhora da Tróia e foi por promessa. Não, não persiste nenhuma, antigamente existia, isso era a malta
--	--	--

		antiga, porque eles tinham uma festa deles, que era o Círio da Arrábida e a malta cá das Fontainhas, do Bairro Santos, vá lá, do lado nascente, tinha a Nossa Senhora da Tróia, mas isso, tanto eles vinham ao nosso, como a gente íamos a eles. Participam, com os seus barcos aqui, estão cá muitos. Vamos lá ver, isso a união entre os varinos, os pescadores de Troino e os das Fontainhas, como do Bairro Santos, ou qualquer localidade, no mar tem que existir, porque temos que nos guardar uns aos outros, porque no mar não há ninguém para nos acudir, não temos ambulâncias, portanto, eles é que nos têm que acudir, se houver um caso de avaria, um caso de afundamento, ou qualquer coisa, o barco que estiver mais próximo, seja de Troino, do Faralhão, seja de qualquer coisa, tem que salvar o colega dele, mais nada. Poderá, porque não vai haver barcos para carregar os Santos. Penso que é uma religiosidade boa, porque eles são a maioria católicos e têm fé na Santa. Isso já é um caso que não estou muito dentro disso, mas os membros são escolhidos derivado à disponibilidade que têm sobre eles, porque, isto requer ao longo do ano, muitas reuniões com pessoas, entidades, isso por, aí fora, para chegar ao dia da festa e ter tudo, e onde não é fácil de reunir essas pessoas, tanto em fogo ou como em bandas, como Capitães do Porto, Câmara, tudo, não é fácil reunir com essas
--	--	--

		peessoas. Tem, ao longo dos tempos, a regata das bateiras, porque não há bateiras já, nem saveiros, isso simplesmente acabou, fazíamos a regata dos botes a remos, mas também já não há traineiras com botes, por isso é a única parte que eu vejo, que não há na Festa da Tróia, é essa.
Caraterização da festa antigamente e hoje em dia	Identificar a propriedade da festa Caraterizar a dimensão recreativa da festa Caraterizar a dimensão religiosa da festa Caraterizar aspetos da organização e realização da festa	(Armando) Pertence à Cidade de Setúbal e aos pescadores. Eu acho que não é dos varinos, pronto, esta festa tem que ser dos pescadores de Setúbal, porque, antigamente era mais assídua, os varinos, pessoas que vinham oriundos da Murtosa, Aveiro, Ovar e sediavam-se aqui no Bairro Santos Nicolau e Fontainhas, também ali na zona da Cachofarra, também havia muitas pessoas ali, da zona da Murtosa, mas eu acho que esta festa é da Cidade de Setúbal, é dos pescadores de Setúbal, desde Gâmbia até à Fonte Nova. Esta festa é da Cidade de Setúbal. O núcleo duro, porque antigamente, era as pessoas das Fontainhas e Bairro Santos e, ali alguma zona também no interior de São Domingos, aquelas pessoas mais afetas, que também faziam parte da comissão, por causa disso, dizem que é o núcleo duro, mas nunca foi, penso, quando eu entrei acabei com essa maneira de analisar, que era só de S. Sebastião, e eu acho que esta festa tem que ser da cidade de Setúbal, e hoje vê-se a população a aderir cada vez à chegada de Nossa Senhora a Tróia.

		A festa está inscrita nos roteiros religiosos e festivos, em alguns livros até aparece. Alguma colaboração da comunicação social, na divulgação, mas também, às vezes somos nós os culpados, comissão, um ano convidamos a comunicação, se eles não aparecem, não nos querem fazer alguma entrevista, nós também depois esmorecemos. Antigamente, aquilo, vá lá, a gente para acampar punha-se os barcos voltados do fundo para cima e fazia-se ali, não havia tendas, era um cobertor ou uma serapilheira, e três ou quatro varas, não havia colchões, era aquelas enxergas de palha que se punha, e hoje, toda a “sofisticação”, mas, não havia água potável, as pessoas tinham que levar de casa, não havia sanitários, os despejos eram deitados para dentro de água, e isto tudo foi alterado, e tudo tem que se chamar a atenção e sensibilizar as pessoas. Não, olha, antigamente se calhar, nós tínhamos ali à volta de 200-250 pessoas, se calhar hoje temos lá mais de 1000 pessoas, onde não temos autorização para isso, mas as autoridades fecham um bocadinho os olhos, os bailes antigamente eram mais familiares, não havia tanta abertura, não havia tanta juventude e também não havia esta maneira da juventude pensar, que beber às vezes tem outros vícios e antigamente não havia isso. Temos que reconhecer que a juventude nem toda é igual. Isto é tudo, é a evolução social.
--	--	--

		Há várias famílias, que eu esteja assim a ver, uma família, que é a família Lucas, que é grande, sempre foi e ainda há-de ser, depois era a família Biscaia, também continuam, poucos, mas ainda vão, vejo ali três ou quatro famílias que ainda continuam, ali a permanecer, mas só que essas famílias também deviam dar mais apoio, deviam mais colaborar com a festa, não é só pensar que os outros trabalham e eles têm o privilégio. Agora ninguém, ninguém faz (parte do núcleo duro), porque quem organiza é a comissão, e nós não somos nenhum grupo, é a minha maneira e sensibilizo-os, as pessoas que trabalham comigo, não há grupos duros, agora tem que haver é respeito pelas horas que são dadas pela segurança, pelo dono do terreno, pela GNR, se não for assim, isto acaba. Eu tenho que ver quem é as pessoas que vão para lá (credenciais - reservando-as apenas para as famílias sempre e amigos), se houver qualquer acidente ali, seja qualquer for, além de termos seguros, eu sou a primeira pessoa a ser responsabilizada, sou a primeira pessoa perante as autoridades a ser chamada e a dizer porquê, também que ver quem vai para lá, sei que aquilo não tem nenhuma vedação, para ninguém entrar ali, quando a maré está vazia entra, mas também tenho que saber quem são as pessoas que vão ali, as famílias possam estar ali descansadas, se houver ali um fogo, temos que deixar todas as nossas coisas e fugir para o
--	--	---

		mar, é isso que eu também tento ver as pessoas que vão ali, se são pessoas que eu tenho confiança, se são pessoas que vão ali e respeitam as outras pessoas, ainda se mantém assim. O financiamento é, as câmaras que nos auxiliam, as juntas de freguesia, a Infratróia, que nos dá o apoio aos sanitários, mas não paga a totalidade, o resto tem que pagar a comissão, o grande bolo é os comerciantes e os pescadores de Setúbal, que nós sempre estamos a contar com eles, esta festa anda à volta dos 35.000€, o grande bolo vem dos pescadores e dos comerciantes. A caça ao pato, isto tem que ser só depois, no domingo, sábado há uns passatempos, mas é poucos, mas assim jogos, só a seguir ao almoço, por causa da eucaristia, por causa da procissão, a caça ao pato, a corda, as andas, as malhas, o saco, há vários jogos. No domingo (o jogo do pau ensebado) mas há dois anos que nós não fazemos, porque também as pessoas não aparecem, nós também não fazemos. Nós metemos lá, há três anos, metemos o pau ensebado, ninguém apareceu, tínhamos o prémio, porque hoje também a juventude, não era como antigamente, as brincadeiras antigamente eram umas brincadeiras mais saudáveis, gostávamos de brincar, gostávamos de ser mais unidos, a sentir a festa em si, há outro tipo de interesses deles. Não, cada vez a pesca (regatas de saveiros ou bateiras) isto tem a
--	--	---

		ver também com a pesca, porque os pescadores começam cada vez a ser mais escassos, antigamente as pessoas, o dia-a-dia deles, era também as caçadeiras para ir ao mar, hoje é tudo por motores, a evolução do homem levou-os a isso, hoje poucas pessoas tem uma caçadeira ou uma bateira. Eu penso, também já fui jovem, essa idade, hoje tenho netos, vejo que hoje a evolução das tecnologias, a juventude está mais interessada na internet, jogar jogos na internet, a playstation, andar com o telemóvel, isto tudo leva a juventude a não olhar para esta festa, digo esta festa como outras festas, pode haver um ou outro que se interesse, mas cada vez vejo menos juventude a interessar-se pelas festas, há um porquê, é a tecnologia. Acho que mudou pouco, porque se nós formos ver, antigamente também era, a malta ia para o bailarico, não havia eletricidade, as pessoas ficavam mais reunidas nas tendas, porque aquilo era tudo a petromax e a candeeiros, havia lá um barzinho, mas aquilo era mais convívio de família, bebiam nas barracas e hoje não, vê-se que há um bar, há luz, as pessoas gostam mais de ir beber uma cerveja ali, também falo por mim, também gosto de ir com os meus amigos, é o que se vê ali. (fogueiras comunitárias no areal da praia) Isso acabou, cada vez é mais restrito por causa dos fogos, para não haver ali nenhuma calamidade e nós comissão temos que aceitar, proteção civil, as autoridades, foram proibidas as fogueiras, neste momento ainda autorizam acender os
--	--	--

		fogareiros para o pessoal fazer a comida, mas já estão a pensar fazer fogareiros comunitários, isso vai ser um bocado complicado, porque gente do mar, gente acostumada a ter ali o seu fogareiro a pé dele e comer para fogareiros comunitários, tem que se sensibilizar as pessoas primeiro, do que se fazer isso. Hoje já não há aquele sentido, mais de aproximação, o acampamento à noite tem sempre igual, as iguarias marítimas como sardinha assada, caldeirada, caldeirada de choco, antigamente também havia mais variedades de peixe, havia sempre uma arraia seca ou um cação, uma procura que não se encontra. (continuidade da caldeirada à Zé da Gaia) Sim, o Zé não inventou nada, o Zé era uma pessoa que gostava de fazer caldeirada para a festa, era aquela pessoa que se entregava, hoje também quem está a fazer, também faz, o bom prato, a boa caldeirada é também saber meter os temperos, saber a qual é a quantidade a meter e o peixe ser fresco, é o que nós continuamos a fazer e há de ser até eu estar aqui. (Bailes e arraial) Não, antigamente, uma altura que aquilo era mais acordeões, depois começou-se a conjuntos, estes vocalistas destes conjuntos, nós tentamos levar pessoas mais afetas à festa, mas tentamos levar filhos de que pertencem a famílias da festa, também para ser uma harmonia, um convívio. Algumas músicas ainda são antigas, até cheguei-te a convidar no
--	--	---

		acordeão, o ano passado também levei lá, nós também não temos muito poder económico, para levar um conjunto bom, mas onde tenho o dinheiro, tenho que contar os tostões e tenho que levar pessoas que nós sentimos bem e que as pessoas também se sintam bem. (divulgação da festa) Comunicação social, o cartaz que divulgamos a nível da cidade e nas casas comerciais. Antigamente também era assim, um cartaz, havia O Setubalense, que era o jornal da cidade, mas hoje também, já tivemos mais apoio do Setubalense do que temos hoje, antigamente o Setubalense fazia, se calhar durante três meses, divulgava muitas coisas, ia buscar coisas antigas da festa, nós falávamos, hoje é uma coisa muito restrita. É assim, quem mete a imagem e o andor, são vários andores, mas o mais pesado é Nossa Senhora, é alguém, posso ser eu, pode ser alguém que eu ou a Lurdes convide para meter, mas quem veste sempre é a Lurdes. (peditório pelas ruas do Bairro Santos Nicolau) Sim e acho que esse deve-se manter, porque vê-se, ali é que nos vemos também, é uma tradição antiga, estas tradições não se podem perder e tentar sensibilizar também sempre a população destes bairros que são oriundos, eram oriundos e também têm descendentes ainda das pessoas que faziam a festa, também para sensibilizar para esta festa não morrer. A charanga é sempre aquelas músicas para as vezes assim
--	--	--

		convívios, a grande música é no encerramento do peditório, a “Nossa Senhora” e perante o busto do Padre Nunes, que foi um grande obreiro e um grande padre dos nossos bairros e da Paróquia de São Sebastião. A banda da Capricho Setubalense é só acompanhar a procissão da igreja até aos barcos, foi uma vez a Tróia, com aquelas músicas religiosas, que nos acompanham. Na igreja, o tríduo (quarta, quinta e sexta) reza-se o terço a Nossa Senhora e no sábado à tarde, antes de fazer-se procissão até aos barcos, missa pelas almas dos pescadores que faleceram e seus familiares, sempre foi assim. A procissão no sábado, que sai da Igreja de S. Sebastião até à Doca das Fontainhas, é no sábado, mas isso tem pouco tempo, 5 ou seis anos, a procissão das velas, no sábado à noite em Tróia, depois é a procissão no domingo a seguir à eucaristia e depois é o círio de segunda-feira que vem da Caldeira da Tróia até Setúbal. Acho que tem muito significado para a comunidades piscatória e em geral, que as pessoas gostam que as pessoas estão a necessitar desta festa para ir buscar forças e buscar forças, agradecer a Nossa Senhora mesmos os próprios pescadores para terem as suas férias, muitas vezes com as lágrimas nos olhos, mas se calhar dizer olha mãe obrigado, porque ainda hoje estou vivo, fui para a minha vida, regresso a casa e tu me acompanhas, muitas vezes quando saem da doca da lota e
--	--	--

		olham para a capela, a pedir proteção. Agora se calhar à mais do que um hino (Nossa Senhora), mas agora assim datas não posso dizer. (tipo de promessas) Chego e peço, olha mãe para o ano, este ano já passou, tu deste-me saúde, deste-me a vontade sempre de caminhar ao lado dos meus irmãos em cristo e para o ano espero que peças a Jesus também a mesma coisa. Neste momento temos nove andores, a Nossa Senhora, a lenda diz que foi encontrada junto à praia, os outros têm sido todos oferecidos, há pessoas que oferecem fios de ouro, está na casa episcopal, outras pessoas com problemas cancerosos, oferecem braços, coração, rins, tudo isto está guardado na capela. Estandartes temos alguns já antigos, tudo oferecido pelas pessoas. Alguns fazem as suas promessas, outros não, gostam de levar o andor, o andor de Nossa Senhora é o mais procurado, às vezes até eu desvio-me para serem a tentar levar e fazer a rendição, às vezes podemos ferir alguém ou melindrar alguém, os standartes são também pessoas que querem fazer a sua promessa de levar o standarte ou de levar os andores. Os santos têm sido os mesmos, o percurso do círio de Setúbal para Tróia não pode ter outro, a procissão na praia não pode ter outra orientação e o círio que vem da Caldeira até Setúbal, houve um interregno
--	--	--

		as pessoas tinham medo de ir, também tem que se ter alguma preocupação até ao Outão, ou vamos com a água a encher porque aquilo é um bocadinho complicado com a água está a vazar, houve ali um interregno e foi no ano que entrei para a Comissão de Festas como secretário, e houve um pescador que me disse assim porque não vamos até ao Outão, e eu disse, não percebo nada disso de marés, então vamos, está bom e desde aí começou-se até hoje outra vez. Eu ainda fui desse tempo, a entidade eclesial, achou que estava mal furar o manto parar colocar as notas e hoje nós temos um tipo de rede onde as pessoas põem as suas ofertas em vez de por no manto, põem na rede. Hoje as pessoas têm a sua maneira de analisar como cristão, vai muita gente pagão lá, mas nós temos que aceitar, é uma festa, hoje vejo muitas pessoas que eu via que olharem para a igreja como um abismo, hoje as pessoas assistirem à missa e participarem nas procissões, para mim já é de salutar. Esta festa, quando era miúdo também via, hoje são pessoas do mar mas também são pessoas de terra, vê-se mais a juventude a ingerir mais bebidas alcoólicas de vinte e tal anos, não vejo assim, comparado com o antigamente está muito mudado. Os peditórios são metidos em vários sacos, tudo guardado, é contado com todos os elementos que pertencem e com pessoas que nos
--	--	--

		ajudam. As pessoas dão porque as pessoas veem que há trabalho feio, as pessoas nem sabem a quantidade de encargos que nós temos, as pessoas pensam que a festa não tem despesas, mas posso mostrar um dia, um balancete, que quiser ver as contas podem ver, há transparência, não põem em causa seja o que for, há sempre aquelas dúvidas, aquelas pessoas. O número total de donativos aumentou, comparativamente com as duas últimas décadas, esta festa anda à volta de 35.000€ e nós conseguimos com os donativos das câmaras e isso tudo, conciliar toda esta despesa. Há muita gente ali que vai só para passar férias, vai para se divertir e antigamente as pessoas que iam ali, iam todas à missa, antigamente as pessoas iam no domingo à missa e só depois é que iam ao mar, 50% das pessoas não vão à missa nem vão às procissões. Temos que aceitar, antigamente as pessoas iam para a festa da Tróia e estavam ali, o tempo que queriam, isso acontece essa contestação porque as pessoas não sabem gerir o tempo de férias, eu numa conversa que tive com o presidente do conselho de administração da Torralta, ele dizia aquilo é da Torralta, ele não aceitava pessoas terem barracas de madeira ter ali um ano inteiro, a pessoa está aqui um mês vai embora e vem outra, foi por causa disso aquele atrito e começou-se aquela
--	--	--

		confusão, hoje ainda se mantem, porque as pessoas não sabem distinguir, aquilo tem um património, aquilo pertence a um domo, já é muito bom eles cederem e não cedem mais porque as pessoas neste momento que vão para a festa, 60% consegue respeitar e 40% não respeita, pensa que aquilo é deles, é a juventude que pensa pela cabeça deles erradamente, isso leva a que cada vez haja mais restrições na festa. (2 milhares de pessoas a aguardar o círio) é verdade, se calhar mais. Pescadores e famílias: 600 a 700 pessoas. Número de pessoas que participam na festa: durante os três dias (acampar, entrar e sair) - estatísticas feitas pela Torralta – 9000 pessoas (número de participantes e pescadores) Faz-se um cálculo, número de participantes e eu que passo as credenciais e a própria portaria faz um cálculo. (pouco são os jovens e adultos com formação superior) Sim, antigamente ainda era pior, muita gente não quer escola, isso é verdade. Se nós formos ver antes da Sonae, aquilo também não havia nenhum plano de segurança, porque as pessoas entravam com os carros, o carro para abastecer a água, nós tínhamos que tirar os carros da estrada, se houvesse ali algum azar. Aproximação gradual e pública entre a Sonae e a Festa. A Infratróia paga 1500€ e a festa paga 300€ (total de 1800€ nos
--	--	--

		WC) O pagamento do autocarro entre os catamarans – Caldeira e vice-versa, durante os dias das festas, é suportado pela Comissão de Festas. (votos e conselhos) Sensibilizar as pessoas, fazer também um apelo, que estão zangadas, que há um atrito, que estamos em festa e que somos cristãos, Nossa Senhora pede ao seu filho para que cada vez haja mais harmonia e tudo, acho que ali também deve haver uma sensibilidade nossa de pedir perdão, saber aceitar o outro como ele é. O padre é que estipula lá o ritmo, temos uma pessoa responsável que percebe de música, cada eucaristia também tem os seus cânticos alusivos, ali a Nossa Senhora, também aos pescadores e ao mar. No mar, dou o exemplo, o Zé da Gaia, andava no mar, os outros andavam a apanhar peixe, olhou para o céu e disse, ó senhor se tu existes pelo menos dá-me peixe, ele foi, largou ao mar e apanhou peixe, ele disse, assim sempre existes. (barco adornado com peluches) Isso pode acontecer às vezes, mas não é sempre normal. (recomendações para os dias que se seguem, são as mesmas que antigamente) O padre pede às pessoas que venham às celebrações, consigam entender-se uns com os outros, que o terreno que vamos acampar não é nosso, deixar o terreno como o encontrarmos, porque quando termina a festa as ruínas abrem aos turistas.
--	--	---

		Eu não penso assim, o que não é crente, também às vezes vai a uma igreja, não é crente hoje, mas foi batizado, teve assim aquele sinal da cruz, bem ou mal sempre se benze, Desde miúdo que me lembro, sempre foi uma senhora, foi a avó da Lurdes, foi a mãe da Lurdes e agora é a Lurdes, está bem entregue, tem feito um bom trabalho e há-de continuar. A procissão de velas, aquilo aconteceu, no sábado coincidiu com o 13 de agosto, peregrinação de agosto, é dos emigrantes, eu acho que ali na festa da Tróia também vão muitos emigrantes, hoje faço parte de uma instituição de igreja, que está afeta também como diretor nacional do Apostolado do Mar, que é mobilidade humana, que pertence os emigrantes, e lembrei-me e porquê não estarmos em solidariedade com os nossos irmãos em Fátima e assim começou. A procissão de velas tem 7 ou 8 anos, antigamente não se fazia. Tem que ser cânticos alusivos a Nossa Senhora. As leituras, cada mistério tem a ver com a vida do mar, pode ser uma boia, uma âncora. Há 4 – 5 anos, eu conheci um amigo, tem a sua fábrica perto da Vila do Conde, ele não é pescador, mas gosta de ir ao mar, preciso de 300 camisolas, eu não levo dinheiro, porque quando vou para o mar lembro-me sempre de Nossa Senhora, há 4 anos é ele que nos dá as t-shirts, é uma maneira de angariar dinheiro, 700/800€ em t-shirts.
--	--	---

		Entidades oficiais presentes na Festa em 2018 - Comandante do Porto, Presidente da Câmara de Setúbal, Presidente da Câmara de Grândola, Vereadores da Câmara de Grândola e Setúbal, Tróia Resort. Às vezes também vejo os homens quando Nossa Senhora passa olharem assim para o rosto de Nossa Senhora e a cair as lágrimas. Eu vi na procissão das velas, uma senhora que teve um cancro na mama, não tinha cabelo nem nada e tinha o computador na mão, com ela quando tinha cabelo e a mostrar a fotografia para Nossa Senhora, é um sentido de respeito, mãe olha, eu penso que vou ser assim. A Santa Missa por alma dos marítimos e familiares, é reconhecer os nossos amigos, os nossos familiares, que partiu, o senhor o chamou, é uma maneira também de nós dizermos, olha nós estamos aqui e vocês estão com o pai, rezem por nós como nós rezamos aqui por vós. Concurso barcos engalanados, eu peço a pessoas de fora da comissão, para irem ver, quais os melhores barcos engalanados, vai de 1 a 5 e depois somamos os pontos, vimos qual é o 1, 2, 3 e assim sucessivamente. O concurso é fator de envolvimento da comunidade, acho que sim, porque cada embarcação é custeada pelo seu proprietário. Na segunda quando a procissão chega a Tróia, os andores vão para a capela, e nós naquele ou no outro tirar as flores, muitas pessoas gostam de levar as flores, cada qual leva o que quiser, em vez de se estar
--	--	--

		ali a estragar. Teve dois anos que não, agora já continuou o ano passado e vai continuar, trabalha gratuitamente para a festa (Graciano Guerreiro) é um homem que eu devo favores, pedir às pessoas para apanhar o lixo, para respeitar as ordens das autoridades, quando acabar o acampamento levar tudo. Eu nesse aspeto, acho que isso foi um bocado manipulado, porque a Festanima não tinha muita força e a Festa da Tróia tinha, depois quiseram juntar as duas coisas, a Festa da Tróia é autónoma, a Festanima é autónoma, nós só precisamos do apoio da Junta de Freguesia de São Sebastião, não precisamos do apoio da Festanima, porque a Festanima para nós não nos traz nada, para a cidade de Setúbal, para mim como Setubalense, ir lá e ver um espetáculo, comer com a família, ouve ali uma separação quando ouve um atrito quando alguém se quis aproveitar da Festa da Tróia. Acho que sim, “Os valores da Festa já não se encontram apenas naqueles que organizam a Festa, os varinos, mas alargou-se a todas as comunidades de pescadores de Setúbal e à própria cidade que reconhece o valor da tradição cultural da Festa, identificando-se com ela e nela participando”. O Ti João Sacristão, foi um homem que tinha os seus princípios, ele também muita força nesta festa, estava sempre a par desta festa e
--	--	---

		incentivava os mordomos. Esta festa é dos pescadores de Setúbal. A Festa é da responsabilidade da Paróquia de São Sebastião dos pescadores de Setúbal, que desde sempre encararam o território da margem esquerda do rio como seu, concordo. Antigamente animação havia muito pouca, hoje há mais, já houve mais tem muita a ver com o poder económico. A festa não tem perdido identidade nem autenticidade. Antigamente havia mais harmonia de família e convívio. Eu penso que vai existir sempre pescadores, nem que seja 15 ou 20. As festas religiosas têm que ter um carisma e têm que ter uma ambição, a comissão tem que ser autónoma, têm que ser eles a decidir e a dar cara, tem que ser eles a preparar a festa e não as instituições, as instituições têm que nos ajudar, uma comissão que seja cristã tem que pensar numa coisa ou tem gosto e têm amor à festa, ou não vale a pena fazer. A rivalidade entre os pescadores varinos e de Troino, isso já passou, isso era antigamente. Os pescadores de Troino participam na festa. Acho que é uma realidade e hoje vê-se tanto acampam varinos como troianos e dão-se bem.
--	--	---

		O problema da pesca e a redução da frota pode afetar a festa, uma parte pode ser, mas tem que se equilibrar com os barcos de recreio, Os mestres comunicam pelos seus aparelhos, olha vais mais de força ou mais devagar. A religiosidade é uma motivação para participar na festa. Esta Festa se se perder e só se perde se as pessoas quiserem, isto é um movimento da igreja, da Paróquia de São Sebastião. Acho que hoje a festa tem ainda mais valor para a população. A população de Setúbal adere cada vez mais a esta festa, há uns 7 ou 8 anos uma guia turística, isto acontece aqui em Portugal, perguntou o porquê de não ser mais divulgado. É uma maneira de falar as festas, porque são três dias, mas é a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia As regatas de caçadeiras (diminuição de pescadores e da faina), o pau ensebado (antigamente as pessoas gostavam de brincar, agora as pessoas sujam-se todas), são estas tradições que se perderam. As pessoas interessarem-se pela festa. Esta festa vai ser sempre a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, pode não ser igual a estes últimos 10/15 anos, pode ter outra maneira de ser realizada, a fé há-de continuar sempre. Acho que a juventude gosta de vir é acampar, gosta de tomar o seu banho, tomar a sua cerveja, acho que não será praticado por eles da
--	--	--

		mesma maneira, a juventude de hoje e a tecnologia leva essas pessoas a irem para outros caminhos, a não se interessarem pela festa. (Padre Casimiro) É o povo, esta festa, tenho a certeza absoluta que é do povo, se ele conseguir resistir aos poderes. (Presidente da Câmara) É, já se vê lá muita juventude, não é, o que temo é que de fato alguma juventude, não percebeu bem o espírito da coisa, o que temo é que alguma juventude pense que aquela festa, deve ter única e exclusivamente uma vertente pagã e de fato, ela não existe se não houver a vertente religiosa, eu acho que há jovens que ainda não perceberam isso, não é, se não houver a vertente religiosa que foi incutida e foi vivenciada e experienciada pelos mais velhos, ela não existe, porque para a vertente pagã temos aqui muitas outras festas, não é preciso fazermos aquela. Eu acho que a igreja tem muita responsabilidade nisso, não é, de criar sempre grupos de trabalho, que não descurem a preocupação religiosa, que não descurem o objetivo e o fundamental da festa, que é agradecer a Nossa Senhora, não é, a vida deles, a vida dura do mar, essa é o principal objetivo da festa, é agradecer a Nossa Senhora e portanto eu acho que a igreja terá sempre um papel fundamental quando há passagem de testemunho, porque de fato os antepassados daqueles homens, não é, o Armando já tomou a festa vindo de outros, que a festa tem tantas décadas, o nosso mestre Zé da Gaia, não é, tantos homens
--	--	--

		que já partiram, felizmente temos o Armando connosco, mas o Armando já vai ensinando, eu vi lá um grupo de gente mais nova, muito próximas do Armando e que vão ficando imbuídos do espírito daquela festa, que é uma festa diferente, mas, a igreja tem um papel importante, no sentido de passar o testemunho e passar bem o testemunho. Eu penso que sim, por tudo aquilo o que eu disse há pouco, eu acho que se não tivesse esse valor, eu acho, que não assistíamos a cada vez o maior de número de pessoas a emocionarem-se com a passagem de Nossa Senhora junto às muralhas e portanto nós podemos testemunhar que, se há esta emoção, se há esta sensibilidade, é porque a festa ainda conta, ainda toca as pessoas. É continuar, as entidades oficiais, a apoia-la, porque a comissão sozinha, não gera taxas nem impostos, para ter receitas, para fazer uma festa daquelas, não é, e portanto é obrigação para a preservação daquela festa, por aquilo que eu já disse, cultura, história, tradição, religião, é fundamental que as entidades oficiais, se empenhem na concretização da mesma. Há dias em que concordo, há outros dias que não, não é, porque temos que ter em linha de conta que muitas daquelas pessoas que estão ali, estão ali, têm familiares pescadores, não é, que já levam os seus filhos, os filhos levam os amigos, os amigos dos amigos, do vizinho, mas há uma pessoa nuclear, há ali alguém que os liga, aquelas pessoas estão
--	--	--

		ligadas a alguém e se elas quisessem só fazer acampamento selvagem ou irem lá para os copos ou para a praia, têm outros sítios para fazer esses acampamentos, por isso é que acho que às quando se vê algum desacato, eu acho que aquelas pessoas quando não deviam estar ali, eu penso que aquelas, fazem os desacatos normais, às vezes um copinho a mais ou de pessoas a não perceberem bem o que se está a passar, mas de repente alguém que lhe chama a atenção, estamos aqui porque o teu pai ou o teu tio ou o teu avô desapareceu no mar ou porque quem está ainda ativo vem aqui agradecer a Nossa Senhora e tu viestes com eles, mas tens que respeitar isto, e portanto, a família nuclear dessa pessoa, vai com a pessoa, não é, e não é só por e simplesmente, ela tem que sentir alguma coisa para estar ali, até porque quando a procissão passa na praia, são centenas as pessoas que estão à volta, são as que estão nos acampamentos, estão ali com todo o respeito a presenciarem ou também a irem na procissão. Nós já pedimos à Sonae, não sei se se lembram aqui a alguns anos, a Sonae achava que aquilo tinha que acabar, logo quando a Sonae fez ali a grande obra de requalificação da Tróia, a Sonae entendia que aquilo tinha que acabar e nós tivemos uma intervenção muito grande junto da Sonae, no sentido de sensibilizar a Sonae para a preservação histórica e para a preservação da tradição e religiosa daquela procissão e qual era o significado que aquilo tinha para os pescadores, mesmo que aquilo não
--	--	---

		tenha que ser uma bandeira turística, tem que ser em primeiro lugar para os pescadores, porque é que as pessoas vão ali pela fé e pelo respeito e agradecimento a Nossa Senhora e portanto a Sonae tinha que respeitar isto e a Sonae depois de perceber bem a festa, respeitou e enquadra-se na festa, se é ou não bandeira turística, eu acho que aquilo ainda tem que caminhar para muitas condições que levem de fato turistas à participação, no terreno, não digo no mar, mas no terreno tem que se criar outras condições para as pessoas poderem ali participar, no mar não, no mar acho que já há muita gente que participa, no ponto de vista turístico. Acho que as pessoas também se vão adaptando, de um modo geral as pessoas têm sempre muita relutância quando há uma mudança, o que é certo, é que como estava também não podia continuar, aquilo não tinha já qualidade nenhuma, estava muito degradado, há muitos anos que não tinha obras, não é, aquilo não era um bom postal para Tróia, não é, que tanta gente confunde com Setúbal, tanta gente acha que Tróia faz parte do concelho de Setúbal e aquilo como estava não podia estar, e portanto tinha-se que fazer aquelas obras e portanto os investidores acharam que se justificava o investimento, fizeram as obras e pronto, eu não sou muito avessa à mudança, eu sou a favor da mudança, por isso. A privatização do espaço, mas o espaço já era privado, não houve a privatização, eu acho que não houve, o espaço não houve privatização, o espaço sempre foi privado e houve sempre, há uma ocupação histórica,
--	--	---

		aceite por quem era o anterior proprietário, e eu o que acabei de dizer em relação à Sonae, eu mantenho, quer dizer, do atual proprietário, quando o atual proprietário ali chegou, e verificou que aquilo ali acontecia no seu terreno, não houve privatização nenhuma, vamos lá a ver assim, a Torralta era privada e portanto vendeu à Sonae, quando a Sonae ali chegou, portanto aquilo foi sempre privado, e portanto o segundo dono, neste caso, quando ali chegou, ficou muito preocupado, e quis acabar, as formas de acampamento e a forma degradada como aquilo ficava, não é, e portanto nós temos que compreender, que o terreno não é Comissão de Festas, nem é da Câmara Municipal de Setúbal, não é, e portanto nem é da Câmara de Grândola, o terreno já era propriedade da Sonae, e portanto a Sonae continuou a respeitar aquilo que a Torralta sempre respeitou e portanto eu acho que desse ponto de vista, a Comissão de Festas e eu acho que o Município e Setúbal, acho que está agradecido à Sonae, só esperamos que a Sonae continue a ajudar e a ceder o espaço. Eu desde que vou há festa, há 19 anos, eu acho que não, eu sinto a festa sempre pujante, sempre bem ativa, sempre com muita veneração, eu acho que não tem perdido (identidade e autenticidade), mas os mais antigos podem dizer, é uma festa que se, tem que passar umas duas gerações para se sentir alguma coisa de diferente. Eu acho que deve de haver separação (Festanima e Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia), eu acho de podemos cair na
--	--	---

		banalização ou na utilização da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia pela sua importância e pela sua projeção e a sua antiguidade, não é, de séculos, de estar-se a meter dentro de um chapéu, que é uma festa que tem 15 anos para aí, eu acho que uma coisa não tem nada a ver com a outra, a de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, é uma festa pagã e religiosa, mas é sobretudo religiosa, eu acho que estas festas não se devem por num chapéu só para dar amplitude a umas festas pagãs, porque a Festanima é uma festa essencialmente pagã, é uma festa da comunidade, do movimento associativo e a de Nossa Senhora não se deve misturar com isto. Os varinos era uma designação quase que, de onde vinham as pessoas, do local de onde vinham os pescadores, porque eles eram pescadores na mesma, não é, mas era uma designação que lhes era dada da proveniência de onde eles vinham, vinham do norte, eram da Murtosa e aí eram considerados varinos, não se chamavam pescadores, mas aqui em Setúbal, são pescadores, eu acho bem, nós não estamos no norte, estamos nesta grande cidade que se chama Setúbal, na capital de distrito e portanto, eu acho que deve ser a nossa designação de pescadores e não de varinos. Eu não sinto isso, não é, se calhar porque infelizmente cada vez há menos pescadores, não é, a pesca tem sido um setor muito afetado pelos sucessivos governos e as políticas desses governos em relação à pesca,
--	--	---

		e portanto foram destruindo a nossa frota de peixe, foram dando cada vez menos apoio aos nossos pescadores e portanto hoje se calhar por termos menos pescadores, infelizmente se nota essa rivalidade e também porque as mentalidades também mudam e as pessoas se vão enquadrando cada vez mais. Eu acho extremamente importante, exatamente por aquilo que eu acabei de dizer, porque eles são cada vez menos, e, portanto, costuma-se dizer a união faz a força, eles divididos é que são cada vez mais fracos, se eles já são poucos, se dividirem têm pouca força. Depende das entidades oficiais, depende da comissão da festa, mesmo que eles sejam cada vez menos, mas se tiverem força para continuarem com uma comissão de festas e se as entidades oficiais ajudarem, pode não estar em causa, mas também pode estar em causa, porque as gerações vindouras, os mais novos podem não entender assim e vai-se perdendo uma tradição importantíssima. A procissão no mar, não é, a procissão na areia e a procissão no mar, ela fazer-se ali junto ao mar, fazer-se ali junto ao mar, num sítio, numa praia e no mar, não é, o agradecimento no mar, de um modo nós vemos as outras dentro da malha urbana, que não têm nada que ver, esta altamente distintiva por isso, por essas características. Porque se nós não tratamos do imaterial, daquilo que não se falta, que não se vê, não há memória, a parte imaterial tem que ver com a
--	--	---

		memória, se nós não ficamos na memória, não temos identidade, se não tivermos memória, o que aconteceu aqui, não sei, não há memória, não há registo, não há cultura, não há história e portanto eu acho que esta parte imaterial é tão ou mais importante, não é, que a parte material. Esta realidade imaterial, esta fé, pode durar 500 anos ou mais, assim os homens queiram, e portanto, esta fé, faz história, faz cultura, se não, este registo, esta memória, faz história aquilo aconteceu assim, aquilo aconteceu assado. O nosso trabalho enquanto autarcas, é extremamente importante, estarmos próximo das pessoas, se não tivermos próximo das pessoas, se não conhecermos a realidade, não formos ao terreno, sentir o que as pessoas sentem, nós não sabemos porque estamos a dar aquele apoio. E em relação a isto, ou outra coisa qualquer que as pessoas façam, nós temos que ir lá compreender, lá entender, ouvir as pessoas, e dizer, isto é o município que eu estou a gerir, através da confiança que os setubalenses depositaram em mim, se os setubalenses confiaram em mim, eu tenho que estar ao pé deles, para perceber como eles vivem, como eles sentem, o que eles querem, para eu entender tudo, é peça fundamental, porquê as pessoas vão lá, temos que ir lá perceber e quando se percebe, eu fiquei fã, quando se percebe uma vez, percebe-se sempre e cada vez que lá vai, sente-se aquilo cada vez de uma forma mais intensa, intensa, cada vez mais intensa e portanto por isso é que eu não
--	--	---

		falto a uma, só se tiver doente ou não tiver cá e não me convidarem. (Presidente da JFSS) Tanto quanto é possível ver até agora, foi total ou seja aquilo que se quis fazer, os objetivos foram todos atingidos, muitas entidades de fato, primeiro fizeram-se ali muitas reuniões, para enfim, para nos compreendermos todos, qual era as competências de cada um no âmbito da festa, mas depois de fato, logo no primeiro ano houve excelentes resultados e agora diria que cem por cento, no ponto de vista coletivo, naturalmente, não é, mas cada um a cumprir a sua função, acho que foi de grande sucesso e mérito à comissão organizadora das festas. Eu diria que há uma a destacar fortemente, que é a Câmara Municipal de Setúbal e a própria igreja, sendo que aquilo, enfim é um evento, não sendo direto da igreja, está ali na orla, mas a Igreja de S. Sebastião e a Câmara Municipal de Setúbal, são duas entidades incontornáveis na organização destas festas. Hoje é muito, muito elevado, aqui há uns anos atrás, cada um estava no seu local, a comissão dirigia-se a cada uma das entidades, pedindo o apoio, e hoje é completamente diferente porque estamos todos à mesma mesa a conversar e, portanto, isso, o empenho e a articulação com a comissão de festas subiram significativamente, nos últimos anos.
--	--	---

		Sem dúvida nenhuma, absolutamente nenhuma, desde logo pela participação das pessoas na festa, temos milhares e milhares de pessoas, que vão ver o círio fluvial, que é de fato de uma beleza extraordinária, para além daquilo que significa do ponto vista cultural e religioso, é também uma manifestação visual extraordinária, porque aquilo de fato é muito bonito ver os barcos engalanados a passar o nosso rio e há muita gente que participa indo à margem do rio ver a santa passar, há muita gente que participa hoje de barco, há gente que já aluga barcos para poder levar gente, a acompanhar a santa, há muitos barcos de maior dimensão, hiatos, etc que começam a acompanhar a santa, também nos últimos anos, isso também é bastante notório, claro que sim, tem um impacto muito grande no turismo, tem um impacto muito grande naquilo que é a programação cultural da cidade, portanto sem dúvida que sim. Naquilo que é a sua essência não, a festa é muito genuína e mantêm-se, naquilo que eu tenho observado, nos últimos anos, ela é muito fiel a si própria, depois tem sofrido melhorias, questões logísticas, questões de organização, questões de implantação, esse tipo de questões, na sua essência, naquilo que é o conteúdo da festa, eu diria até que nenhuma alteração, nos últimos tempos, não consigo deslumbrar nenhuma alteração significativa ao desenrolar da festa. É assim, eu acho que as festas vão manter o seu figurino e o seu
--	--	---

		conteúdo, vão continuar a corresponder, a essa solicitação dos marítimos, ela vai ser um evento incontornável da cidade e espero que mantenha todos os seus traços essenciais, naquilo que diz respeito à forma como ela se desenrola e se desenvolve, porque essa é a essência das Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, gostaria muito que elas mantivessem a sua essência. Estas coisas, se constroem-se, os mais novos poderão ter hoje, a mesma devoção que os seus pais ou avós têm neste momento, mas os seus avós quando eram mais novos se calhar também não tinham, olhavam para as festas, como um elemento de diversão os pais iam à missa, os pais participavam no cício fluvial, os mais novos também participavam aqui e acolá, como hoje também participam, mas viam as festas como um elemento festivo e entretanto hoje sentem essa responsabilidade, sentem essa devoção e acabam por ser eles de fato a seguir os passos dos pais, eu acho que a gente não deve estar a toda a hora a temer isso, claro que há algumas tradições que se vão perdendo, ao longo dos anos, a gente sabe, mas esta festa está viva, está forte, fortaleceu-se nos últimos anos, temos muita gente jovem, quando eu digo jovem, estou a falar na casa dos 30, a acompanhar e a gostar da festa e ser devoto a Nossa Senhora, portanto isto hoje, enfim não é uma preocupação, sendo certo que a única preocupação que temos que ter, é integrar os jovens sempre nalguns momentos da festa ou seja eles não
--	--	--

		podem estar de fato sempre à parte, eles têm que ir vendo, têm que ir conhecendo, têm que ir aprendendo a gostar e têm que perceber a emoção que a festa pode trazer e o resto, o caminho faz-se caminhando, agora nós também não podemos querer que os jovens, sejam jovens e que tenham comportamentos iguais aos dos mais velhos, essas coisas vão construindo. Continua a ser praticado da mesma forma por eles e da mesma maneira, eu julgo que sim, essa questão pelo menos hoje, não é uma preocupação grande, portanto eu acho que sim. A importância para a população setubalense eu julgo que é a mesma, temos é menos pescadores e temos menos gente a participar diretamente na festa, mas eu também já assisti ao reforço da festa, ou seja eu nos últimos anos assisti a um certo reforço a festa, quer no que diz respeito à participação, quer no que diz respeito aquilo que é o impacto que a festa tem, na programação da cidade, e portanto eu acho que fruto de tudo o que tem a ver com a vida dos pescadores, da dificuldade, da dificuldade em tirar o seu rendimento regular em todo o ano, porque há as épocas de defeso, há um conjunto de constrangimentos, que fazem com que os mais novos não queiram seguir esta vida, e desde logo a questão da segurança, há muitos perigos na vida de um pescador, muitas vezes vão para o mar e alguns não vêm e todos nós sabemos disto, não é, e portanto eles também sabem disto, é uma vida dura, é uma vida difícil,
--	--	---

		sempre à intempérie, nem sempre com o rendimento regular e portanto eles afastam-se disto, isto é um dos principais fatores de empobrecimento eventual da festa, não é outro, é que as pessoas de fato vão se desligando da vida do mar e portanto como a algumas décadas, creio que não, que ela esteja hoje em perigo, também acho que não, nos últimos também é verdade que se assistiu a um reforço, mas sim se compararmos com um passado mais distante, talvez seja, para quem participa diretamente, as festas para a cidade, eu até não sei se não tem uma visibilidade maior, eu não sei se, não vai mais gente ou não sabe mais gente que está a ocorrer as festas hoje e vão ver a santa hoje, do que há 20 anos ou 30 atrás, que tínhamos mais gente a participar na própria festa. Continuar a ser fiel à sua essência, portanto continuar a ser genuína, não comprometer nenhum dos elementos fulcrais da sua organização, quer no que diz respeito à questão religiosa, quer no que diz respeito à questão mais festiva, qualquer alteração significativa aí poderia comprometer a festa e garantir uma comissão, que tenha a perspectiva que esta tem, que é de continuar a ser um elemento agregador das diversas instituições da cidade e não só da cidade, porque isto envolve Grândola e envolve outras entidades para lá do rio, e portanto que a comissão tenha esta capacidade, como esta tem tido nos últimos anos, de ser esse elemento e portanto conjugar estas duas coisas, manter a essência da festa e manter este olhar de proximidade e de trabalho coletivo de
--	--	---

		proximidade com a comissão todas as instituições de alguma maneira tem que se relacionar com ela, acho que é chave disto. Eu acho que é um erro, o turismo hoje quer muito questões genuínas, os turistas muitos já estão fartos de ver coisas transformadas só para eles verem, eles vêm à procura da essência, tanto que muitos, embora a Sonae Turismo não faça muita referência a Setúbal, isso é muito fácil, ver nos sites, na sua publicidade institucional, é muito fácil ver que eles tentam omitir, mas fazem muito mal, e é fácil perceber que muitos vêm cá por exemplo comer o nosso peixe assado e o nosso choco frito, mesmo não havendo uma divulgação por parte da entidade a quem eles estão a comprar o serviço de hotelaria, e portanto as pessoas querem mesmo ver aquilo que é na sua essência, e hoje o turismo está muito voltado para isto e portanto ignorar umas das maiores tradições que os marítimos aqui de Setúbal têm, que acontece junto às suas instalações, que tem a beleza que tem, com os barcos todos engalanados, a passar ali junto a Tróia, é um erro tremendo do ponto de vista da promoção turística, e tem a ver com uma estratégia que se definiu inicialmente e que eu julguei que com o tempo iria ajudar a trazer alguma clarividência, que é uma estratégia de afastamento relativamente a Setúbal, por com certeza entenderem que o segmento de turismo com o qual estavam a trabalhar, não estava virado muito para estas questões, mas estavam virados mais para um turismo só de praia e de hotel, e que não queriam saber nada
--	--	--

		destas questões, da vida, das pessoas, dos locais, da forma como eles encaram a religião ou outros aspetos culturais dos locais onde estão inserido o empreendimento turístico, eu acho que esta estratégia foi definida até antes de sabermos que a Tróia Resort ia para ali e mantem-se, nós achamos que é um erro, cabe à Tróia Resort definir a sua política de divulgação dos seus serviços. É porque eu não tenho dúvidas, que havia muita gente interessada, em pagar o serviço de aluguer de barcos, de lugares em barco para poder acompanhar, não tenho dúvidas absolutamente nenhuma e era mais um elemento que eles sem esforço nenhum, podiam oferecer aos seus clientes. Não, eu acho que, a única coisa que eu acho que se mantém de forma veementemente, são os preços proibitivos dos transportes para lá de lá do rio, para Tróia e que tem a ver também com a tal estratégia que eu dizia há pouco, aqueles preços são mais um elemento dessa estratégia de afastamento relativamente à cidade de Setúbal, porque verdadeiramente as pessoas, aos locais, porque eu digo Setúbal porque os de Grândola nunca tiveram esta tradição de ir para a praia de Tróia, nem nada disso, Setúbal é que sempre teve isso, acho que é esse o elemento que se mantém, o resto eu acho que acabou por se ir desvanecendo com o tempo, agora esta questão do transporte, continua a ser uma questão muito cara, continua a ser a questão de afastamento da população de Setúbal de Tróia, que é uma praia que os Setubalenses pela
--	--	---

		qual têm um grande carinho e gostam muito e que estão quase privados pela força dos preços dos transportes, e esse é o elemento de fato contestatário mais forte que se verifica hoje. É assim, eu acho que isso está em certa medida ultrapassado, viveram-se momentos difíceis, até da questão da autorização para a realização da festa, isso esteve em cima da mesa, a questão do espaço público, privado, a questão dos bilhetes, portanto isso foi de fato muito difícil, eu julgo que hoje isso está relativamente ultrapassado, houve também capacidade da Comissão de Festas de negociar com a Tróia Resort um conjunto de apoios, que permitiram a passagem para o lado de lá, quer de questões logísticas, quer até de algumas pessoas, etc, e portanto encontrou-se aqui forma de contornar um pouco essas dificuldades, e julgo que hoje passado estes anos todos, as coisas estão esbatidas, mas é um elemento que constitui um constrangimento sem dúvida e por isso é que eu dizia há pouco, a capacidade da Comissão de Festas de ser um agregador é fundamental, porque se houver uma relação mais difícil, com a Tróia Resort, poderá colocar em causa, tendo em conta esses elementos todos que foram referidos e se não houver esta perspetiva de apoio às festas, nós damos apoio logístico, levamos para lá material, mas nós não pagamos o barco, porque há esse entendimento com a Tróia Resort, se tivermos que pagar, se todas as entidades que prestam apoio, se todas as vezes quem lá vai montar a festa, tiver que
--	--	---

		pagar, as coisas tornam-se insuportáveis, e portanto é uma questão a ter em conta, hoje não é um problema grave, está esbatido por força do entendimento entre as partes, é um elemento a ter em conta no futuro, porque pode ser um constrangimento grave. A festa pertence a quem quiser fazer dela a sua festa, estas questões são mesmo assim, não há de fato um dono desta festa, ela tem alguns fiéis depositários, se assim pudermos dizer, que são as pessoas que zelam para que ela aconteça, mas não são donos da festa, e portanto ela pertence aos pescadores, ela pertence sobretudo aos pescadores da Freguesia de São Sebastião, são os que de fato mais se envolvem na realização da festa, depois há alguns que em nome desses pescadores que organizam ano após ano, mas que não são donos da festa, a festa pertence ao mundo, não é. Elas podem acontecer com menor intensidade, mas julgo que as coisas mais importantes estão lá todas, o acampar na Caldeira, o fazer a missa no domingo, a procissão das velas, o círio fluvial, quer para lá levando a santa, trazendo para cá, na segunda-feira, eu julgo que estes aspetos estão lá todos, poderá acontecer com menor intensidade, poderemos ter menos gente a acampar, podemos ter menos gente no arraial, mas quer dizer na sua essência está lá tudo. Neste momento não, claro que é preciso zelar pela festa e pela organização da festa e é preciso ter gente que se interesse pela
--	--	---

		organização da festa, e que vá passando a outros o conhecimento que tem, isso é preciso estar sempre em cima da mesa, mas isso não é só com a Comissão de Festas e com a Festa de Nossa Senhora de Tróia, nós temos que estar permanentemente preocupados em passar o conhecimento que temos a outros e permanentemente preocupados em trazer gente nova para o organização das festas, agora dizer que ela está em perigo, neste momento julgo que não. Pode haver algum entendimento, mas jugo que há muito trabalho ainda a fazer nessa matéria para atingir os objetivos que todos pretendemos. Pode ser, mas não com todos os nossos elementos culturais, nós podemos ter um olhar diferente sobre estas coisas, isso é verdade, e esse olhar pode valorizar, mas nós precisamos muito de em alguns elementos culturais, não deixar de os preservar naquilo que é a sua essência, neste aspeto, com alguns elementos culturais, como este, eu acho que aqui nós não precisamos de trazê-lo para a modernidade e ganhar um novo olhar para continuar ater sentido e continuar a ter valores. Ela acontece eventualmente como menos intensidade, mas não com menos autenticidade e também não perdeu a identidade neste ponto de vista, agora se calhar com menos gente. Talvez as preocupações se prendessem com o fato de eventualmente isto constituir um elemento descaracterizador das Festas
--	--	--

		de Tróia, mas isso já mais aconteceria com a Associação de Festas e com a Festanima, eu penso que esse perigo não existiu, não existiu de fato, entretanto essa ideia foi-se perdendo um pouco, mas todas as festas religiosas têm uma componente pagã, esta também já tem um pouco, mas a Festanima podia ser o outro elemento, que daria ainda maior projeção a esta festa, eu acho que as Festas de Tróia não correram perigo absolutamente nenhum, risco absolutamente nenhum com a Associação das Festas Populares de São Sebastião e até tenho pena em certa medida que isso se tenha desvanecido um pouco com o tempo e as coisas tenham acabado por seguir cada um a sua via, acho que tanto uma festa como outra ganhariam em estar de certa forma irmanadas. Pertencem essencialmente à comunidade piscatória, sem dúvida, mas eu posso estar aqui a ter uma visão mais sectária, mas o que é certo, é que eu acho que mais do de Setúbal, em termos de propriedade, mais dos pescadores de São Sebastião do que propriamente de Setúbal. Absolutamente, foi determinante, porque a partir desse momento, toda a gente sabe, que a festa só não acontece se os que a organizam, não a quiserem, e até então as coisas não eram assim, havia uma certa incerteza que deixou de haver, e, portanto, agora é mãos á obra. Um resultado muito positivo, estabeleceram-se objetivos, partimos muita pedra em conjunto, e os resultados estão à vista, são de fato positivos, e hoje temos uma festa muito melhor do que tínhamos há 5 anos
--	--	---

		atrás, não nos seus aspetos essenciais, mas no ponto de vista da organização. Hoje está muito mais esbatida, mas existe alguma e agora talvez até se intensifique com o Círio da Arrábida, a acontecer novamente, poderá haver aqui até uma, outra vez, porque sem o Círio da Arrábida, o que é certo, é que muitos acabaram por se juntar à Nossa Senhora do Rosário de Tróia, e bem, ela é de quem fazer a sua festa, a comissão tem dito muitas vezes, todos serão bem-vindos, isto não é exclusivo dos pescadores de S. Sebastião, mas o que é certo, é que são de fato os pescadores de S. Sebastião que mais se identificam com a Festa de Tróia e portanto se calhar até vamos assistir a uma intensificação de alguma rivalidade, embora as comissões têm participado na organização umas nas outras, a Comissão de Festas de Nossa Senhora de Tróia teve um papel determinante na organização da realização do Círio da Arrábida, isso é bom sinal, mas alguma rivalidade existe e penso que há-de continuar a existir e se não for demasiada também não trará nenhum mal ao mundo. Os pescadores de Troino também participam na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, gostam muito, sentem emoção, não participam só nas questões dos elementos mais festivos, também nos eventos religiosos, participam de alma e coração, nos últimos anos foi essencial para a valorização cultural da nossa cidade, não só reforçaram
--	--	--

		aquilo que são as Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, como os daqui de S. Sebastião permitiram que outras tradições voltassem a ser uma realidade, portanto essa união que assistimos ou essa proximidade que assistimos nos últimos tempos foi determinante para a valorização cultural da nossa cidade. A continuidade, eu estou em crer que não, a força com que a festa se realiza, a intensidade, número de pessoas que participa, número de pessoas que atrai, número de barcos que participa no círio fluvial, pode condicionar. Na grande maioria sim. Esta festa tem uma carga emocional muito grande, e eu acho que esse elemento é diferenciador, nas diversas procissões as pessoas a chorarem desalmadamente e na missa também, e portanto eu acho que essa carga emocional, é um elemento diferenciador, haverá mais com certeza, o fato de se fazer um círio fluvial, não é caso único no país, mas é um elemento diferenciador, porque não há muitos círios fluviais no país, e portanto estas duas questões e o fato também de uma parte das atividades acontecerem na praia, temos aqui já três elementos que são absolutamente diferenciadores e contribuem para o cristicismo próprio desta festa. A mais apropriada provavelmente seria festa, mas o povo refere-se a esta Festa de Nossa do Rosário de Troía, como as Festas de Nossa
--	--	---

		Senhora do Rosário de Tróia. (Lucinda Fernandes) Quando nós estamos lá, no terreiro da Festa, vejo a comunidade, vejo, portanto, a polícia marítima, vejo a comunidade religiosa, agora qual é a importância da Festa para a valorização turística da cidade, isso também não consigo dizer. Eu diria que esta festa é uma festa popular. Não sinto muita intervenção turística na festa, sinto mais a comunidade setubalense, a comunidade pescadora, alguns imigrantes que veem nesta altura de Agosto, já que isto é um ritual de pescadores marítimos e do rio, sinto a festa acentuadamente popular, se bem que com impacto no turismo, mas não conheço estudos que quantifiquem o impacto económico e de visitantes de fora. Estamos na era virtual e eu acho que pode valorizar muito, se nós tivermos isto como património registado na internet, este inventário da Festa, todo o trabalho que este museu faz. Nós estamos a trabalhar nisso para que todos estes registos sejam abertos ao mundo. Julgo que sim, acho que já respondi, pegando nos trabalhos já feitos e se estudarmos trabalho a trabalho notamos que existem transformações, este estrutural-dinâmico das Festas é preciso aprofundar
--	--	--

		para além da dimensão sociológica, simbólica, imaterial, que a antropologia estuda Por uma parte sim, por outra, não. Existiram transformações impostas a partir do exterior. Durante décadas a Festa não partiu de Setúbal porque Tróia, formalmente, pertence a outro Bispado e o Bispo de Álcacer exigiu assumir o controlo da Festa. Mais tarde, a margem norte sofreu profundas alterações com a construção do aterro do novo cais, que destruiu as praias e a comunicação directa do Bairro das Fontainhas com o Rio. Quando a Festa voltou, teve grande impacto, hoje tem a duração de 3 dias enquanto o Círio da Senhora da Arrábida, saído do Troino, minguou e hoje dura apenas um dia. Finalmente, foi feita a urbanização turística de Tróia, península que, anteriormente, o povo de Setúbal julgava sua. E a certa altura, a Sonae puxou pelos seus direitos sobre Tróia e levantou dificuldades até que o houve aí uma luta do povo até que esses 3 dias fossem cedidos à Festa, e lembro-me que nesse ano tínhamos que entrar com uma pulseira para a Festa. Por outro lado, existe a sucessão das gerações e o crescimento biográfico, ao longo da vida nós temos uma biografia e incorporamos, por exemplo, novas tecnologias, novas formas de viver, a vida condiciona outros valores, então esses continuadores obviamente serão devotos, devoto do seu pai, devoto da sua mãe, porque nós depois transfazemos a transferência dos nossos pais para os santos. Portanto, no futuro julgo que
--	--	---

		a Festa continuará, sempre em mudança, mudança porque cada biografia contém novos conteúdos, novos valores, digamos matéria-prima diferente que faz transformações. Mas a Festa tem um forte enraizamento e apoio popular e continua a ser, sempre renovada, a Festa maior dos Setubalenses. Julgo que sim, nós quando somos crianças, não temos a noção, somos levados pela mão do nosso pai ou da nossa mãe às festas, mas nós cá dentro somos uma esponja, acumulamos, sentimentos, emoções que de uma maneira ou de outra saem de nós. Mas é assim, quando nós olhamos para aquela multidão de pessoas que acompanham a Festa, e quando a Festa regressa na segunda-feira, vemos aqui o nosso cais com pessoas a acenar, com lenços brancos, são multidões de pessoas de todas as gerações, eu acho que a resposta está dada. (Rui Costeira) Acho que não, damos bem com eles. Acho que a malta dá-se bem, acho que é bom o convívio. Está, acho que sim, os barcos do Faralhão já incluído, antigamente era só varinos, agora é tudo na festa, Praias do Sado, Faralhão. Não é assim por muitos, antigamente havia mais amor à festa, mesmo a malta, agora é mais pelos bailes, se não houver bailes ninguém vai lá, não tenhas dúvidas. Acho que sim, mas antigamente parece que era melhor, como hei-
--	--	--

		de explicar, havia mais união, hoje é só meia dúzia de gentes, ali antigamente, a malta ajudava-se mais uns aos outros, agora é um ou outro, nada mais. Eu acampava sempre, antigamente quando era junto, era do lado do porto, depois casei passei para lá da Capela, e agora vim para cá da língua, chama-se a língua, mas também não digo que passe para o lado de lá também, tanto vou para um lado como vou para o outro, não tem escolha. Antigamente tinha mais valor, antigamente tinha mais, havia mais malta e mais barcos, hoje em dia é mais barcos de recreio, antes acampávamos um mês. Era a malta não desistir, havia malta nova que pensa-se em fazer, malta nova, agora, dia menos dia, um outro saí e aquilo pode acabar, e até digo uma coisa, pode não ser do meu tempo, mas festa vai ser como a Arrábida, vamos um dia de manhã e vimos à noite, está cá para ver se calhar, vai por mim, antigamente a gente ia para lá um mês antes, um mês depois e agora não, vais aqueles três dias, o círio para cá é à segunda, à terça arranca ferro, é tudo levantado, arranca ferro, até me lembro de antigamente, estávamos lá 15 dias e depois da festa acabar era um descanso para a gente, a malta vinha-se embora, aquilo era um descanso, agora não, chega a terça-feira arranca ferro e vem tudo. Antigamente era mesmo varinagem, era mais autêntica, era só
--	--	--

		varinagem, eram só varinos, alguma malta de Troino, hoje em dia não, é malta do Faralhão, das Praias do Sado, era mais unido, era mais autêntica, do que agora, a identidade estava mais vincada, havia mesmo muita malta mesmo, havia mesmo muito pescador. Acho que sim, alguns, não digo todos, alguns, já participaram mais, já houve mais barcos de pesca a acompanhar, o círio, agora é mais barcos de recreio do que é de pesca. Acho que sim pá, pelo menos os mais antigos, agora os mais modernos não, os mais antigos são, ainda hoje se vê, quando há lá a missa de manhã, há malta há montes, os varinos do Bairro Santos vai tudo de autocarro, a ir para lá. Não sei pá, aquilo são sempre os membros, já há muito tempo que são sempre os mesmos, o meu pai também chegou a ser festeiro, naquele tempo era o meu pai, era o Mucharra, era o Belezas, o Zé da Gaia, era o meu avô, era o Manel Cego, o meu pai esteve lá muitos anos como festeiro e era o Zé Vigário, ui pá, esse era mesmo religioso. Esta é melhor, também cheguei a acompanhar a Arrábida antigamente, ia para lá acampar praticamente mais o meu avô, tem de diferente por isto, podemos acampar lá, na Tróia aqueles três dias, na Arrábida não deixam, a Arrábida é só, vai de manhã e vem à noite, tens os bailes, tens tudo ali, é muito diferente, tens aqueles divertimentos para se divertir, a Arrábida acabou, é só um dia.
--	--	--

		Acho que é uma tradição, acho que não devia acabar, isto é uma tradição, isto não devia acabar, acho lá que nunca acabe. Se a malta começar a, se esta comissão não fizer nenhum, isto também acaba, quem está lá, é o Armando, é os Lucas, a ajudar, é o Aníbal, é o David, é uns quantos, assim que eles começarem a sair dali quem é que vai para lá, só se for alguma comissão das Praias, como está lá os Lucas, que queira agarrar aquilo, estás a ver, se eles fossem. É uma coisa boa, porque junta ali muita gente, mesmo na Tróia, os turistas vão lá, vão por terra, vão muitos de barcos de recreio a acompanhar, vê-se mesmo muitos barcos de recreio, vê-se muitos turistas que dão a volta e vão para lá, vê-se muita a gente que queira acampar, em Tróia, vão para lá, acompanhar também a procissão na praia, ao domingo. O que eu não vi este ano foi, alguns jogos tradicionais, que era o mastro de cebo, agora é o pato, é os sacos, já esteve melhor. É como eu te diga pá, Nuno, se a malta se começar a abandalhar, se ninguém agarrar aquilo, aquilo acaba, tem haver alguém, nem que seja a malta nova, que dei-te a mão áquilo, que o Armando não é eterno, os outros também não são eternos. É os pescadores, se os pescadores não forem lá, não fazem a festa, é os pescadores, e é mesmo, mas já vai muita malta de fora pá, de pescadores, vai muita malta de todo o lado, é mais por causa do baile,
--	--	---

		acabando o baile já não vai muita malta. Cá fora ficavam os maiores que não entravam, as traineiras grandes, que não podiam entrar, entravam as bateiras, as barcas mais pequenas, entravam, lá dentro ficavam mais ou menos 30 ou 40 barcos, se calhar nem tantos. Cá fora se calhar nem ficavam tantos. A doca das fontainhas (é a doca do Comércio) era tudo cheio em volta, quando estava cheio ficávamos atrás do outro, deviam de estar mais ou menos cem barcos, eram muitas traineiras, barcas, bateiras, quase todos que participavam na festa, hoje só tens um rapa, que é a “Mãe de Jesus”, barcas de ir ao mar debes ter 15 ou 20, é o que debes ter, barco de recreio tens muitos, barcos de pesca tens poucos, isto tem tendência de acabar, o mar, isso não é nada pá, só barcos de recreio, há é muita barca de pesca desportiva. (João Martins) Quase todas, o jogo da corda, o jogo dos potes, o jogo do saco, o pau de sebo, deixa-se acabar tudo, por isso eu estou a dizer que a festa para mim, não dura que meia dúzia de anos. A festa corre muito perigo em desaparecer. Os donos da festa somos todos nós, todos contribuímos, contribuo com aquilo que posso. (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Sim, de Setúbal não só ligados às Fontainhas, nem ao Bairro Santos Nicolau, já abrange, Faralhão, Carrasqueira, pessoas da Anunciada, já abrange pessoas
--	--	---

		realmente de pescadores de Setúbal, mas que já não são pescadores, mas que continuam a amar a Nossa Senhora e a fazerem o seguimento, continuarem pelo menos o círio de Setúbal que vai até ao Outão e que vem por Setúbal, e a missa de domingo e a procissão pela Caldeira, eu acho que é extremamente vivida por todo o povo, toda a raça e toda a pessoa que vai ali, é toda bem-vinda, vê-se lágrimas nas pessoas, pronto, é um dos momentos de que eu gosto muito, porque eu gosto muito de ir cantar o caminho todo da Caldeira, ir e vir a cantar, agora já um bocadito cansada, mas vamos lá ver. O qua se alterou foi a falta dos pescadores, isto é parte que eu acho mais forte, na festa é o que mais nos sentimos, passamos pelas pessoas que acampam ainda hoje e não há lá varinos nenhuns, não há pescadores nenhuns, porque os que tinham amor a Nossa Senhora foram acabando, a idade chegou, a doença chegou e eles coitadinhos foram acabando, foram partindo e resume-se aí numa dúzia deles que são pescadores, e já outro povo, mas que fazem muita asneira e que é muita pena, o que era uma festa boa, uma festa firme, uma festa de garra, ter-se transformado, com pessoas que realmente vão para ali, só para fazer distúrbios, só para dar trabalho ao Armando coitado, só a ele também é que o atendem, é complicado, por isso a Maria, para mim a Maria diz que realmente uma parte se manteve e a outra que se alterou nesse sentido. Não estou assim um bocadinho de acordo aí, porque o meu pai
--	--	---

		quando foi festeiro da Tróia, chegou a haver luz pela primeira vez, tínhamos um primo que estava nos Estados Unidos, hoje estão lá os filhos, que era o meu primo Manuel, que trouxe da América uma peça de marisco, mas toda às cores, em que as lampadazinhas quando acendiam, projetava as luzes e nós tínhamos fotografias, ele a ornamentar o sino, nesse foi a primeira vez que houve luz na Festa da Tróia e aquilo foi muito lindo porque as luzes projetava e a capela ficou um encanto, nesse mesmo ano o meu pai arranhou uma aparelhagem do Hermínio, que tinha loja aqui em frente à GNR, arranhou uma aparelhagem de som e pôs, mas era só, vá lá na barraca, peço desculpa pelo termo, mas era as barracas não era as tendas, barracas feitas de sacos dos correios, que vinham de Lisboa, de familiares meus que trabalhavam lá, de sarapilheiras e fazíamos essas coisas todas para termos um abrigo na Festa de Tróia, e nessa mesma barraca, o meu pai montou uma grande coisa ali, eu era a Maria Leonor e o meu pai o Artur Agostinho, o meu valia-se porque eu cantava, então as músicas o que era, era ele que cantava e era eu que cantava também e fizemos um grande programa de rádio, foi muito importante, a partir daí houve sempre luz na Caldeira, isto ora eu era miúda, aí com os meus 12 anos talvez. Não, assim obrigatório não é bem obrigatório, ninguém é obrigado a lá ir, mas que é já uma tradição muito enraizada em nós, e que a gente olha realmente isto acaba é uma grande tristeza, (quando passa de avós,
--	--	---

		depois de pais para os filhos, isto torna-se um rito, através da transmissão dos seus valores e das suas memórias) exatamente, isso sim, mas é pena é que realmente não seja bem assim, é pena, é que os pais morrem, os filhos morrem, mas os netos já não seguem os avós, nem os pais, é aí, é que está o mal, e vai ser o mal, é não haver seguidores. Acompanho a festa 8 dias e quero dizer isto agora, porque antigamente acampávamos, no Campo Verde em maio e só levantávamos em setembro, e vou-lhe dizer uma coisa Nuno, que chegámos a ter anos de levantar, veja bem a maluquice desta família, levantávamos o acampamento todo que não eram poucas barracas e íamos montar tudo na Caldeira para passarmos a festa toda lá e agora, e depois desmontávamos, vínhamos embora para o Campo Verde até setembro, eram as nossas férias, encantadoras, maravilhosas, boas, com tudo de bom. Olhe, eu já há muito tempo que não vejo os jogos, mas aquilo é a corrida aos patos, apanhar os patos, é o pau ensebado, estes é os que eu me lembro mais porque são também do meu tempo, eu agora não acompanho muito, a saúde não permite estar assim o dia todo na praia. Ao domingo à tarde (os jogos) e é também o concurso dos barcos engalanados. Durante a festa é muito bom, é muito bom, muito se canta, muito se dança, muito se brinca, em família, em amigos, era uma vivência fora do
--	--	---

		normal. Mudou tudo, mudou tudo, mudou tudo, posso dizer mesmo, mesmo tirando esta meia dúzia que ainda reina, mudou tudo. Agora é proibido (as fogueiras), ainda há quem tente fazer, mas claro o Armando anda sempre em cima disso, porque é proibido. Sim, os namoricos eram em volta das fogueiras, vinham naquela altura rapazes do Barreiro, do Barreiro, com as suas violazinhas, e vinham cantar “menina do rés-do-chão, não tenha a janela aberta” e então nós passávamos umas noites maravilhosas, à que maravilha. Mudou um bocadinho, mas está mais ou menos. Iguarias marítimas, sei que há a tradicional caldeirada do almoço de domingo e é capaz de haver uns camarãozinhos, umas sapateiras, umas santolas, porque para quem anda ao mar há estas coisas todas, antigamente com muito mais fartura, com muita fartura. Ia que grande pedrada, ai Nuno, (a D. Lurdes continua a responder mas já em lágrimas) a Caldeira à Zé da Gaia, era a caldeirada com amor, o Zé da Gaia fazia tudo com amor, tudo, já tão doentinho, que eu ainda lhe disse no último ano, Zé não ficas aqui, anda te embora, na terça-feira em que acabei, de arrumar a capela e de por as coisas como deve ser, ele já não andava, ele arrastava-se. Está, os que estão, continuam a fazer isso. Músicas para baile mesmo, músicas de brincadeira e de baile, à
--	--	--

		quando era do nosso tempo, agora não me chego para lá, tenho receio de certas coisas, mas antigamente era um baile que era uma maravilha, baile com os que iam cantar família nossa, que traziam o orgãozinho, o meu tio Domingos Mucharra, o João que teve na Suíça também muitos anos, o João da minha tia Adelaide, que deus tem e então ele trazia o órgão, toca a cantar as músicas dos anos 60, que já faziam parte dos nossos e era música agradável, hoje é também, é sempre um conjunto que vai e que toca música muito agradável. Sim, são bandas e conjuntos locais. Não tanto, era mais caseiro, mais família. Sou eu que preparo a imagem, o andor foi muitos anos a minha Fernanda, que ornamentava em flores todos os andores, tudo, mas, lá está os filhos crescem, as mentalidades dos filhos hoje são outras e as mães e os pais muitas vezes têm que obedecer aquilo que os filhos obrigam. Não, tivemos muitos anos que nós, eu e a minha mãe, é que vestíamos Nossa senhora, a minha mãe vestia Nossa Senhora, muitos anos, foram quase 65 anos, depois púnhamos as flores, quando o círio não ia de Setúbal para Tróia, nós é que fazíamos tudo, andores, tudo, tudo, era eu e a minha mãe. Faz falta, a comissão precisa, as despesas são brutais, cada vez são mais, hoje as pessoas dizem realmente, como o Jorge aí disse, frisou
--	--	---

		aí, que são hoje com outras condições, mas se nós dissermos que para se ter um bocadinho de condição a nível de saneamento, que se paga aí à volta dos 2000€, então, quem é que dá o dinheiro, é o povo. Sim mais ou menos, claro com estas variantes mais modernas, que agora é exigido e que tem que se fazer, mesmo assim, tudo à força do dinheiro. Na igreja começa já hoje, as pessoas que hoje, dois ou três floristas que vão ornamentar os andores que já começam hoje a organizar os andores, que vão pôr as flores nos andores, depois no sábado, à volta das duas e meia, três horas, de manhã vai o Armando e vai quem os pode ajudar, ornamentar a igreja para a missa dos pescadores, já na missa de sábado, é celebrada por alma dos pescadores e por algumas intenções, é missa solene, a missa de sábado aqui na nossa igreja é uma missa solene, por todos os padres que passaram por esta festa, agora temos o Padre Casimiro, que é uma joinha, não desfazendo os outros, mas e então é a missa, depois segue a procissão para o cais, vai a procissão pela avenida toda para o cais, no cais entra nos barcos e depois seguem em procissão, o círio, que se chama o círio, para a Caldeira, na Caldeira está lá o mundo à espera, o mundo que lhe é reservado, já foi mais, muito mais. Pois na capela é assim, quando o círio chega, vamos no caminho (do mar) da Caldeira até à capela em procissão e a cantar cânticos a
--	--	---

		Nossa Senhora, depois lá na capela, quando chega o sacerdote, estamos lá todos e já os andores postos no lugar, assim em cima dos bancos, porque não há muito espaço, a capela é pequena e então o padre diz umas palavrinhas de boas vindas, que estamos ali para celebrar a Festa em Honra de Nossa Senhora de Tróia e rezamos uma Ave-maria, uma Salve-rainha, aquilo que o padre entender, e então canta-se hoje o que há o Hino da Nossa Senhora, que foi escrito por uma senhora, que é a D. Alice Ramos, não sei se ela já faleceu se não, ela estava num lar e nunca mais soube dela, foi uns versos que ela me ofereceu para eu cantar à Nossa Senhora de Tróia, que ela tinha muito amor a Nossa Senhora, mas já há muitos anos que não assistia, eu fui buscá-la com o meu marido à casa dela, para ela me ouvir na igreja, a cantar o Hino da Senhora de Tróia. Depois da igreja, sempre foi assim, depois vínhamos embora, à noite no sábado, havia o terço, às nove horas da noite, rezava-se o terço a Nossa Senhora, depois vínhamos embora, começava o baile, cada um vinha para as suas tendas ou ia para o baile, depois no domingo temos a missa campal, a missa que é cá em baixo, com uma bateira muito engraçada, muito bonita, que a família Pachola ofereceu, foi uma família muito aberta, uma família encantadora para as Festas de Nossa Senhora de Tróia e para tudo que Nossa Senhora lhe fazia falta e depois é a procissão pela Caldeira, pela praia, acaba a procissão, há a tal caldeirada
--	--	--

		e lá o que há mais para eles comer, e à tarde, é então os concursos, dos patos, do pau ensebado, dos barcos engalanados e não sei se haverá mais alguma coisa, agora temos uma tradição que é no sábado à noite, já não se reza o terço na capela, fazemos a procissão só com o andor de Nossa Senhora, o Gilberto “o Calhau” vai-nos fazer sempre o bocadinho dele a Nossa Senhora, que é iluminar a Nossa Senhora, para na procissão das velas, sábado à noite, pela Caldeira fora, ir as luzes acesas e que Nossa Senhora vai toda iluminada, é um espetáculo também muito bonito de se ver, portanto já vez que cada um faz o seu pedacinho, e então agora fazemos, então a procissão das velas pela Cadeira à noite, depois regressa à capela, o padre agradece, fala mais uma palavrinhas, reza-se uma Ave-maria, canta-se novamente o hino à Nossa Senhora, lá está que domingo é a missa campal, procissão pela Caldeira, e depois na segunda-feira temos a missa por alma de todos os pescadores e familiares, e quem quiser mandar celebrar a missa, à segunda-feira às dez da manhã, depois à tarde, à volta das cinco, cinco e pouco, vai-se reunir todos os barcos e tudo aquilo, pôr os barcos cá fora, por causa das marés, aí já eles às vezes se distraem um bocadinho e tem que se estar à espera que os barcos saiam de seco, essas coisinhas que acontecem sempre numa festa onde há muita gente, e então depois aí, é o mais lindo que a gente pode ver, é o nosso rio Sado, ao pé da capela da Nossa Senhora, todo cheio de barcos engalanados (D. Lurdes continua a responder mas já em lágrimas),
--	--	--

		irem dali a caminho do Outão, abençoar os doentes que estão nas varandas, são postas as camas, nas varandas, e o sacerdote abençoa os doentes, dá umas palavras para os doentes e depois cantam uma música que têm gravada, eu por acaso no ano que fui, foi quando o meu Zé estreou o barco dele, que já há muitos anos que não ia, porque eu tenho muito medo do mar, tenho muito respeito pelo círio e então aí eu cantei também eu para os doentinhos, depois então a vista que nós temos de regresso até à doca, é maravilhosa, a nossa cidade é linda, é a coisa mais linda que há, é lindíssima, o povo que está naquela estacada à espera do círio e depois estamos novamente na Tróia, que lá ficamos, enquanto o círio vai e vem, eu fico na capela com uma amiga, a tirar já o que não faz falta. Tem um sinal de respeito, de amor pela vida religiosa, pelos passos do Senhor, pelos passos de Maria, porque nós ali vemos em cada andor que caminha, nas pessoas que levam os andores, nas pessoas que acompanham a pé, que vão atrás dos andores ou que vão nos lados para formar a procissão, nós vemos ali muitas lágrimas que caem, muitos rostos doidos, sofridos e que vão ali naquela caminhada, eu via uma senhora, este ano não vi porque não estava cá, mas aquela senhora aos anos que ela vai descalça, palmilha a procissão do Senhor do Bonfim, palmilha descalça, ainda saía da Igreja de Jesus. Já disse, que é a D. Alice Ramos que me veio oferecer, iniciou
--	--	---

		assim a primeira vez, hoje é cantada quatro e cinco e seis vezes na Festa da Tróia, é cantada aqui em S. Sebastião, é como diz a outra cantora “cantarei até que a voz me doa”. Ainda hoje isto foi falado aqui, o Zé, com o rapazito que é fotógrafo, houve muitas promessas a Nossa Senhora de ouro, posso dizer isto consciente daquilo que estou a dizer, um cordão, um coração mociço, brincos, uma aliança de um casamento que foi desfeito e que a esposa achou que não era digna de usar mais essa aliança (D. Lurdes continua a responder mas já em lágrimas) e foi oferece-la à Nossa Senhora na Tróia, e como essas pressas outras mais, que as pessoas doavam à Nossa Senhora, como sinal às vezes de renúncia da pessoa que foram e que já não eram, julgavam que era assim, mas o mundo hoje graças a deus, não é assim, a vida é mais livre, portanto quem tinha esse ouro, era sempre o último festeiro, quem era o último festeiro, era os meus avós, na altura que este caso que aconteceu, o meu pai, não tem nada a ver, isto com a Festa da Tróia, mas o pai, infelizmente tomou outro rumo de vida e a minha mãe disse aos meus avós, que não queria o ouro aqui em casa, a minha mãe é que o tinha guardado, que o ouro tinha que ser entregue ao Senhor Bispo, ao D. Manuel, foi entregue pelos festeiros ao D. Manuel, hoje não sei dizer onde ele está, nem quem o tem, nem quem o não tem, mas sei que foi tudo em promessas de ouro, era uma caixa de Nívea das antigas grandes, com bastante ouro lá dentro e foi entregue assim.
--	--	--

		Sim, estandartes, roupa de Nossa Senhora, andores, imagens, tudo isso é oferecido a Nossa Senhora. Olha, primeiro é Nossa Senhora, segundo o seu filho que é o Sagrado Coração de Jesus, S. Pedro que é o pescador, mártir de S. Sebastião que é o padroeiro da nossa freguesia, S. José pai adotivo de Jesus, S. Vicente protetor dos pobres e das crianças, Menino Jesus de Praga, o Anjo da Guarda, Nossa Senhora da Conceição, são nove andores. Os santos são os mesmos, faltou ali, mas ainda não vinha à igreja, ainda não vinha para Setúbal, havia uma imagem na nossa capelinha da Nossa Senhora de Lourdes, essa imagem era do dono do terreno, que pertencem à Herdade de Palma e a filha desse senhor adoeceu de cancro no peito, naquele tempo acho que era uso ou era aquilo que os médicos achavam por bem, apanharem banhos de sol no peito para que melhorasse e então ele, a filha chamava-se Lurdes também e eu era Lurdes e a minha mãe já tratava daquilo, e então ela quando o senhor levou a Nossa Senhora, a minha disse-lhe ao Senhor, lá disse nome dele, que não me lembro, não me leve a Senhora de Lourdes, a minha filha também é Lurdes e ela quer a Nossa Senhora no quarto dela e a minha mãe então disse, leve-a e então disse que era para ela quando também viesse fazer os banhos, vinham ali fazer os banhos de sol com ela, e então era só a Nossa Senhora de Lourdes que havia, de resto não havia mais
--	--	---

		nada. Hoje o dinheiro é posto, são meninos que vão vestidos na procissão de pescadores e de varinas, e levam um rebanhozinho, um rebanho é uma rede, assim redondinha funda e então assim as pessoas que querem por o tal donativo que prendiam com os alfinetinhos no manto de Nossa Senhora, na fita, até às vezes no manto da cabeça que tentava o cabelo, eu tinha uma amiga minha que também já faleceu, morava aqui no Bairro Santos Nicolau, que trabalhava na Bélgica, todos os anos ela ainda punha, uma fita que trazia da Bélgica, das amigas dela, com as notas todas que as amigas queriam por, essa fita foi até ela coitadinha acabar, que ela prometeu que devia ser assim, mas era uma fita discreta, que ia lá na Nossa Senhora bem discreta, mas ia cheia de notas da Bélgica. Agora é o rebanhozinho dos meninos vestidos de pescadores e varinas, são dois rebanhozinhos que vão e o dinheiro é todo posto aí, em notas, porque em moedas acho que não põem porque caem pelos buraquinhos, mas ainda põem e é os envelopes, antigamente também era. Era dos bêbedos, era a Festa de Nossa de Senhora, era uma pena, uma festa tão maravilhosa e ser a festa dos bêbedos, por amor de deus, ainda hoje toda a gente gosta de vinho e bebem na medida que quiserem, não é verdade, isso não tira o mérito da minha Senhora da Tróia, não tira o mérito do que passa lá na parte religiosa, quem ama Nossa Senhora não vai para lá com os copos.
--	--	---

		Não vejo lá pagãos nenhuns. Diz que sim, é sim senhor. (dois milhares de pessoas a aguardar o círio) Presentemente 30 ou 40 pescadores participantes na festa, talvez nem tantos. Não, às vezes os pobres dão mais do que os ricos, mas quantas vezes dão muito mais do que os ricos, muito mais e seu te contar uma parte Nuno, que me aconteceu, lá está as coisas pagãs, isto é uma parte pagã, porque isto que aconteceu comigo, tive uma pessoa, não interessa quem, uma vez na minha casa, eu sou um daqueles que dá o melhor contributo, o melhor donativo é meu, ninguém dá tanto como eu, o que acontece nesse ano, há um mealheiro na capela, com as velas, acendem-se velas, que é para por ali as esmolas que as pessoas quiserem, pôr o que quiserem, há pessoas que não gostam de por nas redes, vão lá nos outros dias e põem ali, esse mealheiro põe-se lá o dinheiro que a pessoa quiser, e se quiser por de uma maneira, põe noutra, e acontece que esse dinheiro desse rapaz amigo foi posto nesse mealheiro, um mealheiro de madeira alto, grande, foi posto nesse mealheiro, o que é que acontece, eu vazei o mealheiro, para pôr nos sacos, o coordenador não tem tempo para nada, aquilo é tudo posto em sacos, atado ali, guardado em sítio que é para guardar e tudo muito bem, no domingo, o da missa, o de para aqui é para aqui, e ali é para ali, e de acolá é para acolá, na terça-feira para
--	--	---

		arrumar o tal dito mealheiro, para dentro do roupeiro, que é onde fica guardado, claro sem dinheiro e eu vou para pôr a tampinha de baixo, que aquilo saí o dinheiro por uma tampinha de baixo e vejo um envelope azul, digo assim olha está aqui um envelope, e digo assim bom, eu tenho que dar contas disto, porque isto não é meu, o que é que eu faço, olha vou abrir o envelope e vou ver quanto é que aqui está, estava uma nota muito pobrezinha, daquele rico que alumiou que só ele é que punha isto e aquilo, é rico porque é rico, é uma pessoa rica, sim senhora e digo assim afinal era essa a riqueza que tu punhas aqui, fui imediatamente levar ao Armando, não disse cá nada disto, eu sabia de quem era, porque foi quem falou, ele no envelope, tinha lá o nome, por dentro do envelope, que era para se saber que era dele, mas não queria que se soubesse cá por fora e então eu fui levar ao Armando, olha toma lá que apareceu ainda no fundo do mealheiro da capela, por isso não são os ricos que dão, o pobre dá mais do que o rico. É engraçado que é verdade, agora com estas coisas da camada do ozono, já a gente não sabe muito bem se está certo, mas antigamente era matemático, acabava a festinha da Tróia, caro amigo tínhamos logo o vendaval, o meu avô que deus tem, tinha esse ditado “enquanto as mulheres andarem aqui ao banho, não há peixe no mar, quando acabar a Festa da Tróia, então o peixinho recolhe todo aqui outra vez” e era a realidade, começava o vendaval e começava o peixinho para o pescador.
--	--	--

		Aproximação não digo, nem vejo aproximação, vejo aproximação no sentido de mais exigências e mais dores de cabeça, e o meu coração a tremer mais, que aquilo vá acabar realmente, isto é o meu ver. Nunca tive razão de queixa do Padre Victor Portugal, para mim foi sempre uma jóia, conselhos, dá conselhos muito bons, para quem os queira tomar, só que às vezes pode afetar alguém, é isto que eu tenho a dizer, parar mim, aliás, nós temos tido sempre sacerdotes e bispos, bispos até, D. Gilberto, veio cá tanta vez, José Ornelas este ano não virá porque está nos Açores a celebrar os 50 anos de sacerdócio do irmão, que eu estive com ele no domingo, deu-me um beijinho de despedida, amigos, o D. Gilberto era sempre, então “estrela-do-mar” que ele adorava ouvir-me cantar este salmo, a “Estrela-do-mar” e com todas estas coisas, ele tinha boas palavras, tinha sim senhor, era um bocadinho exigência o padre Victor Portugal, um bocadinho exigente, mas era para o bem, para as coisas assim bem ordenadinhas, bem orientadas, era sim senhor. É o Augusto, temos um rapaz que é do norte, é amigo do Armando, teve cá uns aninhos, andava a estudar, ainda anda, ele andava a tirar o curso de teologia, quer dizer sacerdote, agora penso que o caminho dele está noutro rumo, mas dentro da vida religiosa, mas é o Augusto que já trás os cânticos, os que são para cantar, trás os cânticos, trás essas coisas organizadas e assim, as missas é o sacerdote que escolhe, a missa é sempre consoante o dia, mas também consoante o dia de Nossa
--	--	---

		Senhora, consoante o dia de Nossa Senhora, então porque é dedicada a Nossa Senhora, a missa de domingo é para Maria, a de segunda-feira é pelos fiéis e a daqui pelos que partiram e aqui também são pelos que partiram, é claro o padre oferece pelos festeiros, pronto por quem faz parte e para quem ajuda, o padre agradece essas coisas todas, é o padre que faz isso tudo, agora o coro que vai lá cantar, vão do coro das oito e eu às vezes ajudar no coro do meio-dia, mas claro são pessoas que também vão entrando na idade, pelo menos a nossa amiga Esperança era sempre participativa, a Sãozinha, a São da ti Carolina, pronto pois os pais adoeceram, a vida não permite que se continue a fazer o que se gosta, a ti Carolina era uma pessoa muito participativa na Festa de Tróia, era uma pessoa muito, muito participativa, o Orlindo também uma pessoa que realmente, era uma pessoa da parte religiosa, era ele e eu, que escolhíamos para quem ia ler as leituras, para quem não ia ler as leituras, o ofertório, tem um ofertório que as pessoas que estão na missa, o Armando é que escolhe para participarem, e que levam, tenho ali ainda para arranjar o que me falta, levam uma vieira grande, grande, com sal, levam uma vela que simboliza a luz de Cristo, levam o farol que ilumina o rumo dos pescadores, leva a bússola que guia a rota dos pescadores, leva a âncora que ferra o barco a fundo e tanto os pode prender e livrar dos perigos, como enfim, pode ser o fim, peixe fresco e as redes também. Há sempre um pequeno problema, há sempre uns conflitos, eu
--	--	---

		ando sempre atrás delas, para ver se as coisas não se complicam, porque há pessoas que entendem que devem pegar no andor, e pegá-lo, levá-lo e trazê-lo, e dizem a isso, que isso é uma promessa de ser assim, claro o padre não pode interferir, as pessoas que são responsáveis não podem interferir, porque ninguém sabe a verdade das coisas, quem sabe é a pessoa, é que tem que ser consciente, consciente e pensar, se eu gosto de levar o andor ou se eu ofereci as flores, ou se eu por isto ou por aquilo, os outros também gostarão de levar, mas isso é um bocadinho complicado, é um bocadinho complicado, nós nunca chegamos a saber se realmente verdadeiramente uma promessa ou se é só porque a pessoa gosta de levar o andor. Ai que engraçado, afinal sempre foram falar do mesmo, porque o terço era uma coisa só passada dentro da capela, e estavam as pessoas todas, à noite sentadinhas nas tendas, no tempo da fogueirinha que ainda podia ser, e então estão lá as pessoas todas, e estavam a fazer o quê, a cantarem, a brincarem, porque até acabar o terço a música não ia para o ar, a música só vai para o ar quando acaba o terço, e então o que é que o Armando pensou, até fez um terço grande de pesca enorme, para as pessoas agarrarem no terço, darem a volta quase à Caldeira, mas isso foi um bocado complicado, por causa dos cabos, por causa dos barcos, e então foi uma coisa que teve de desistir, porque não dava para se fazer isso, e então, ele optou pelas pessoas levarem então as velinhas, e as
--	--	--

		pessoas formarem a procissão, ir a Nossa Senhora no meio, vai o Augusto a organizar o terço, a rezar e alinhar, e a gente a responder e a cantar, quem quer canta, quem quer reza, e pronto, substituíram e foi uma lembrança que tiveram muito linda, muito linda, é pena até às vezes estar aquela sacrista daquela garruaçazinha do vento, que apaga as velas todas à gente, mas a gente vai acendendo e apagando, e então depois termina na capela, o último mistério, é sempre na capela. Não se escolhe nada, não escolhem nada, é onde acabam os mistérios, acaba um mistério, pára para ler, acaba outro mistério, o mistério são um pai-nosso e dez ave-marias, o tempo que demora é o tempo que caminha a procissão, portanto aí pára, pára o sacerdote, pára o Augusto, para ele ler a leitura ou quem vai ler, e depois quando começa novamente outro mistério, são cinco mistérios, são cinquenta ave-marias, que se rezam, fora, depois isso já é na capela, o último mistério já é na capela, ali na praia são quarenta ave-marias que se rezam e quatro pai-nossos nos intervalos dos mistérios. Consigo, então diga-me lá, um homem que desde pequenino assim como eu, estou a referir-me ao meu Zé da Gaia, que viveu uma vida, o Zé morreu com 71 anos, ia fazer os 72, um homem que viveu aquela vida e que nós por exemplo, no mesmo ano que ele partiu, e chegámos à Festa da Tróia, faltava um ser, um ser grande, um ser luminoso, faltava um ser, faltava um ser que era, era o Zé da Gaia, mas era o Zé da Gaia, entregue
--	--	--

		de corpo e alma, ele e os dois filhos, às vezes dizia, Zé os meninos estão cansados, Lurdes é sobrinha, é sobrinha deixa lá, isto a gente vai aguentar isto, (D. Lurdes continua a responder mas já em lágrimas) e a gente chega ali, e sente que falta, a quem é que a gente se dirige, mãe, ó mãe, acolhe no reino de Deus, porque há o reino dos céus, acolhe este tio que tanto lutou aqui, então aí as lágrimas caem, aí o coração chora, como estas coisas, as doenças, doenças grandes, horríveis, sofredoras e que a pessoa às vezes parte, e que se torna a oferecer pelo mesmo sentido, a pessoa melhora, oferecesse pelas melhoras, são essas as ofertas que se fazem a Nossa Senhora, e a todos os que lá estão, porque cada um tem o seu amor por cada imagem que lá está, pode não ser só a Nossa Senhora ou só a Jesus que é o seu filho. Lá nos momentos litúrgicos, ó Milla dá-me lá aí uma pinga de água, que eu quero fazer aqui uma coisa, eu, cantamos muitos cânticos na procissão que vai pela Caldeira, cânticos conhecidíssimos, cânticos de Fátima, cânticos de louvor a Nossa Senhora, mas há um cântico que é sempre cantado duas, três, quatro, cinco vezes, que é a “Estrela-do-mar, posso cantar um bocadinho. Há este cântico como já disse que era cantado várias vezes, ora era o tal cântico que D. Gilberto gostava muito que eu cantasse e eu gosto muito de o cantar, embora a voz já me vai faltando, porque claro as idades, a vida dá-nos tudo e tudo nos leva, mas eu gosto muito e vou cantar, só um pedacinho para veres que ele é muito
--	--	--

		bonito (D. Lurdes canta uns versos “Salve Estrela-do-mar”) Salve, Estrela-do-mar, Mãe do Verbo de Deus, Virgem pura entre as virgens, Feliz porta do Céu. Salve, salve Estrela-do-mar, Salve, Mãe do Verbo de Deus Versos muito bonitos, vou cantando aquilo tudo, depois termino, cantamos várias de Fátima, “Quero ser como tu Maria”, “Bom dia Maria” se for de dia, “Boa noite Maria” se for à noite, “O povo de Deus te aclama” que é maravilhoso também. (D. Lurdes canta uns versos “O povo de Deus te aclama”) O povo de Deus Te aclama, Nossa Senhora da Paz. O mundo chama por Ti, És Mãe de Deus, nossa Mãe. Avé! Avé! Nossa Senhora da Paz. Falecidos, tem muito, tem muito de específico, muito de verdadeiro,
--	--	---

		se nós pensarmos que a vida não é só esta caminhada que temos aqui, então damos todo o valor à missa que se celebre por uma alma que parte. É ao terminar, ao terminar, é quando chegam os andores do círio que vem de Setúbal para terminar a festa, para mim Nuno era uma alegria muito grande que me davam, hoje já podem dizer, que era uma poluição para o rio, que não acredito muito porque as flores desfazem-se, mas enfim, hoje já estou por aí, mas que era a minha maior satisfação, era não trazerem nos andores uma única flor, espalharem no rio Sado, para as almas daqueles que perderam as suas vidas nele, por aqueles pescadores que perderam as suas vidas, na vida do mar, pela lemanjá, que é a Rainha dos Mares, temos que crer, temos que acreditar em tudo o que Senhor deixou neste mundo e a vida para além desta é muito séria, e então as flores aí, quando vêm as flores, nós não queremos as flores, eu não quero encher sacos de lixo de flores, que são oferecidas com tanto amor, então eu digo a quem está na capela, os últimos que se vão despedir da capela, uma dúzia deles ou aí duas dúzias, eu digo meninos, depois do Augusto falar, dar as palavrinhas dele, rezar, depois de se cantar novamente o hino, se ele não está sou eu, o padre nunca está porque já fica em Setúbal, e então eu digo meninas, minhas amigas quem quiser, tirem as flores que quiserem, levem para casa, para porem, muitas sepulturas ficam com florinhas de Nossa Senhora de Tróia e muitas
--	--	--

		pessoas têm até quadros feitos das flores que secam dos andores da Nossa Senhora de Tróia, então reboiço é quando todos querem apanhar o mais bonito, então é um reboiço que sabe bem, a Maria, eu tenho que ver isso, para ela ver que é assim. Esse senhor foi um dos sacristãos, que ele não era sacristão da nossa paróquia de S. Sebastião, o Ti João Sacristão, foi um dos sacristãos que deu incentivo para recomeçar naquela paragem que houve, de não se fazer a Festa de Nossa Senhora, de começar novamente a Festa de Nossa Senhora da Tróia, foi ele o impulsor para juntar os sacristãos todos das igrejas todas de Setúbal e eles é que começaram novamente a Festa da Tróia, sim senhor e não só, o Ti João Sacristão era uma pessoa, enfim. Não, o rio é de todos, o rio é grande, o rio é de todos, nós também temos a Anunciada, temos as Fontainhas, temos o Bairro Santos Nicolau, temos pescadores em todo o lado, não, aqui não há divisões, eu acho que não há, para mim não há divisões no rio e acho que os pescadores nunca pensaram nessa divisão. À com todas as formas e com todas as letras, temos que mudar Nuno, temos que ter um sentido diferente, até no rezar, eu cheguei a ouvir um sacerdote aqui na nossa freguesia, dizer-me assim para mim, ó Maria de Lurdes, repara lá, esta missa, não é a missa das corujas, tudo vestido de preto, eu queria ver aqui pessoas alegres, pessoas que te ouvissem,
--	--	--

		era uma missa que se fizeram uns tempos, às seis da tarde de sábado, para valer a missa de domingo, eu é que ia cantar, e ele então todo tristonho, era as viúvas todas, era tudo vestido de preto, ele dizia então, mas para que é isto tudo vestido de preto, ponham isto assim alegre, nós queremos missas alegres, eu na altura tinha-me inserido no renovamento carismático, é católico, tem todas as coisas da nossa religião, tem uma coisa que a nossa religião não tem, é a alegria, hoje já se cantam uns cânticos mais alegres, até já cantam, até já me fazem esse favor de cantar, os cânticos do renovamento carismático, são vida, é vida, é alegria, e então é talvez nesse sentido que eles estejam a mudar, e estão, há outra aceitação para evoluir, olha com o padre Casimiro, tem feito ali, viste a mudança da nossa igreja, o que aquele padre tem feito, se ele tem feito umas coisas. Não, a festa é sempre a festa, o sentido do amor, que as pessoas têm, o amor têm a Nossa Senhora, o sentido da festa, porque ao fim ao cabo realizam-se todas no mesmo sentido, não há nada que mude, se mudasse talvez não fosse para melhor, mudar se não for para melhor, é melhor ficar assim, temos tudo o que queremos, só não temos é pernas para dançar. Não, acho que não, isto não vai ser entregue à mão de qualquer pessoa, não, acho que não, acho que não, é mais provável terminar, é mais provável acabar, do que é provável isto ir passar para mãos que não
--	--	---

		sejam de pescadores, não, não senhor. Não vejo em quê, não perdeu nada, até que já mudaram este ano, até passaram para mais cedo, se foi com esse receio, acho que não, porque a Festa da Tróia, é a Festa da Tróia, mentalizem-se as pessoas, que a Festa da Tróia, enquanto durar a Festa da Tróia, é a Festa da Tróia para ser vivida pelas pessoas que amam, a Festa da Tróia e tudo o que faz parte dela, absolutamente nenhuma, coitadinho agora já não está cá. Não, não porque já não há pescadores, os pescadores de Troino, portanto, Troino é Anunciada, como eu te disse ainda há bocado, consoante os meus pais, era uma rivalidade que um rapaz namorasse com uma rapariga do Bairro Santos Nicolau, foi o caso dos meus pais e mesmo assim, havia rivalidades, havia rivalidade até ao ponto, antigamente a arma branca era bastante usada na rivalidade dos de Troino com os nossos Bairro Santos Nicolau e de que maneira. Já têm participado, já, já têm, vão ao círio pessoas de Troino, vão ao tríduo, vão à missinha de sábado, acompanham sim senhora acompanham sim senhora. Eu acho, desde que seja pescador, que seja varino, que ame a Nossa Senhora e que ame tudo quanto faça parte da vida católica, para mim eu acho que é tudo bom, acho que é bom, porque a gente há de ter rivalidades uns com os outros, se todos amam ao Senhor e todos amam a Nossa Senhora, então tem que ser bom.
--	--	--

		Não, não tem nada uma coisa, a ver com a outra, hoje, a festa de hoje já não tem nada a ver com as pescas, antigamente tinha sim senhora, os festeiros tinham muitas vezes que levar dinheirinho pouco ou nenhum das suas casas, para pagar as despesas da Festa de Nossa Senhora de Tróia. Não, hoje quem é religioso, é religioso, é desde que nasce até que parta, só se durante a vida encontrar outro caminho que queira seguir e deixar a vida religiosa, isto já é uma coisa que lhe compete, a ele ou a ela deixar, acho que não tem nada a ver uma coisa com a outra. É uma festa com mais impacto, é mais festa, as Festas da Nossa Senhora da Arrábida, já foram umas grandes festas, eu em miúda vinha lá com bateirinha com o meu avô, lá na bateira nas Festas da Senhora da Arrábida, era muito bonita, muito importante também, claro os homens mudam tudo e as coisas vão perdendo a sua beleza, o que seria a Festa da Nossa Senhora de Tróia por terra, tinha que dar a volta a Alcácer e por ali fora, que graça é que isso teria, nenhuma, nenhuma mesmo. É, ajuda, dá vida, dá força, nós vamos ali carregar baterias, nós vamos à Festa da Tróia carregar baterias, se damos o nosso banhinho, molhamos só os nossos pés, só até que venha o círio e que o círio parta, estejamos só a molhar os pés, estamos a encher o nosso corpo de energia, a energia do mar, de tudo o que o senhor criou, do mar é uma maravilha.
--	--	---

		Acho que sim, começa por mim, se eu fui doente há dois anos para lá, eu comecei a subir a rampazinha da Nossa Senhora, eu disse para a minha Fernanda, Fernanda não posso andar, ela disse não, então, as minhas pernas não querem andar e ela disse-me, vá mulher pega-te a Nossa Senhora, que ela vai dar-te forças, é essas forças que nós vamos lá buscar, por isso não há nada que nos faça pensar o contrário. Eu acho que sim, olhe, eu acho que é cultura, eu acho que é aprendizagem, sabedoria, ensinando, se nós ouvirmos com ouvidos de ouvir, por exemplo as palestras que os padres fazem, que os sacerdotes fazem, nas missas, nas celebrações, porque eles dizem muita coisa que vale a pena ouvir, e nós seguimos aquelas palavras, tornamo-nos pessoas diferentes, umas tornam-se melhor do que aquilo que são e outras já se tornam boazinhas. Por enquanto não, não, está tudo na mesa, a tradição está mesma, não perdemos nada. Corre, para mim corre, tenho muita tristeza e muita pena de dizer isto, mas é como eu já disse Nuno, quando faltar esta malta dos setenta e tais anos, dura ali mais meia dúzia, porque os que lá estão são de cinquenta e tal, um dois ou três, mas eu penso que sim, que tem tendências a perder, tenho sim. As pessoas, para ajudar, pessoal para ajudar, com vontade de ajudar, com vontade de trabalhar, porque isto é uma festa de muito, muito,
--	--	---

		muito trabalho, na Tróia ninguém imagina o que é trabalhar ali, de sol a sol, estender aqueles cabos de luz, para dar a luz e o som pela Caldeira inteira, com os cabos às costas, aos ombros, ali a puxar os cabos. Mudaria muita coisa, mudaria muita coisa, mudaria, com outras pessoas mudaria, mudaria sim senhor. Alguns têm, por isso às vezes, aqui meninas, que vêm aqui às camisolas, este ano às Nossas Senhoras e aos terços, e há as meninas, à que Deus, que nunca acabe, aí nossa rica Festa da Tróia, pequenas novas e jovens, vêm sim senhora, por isso. E então como eu te tinha prometido, vou cantar o hino, que é para onde tu vais levars esse trabalho, para ser conhecido, eu gostava muito, por acaso foi gravado um hino da Nossa Senhora de Tróia, feito propriamente para a Nossa Senhora de Tróia, mas na altura ninguém, foi o Zé da Gaia que tratou de tudo, que andou à frente com isso tudo, eu por acaso ainda tenho ali uma caixa de cassetes ainda, que já não se usam, agora paciência, o padre Victor Portugal tinha muito interesse em que ele fosse gravado, agora não sei se isso ficará pelo caminho, mas se não ficar pelo caminho, fica no meu coração, porque eu gostando de o cantar e em louvor e atenção à pessoa que me o ofereceu, eu canto sempre com muito amor, tanto para Nossa Senhora como para a D. Alice Ramos, era uma poetisa muito conhecida de Setúbal. (Canta a D. Lurdes)
--	--	--

		De Setúbal se vê bem Tua Capela branquinha Nossa Senhora da Tróia Virgem do céu a Rainha O teu Rio Sado azul Igual ao teu lindo manto Esse mar que tu o cobres Com luz, calma e encanto Nossa Senhora da Tróia Teu andor engalanado Dá aos pobres pescadores Salvação, e bom pescado Os barcos com bandeirinhas Vão contigo em procissão Minha Senhora da Tróia Dá a todos tua bênção Nas desgraças, Virgem Mãe Não esqueças nossas dores Oh! Virgem Santa da Tróia Guarda os nossos pescadores Avé, Avé Maria
--	--	---

		Salvé Rainha do Mar (David Lopes) Sim ainda hoje há, há, porque o varino sempre foi dedicado às redes, agora os outros também vão e eles eram mais dedicados, aos chocos, à secada e àquela história, sempre houve, porque o varino, não quer dizer que os outros não sejam, o varino é um homem humilde e o pessoal de Troino que é descendentes do Algarve, é vaidoso, não quer dizer que seja, é vaidoso, gaba-se muito, é duas áreas iguais, de qualidades diferentes. Sentimos um choque como é normal, estávamos acostumados, da janela a ver o barco, estava vendaval, qualquer um ia ver o barco, gritava pelo outro a quase porque era pertinho, e estávamos em cima do acontecimento, depois, quem não tinha carro para ir do Bairro Santos, às 3 da manhã ver o barco, lá abaixo, tinha que arranjar ali e tínhamos que fazer guardas, como já o éramos, uns dos outros, dos barcos. É varina, porque aquilo havia duas festas em Tróia, havia duas festas em Tróia, uma que era dos camponeses, da Carrasqueira, Comporta, aquela zona do arroz, a deles parece que era feita em Abril, não sei e a nossa era feita pouco mais ou menos na mesma altura que é agora, feita pelos pescadores que eram de Setúbal e feita pelos varinos, e então ficou eles acabaram por desistir, e a nossa manteve-se, a festa teve parada uns anos, segundo conta os mais velhos e teve parada não havia
--	--	---

		quem fizesse, e não fizeram, os quatro sacristãos das freguesias de Setúbal, Anunciada, São Julião, Santa Maria e São Domingos, os quatro juntaram-se e fizeram a Festa da Tróia e no outro ano apareceu logo mordomos, e a partir daí nunca mais parou, agora se calhar tem para aí 80, nunca mais parou. O abate dos barcos veio porque, a frota estava velha e depois houve jogadas, para quem as fez, que abateram um barco, foram buscar outro, abateram outro e foram abatendo barcos, ganharam o deles, e até que chegou um limite que os barcos também foram desistindo, apareceu um barco, depois deram dinheiro para fazer barcos novos, desapareceram para aí 15 e vieram 4, pouco mais ou menos, por isso não foi a festa, veio foi pôr a pesca, menos pesqueiros, vieram outras artes, que ao fim ao cabo, saiu pesqueiros, mas arrebetaram com certas qualidades, porque ao fim ao cabo, estamos todos de encontro a todos, no aspeto do mar, a minha arte, a minha é anzol na manta, a tua é redes, atua é ganchorra, ninguém está satisfeito, mas a certeza porem não veio prejudicar a festa, veio prejudicar porque tanto a nível piscatório, como tudo. Eu até se quiseses, tenho ali documentos, onde é que vais ver os barcos todos que existia dentro das Fontainhas. Não, os barcos tem-se mantido, pouco mais ou menos, a acampar e o pessoal aumenta, porque fecharam a língua e depois houve aquela coisa de a gente não poder ter os carros lá dentro, porque eu fui um dos
--	--	---

		sacrificados com essa história, chegámos a atolar o carro dos bombeiros, está a fazer buracos a quase sei lá para tirar o carro dos bombeiros, porque eles queriam ter os carros dentro das tendas, conseguimos tirar, e tal, já não vou mais à Tróia, isto acabou para mim, mas no outro ano, perceberam que havia camionetas, aquilo tudo, demos condições e vieram todos e mais alguns ainda, e há pessoas que têm as coisas guardadas em casa, só para ir fazer aqueles quatro dias, vêm de França, para o ano logo em janeiro, já me estão a perguntar quais os dias da festa, para marcarem as férias. À pois existia, os barcos eram mais pequenos, eu devo ter para ali fotografias, que eu mostro-te, eu faço uma pesquisa e depois dou-te, em dando-te a lista dos barcos que havia só nas Fontainhas, depois a gente vê logo, este ia, este ia, todos os anos que iam, era uma doidice, desde que começava cá do princípio até ao fim, era as férias do varinos, porque na altura não havia férias e então aproveitavam 10, 12, 15 dias, com os barcos lá, por vezes a dormir em terra ou dormir a bordo, depois isso foi proibido e alguns ainda insistiram, faziam o comer , dormiam a bordo, mas não saiam dali, metiam o toldo à borda da água para estarem bem e batiam o pé. Sim um pouco, porque a malta está velha, vais à missa, como já lá foste e aquilo está cheio de velhada, a missa está super esgotada, porque a gente tem uma camioneta no catamarã, que os leva para lá e os
--	--	--

		transporta de volta, elas vão á missa, levam o seu lanchinho e à tarde vêm-se embora. São, alguns não tanto praticantes, mas pouco mais ou menos, mas todos eles têm uma devoção, mesmo os das Fontainhas ou de Troino, há sempre aquela pontinha, tanto é que eu não os vejo em mais igreja nenhuma, podem vir pouco à nossa, mas também não vão à dos outros, há aquela coisita sempre, e também têm uma grande devoção pelo Senhor do Bonfim, a maior parte deles não querem saber pela Festa da Tróia, nem nada, mas têm a sua devoção pelo Senhor do Bonfim, por isso acredito que eles tenham a sua ponta. A Comissão de Festas está aberta a toda a gente, para quem quiser entrar e depois faz-se uma análise na própria comissão na altura, fazemos uma avaliação, não é, da pessoa, a gente vê que a pessoa tem perfil, se não tiver muito perfil, fica na mesma, mas depois conforme for a maneira dele, infelizmente pouco vieram, mas também não foi ninguém embora, os que foram foi de livre vontade, uns foram outros ficam. É, a devoção, e é, nascemos engrenhados nisto, não foi só agente, foi as pessoas, e tanto é que está lá o campismo, e está as pessoas ao longo da marginal. E é uma loucura quando a Santa encosta a despedir-se, tudo quer flores, empurram-se umas às outras, estou a arrepiar-me todo, eu fico, porque quem está da banda de cá, que está dentro do barco, que está ver o setor maior, é que vê aquela emoção, o que é.
--	--	---

		A festa teve-se que se modernizar, porque antigamente a festa fazia-se com um pau na mão, era tudo, pau não entre aspas, agora não, há uns anos para cá, temos tido a colaboração das entidades, dos pescadores, das casas do Comércio, felizmente também colaboram e as entidades estão enraizadas naquilo que já elas próprias, eu tenho um comandante do Porto, que veio à Festa da Tróia, quando era Comandante do Porto, já lá vai 10 anos, só falhou uma vez que foi operado ao joelho, que é o Comandante Vasconcelos, tenho escrivães da Capitania, tenho pessoal da Câmara, ex-presidentes de junta que ainda hoje lá vão contribuem com a parte deles, ainda vão lá porque estão enraizados naquilo, sentem a festa. Acho que é uma fuga, é uma fuga naqueles 2, 3 dias, tanto no campismo como depois em terra, e tanto é, quando a procissão vem da Igreja de São Domingos, para os barcos, também tem um grande pessoal a acompanhá-la. Deus o dirá e a Nossa Senhora há-de ver, porque o futuro ninguém o prevê e se o Armando agora por qualquer razão se for embora, não estamos preparados, ninguém é insubstituível, ficávamos um bocado assim atrapalhados. E depois os problemas que surge, também não nos vai afetando, este ano que nunca tinha visto, com tanto ano de Festa de Tróia, nunca tinha visto o que aconteceu este ano pá, um tipo qualquer, que já o ano passado, parece que fez para lá chatices, anda com um
--	--	--

		barco a fazer corrida dentro da Baía, com um barquito de borracha com dois miúdos lá, andava a brincar com as crianças, ora os barcos batem uns nos outros, então há dois irmãos em terra, que agarram cada um num pau, desata o barco e vai para arriar no outro, o outro pirou-se. Chegou à terra estava lá outro grupo e largou-se tudo à chapada, quando está as individualidades tudo a almoçar, a acabar almoçar, é feio, tiveram que mandar evacuar as pessoas, a gente sabe, estávamos preparados e estamos, o Armando depois teve que se meter, eu enervei-me, comecei para lá a dar uma palestra, do bom e do mau, disse o que queria e o que não queria, desabafei, comecei a ficar enervado, tiveram que me trazer, porque eu estava a ficar não sei como, a rapariga da segurança, a chefe, embora David, disse ela que estava amarelo, estava branco, sei lá. À tarde, estavam todos juntos a pedir desculpas, uns aos outros e se calhar foram beber uns copos, mas estragaram a festa, e é aqueles que todos os anos vão para lá, para marcar o lugar deles, vão 3 ou 4 dias antes, dormem e comem dentro do saveiro que têm, para ficar no lugar, aqueles que são aguerridos à festa é que armaram a confusão. Cultural, pois aquilo, é uma festa cultural, porque temos jogos, temos “reinação”, temos a devoção que é parte religiosa, não há misturas, uma coisa com a outra, é tudo feito na mesma festa, mas cada um no seu coiso, temos o terço à noite, que é muito colaborado, a parte cultural está boa, a procissão das velas foi mais uma achega que veio dar à festa, com
--	--	--

		esses padres novos que estão aí, são novos, mas são tipos que percebem daquilo e colaboram. Na outra área turística, a gente a nível de turistas, a gente não quer. Uma vez, o Mata Cáceres, pagou, a gente queria o dinheiro porque a gente arranjávamos músicos, mas ele diz que não, que aquilo é em reunião de câmara, que era para aquele efeito e tinha que ser para aquele efeito, mas ele pagou um balúrdio, ao Clemente, mas antes do Clemente, ele queria pagar a um conjunto que na altura estava em voga, para ir lá tocar e a gente disse que não, você nem mete aqui, nem manda aqui nada, então vem essa molhada, que isso vem dar um com concerto, que é um estádio cheio, vem trazer isso para a Festa da Tróia, como é que é, não aceitávamos, foi quando o Clemente foi. Já houve convites, que até queriam que quando a Festa da Tróia, fossemos para lá fazer uma “assadela”, de peixe assado que era para vir os turistas que estavam acampados na Resort e nesses lados, fossem lá comer e a gente disse que não, façam que a gente apoia, mas nós não fazemos, é rendimentos que vêm para a festa, a gente já se custa a ver com os que cá tem, quanto mais com os que vêm, a nível turístico, estamos muito fechados, porque não temos capacidade. Também envolve-se, a gente se for preciso, a qualquer um, é pá vais aqui ou acolá que agente não pode ir, só tem uma coisa, a gente não convida, eles quando lá vão, é oito dias antes, quinze dias antes, para ver o que é que vão fazer, vocês não dizem nada, mas tu sabes que a gente
--	--	---

		já cá anda há dois meses, à mas não nos convidam, não dizem nada, não viemos. Não, sempre houve a procissão, sempre, sempre, os foguetes já quiseram eliminar, mas temos tido felizmente a sorte, eles não queriam que mandássemos o fogo e tivemos que ir ao local, com eles, o pessoal, quem manda, para ver que a maré estava vazia, como estava o fogo, e não sei quê, e este ano, o miúdo, miúdo porque ao pé de mim é um miúdo, que estava lá, era um bombeiro de 1ª, salvo erro, mas era um moço novo, não dou autorização para mandar o fogo, estava vento, vou comunicar ao comandante ou ao presidente da Câmara de Grândola, era um tipo desses de alta, e eu disse, é pá tu deves ser bombeiro, mas deves ser um ceguinho disto pá, então se o vento está de nordeste, isto é fogo preso, não tem cana, vai tudo parar acolá, como é que é isso, depois ele disse, o comandante, ou lá o que é que foi, dá autorização, diz para mandar à responsabilidade dele, mas em lado nenhum do mundo se vê isto, o gajo estava cheio de jogo e mandámos e foi para exatamente como eu disse, o fogo foi parar onde eu disse. Sim, ainda acabei de frisar há pouco. Porque não há quem a faça, porque há um decreto-lei em que diz que as festas centenárias e está lá escrito, as festas centenárias, o caso da Tróia, tem que ter no mínimo 3 dias e com campismo, podem é eles dizerem assim, isto aqui é nosso, não senhora e a gente acampa na borda de água, ou dentro dos barcos, mas
--	--	--

		não podem proibir, a gente está agarrado a esse decreto-lei e eles sabem. Mas tem perigo em desaparecer com o tempo. Não tem donos, os donos da festa, a festa é uma das seções que está agregada à Fábrica da Igreja de São Sebastião, a gente fazemos as contas, não se metem em nada, aquilo é a gente que faz a gestão, as receitas e as despesas é a gente, mas damos contas à Fábrica, porque aquilo é tudo passado em nome da Fábrica de S. Sebastião, temos um relatório das contas todos os anos, a gente faz o relatório, não há donos da festa, não senhora, há um coordenador que é o homem que dá a cara. Para mim, o grau de 1 a 10, é capaz de ter aí uns 8 ou 7, porque não está 100% perfeita, porque isto nunca está perfeito para todos, o trabalho é 10, é o máximo e Armando todos os anos arranja sempre mais trabalho, que é para melhorar, cada ano quem for lá, vai ver que a coisa está mais adiantada, salvo erro, o ano que trabalhei menos, desde que o Armando, ou seja, vá vamos considerar, que aquela malta foi-se toda embora, aí 95 para cá, o ano que trabalhei menos foi este ano, quando fomos para lá trabalhar, já foi em junho, costumamos ir em março, chegámos a ir para lá em Janeiro, ir no barco das 8 e vir no barco das 10, não filho, fomos por o telhado, com aqueles ventos de inverno frios, de norte, íamos para lá às 8 e vínhamos às 10, porque não conseguimos trabalhar com o frio, em janeiro, já morreu o Zé da Gaia, vinha do mar, trabalhava ali o dia todo e às vezes tornava a ir para o mar, sem
--	--	---

		descansar e tem lá dois miúdos, que são os filhos dele que são uma valia para a Tróia. Sim, porque tinha que desaparecer, se começou-se a fazer campismo, as velas e as bateiras desistiram, foi o que eu te frisei há bocado, antigamente a Comissão dos mais velhos, onde o meu pai fazia parte, estavam mais dedicados à devoção. Até os foguetes, o fogo-de-artifício, eu fui um dos batalhadores de encontra o fogo-de-artifício, quando lá cheguei, porque aquilo, na altura, era 300 contos, mas era numa condição, a metade rebentava a meio, outra metade rebentava no chão e outro bocado nem chegava a rebentar, porque do dinheiro que eles davam à pessoa, queriam fazer sei lá o quê, assim que fomos para lá, atualmente é quase 2 mil euros e no ano que a gente fez, foi esse dinheiro, o meu pai é um dos que dizia, para o quê, para o que é os foguetes arrebenta no ar, que gozo tem isso, o dinheiro faz falta para outras coisas, mas pronto, faz-se tradição, e felizmente, felizmente, eu desde que estou na Comissão de Festas de Tróia, ainda não fui buscar dinheiro a casa, para pagar à festa, pago o meu almoço, a minha coisa, dou a minha contribuição, porque quero dar, aqueles almoços que a gente come lá, que está aquele arraial todo, chegamos ao fim e fazemos contas, as famílias, por cabeça, é tudo pago, porque felizmente não precisamos, se houver um individuo que esteja um bocado atrapalhado passa à malha, paga os outros por ele e há provas disso, agora eu ir buscar dinheiro a
--	--	--

		casa, porque faltou cem escudos ou assim, nunca fui, porque felizmente, as entidades, os restaurantes, os comerciantes e os pescadores têm-nos ajudado e ainda temos, felizmente, ainda há dinheiro em saldo, para alguma eventualidade, que, que deixaram os velhos, deixaram os velhos, aquele dinheiro que deixaram os velhos, está lá quase todo, porque quando a gente foi para lá, diziam que íamos rebentar com a festa, começámos a crescer, eles querem é rebentar com o dinheiro, ainda hoje lá está. É válida, patrocina-nos em várias coisas, não em dinheiro monetário, mas noutras coisas que vamos ganhar muito dinheiro. Não, tirando as entidades de Grândola e agora também já aparece Alcácer, mas tirando Grândola e Setúbal, neste caso as Câmara que nos auxiliam com o lixo, a de Grândola vai despejar o lixo, são essas coisas, o resto a água, a gente aluga o carro dos bombeiros, a nível do estado nada, também não pedimos, a nível da direção geral de cultura acho que não, não estou bem a par. Muito, muito, temos restaurado aquelas casas, que lá está, que pertence à Resort, chama a gente a casa que era antigamente do guarda, que era o Tibério, temos reparado tudo, temos posto telhado novo, com alguns patrocínios, um grande amigo que arranjou o patrocínio para os telhados, que morreu, um grande amigo nosso que era o Júlio Adrião, foi um dos homens que deu muito, muito, muito através de outras pessoas, à
--	--	---

		Festa da Tróia, arranjávamo-nos patrocínios e material, e então restaurámos, temos o armazém que é restaurado, todos os anos, começou-se com 4 ou 5 candeeiros ao longo da praia para dar iluminação ao pessoal para não levarem geradores para não dar nenhum fogo, já estamos com 18 ou 21 candeeiro, há 2 anos, assim que o pessoal da língua veio-se embora, acrescentámos mais 4 candeeiros, que aquilo tem à volta tem 50 metros ou 60 entre eles e estamos sempre a valorizar a festa. O telhado da capela, agora andasse com ideias de tirar aqueles azulejos que lá está, e pôr a capela tal como ela era, porque aquela capela, deve ser muito antiga, muito antiga, porque está lá uma arcada que dizem, quem sabe, que aquilo é do tempo do manuelino, ora as obras de manuelino foi em mil quinhentos e tal, por conseguinte aquilo tem muito, muito ano, depois é que se acrescentou a capela, aquilo era só um cochicho. Dá o apoio que é preciso, o padre participa nas iniciativas. As privadas são aquelas onde a gente chega, vamos àquele tipo, por exemplo do Faralhão e dá-nos às vezes material, através de um rapaz que é voluntário, que é o Zé Pedreiro, que é empreiteiro, pede aqui e pede ali, vamos sempre melhorando, organizando, para cada vez a festa ter mais condições, antigamente, estávamos sentados à mesa quando dávamos por a gente estávamos sentados no chão porque a cadeira ia enterrando, arranjámos os estrados, a Câmara tem-nos dado o palco, deu-
--	--	---

		nos as casas onde nós fazemos a cozinha, temos valorizado, o museu tem desenvolvido aquelas iniciativas para divulgar e promover a festa, para que ela também não desapareça, aquelas ações. Eu por acaso tinha uma senhora, eu fui homenageado pela Mútua, por ter mais de 30 anos de dirigente regional e fui a Caxinas, e levei uma senhora, que desenvolve essas culturas e é pintora, e não sei quê, ela gostava de falar e eu não paro, já veio à Festa da Tróia e ela disse, se precisarem de alguém para pôr isso a património, que ela dá uma ajuda porque tem muita influência lá. Só que a gente ainda não falámos nisso e porque é muito trabalho. É capaz de ter outro prisma, não sei, é capaz de ser, só é muito trabalho e a gente estamos quase sempre ocupados, agora a maior parte da gente, já não trabalhamos, pelo menos, o Armando, o António da Reboca, o Diamantino, eu, o Aníbal, pelo menos 5 à primeira vista, por isso estás a ver a idade que a gente tem. Estão quase em parceria, articuladas, a União de Freguesias metenos lá os bancos com o transporte deles e vão buscar, para valorizar a festa ainda mais, que na minha ideia, foi mal-empregado, porque as pessoas não o sabem estimar, que foi a União de Freguesias, meteu lá 2 bidões daqueles mil litros cada de chuveiros, que é abastecido pelo carro dos bombeiros quando vai buscar água, 4 bidões, são 4 mil litros, em que o David mais as pessoas abasteceram aquilo e passado 2 horas vieram
--	--	--

		dizer que não havia água, lavaram os cães, havia pessoas que metiam-se lá dentro vestidas e conforme se iam despindo, iam lavando a roupa, outros iam lá buscar os jerricans para não ir buscar lá abaixo aos bombeiros, isso também desanima, desativa, ao fim de duas horas vou outra vez à procura de água, não, tomem banho de água salgada, é assim. Até mesmo da própria comissão, só que dá trabalho e temos as nossas vidas e família, porque a gente podia fazer, por exemplo, um piquenique, olha está o tempo, dia tal, vamos fazer uma missa na Tróia e fazemos um piquenique com o pessoal, levasse um organista qualquer, vamos fazer lá um piquenique, mas a gente não tem tempo, nessa altura até se calhar estamos lá a trabalhar, olha vai-se pedir à Câmara que nos empreste o Luísa Todi, arranjou-se aí três ou quatro tipos a cantar ou fazem que cantam e vamos ali todos, podíamos fazer, mas isso manda muito trabalho, medidas para salvaguarda e de promoção da festa e cultural. Porque é assim, aquilo há sempre “barafunda” para levar a Santa. Toda a gente quer levar a Santa lá na Tróia, porque há as filmagens, toda a gente quer levar a Santa e depois as pessoas levam cada uma os seus andores, as pessoas vão ao lado, mas a gente está sempre a dizer, para desviarem-se e então elas não vão possivelmente algumas, porque vão cá atrás de tudo, algumas dizem o que vou fazer lá para trás, aqui vejo
--	--	---

		passar, já se respeitam. Antigamente, eu fiz muitos anos a procissão, ajudei a fazer a procissão, depois há aqueles pormenores, enervo-me e tenho o coração à boca, houve uma senhora que ofereceu o Mártir de S. Sebastião à Tróia e então vinha todos os anos, e todos ela é que levava a parte dela, não deixava o Santo, os outros 3 lugares estavam sempre vagos, há quatro miúdos do Bairro Santos que vão para a tropa, os quatro miúdos que iam para a Tróia e pediram-me para levar o Mártir de S. Sebastião, não, não, é pá eles não querem levar, eles querem agarrar os quatro e andar dois metros e não deixou levar, o Santo é meu, eu é que o trouxe e eu é que tenho que levar, e digo assim, quando vais a Fátima e doas algumas coisa, tu vês mais alguma vez, aqui ainda vais vendo e então agora estás a arrumar fita por isso, se fosse por mim metia-te o Santo por debaixo do braço e ias já andando, eu já estava enervado e ela viu que eu já estava a passar-me e lá deixou, lá os miúdos agarram, andaram e entregaram logo, eu evito ir, porque é chato um indivíduo da comissão e então nesse acho que as pessoas não vão muita veze por causa dessas. Era um significado de união, hoje atualmente não tenho união de família, a união de família acabou na Tróia, comíamos há mesma hora, bebíamos, eu comecei a acampar em terra porquê, estava na comissão, tinha a minha família toda a bordo, qualquer problema, David vai ali, David vai acolá, David anda cá, eu a comer tinha que me por para dentro de
--	--	---

		água, se tivesse bote, se não tivesse molhava-me para ir lá onde ia, quando vinha mudava de roupa, daqui a um bocado tinha que ir, até que disse, tinha uma tenda aqui que eu tinha trazido, quando andei na vida de embarcado, uma tenda grande que trouxe da Alemanha, fui lá mete-la e depois começamos outra vez a ter, o único que não tinha união de família era eu. Depois até isso foi acabando, porquê, porque comecei a ter a família, cada um a ir para o seu lado, o filho para a vida dele, ia lá almoçar, mas já não jantava, vinha-se embora, cada um o seu e depois vinham os turistas que me invadiam a casa, e a Mariana é que era a empregada daquela gente toda, um dia o Armando diz para mim, epá estás aí sozinho mais a mulher, vem para aqui, e pronto, a Mariana colabora, eu estou lá, comemos, a comissão quando tem que comer cada um para seu lado, não temos horas de almoço, onde é que a gente faz a nossa Festa da Tróia, que até isso está a acabar, porque eles dão restrições para as pessoas se virem embora, tal dia vêm-se embora, e a gente ainda estava até ao fim de semana, mas havia aqueles, então porque é que aqueles estão, ninguém diz que andamos lá o ano todo e nós tínhamos autorização e tudo, chegaram a vir a GNR ter connosco, então as credenciais para estarem aqui, vocês já deviam ter levantado isto tudo, a gente, pois aquelas senhoras daquele lado, dizem que só levantam, quando vocês levantarem, e os guardas é que ficavam mal, porque nós mostrávamos os
--	--	--

		documentos, e então o Armando para dar o exemplo, ainda este ano aconteceu, eramos para vir na quinta-feira, à tarde, as coisas um pouco mal, viemos na segunda-feira de manhã, para não vir já de noite, porque depois chegávamos a casa e tínhamos que ir comer fora, viemos na segunda-feira de manhã, por causa das restrições, a união das famílias, da malta da Comissão das Festas de Tróia, é depois da segunda-feira à noite, vamos trabalhando, arrumando as coisas, mas vamos almoçando e jantando à mesma hora, aí é que temos união de família. Se calhar aí uns cem barcos, até barcos de Sesimbra vêm todos os anos e este ano estávamos a ver que tínhamos que ir lá buscar um, tenho uma senhora que saiu do hospital, e veio a propósito para vir ao Círio da Senhora da Tróia, que é a dona do barco que trás a Santa, há dois anos, o ano passado também, veio do hospital, que ela infelizmente, é uma grande mulher, tem uma grande força de vontade, estava a esvaziar-se em sangue, e as médicas à rasca com ela, aquilo estabilizou e ela disse eu vou-me embora, então você vai-se embora, vou, vou, eu vou ao Círio da Tróia, e foi, levou-nos o lanche, como é costume, que à ida para lá, e não sei se ias para lá, não foste, o lanche, é biscoitos, é rissóis, é pastéis, dar de comer àquela gente toda que lá está, mas de que maneira, é cerveja, é sumos, e então tem uma grande fé e uma grande força aquela senhora, o marido telefonou-me e vejo o nome, comecei-me logo a arrepiar, já está, David, os altifalantes e as coisas, é, tens aí em casa, é exatamente a
--	--	--

		mesma coisa, tens é que dar um toque que é para eu mandar lá alguém, era para ir às dez acabou para ir lá às quatro, para não estar ali ao sol com a mulher. Porque a gente tem muitos barcos de pesca, mas em condições para trazer a Santa, para cá a Santa, não dá para todos, as ganchorras têm a ré ocupada, os grandes barcos que estão aí têm a ponte de leme à proa, há bons barcos, quem tem uma condição pouco mais ou menos, é a “Mãe de Jesus”, mas diz que aquela festa não é dele, contribui, mora em Troino, ele é o Senhor do Bonfim, e é o único barco que ainda continua a ir à bênção do Senhor do Bonfim, é engraçado, ele e a parte do Rochinha, são famílias e talvez “Jesus da Nazaré”, ao nível de trazer a Santa é um bocado ingrato. (Madalena Lopes) Sim, sim muitas alterações mesmo, porque antigamente, tinha outro formato, agora também o tempo é outro, e também mexe com a parte da antiga Torralta, porque agora as coisas têm que ser diferentes, aquilo agora é considerado outro proprietário. Eu no futuro tenho um bocado de receio, porque eu acho que, as pessoas às vezes, não sabem estimar o espaço em que estão e deitam tudo a perder e eu acho que, se não tiver um pouco de cuidado, talvez no futuro, será como a procissão da Senhora da Arrábida, um dia só. As pessoas respeitarem o espaço onde vão acampar, deixar tudo como encontraram e respeitar as normas de quem por direito, ou seja, a
--	--	--

		Comissão acatar as ordens deles, porque senão assim, a gente não consegue ir a lado nenhum e a festa começa a perder, mais aquela característica tinha antigamente. Poderá ser, mas não acredito muito, porque eles veem esta festa com outra expectativa, lá está como eu disse no início, mais para ir brincar, irem ao bailarico à noite, aquela coisa toda e não sabem aproveitar, o que bom que a festa tem, porque a festa não é só brincadeira, desde o círio de sábado até ao círio segunda-feira, tudo tem que ser levado em regra. À acredito que sim, acredito que sim, porque quando é o círio de segunda-feira principalmente, vê-se toda aquela avenida pela praia a fora até Albarquel, todas as pessoas à espera, que o círio passe, porque é uma grande devoção que as pessoas também têm nisso, para quem não vai, tem devoção sobre a terra. Ai sempre, meu rico Zé da Gaia. Eu tenho carregado sempre os andores, mas desde que o meu pai faleceu há 8 anos, carrego o da Nossa Senhora da Conceição, porque mandei fazer de propósito e comprei a Nossa Senhora na minha peregrinação a Fátima, a pedido pelas melhoras do meu pai e fiz um andor e ofereci à Nossa Senhora da Tróia, e esse é o que eu carrego agora todos os anos, foi por promessa. Não, eu acho que não era bem rivalidade, eu acho que as pessoas
--	--	---

		entendiam aquilo um pouco mal, porque ninguém é dono da festa, ninguém é dono da Caldeira, portanto, a rivalidade poderia haver, mal-entendidos, eu acredito mais em mal-entendidos, rivalidades não, os pescadores são todos unidos. Acho que sim, penso que sim, tenho quase a certeza que sim. Ai eu acho que eles estão todos bem, pelo menos pelo que me consta e pelo que eu vejo, quando vou lá abaixo, ter com eles, eu penso que não há rivalidades, não, isso é impossível. Ai, eu acredito que sim, porque já não há tantos barcos, como havia antigamente, porque houve muitos barcos para abate e os pescadores muitos já morreram e agora a festa vê-se mais com pessoas que têm os barcos de fibra e por aí a fora e os borracheiros, do que se vê propriamente os barcos dos pescadores. É brutal, eles têm uma fé brutal na Nossa Senhora e com ela vão todos os dias, para o mar na presença dela, de certeza absoluta. As razões, eu não sei, mas eu acho que as comissões são feitas para gerir a festa anual e eu acho quando se escolhe, está bem escolhido e eu acho que esta comissão está a fazer um excelente trabalho. Porque é uma Festa do Mar, é uma festa de pescadores e é uma festa onde os pescadores vão pedir à Nossa Senhora com toda a sua devoção, para que eles durante o ano, sejam acompanhados por ela, por isso é totalmente diferente com os Santos existem em terra.
--	--	---

		Sim tem, tem porque, o Belmiro de Azevedo, pôs as suas regras e algumas, eu concordo plenamente, outras não concordo, como o acampamento ser só os 3 dias, porque nós estávamos acostumados a ir montar as nossas tendas em março e tirávamos elas em outubro e tudo ficava limpo e perfeito, como nós deixávamos, agora estes 3 dias, torna-se mau para nós, que somos devotos de Nossa Senhora há muitos anos. E acho que é muito mau, porque 3 dias, não chega para nós estarmos lá. Sim deveria haver, como tem lá segurança, devia de haver, para que deixassem, pelo menos uma semana, uma semana era o ideal, agora só 3 dias, é muito trabalho, ainda não se acabou de montar, já está tudo a ser desmontado, eu acho que é muito pouco. A importância, não sei bem a importância que poderá ter, cada um tem a sua opinião, mas para mim tem muita importância, porque são as recordações dos meus avós, as recordações dos meus pais e a recordação que nasci ali praticamente e cresci, casei e os meus filhos quase nasceram na Caldeira. Isso para mim tem o máximo de importância. Não sei se o resto da população poderá, mas eu acho que pensa também o mesmo. Poderá ser e poderá não ser, eles não têm aquele sentimento de fé como nós, eu não me considero velha, nem antiga, mas vou-me regendo, pela maneira dos meus avós e já, segui sempre o conselho deles, eu acho que a festa, é para ser vivida, com mesmo, muita devoção e coração
--	--	--

		cheio, e estes miúdos agora não, vão para lá e, às vezes, até fazem aquilo que não devem, porque as pessoas têm tudo, no campismo e eles vão lá, assaltam, estragam e partem, isso não é a festa e, portanto, eu acho que estes mais novos não seguem o caminho da Festa da Tróia. Se eles continuarem assim, talvez a festa até acabe mais rápido. À tem com certeza, tem com certeza, porque cada vez se vê mais pessoas, embora os varinos tenham falecido. Há muita gente nova, que segue os mesmos passos e embora as várias embarcações, já não sejam as mesmas, porque essas, é que tinham valor, porque tinham aquela característica de varinos, continuam a participar e eu acho que eles também gostam muito da festa. Eu acho que dentro da parte cultural existe, basta que nós temos lá a nossa câmara, temos lá a nossa junta de freguesia, as juntas de freguesias, portanto isso a parte cultural tem que existir sempre e juntando a parte cultural, à fé, é relativamente positivo. Tem, sem dúvida que sim, tem contribuído porque agora a União de Freguesias pôs umas casas de banho, uns chuveiros, isso é muito bom, existe muito mais caixotes do lixo e existe muito mais segurança na festa, que estão sempre lá, os autocarros que é uma mais-valia para quem não tem transporte. São certamente uma mais-valia, para a festa, nos próximos anos e esperemos que assim continue. Perdeu-se talvez aquela característica dos varinos antigos, mas
--	--	---

		como eles também não duram para sempre, tem que se levar pelo que a comissão, agora que é a mais nova, rege, mas continuo a dizer que eles estão a fazer um excelente trabalho. Eu não queria acreditar, que assim acontecesse, mas temo um bocadinho que sim. Lá está, o que eu tinha dito há pouco, pelas regras agora, só se entra com credenciais, os barcos também têm que ter uma credencial. Eu acho que a Caldeira, apesar de aquilo ter um dono, eu acho que a Caldeira tinha que ser livre, para toda a gente e as pessoas têm que se saber portar, como deve ser, porque toda a vida se acampou na Caldeira, o meu pai morreu com 75 anos. E o meu pai fez sempre a Caldeira, portanto, eu acho, que não há que se por uns portões, é só o que se falta na Caldeira, é por uns portões, porque de resto, está-se a exigir demais e a população, embora não sejam donos, mas acho que aquilo era um cantinho onde as pessoas poderiam passar as suas férias, em vez de ir para os algarves, ir para o norte, temos uma Caldeira excecional, para passarmos um mês de férias, com regras, continuo a dizer com regra, com segurança ali a olhar por tudo, mas, pelo menos um mês, nós deveríamos ter direito à nossa Caldeira. Eu acho que não há detentores, os detentores pelo menos, eu acho que, para mim é a comissão, porque trabalha muito, para que quando chega a altura da festa. Tudo corra bem e esteja tudo nos seus
--	--	--

		pontos certos, não acho que aquilo tenha donos. Então já disse há pouco. Os chuveiros que não tinha, os autocarros, a segurança que não havia. Acho que é só, depois tem as partes que não são tão positivas, não é. (Joaquim Lopes) Tem, no sentido de, como eu já ainda há bocado frisei, no civismo das pessoas, têm mais civismo, porque antigamente, não tínhamos casas de banho, hoje temos casas de banho, antigamente não tínhamos água, não tínhamos agora vem cá os autotanques, não tínhamos uma geradora para eletricidade para essa gente toda, hoje até metade da praia já há eletricidade, é totalmente diferente, antigamente tínhamos o candeeiro a petróleo, hoje já não, até inclusive há pessoas que trazem televisão para a Tróia, que é o mais engraçado. O que caracteriza é a fé, que têm sobre a Santa e a harmonia entre os pescadores todos, porque aqui, ao longo destes 3 dias, parece que é tudo família. As pessoas estão certas nos mesmos lugares de campismo, convivem uns com outros, durante o ano se calhar nem convivem tanto. Não, eu penso que não, pode é não haver malta para fazer, mas não vai desaparecer. A festa não tem donos, a festa é uma cultura enraizada nos pescadores e não tem patrão. Agora as entidades deviam pôr mão nisto e ajudar mais a festa. O que tem contribuído para essas alterações, acho que é as
--	--	--

		pessoas, que vão mudando os seus hábitos também e que vão passando para os filhos, que é uma festa bonita, que é uma festa de pescadores, uma festa de fé e que devemos de manter, a praia limpa, olha agora metemos isto no saquinho e levamos no nosso baldinho até ali, é essa parte que devemos de transmitir uns para os outros. A caça ao pato, têm jogos tradicionais aí, é o puxar da corda, a corrida dos sacos, a subir o mastro, antigamente, punha-se lá uma nota, às vezes um bacalhau, agora é um envelopezito, também é pouco, mas é uma ajuda e é os barcos engalanados que nunca pode faltar nesta festa. Sim, sou obrigado a concordar um bocadinho com ele, porque antigamente nas Festa da Tróia, os festeiros vinham para cá e a comunidade piscatória vinha também para cá, e pronto não havia baile, não havia gira-discos, não tínhamos corrente elétrica, evidentemente que agora tornou-se melhor, hoje há um baile, em princípio mais jovens, para isso, antigamente também, não havia lavabos espalhados pelos caminhos da Caldeira, veem deste lá da portaria, pelo caminho pedestre, vem por esse caminho, há muitas casas de banho, por onde a malta antigamente ia ao mato, ficava o mato todo sujo, papel por um lado, as fezes por outro lado. Têm-nos apoiado aí nesse aspeto, tanto como em águas, também pelo caminho, antigamente não se tomava banho aqui, ia-se ao lado de lá da Caldeira, onde existia, porque neste momento até está tapado um poço de água salobra, onde íamos tomar banho. Neste momento, a União de
--	--	---

		Freguesias, mete ali uns jerricans, são de alguns 10 mil litros de água ou 5 mil, não sei bem, onde tem os chuveiros, onde a malta toma banho, por isso, isso é uma modificação totalmente diferente para melhor, não é. Agora, pronto, é a Luz elétrica também, que eles têm uma geradora, antigamente não havia gerador quando chegava à noite, apagava-se tudo, acendia-se o candeeiro, fazia-se umas fogueiras na praia, hoje em dia não há fogueiras na praia, muito difícil se vê uma, porque a malta compreende que pode haver um fogo e mete, montes e montes de gente em perigo. Não, não, não, a genuinidade da festa, é uma coisa, porque nós não podemos estar sempre ligados ao século XVIII e ao século XIX, a gente vamos evoluindo conforme os tempos, e a identidade é sempre a mesma, penso eu, porque é uma festa piscatória, eu acho que os pescadores, que nunca vão acabar na nossa vida, eu acho que a comunidade piscatória, pega sempre nisto, que isto é uma festa já não sei bem dizer, mas é mais que centenária se calhar, porque 80 anos morreu o meu falecido pai, já ele era festeiro e já fazia a festa, já havia a festa antes. Porque esta festa até foi implantada por um senhor que já faleceu, que era o João Sacristão, depois teve outras pessoas, aliadas a ele, que levaram isto para a frente, como o meu pai, como outros, como o Domingos Mucharra, o Zé da Gaia pai, por exemplo, havia o Ti Manel Roberto, muitos que agora não me lembro bem, havia o Ti Manel dos Azeites, pronto. Eu acho que esta festa devia era ter mais patrocínios,
--	--	--

		porque é uma festa cara hoje em dia. O fogo sempre foi muito caro, o fogo custa dinheiro. A charanga vem cá, que é a banda para a procissão, e para a charanga que anda aí pela praia a fazer percussão, custa dinheiro, não é. Outras pessoas vêm cá, o som e isso custa dinheiro, isso leva-nos a quem, essas modernidades leva-nos a atrair mais pessoas, eu penso que é isso. Não, não, eu acho que há transparência sobre isso, porque os festeiros contam o dinheiro todos juntos. Eles juntam o dinheiro. Tenho eu essa certeza, que eles juntam o dinheiro e contam o dinheiro todos juntos, e esse dinheiro até é posto em sacos dividido, porque é para saberem o que rendeu, o peditório de Setúbal ou o que rendeu as imagens que venderam, ou as t-shirts que oferecem e que vendem, ou o peditório da rede de cada santo, acho que o peditório da rede, acho que juntam todo, que eu já ouvi uma conversa sobre isso, agora o peditório de Setúbal é totalmente diferente daqui, que é para eles terem uma noção do que é, que andam a fazer, se não soubermos o que andamos a fazer, também não vale a pena andarmos a fazer, porque isso engloba, o peditório de Setúbal, a charanga vai lá, a banda vai lá, é paga, e mal da gente se o peditório não der para pagar, não é, porque apoios financeiros muito poucos. (Lucinda) Desde que sempre exista colaboração, na continuação do que tenham feito até aqui e que a Comissão da Festa seja uma boa
--	--	--

		Comissão, como tem sido, que faz coisas para a festa continuar, julgo que a Festa continua. Porque a Festa, sendo popular e profundamente enraizada na continuidade das gerações, é auto-organizada e auto-suficiente. Esta população tem uma grande força e a força é movimentada pela fé destas pessoas, a fé que está associada ao sacrifício, sacrifício de gentes que foram para o mar, gentes que morreram, gentes que tiveram uma vida difícil e muitas vezes o inconsciente tem muita força. Eu diria, que esta festa é popular, é desta comunidade, é desta comunidade que é tão devota a Nossa Senhora, eu diria que a Festa é deles, porque são eles que convidam as entidades para ir almoçar. São as pessoas que fazem acontecer a festa, são as pessoas devotas da Festa, é a comunidade de Setúbal, somos nós também que estamos aqui que fazemos acontecer a Festa.
Ação do Museu do Trabalho		(Armando) Concordo que o museu desempenha um papel legitimador da Festa. O Museu do Trabalho desenvolve programas e políticas culturais promotoras da aproximação e interação com as comunidades. O Museu do Trabalho desenvolve estratégias, sinergias e ações do museu na sensibilização junto da comunidade, na legitimação deste

		património cultural imaterial. Os resultados é positivos, sempre nos deram apoio, fez-se várias exposições, convívio entre a população oriunda da Murtosa em Setúbal com pessoas da Murtosa, tudo isto deu um avanço e as pessoas também mais afeto á festa. Existe entendimento do Museu com os diversos agentes culturais. Avalio os resultados e ações promovidas de muito bom, está-se a desenvolver para que a festa da Tróia seja inscrita na lista nacional Património Cultural Imaterial. Avalio de bom a articulação do museu com a comunidade de bom, há pouco tempo fizeram uma exposição de fotografias, leva às pessoas a irem ver e cada ver ter mais conhecimento o que é a festa Os representantes da Festa são os membros da comissão que atualmente estão. Acho que esta festa devia ser mais divulgada, a nível, não só da cidade como a nível nacional, tem poderes e tem trabalho para ser divulgado. Eu quando falo com pessoas, eles têm material Há vários filmes sobre a Festa, há um da Ecclesia, há um do
--	--	---

		Museu do Trabalho, a Torralta também mandou fazer e estão de fácil acesso na internet. Estamos a trabalhar nisso (inscrição/registo das Festas na lista nacional do Programa de Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial), já temos muita matéria e penso que até ao final do ano, vamos tentar fazer. Está muito perto, já fizemos a primeira abordagem e agora mandar o resto do processo, o envolvimento da comunidade neste processo foi muito grande. Tudo o que nós precisamos, o museu está sempre de portas abertas. A tarde intercultural "Festas de Marítimos", foi uma tarde muito boa, muito criativa, muito cultural e que as pessoas aderiram. A realização da exposição "Nós Varinos" foi importante, porque ali reuniu-se várias famílias, hoje algumas não estão vivas, já partiram, mas viu-se ali, fez-se uma tarde de convívio, todas as pessoas sentiram-se acarinhadas, sentiram-se a viver o antigamente. Nessa exposição conseguimos encontrar alguns excertos de tradição oral, de alguns varinos, onde eles partilharam as suas histórias de vida.
--	--	---

		(Presidente da Câmara) O nosso Museu do Trabalho, tem sido um museu muito ativo, o museu tem feito um trabalho extraordinário, mas no que diz respeito a esta festividade, o nosso Museu do Trabalho tem tido um dinamismo e dá um protagonismo e uma dignificação às Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, inclusive tem lá funcionários, que já fizeram também mestrados, tal tem sido o estudo e a paixão, com que vivem esta festividade, que os próprios funcionários se apaixonam e tiram também eles mestrados e doutoramentos em relação a estas festividades, e portanto são eles que fazer esta candidatura, são eles que vão preparar esta candidatura. Absolutamente, a festa, aquele é um Museu do Trabalho, a pesca faz parte do setor secundário, da atividade laboral, e, portanto, o estudo da pesca ou desta atividade secundária, o estudo e o cuidado e a proteção desta atividade secundária, é de fato um dos objetivos daquele museu, que é um grande museu, já com classificações internacionais e que faz parte do Museu de Setúbal. (Presidente da JFSS) Bom eles têm alguns programas, eles têm acontecido, nós até temos participado em alguns, têm desenvolvido esse trabalho e ainda bem, porque é das poucas entidades que localmente têm feito esse trabalho, tem contribuído muito para essa agregação entre várias entidades. (O museu desempenha um papel legitimador da festa) Sim, o
--	--	--

		estudo, a academia, se o trabalho for bem feito, tem este papel e isto é fundamental, porque vai buscar fatos, porque vai inter-relacionar fatos históricos e isto permite falar da festa com outra propriedade e permite ter elementos escritos sérios, verdadeiros que permite de fato falar da festa com outra propriedade e isso é legitimador e é fundamental. Tudo isto que aparece escrito legítima, mas a festa em Setúbal tem uma legitimidade inquestionável, e portanto junto da comunidade, junto das nossas comunidades, não se faz grande esforço em tentar legitimar as festas, porque elas já acontecem há muitos anos, estão intimamente ligadas às pessoas, é um elemento emocional muito forte, cultural muito forte, religioso muito forte e portanto as preocupações para quem organiza as festas, quem desenvolve as festas, não é da sua legitimação, porque essa é natural, embora seja sempre importante termos elementos escritos, termos tudo a acontecer, e conclusões a serem retiradas, fatos a serem estudados, isso é extremamente importante para a sua valorização, mas para a sua legitimação aqui em Setúbal não é necessário. (Lucinda Fernandes) O Museu do Trabalho é tutela da Câmara Municipal, logo estamos envolvidos como instituição com a comunidade que adere a esta Festa. Da parte do museu é importante salientar que nos encontramos numa antiga fabrica de conservas transformada em museu e convém relembrar, indo à história, à memória desta cidade que, nos anos 20,
--	--	--

		Setúbal tinha 140 fábricas a laborar, hoje não há nenhuma e quando falamos em 140 fábricas, estamos a ver a movimentação de barcos de pesca, o peixe que entrava nestas fábricas, que era transformado, homens e mulheres que trabalhavam nestas fábricas aqui em Setúbal, portanto existe todo este envolvimento e este capital histórias associadas que está na base do trabalho que desenvolvemos. O que nós fazemos é trabalho de campo, é trabalho de filmagens, entrevistas, publicação de artigos para publicar, recebemos aqui estagiários que depois podemos levar para a festa, temos aqui um colaborador na área de imagem, que é o José Carvalho, que tem acompanhado estas festas. Atualmente temos no Museu uma exposição de José Carvalho com o título Festas do Mar, onde estão representadas fotografias de grande plano da Festa de Nossa Senhora de Tróia do Círio da Arrábida e do Nosso Senhor do Bonfim. Para a população, julgo eu que é gratificante porque, por exemplo, desde que nós anunciámos esta exposição, têm vindo imensas pessoas aqui, porque a festa é importante, e sabemos que só existe património se existem pessoas envolvidas. Património são pessoas, e então, as pessoas retratadas nestas imagens que temos aqui no museu, chamam outras pessoas, Por exemplo, o senhor que no outro dia veio cá, trouxe a Santa de 2019, há uma miniatura representativa da Santa que foi feita para este
--	--	--

		ano, a Santa que este ano é vestida com um manto oferecido, um manto novo, existe uma imagem da santa e o senhor fez questão de vir aqui ao Museu, e mostrar a Santa, ainda fechada numa caixa. Isto para nós, para ele, representa muito, porque também é um orgulho do se querer mostrar a alguém, e esse alguém que o escuta. Eu até dizia: “deixe senhor, isto está tão bem embalado, deixe” e ele: “não, não eu faço questão de mostrar a Santa.” Isto para nós são pequenas coisas que representam muito. O que nós fazemos são pequenos passos e grandes vitórias em relação ao património imaterial das pessoas, portanto esse é o nosso contributo que nós podemos fortalecer, o que é uma glória, digamos assim. Para esta candidatura existe uma ficha e essa ficha obedece a vários critérios e nós temos que seguir esses critérios, só mesmo com a ficha à frente é que eu poderei adiantar alguma coisa. Gostávamos de fazer uma publicação deste material todo que nós temos registado, filmado, testemunhos, grandes passos que nós temos dado, gostávamos de ter uma publicação, mas ainda não temos. A valorização virá dos Patrocínios da Câmara e Internacionais, se existirem, mas a Festa é do povo da beira-rio, dos pescadores e, nisso, é autossuficiente.
--	--	---

		Empoderou é uma palavra muito forte, mas sim, relacionou, tem uma relação próxima, tem uma relação íntima, uma relação de escuta e uma relação de silêncio que consolidou a paixão que estes populares têm pela sua Festa, uma vez que pôs ao lado dela e do lado dela, valorizando-a. Sim, eu julgo que sim, a inscrição, a Festa é popular, mas se não estiver inscrita em qualquer organismo público, portanto fica só por aqui, eu acho que é importante divulgar ao máximo. O que nós, o Museu, poderá falar, é o seguinte, quando fazemos alguma atividade, e fazemos atividades ligadas à indústria conserveira, nós recebemos aqui desde os mais novos aos menos novos crianças e pessoas mais velhas, por causa da nossa exposição da indústria conserveira, e quando falamos da indústria conserveira, vamos buscar a história, a memória, os rituais, as festas, portanto vamos dar de beber aos poucos e agora por exemplo o fato de fazerem a visita ao museu, em relação à indústria conserveira, estão cá as fotografias de Nossa Senhora de Tróia, um pouco também é dar a conhecer a Festa às pessoas que nos visitam. (Rui Costeira) Acho que sim, é importante a candidatura para inscrever as festas como Património Cultural Imaterial, para a preservação
--	--	---

		da festa, ver se aquilo não acaba, é uma pena, é capaz de não acabar. (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Participei, cantei lá o fado “O Xaile da Minha Mãe”, na “Nós Varinos”, participei sim senhora. Muito importante, foi muito importante, deu uma expansão muito grande aos nossos varinos, foi um trabalho muito, muito bem concebido, eu gostei muito, eu e todos os que lá foram, gostámos muito, foi um trabalho muito bem realizado. Acho muito bem, acho muito bem, foi pena a Nossa senhora estar esquecida tantos anos, foi pena a nossa festa estar esquecida tantos anos.
Identificar medidas de salvaguarda da festa		(Armando) O Estado e outras entidades públicas têm-se preocupado em promover a salvaguarda e valorização das tradições da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, quando a Sonae comprou o terreno e instalações, houve um parecer público, em que houve duas pessoas, uma do Museu do trabalho e outra da Câmara Municipal de Setúbal, que perguntaram, se isto ia ser um hotel de charme, como se ia realizar uma festa com mais de 400 anos e tem um decreto-lei (declaração de impacto ambiental) que diz, tudo o que se fizer na Caldeira da Tróia, que tinham que salvaguardar o três dias de acampamento e os três dias da Festa. Neste momento a Câmara tem-nos ajudado através do Museu do

		Trabalho, a Junta de Freguesia de São Sebastião também, a União de Freguesias ainda nunca falámos, agora a Direção Regional de Cultura isso não. Não sei se, eles também pronto, a Festa, eles só se preocupam na altura da festa, depois a partir tudo fica mais calmo. Sim, olha às vezes, há escolas e miúdos que me veem pedir trabalhos, fotografias, fazerem trabalhos sobre a Festa da Tróia, perguntar sobre isto ou aquilo da festa, o porquê disto ou o porquê daquilo, acho que é positivo os miúdos estarem também sensibilizados neste aspeto. A Comissão tem trabalhado, temos divulgado, divulgamos a Festa, cada vez fazemos mais para que a Festa, as pessoas venham à Festa, se sintam-se vontade e em condições de segurança, é isso que nos preocupa e que nós trabalhamos. (para a salvaguarda da Festa) (quem liderou e quem participou no processo de candidatura a PCI) fui eu, foi a Maria Miguel, foi o Pedro Felício (que é professor no politécnico), a Lucinda, somos estes quatro que estamos a tratar disso. Não houve mais entidades públicas ou privadas que tenham
--	--	--

		desenvolvido ações de salvaguarda. Não conheço cidadãos que a título individual ou coletivamente organizados nalgum tipo de movimento ou associação tenham desenvolvido algumas ações (preservar, defender e valorizar o património cultural imaterial). As ações das entidades estão estrategicamente articuladas. Não estou a par de que recursos estratégicos de registo/inventariação do PCI, não conheço. Não recebi alguma formação no que respeita às manifestações do PCI, recursos e estratégias de salvaguarda e valorização do PCI. Não conheço a plataforma online de Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. Não conheço o Kit de Recolha de Património Imaterial da DGPC. (salvaguarda da Festa enquanto Património Cultural Imaterial) Pronto, isso também é um passo muito importante para a Festa, nós
--	--	---

		sermos reconhecidos, vai fazer com que a Festa tenha também um bocadinho de peso, um bocadinho de respeito pelas autoridades e mesmo pelo dono do terreno. (Declaração de Impacte Ambiental acerca da Ocupação Turística da UNOP4 de Tróia, data de 26 de fevereiro de 2009 e a decisão é “favorável condicionada”) Sim, isso dá-nos outro desafio, outra maneira de falar com os donos do terreno, está aqui este parecer do Ministério do Ambiente, tudo o que se vai fazer aqui temos que salvaguardar o espaço para vocês e o acampamento e os dias da Festa. Sim, considero que foram feitas todas as ações para que esses resultados sejam positivos. (Padre Casimiro) Hoje não, mas é claro que há sempre forças, não é, que a vão querer prender, mas hoje não acredito que haja perigo de desaparecer, pelo menos num futuro próximo. O Estado não tem intervenção, pelo menos intervenção grande, não tem. Os municípios de Setúbal, Grândola, ajudam a festa e ajudam à sua dinamização e promoção. Se por Estado, a gente tem os organismos públicos, claro que há muitos organismos que têm que entrar, como o
--	--	--

		Porto de Setúbal e por aí fora. E depois há entidades privadas, porque Tróia e a própria capela está inserida num contexto privado e, portanto, há entidades privadas que têm também que entrar e claro que essas forças às vezes nem sempre são fáceis de gerir, vamos conseguindo. O museu e por isso mesmo a Câmara Municipal obviamente também está inserida, preocupa-se em estudar e em saber, agora está uma exposição também a acontecer acerca das festas mais tradicionais aqui da cidade, portanto a Câmara vai fazendo esse papel, mas é também a entidade que aqui está mais próxima. As direções gerais da cultura e do património, não sei se é propriamente um papel deles e uma função deles, gerir isto e dinamizar isto, dado que é de fato uma festa com tradições muito particulares e de fato com um cunho muito popular. Não é propriamente uma festa de dimensão nacional, ela é regional, ainda que possa atrair e possa ter importância nacional, por isso mesmo, penso que o dinamizador principal obviamente será a igreja porque é nesse contexto que ela surge e o parceiro natural serão as câmaras municipais das terras, porque são aquelas que lidam com esse povo, com esses devotos mais particulares. Não é propriamente uma intervenção forte, pois, mas acredito na
--	--	--

		medida que falam ou que possa haver estudos acerca desta ou daquela matéria, pois que isso se fale, mas não é propriamente uma intervenção de salvaguarda objetiva, pelo menos que eu saiba. A Comissão de Festa todos os anos fala e trabalha nela, essa é a maior salvaguarda, não é, isto leva muito trabalho e muitos meses de preparação e, portanto, só isso já é trabalho hercúleo. A paróquia apoia nas suas limitações tudo aquilo que é a festa e para a sua concretização, as pessoas, dinamizar, ajudar a comissão também a chegar lá e tudo o que está ao nosso alcance, porque afinal de contas, ainda que não seja uma festa paroquial, tem um cunho paroquial. Que eu saiba isso não foi feito, não sei, desconheço. Desconheço. Não, estão articuladas e há diversas reuniões para unir todos estes intervenientes na preparação das festas. Faço parte da comissão diocesana de arte sacra, portanto naturalmente estou envolvido com essas coisas todas, mas isso ligado à
--	--	--

		festa. Quer dizer as alfaias, a imagem, as coroas, etc, isto estão inventariadas porque estão inventariados pela paróquia, naquilo que é o inventário paroquial. Mas de resto a festa enquanto festa e essa inventariação nacional, penso que não existe e não sei se alguma vez foram tomadas medidas para isso. Conheço a plataforma online de Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. Não avalio, os resultados das medidas de salvaguarda da Festa enquanto Património Cultural Imaterial. (Presidente da Câmara) São as possíveis, não é, e portanto se são as mais adequadas ou não, é difícil de dizer, mesmo as entidades, o que ajudam, é o que podem ajudar, quer em função dos meios que têm, logísticos ou financeiros, quer em função de um território que não é público, exatamente porque não é público, portanto nós não podemos fazer umas casas de banho definitivas porque o território, não é da Câmara, não é da comissão de Festas, e tem proprietário, não é, e tem dono, nem o melhoramento do palácio, não pode, tem dono. A preservação de uma cultura que já tem séculos, eu acho, do
--	--	---

		ponto de vista cultural, manter uma tradição destas, é obra, é muito trabalho dos pescadores, das comissões de festas que tiveram sempre por base, os pescadores, eu acho que é extremamente importante para a memória coletiva. Os pescadores, acho que são os pescadores, mesmo que seja patrocinada pela igreja, sem pescadores não há aquela festa. Eu não conheço bem o passado da festa, conheço desde que aqui estou, quase há 19 anos, que eu acho que se perdi uma vez ou duas, foi porque não estava cá ou estava de férias, não sei, mas acho que nunca, 90% destes 19 anos, eu estive lá, mas, eu acho que nunca se alterou nada, há 19 exatamente os mesmos a serem objetivos, a mesma perseverança, a mesma fé, o mesmo querer, o mesmo agradecimento, eu acho que não, agora os mais antigos, as pessoas que vão há mais anos, é que podem responder a essa pergunta. Se corre o perigo de desaparecer, se não houver envolvimento das entidades oficiais, que hoje ajudam muito o aparecimento da festa, a igreja sozinha, os pescadores sozinhos, não conseguem fazer a festa. Nem pensar, nem o estado, nem as Festas de Nossa Senhora do
--	--	--

		Rosário de Tróia, nem outras festas, nunca vi o estado central, seja com que governo fosse, a ter, por exemplo um departamento no ministério da cultura, quando existe, neste governo existe o ministério da cultura, mas houve governos que nem sequer ministério tinham, tinham ali uma secretaria de estado, quando um governo trata assim a cultura do seu país, não é um governo que serve os interesses culturais desse país, porque eu ainda não vi, nenhum governo a dizer, há aqui um departamento do ministério da cultura, que tem que a ver com tradições, que tem que apoiar as tradições, como é que se apoiam as tradições, como é que se mantêm as tradições, porque essas tradições, essas festividades, que são tradições e que algumas delas são centenárias como é este caso, há outras que não são, mas como é este caso, fazem parte da história de Portugal, como é que um governo, um ministério, não imagina preservar a história de Portugal e quem tem que preservar a história de Portugal, é isoladamente, os seus protagonistas, os seus promotores, neste caso são paróquias, associações da festa, apoiados pelas autarquias e outras entidades, como é o caso da Capitania, da APSS ou de empresas privadas como é o caso da Sonae e portanto que ministério é este, que ministério da cultura, deste ou de outros governos e como disse, este governo ainda tem o ministério da cultura, porque outros governos existiram que nem ministério da cultura tinham, é a mesma coisa dizer, que um ministério da cultura, que não tem respeito pelo movimento
--	--	---

		associativo, não é, que promove a cultura e o desporto deste país, deixa muito a desejar. Quando se preservam tradições, está-se a preservar a identidade, está-se a preservar a cultura e a identidade, está-se a preservar a memória, sobretudo a memória, não é, para que as nossas gerações vindouras saibam efetivamente, o que é que aconteceu aqui, saibam a história, quando se preserva a memória e a cultura, dá a história. Eu acho que sim, isso dá garantias da continuidade da festa, não é, e, portanto, quem fez a declaração de impacto ambiental e quem fez o estudo, quem deu parecer, teve inteligentemente esse cuidado de preservar a continuidade dessa tradição. (Presidente da Junta) Julgo que sim, hoje está toda a gente muito focalizada, as entidades quer do ponto de vista da relação, quer no âmbito da sua instituição, as melhores decisões para que a festa seja de fato devidamente preservada, julgo que hoje estamos no caminho certo relativamente a essa matéria. Eu acho que temos de fato como disse há pouco, um conjunto de entidades preocupadas com a boa organização da festa, mas julgo que é
--	--	---

		um apoio maior por parte do Estado, das autarquias felizmente vai tendo, mas por parte do estado central merecia um maior, tendo em conta a importância que tem para Setúbal, para o país, e ela decorria não tenho dúvidas com maior serenidade, se pudesse ter outros apoios por parte do estado como merece, de fato, mas podia ser maior desse ponto de vista A Direção Regional da Cultura, eu não sei, eles não estão nesta mesa-redonda connosco, infelizmente e julgo que até posso estar aqui a cometer uma injustiça, não terão praticamente ligação com a festa, não seja das questões da legalidade e destas coisas, qualquer das formas todas as outras entidades felizmente têm dado o apoio que a festa tem precisado para que exista e para subsista, eu acho que deva continuar. Por parte do Estado central e por parte da Direção Regional de Cultura, é que eu acho que de fato deveria haver outro apoio, uma outra proximidade, até para conhecerem o valor que esta festa tem e decerto se conhecessem apoiariam de outra forma. Nós temos todos que fazer um esforço significativo para protegermos aquilo que é a nossa identidade e aquilo que são os aspetos essenciais da nossa cultura, se não, deixamos de saber quem somos e portanto eu acho que todas as pessoas que têm o mínimo de consciência que estão à frente destas entidades e que têm essa responsabilidade,
--	--	---

		acabam por enfim uns mais outros menos, mas diligenciar no sentido da valorização destes aspetos que são fundamentais para a nossa cultura e para a nossa identidade, e isso tem estado mais ou menos a acontecer, as estratégias são diferenciadas de entidade para entidade, mas eu julgo que hoje cada vez mais há uma maior consciência da importância da valorização deste nosso património. Sim em boa medida, pelo envolvimento dos mais novos, pela quantidade que participa tanto lá na zona da Caldeira como aqui, o sentimento é de uma identificação muito grande com a festa e, portanto, eu acho desse ponto de vista está assegurado a continuidade. Acho que sim, também da necessidade de se pensar o evento, quando sentamos à mesa e quando começamos a escrever, quando começamos a descrever, quando começamos a fazer ligações e pontes, pensar um pouco e não agir como autómatos, ajuda muito a compreender melhor, a explicar melhor, a trazer mais gente ao evento, mais instituições, tenho a certeza absoluta que sim, promove o respeito pela diversidade cultural e criatividade humana, são dois elementos absolutamente essenciais. Alguns trabalhos que são desenvolvidos e que nós até temos
--	--	--

		conhecimento deles, o problema é que a menor ligação com as instituições de ensino tem a ver com altura em que a festa se realiza e portanto uma altura que todos os estabelecimentos de ensino estão encerrados para férias, e portanto a questão de levar gente a ver das escolas, nós por exemplo levamos todos os anos, a nossa colónia de férias a assistir às festas e os miúdos vêm encantados com aquilo, não tenho dúvidas que isso aconteceria o mesmo com as escolas, só que o problema é que elas estão de férias, portanto essa ligação é muito menor, o que acontece é um ou outro estudo que é feito, que ajudarão com certeza, todos os estudos que se fizerem sobre a festa ajudarão com certeza a uma maior implantação. (2º e 3º ciclos das escolas do município têm desenvolvido ações com o Kit de Recolha de material) Não sei, acredito que si. Eles de fato são um elemento central na organização da festa, não abdicam disso, ainda bem, eles são acérrimos defensores da festa, mas têm a capacidade, que é uma capacidade essencial, que é, não abdicando dessa sua responsabilidade que assumiram como sua, de sentar todos à mesma mesa e tirar o melhor de cada uma das instituições para a organização da festa, têm tido essa mestria, na organização da festa, e, portanto, têm sido um elemento central, nessa valorização.
--	--	---

		A paróquia aqui, não organizando diretamente as festas, é a paróquia que mais diretamente está envolvida nas festas, e também tem uma relação, muito próxima, sem a paróquia não fazia sentido nada disto e eu acho que todos os párocos que têm cá passado, entendem muito bem a comunidade, entendem muito bem os objetivos da comissão de festas e têm uma relação muito próxima, e que valoriza muito as festas, porque é preciso as necessárias adaptações, áquilo que são as tradições da igreja, e os usos e costumes a esta festa que é uma festa muito particular, uma missa com um altar muito particular, um conjunto de questões que se desenvolve, que a igreja tem sabido interpretar muito bem, compreender muito bem e ajudar a desenvolver também muito bem. O Politécnico de Setúbal, relativamente às festas, de facto, tirando uma ou outra pessoa que faz um estudo sobre as festas, nós não temos conhecimento de uma ligação direta. Eu julgo que essa tentativa já ocorreu, não sei em que pé é que está, confesso que não sei como está o processo, mas sim, essa tentativa até recentemente ocorreu, não sei o desfecho. Quem liderou e participou no processo, julgo que foi a Comissão de
--	--	---

		Festas e a Câmara Municipal de Setúbal. Sim, há cidadãos que têm contribuído individualmente, porque é gente que pode e gente que se interessa muito pela aquilo que são estes aspetos essenciais da nossa cultura, alguns setubalenses, que têm contribuído para a festa, quer financeiramente, quer abrindo algumas portas de algumas entidades, mas têm feito ações espúrias, individuais, que têm ajudado à implantação da festa, felizmente tem acontecido com alguma regularidade. Neste momento estão estrategicamente articuladas. (MatrizPCI) Diretamente não conheço. Falo sobre isso, mas que tenha utilizado e que conheça não. Não recebeu formação (PCI) Não conheço a plataforma on-line PCI. Kit de recolha PCI-DGPC, não conheço, embora já tenha falado sobre isso com algumas escolas.
--	--	--

		Os resultados, maior visibilidade da festa, maior segurança quanto ao futuro da festa, mais apoios, mais gente a poder no fundo colher aquilo que a festa tem de melhor, mais gente a ver, mais gente a participar e no fundo a preservação do elemento cultural incontornável da nossa cidade, a garantia dessa preservação. (Lucinda Fernandes) Os trabalhos que eu conheço, há este trabalho da Marta e do Ricardo, que nós temos aqui, que se chama “Varinos, nós?”, há o trabalho da Purificação, há o trabalho da Graça Andrade, há o trabalho “Urzes e Camarinhas” de Jaime Pinho, há o meu artigo em coautoria “Muitos fios tecem a imaterialidade de um Ritual”, há o trabalho da Maria Miguel que é uma tese, há um filme da Festa, há o registo de fotografias aqui no museu também de uma das festa de há alguns anos, há o trabalho de fotografia do José Carvalho e agora vai sair um grande livro do Nuno Guerreiro que eu faço questão de ler. Eu só poderei falar pelo Museu, pela Câmara Municipal de Setúbal, nestes anos que eu trabalho aqui em Setúbal, há 20 anos, nesta área, sim, nos últimos anos sim. Posso falar é do Museu, como registamos esta Festa, desde imagem, vídeo, fotografia, testemunhos, escrita, portanto receber aqui as pessoas desta comunidade e tudo isto porque nós estamos numa antiga fábrica, estamos neste rio que dá peixe, estamos
--	--	--

		neste conjunto, é isso que nós temos que dar e contribuir. Os pescadores e a comunidade sim, agora as entidades não consigo responder. O Museu sim, tem lá estado, pequenas coisas que faz, marca sempre a ligação e o envolvimento com esta Festa, apoiando a preservação e identidade da festa. Estamos hoje na era das novas tecnologias, claro, depois qualquer investigador poderá pegar no trabalho que está feito e incidir num foco. Entre a comunidade sim, o que é que nós estamos a fazer, estamos a tentar com o nosso porta-voz direto que é o Sr. Armando, e que tem uma ligação à comunidade, porque é o Mordomo da Festa, já há muitos anos, e então vamos tentando, procurar os mais velhos, procurar as pessoas que são pontos-chave da festa, como a D^a. Lurdes, como as senhoras que fazem o enfeite dos andores, outras pessoas fazem uma caldeirada, vamos tentar pegar nestes pontos, explorando o potencial do conhecimento destas pessoas, guardando, gravando, porque um dia desaparecem e nós ficamos com muita pena. Por exemplo temos aqui uma grande fotografia do Senhor que fazia as caldeiradas, que já morreu, e o Museu este ano fez uma fotografia em homenagem ao Senhor e porque esse Senhor também já nos deixou aqui o segredo da caldeirada, dizendo que o segredo da caldeirada é a água do mar, portanto não é outra água, é a água do mar que dá sabor à caldeirada, são pequenas
--	--	--

		coisas, mas que tem grande valor para o coletivo. Não sei, mas Nuno, futuramente poderíamos fazer aqui em conjunto, esse Kit de Recolha de Património Imaterial aqui no Museu, a ver se há jovens que queiram pegar, dar de beber, pequenas coisas para que eles sintam, quem sabe se nós não fazemos aqui algo, resgatando histórias e memórias. Mas é assim, para nós, Museu, é uma festa fundamental, foi através do Sr. Armando e da Comissão de Festas que nós temos participado, existe aqui mesmo uma boa e forte ligação com o Sr. Armando, que implica as pessoas nestes patrimónios e que faz com que nós tenhamos esta visibilidade mostrando o nosso trabalho com as comunidades também. Eles, qualquer coisa que haja, vão ao Museu do Trabalho, é uma segunda, terceira ou quarta dependência da Festa de Tróia. (Rui Costeira) Acho que eles deviam dar mais valor áquilo, deviam dar mais valor, está bem que eles ajudam, a Sapec, a Secil, Tróia, Grândola, ajuda, mas deviam haver mais iniciativas, aquilo é uma grande despesa, aquilo é muito caro, a gente sabe que é muito caro, aquilo que consta, (...) que ele conta, diz ele que aquilo não tem lucro, diz ele, o fogo é caro, a música é caro, tudo é caro, e não aquele dinheiro que dá os pescadores, 10€ como aqueles indivíduos, que vão ajudar aquilo, se não
--	--	---

		for a Secil e a Sapec, a ajudar, Grândola, a Câmara. Pelo menos eles têm estado sempre lá, a acompanhar aquilo tudo, que eu vejo sempre lá, o Comandante, a Meira, o Canas, eles têm acompanhado sempre, sempre, ainda bem. (Exposição “Varinos, nós?”) Por acaso não soube, onde isso está, nunca soube isso, nunca tive conhecimento. É como eu te digo, acho que sim, a malta tem que jogar a mão áquilo, aquilo é uma pena acabar, aquilo é uma pena, com tantos anos, o meu era miúdo e já ia para lá, como te digo é uma pena acabar, é uma pena. É como eu te digo, eles dizem que aquilo dá muito trabalho e dá, aquilo dá muito, portanto eles pedem ajudas, está sempre malta a ajudar, é o que eu digo, dá muito trabalho, há muita malta que só aparece lá, quando a festa está pronta, ninguém ajuda. Também acompanham, o padre é de S. Sebastião, o padre não é de lá, era o Teixeira, deus o tem, ainda me lembro do Teixeira, grande homem. Só conheço aquelas, que eles dizem, que é a Câmara de Grândola, Câmara de Setúbal, a União de Freguesias, Junta de São Sebastião, se há mais alguém, que eu saiba não sei. Acho que elas são unidas, não vejo nada elas fugirem uma para cada lado.
--	--	--

		A Sonae Turismo, queres que eu te diga, mas devia ajudar mais a iniciativa, deixar os pescadores ficar lá mais uns dias, as nossas férias é aquilo. Tem bom sucesso, ela tem bom sucesso, eles fazem para isso, eles têm feito muito para isso. A respeito disso está melhor, antigamente o que era, também havia coisas boas, a corrida de bateiras, também havia, o meu pai e o Borrás, o João Borrás eram sempre os dois, era sempre as baterias, a corridas das velas, fazia-se tanta coisa, está bem que agora é muito melhor, não é, mas antigamente também fazia-se muita, agora faz-se melhor, não é, temos luz, antigamente era à gambiarra, não havia tendas, as velas é que faziam de tenda, metia uma manta, um quadrado com vara e fazia as mantas em volta, ou dormia na areia, fazia uma cova e metia uma manta, agora está melhor tem tenda, tem colchões, não se compara. Deviam ser mais patrocinadores, são poucos, se houvesse mais patrocinadores, a festa se calhar talvez fosse melhor, melhor fogo, melhor música, melhores jogos lá na praia, mais divertimentos na praia, quanto mais houver patrocinadores melhor é a festa. (João Martins) Por aquilo que eu tenho ouvido sim, a Câmara Municipal de Setúbal, entre outras, mas poíamos ter um bocadinho de pessoas a ajudar a gente. Muito, é por isso que eu estou a dizer, quando o Armando sair
--	--	---

		daqui a festa acaba, o David já saiu, já entrou, pessoas que já morreram, o Zé da Gaia, não me convidam, não me dizem, mas se eu tiver possibilidade, também venho ajudar. Privadas muitas, dão prémios para a gente dar assim às pessoas, às crianças, os prémios dos barcos, coisas que eles fizeram o ano passado e que não deviam ter feito, deram o lugar aos barcos e depois não entregaram os prémios aqui, uma coisa que está mal feita, entregaram lá em Setúbal, a festa é aqui, os barcos que ganham prémios, é aqui que se dá, para toda a gente ver, aqui é que devia ser feito o sorteio das coisas, não têm que dar a barcos de pesca desportiva, arranjam para os barcos de pesca, que vêm cá carregar os santos e vimos cá todos os anos, não se faz pelas costas, o Armando veio me dar o saquinho, mas deem aqui à frente para as pessoas verem. Para mim cada um para seu lado, deviam de dar um conforto para os barcos. Eu acho que sim, cada uma faz para seu canto, deviam estar mais juntas, umas com as outras. Não, o tradicional sim, a gente arranjávamos quatro varas, cinco varas e fazíamos uma tenda para a gente dormirmos todos. As transformações sociais têm alterado um pouco a festa, mesmo nós próprios somos os próprios a alterar, isto era uma coisinha por cima só, não tínhamos nada, era dias inteiros dentro de água salgada, banho
--	--	--

		upa, upa, temos água que nunca tivemos, íamos ao poço buscar um baldinho de água. Para mim é insucesso. Eles num certo ponto têm muita razão, os lixos que deixam, abandona-se um acampamento, eu acho que a Comissão de Festas devia de fazer assim, com as autoridades, o acampamento dele é aqui, o nome fica aqui, da pessoa que fica à frente do campismo, vão-se embora, deixam sujo, uma cartinha a casa com uma multa, quer apostar que os lixos da praia acabavam. (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Não sei, se seria interessante, eu acho que as coisas quanto mais abrangência tem, mais complicadas ficam, acho eu, não sei, mas, quem sou eu, para saber se realmente seria mais valorizado ou não, essa união aí. Eu acho que sim, porque tudo quanto foi visto, é positivo e de que maneira. (David Lopes) Fazem eventos, fazem exposições sobre a Festa da Tróia, fazem, desenvolve o trabalho que a gente faz a nível de exposições e filmes, que também há, desenvolvem um bocado de cultura sobre a Festa da Tróia, este material vai servir para a proteção e para a valorização da festa como património cultural imaterial, no Dia do Pescador, também é representado pela União Juntas Freguesias, que são eles que patrocinam o Dia do Pescador e também onde estamos
--	--	--

		representados pela Festa da Tróia. (Madalena Lopes) Não absolutamente, porque se tivessem aquele Palácio já estava restaurada há muito tempo. Nem que fizessem para os estrangeiros, para alugar, para férias, escusávamos ter que atravessar a caldeira, irmos a Tróia ao supermercado, já precisávamos ali de cafezinho, de um supermercado e por cima, fazer as instalações de aluguer para férias, nem que fosse para uma pousada da Juventude, mas aquele Palácio nunca se deveria ter deixado morrer. Eu penso que eles também não podem fazer mais, porque aquilo está no outro lado, está na outra banda, e acho que eles não poderão fazer muito mais, mas se todos eles em conjunto, apelassem para aquilo não morrer, e já agora, eu faço esse apelo, que peçam, a quem é responsável por aquela zona, que diz que comprou, que é dono, olhem por aquele Palácio deveria ser todo restaurado, porque a capela está impecável, e pensem mais um bocadinho nos setubalenses, nos setubalenses e não só, no pessoal Grândola, da Comporta, porque eles também merecem participar na festa, e usufruir daquele espaço, que eu acho que é um espaço, que é de todos. É pá, eu acho que eles também já não conseguem fazer mais nada, acho que eles, já conseguiram fazer tudo o que tinham para fazer e já apelaram, a quem tinham que apelar, se não são ouvidos, temos muita pena, mas deveriam ser, porque não é só as ruínas, que são importantes
--	--	---

		para os turistas. A Câmara Municipal de Setúbal, eu acho que eles também, não adianta muito, porque, teria que ter uma parceria com a Câmara de Grândola. Eu acho que a Câmara de Grândola, se tivesse vontade já tinha-se unido, só eles próprios já tinham feito alguma coisa por aquilo, já que eles também pertencem ali. Isso, eu não sei, não estou bem dentro desse assunto, mas gostaria mesmo que alguém se interessar-se mais por aquilo, não deixar morrer aquele espaço, que é lindíssimo e que faz tanta gente feliz, não só nestes 3 dias, mas deveria ser por mais uns diazinhos. É pá, talvez sim, talvez não, não sei, acho que, existe um bocadinho de falta de vontade, porque se houvesse vontade, as coisas já tinham sido mais adiantadas, eu acho que a festa termina na segunda-feira e parou, fica no esquecimento. Pronto, lá temos que bater na mesma tecla. Eu acho que todos em conjunto, se deviam de juntar, juntas, câmaras e falar com quem de direito, para que, conseguíssemos que aquele espaço fosse renovado, na totalidade e desse mais mais-valia, nem que fosse acrescentar ali uns bangalós que também era muito bonito, fazer daquele espaço, um espaço de campismo, onde as pessoas pudessem pagar e seguir as regras que eles impusessem, porque mesmo a pagar as pessoas vão. Eu acho que a paróquia de S. Sebastião está sempre lá todos os
--	--	--

		anos e não sei a maneira como contribui, só a comissão é que poderá dizer, gosto muito de ver o coro da paróquia de S. Sebastião, lá no dia festa, acho que contribui, não monetariamente, mas com o apoio logístico, da melhor maneira e da melhor forma. (Joaquim Lopes) O Estado não, o Estado não quer saber disso, o Estado até tem tendência a querer acabar com isto, porque devido à Sonae, Belmiros e isso, querem fazer aqui na Caldeira, grandes resorts, portanto o Estado não se preocupa com o pequeno pescador, nem com ninguém. Agora, a entidade pública como as Juntas de freguesia de São Sebastião, da Anunciada, as de Setúbal, com a sua edil, a presidente, Maria das Dores, da Câmara, preocupa-se, tem-se preocupado bastante, o Centro Comunitário de São Sebastião, também, tem ajudado bastante, não quer dizer que seja monetariamente, mas noutras coisas, só a ajuda já é muito bom. A Junta tem ajudado bastante e o Museu do Trabalho também ajudado, monetariamente não, sobre a cultura escrevem muito, sobre a história daqui da Festa da Tróia, por acaso estão lá três jovens impecáveis, que costumam até fazer o historial sobre a Festa da Tróia, que é a Maria Miguel, a Raquel e a Lucinda. Eu, até por acaso já fui entrevistado por elas também, onde eu gostei muito delas e sou muito amigo delas e vejo que elas têm interesse nesta festa. A Comissão de Festas tem feito tudo, por tudo para nunca tentar
--	--	---

		acabar esta festa e salvaguardar esta festa, sempre em comunicação com pescadores, com as entidades públicas, tem feito sempre o máximo possível para esta festa estar sempre ao rubro. A paróquia faz muito aqui pela festa, em todos os sentidos, como divulgação, a nível da eucaristia, transmitir a fé que há na Santa, na padroeira dos pescadores e sucessivamente, cada qual no seu bocadinho. A nossa Câmara Municipal de Setúbal tem contribuído bastante até, dá-nos muita coisa, monetariamente, pouco, porque tem que chegar a todos, a Câmara de Grândola também nos ajuda em vertas coisas, em apoio de camiões para trazer transporte de coisas, em muita coisa, tem ajudado bastante até. Não, não, estão todas articuladas entre si, quando chega a esse ponto, da realização de reuniões para a festa eles estão unidos. Não, não tem tido. É a continuação das pessoas a terem mais civismo ainda, com o que têm tido agora, e sobre a investigação do Museu do Trabalho, divulgação que também é muito bom.
Perfil dos sujeitos das entrevistas	Idade	(Presidente da Comissão de Festas de Tróia) 62 Anos (Padre Casimiro) 41 Anos (Presidente da CMS) 62 Anos (Presidente da JFSS) 42 Anos

		(Lucinda Fernandes) 55 Anos (Rui Costeira) 64 Anos (João Martins) 46 Anos (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) 71 Anos (David Lopes) – 68 Anos (Madalena Lopes) - 58 Anos (Joaquim Lopes) – 61 Anos
	Naturalidade	(Presidente da Comissão de Festas de Tróia) Nasceu no Bairro das Fontainhas em Setúbal (Padre Casimiro) Garachico, Câmara de Lobos, Madeira (Presidente da CMS) Lisboa (Presidente da JFSS) São Sebastião da Pedreira, Lisboa (Lucinda Fernandes) Origem: Goesa Nascimento: Beira, Moçambique Nacionalidade: Portuguesa (Rui Costeira) Setúbal (João Martins) Setúbal (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Setúbal (David Lopes) Fontainhas – Setúbal (Madalena Lopes) Setúbal (Joaquim Lopes) Setúbal
	Cidade onde vive atualmente	(Presidente da Comissão de Festas de Tróia) Bairro da Bela Vista

		em Setúbal (Padre Casimiro) Setúbal (por força do direito canónico somos obrigados a morar onde trabalhamos) (Presidente da CMS) Freguesia da Anunciada, União das Freguesias de Setúbal, na Avenida Luísa Todi (Presidente da JFSS) Bairro Vale Ana Gomes – Junta de Freguesia de S Sebastião (Lucinda Fernandes) Barreiro (Rui Costeira) Avenida Infante D. Henrique em Setúbal (João Martins) Faralhão – Setúbal (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Rua Coronel Guilherme de Portugal, Bairro Santos Nicolau em Setúbal (David Lopes) Setúbal (Madalena Lopes) Bairro Afonso Costa, antigo Bairro Carmona – Setúbal (Joaquim Lopes) Bairro das Fontainhas
	Escolaridade	(Presidente da Comissão de Festas de Tróia) 12º Ano (Padre Casimiro) Estudos em Expressão Dramática, com estágio pelo Instituto de Arte Dramática, Licenciatura em Teologia, pela Universidade Católica Portuguesa, Curso de História das Expressões e Técnicas da Arte, pelo Instituto de Artes e Ofícios, Mestrado em História da Arte, pela Universidade de Navarra

		(Presidente da CMS) Licenciada em Direito e Pós-graduada em Direito da Propriedade Industrial (Presidente da JFSS) Licenciado em ensino de Física e Química pela Universidade de Évora (Lucinda Fernandes) Licenciada em Antropologia e Mestrado em Património Histórico pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Rui Costeira) 4ª Classe (João Martins) 2º Ano – FORPESCAS (David Lopes) 5º Ano (Madalena Lopes) 9º Ano (Joaquim Lopes) 7º Ano
	Estado civil	(Presidente da Comissão de Festas de Tróia) Casado (Presidente da CMS) Divorciada, vivo em união de fato (Presidente da JFSS) Casado (Lucinda Fernandes) Casada (Rui Costeira) Casado (João Martins) Casado (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Casada (David Lopes) Casado (Madalena Lopes) Casada (Joaquim Lopes) Viúvo

	Quantidade de Filhos/as	(Presidente da Comissão de Festas de Tróia) 2 filhas (Presidente da CMS) 1 filho (Presidente da JFSS) 3 filhos (Lucinda Fernandes) Não tem filhos (Rui Costeira) 2 filhas (João Martins) 2 filhas (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) 2 filhos (David Lopes) 2 filhos - 1 rapaz e 1 rapariga (Madalena Lopes) 2 filhos - 1 rapaz e 1 rapariga (Joaquim Lopes) 3 filhos – 1 rapaz e 2 raparigas
	Origem dos familiares	(Presidente da Comissão de Festas de Tróia) Pais oriundos da Murtosa (vieram com 3 anos para Setúbal) (Padre Casimiro) Avós ligados ao mar (avô era pescador) (Lucinda Fernandes) Goa (Rui Costeira) Avôs vieram da Murtosa (João Martins) Santa Catarina (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Avós oriundos da Murtosa (David Lopes) Mãe nasceu em França, mas foi criada na Murtosa e o meu pai nasceu em Setúbal, onde casaram mais tarde e para onde ela veio morar. (Madalena Lopes) Os avós vieram da Murtosa.

		(Joaquim Lopes) Mãe nasceu em França, mas foi criada na Murtosa e o meu pai nasceu em Setúbal
	Bairro em que viveram os pais	(Presidente da Comissão de Festas de Tróia) Bairro das Fontainhas (Presidente da JFSS) Bairro Fonte do Lavra (Rui Costeira) Quatro Caminhos, Bairro Afonso Costa e Bairro Santos Nicolau (João Martins) Viveram muito tempo em Santa Catarina (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Pai vivia em Troino (na Rua Direita) e a mãe vivia no Bairro Santos Nicolau (até foi um bocado de rivalidade o namoro dos meus pais, ninguém se casava com ninguém que pertencesse ao Bairro Santos Nicolau e que fosse casar com pessoas de Troino (David Lopes) Viveram sempre no Bairro das Fontainhas desde que casaram, em 75 ainda estavam, depois passaram para a Rua Camilo Castelo Branco, onde compraram um andar, mas tinham a taberna das Fontainhas. (Madalena Lopes) Bairro Santos Nicolau (Joaquim Lopes) Bairro das Fontainhas
	Principal atividade laboral/trabalho atualmente	(Presidente da Comissão de Festas de Tróia) Reformado (Padre Casimiro) Padre Diocesano (Diocese de Setúbal), Pároco São Sebastião e de Quasi-Pároco Coração de Maria, Reitor Reitoria de

		Nossa Senhora da Boa Hora, Setúbal; Membro do Colégio de Consultores; Presidente da Comissão Diocesana de Arte Sacra. (Presidente da CMS) Advogada e estou Presidente de Câmara (Presidente da JFSS) Professor de Física e Química (Lucinda Fernandes) Responsável pelo Museu do Trabalho Michel Giacometti (carreira/categoria: Técnico Superior) (Rui Costeira) Mestre do barco (João Martins) Pescador (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Reformada (David Lopes) Comprámos um barco em sociedade, a “Rainha de Sesimbra”, depois comprei um já individual, sem sociedade que era a “Doca Nova”, agora vendi o “Birrinhas”, na altura que fui para a reforma. (Madalena Lopes) Inspetora de Qualidade (Joaquim Lopes) Serralheiro
	Existência de outra atividade laboral/trabalho	(Presidente da Comissão de Festas de Tróia) Aprendiz de serralheiro, preparador de trabalho – 15 anos (Entrepasto); agente de aprisionamentos - 20 anos (Aríston) (Padre Casimiro) Padre há 11 anos, na Paróquia de S. Sebastião há 2 anos (Presidente da CMS) Desempenhei outros cargos em mandatos anteriores, fui Vereadora da Cultura, Desporto, Educação, Inclusão Social, Museus e Bibliotecas, desde 2006 em substituição do anterior Presidente,

		assumi o cargo de Presidente da Câmara, há 13 anos (Presidente da JFSS) Presidente da Junta há 7 anos, antes de ser presidente pertencia ao executivo e também antes pertencia à Assembleia de Freguesia (Lucinda Fernandes) Responsável Técnica do Museu do Trabalho Michel Giacometti há 10 anos (Rui Costeira) Sou pescador desde os 8 anos (João Martins) Sou pescador desde os 8 anos, desde que comecei um bocadinho difícil, têm sido uns anos muito difíceis (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Costureira de interiores/Decoração de interiores (David Lopes) O meu pai não me queria no mar, além de eu em miúdo ir com ele na bateira para todo o lado, na altura ainda era uma bateira, trabalhava dentro do rio, ia para Alcácer para a Carrasqueira, para aquelas terras por aí a cima, e então fui trabalhar para a Portucel (ao fim de 4 anos mandaram-me embora, fui pedir dois escudos de prémio de trabalho, porque foi a greve de 69) e andei pela Marinha Mercante (fiz um ano e tal), fui para a tropa na Guiné (cumpri os dois anos de comissão), quando voltei continuei na Marinha Mercante.
Livres Comentários dos(as) Entrevistados(as)	Fala livre - acrescentadas após entrevista, no interesse de cada uma	(Presidente da Câmara) Muito obrigada, pela entrevista e também pela preferência e pela honra que me está a ser concedida por estar a ser

		entrevistada para um mestrado, um amigo, já considero um amigo. Quero só agradecer a honra que tive por ter sido escolhida para participar neste estudo, neste mestrado, e portanto desejar ao mestrando as maiores felicidades e agradecer o tema, e agradecer o tema, porque é através das pessoas como o Nuno Soares, não é, que a história se vai consolidando e se vai transmitindo, porque vão ficando documentos, vão ficando registos e portanto porque houve um homem chamado Nuno Soares e houve uma mulher chamada Maria Miguel, uma Isabel Victor, uma Lucinda Fernandes, porque há pessoas que se interessam por aquele fenómeno e o estudam e fica registado e portanto graças assim que assim é. (Lucinda Fernandes) E as perguntas que o Nuno faz são importantíssimas, porque há focos de estudo importantíssimas aí a desenvolver. Mas fico muito satisfeita que exista o Nuno a dar continuidade a este trabalho, o que eu posso acrescentar sempre que o Nuno conheça alguém ou jovens que queiram fazer estágio, o museu aceita, o museu quer aprofundar mais valências desta festa, sempre em crescente e se continuamos a dignificar este património. (Aia de Nossa Senhora do Rosário de Tróia) Não, acho que este texto está bem programado, está tão bem seguido, tão bem feito, acho que o que tinha a dizer está dito, acho que realmente não vejo nada que
--	--	--

		possa acrescentar. (Madalena Lopes) Quero, quero acrescentar que, o meu pai durante mais de 20 anos, foi festeiro também, também lutou muito para que a festa, não termina-se, e realmente não terminou, queria fazer um apelo à Comissão, que continuasse a trabalhar como tem feito até aqui, mas que também se lembrasse, que não pode ser, a festa ser só a 3 dias, têm que lutar e pensar mais numa forma, que deixem as pessoas, nem que fosse a pagar, mas estarmos lá um mês, não temos que ir para o algarve, fazer nada, temos ali uma Caldeira, que sempre foi do povo, sempre foi dos setubalense e faz muita falta ao pessoal. (Joaquim Lopes) O meu falecido pai, foi festeiro quase 60 anos desta festa. Eu quase nasci nesta festa, eu não faço parte da Comissão, nem nunca pertenci à Comissão de Festas, sempre fui voluntariado, mas tenho um irmão que pertence a ela há uns 30 anos, continuou a caminhada do pai e alguém tem de continuar a caminhada dos seus pais. Foi uma vez aqui, uns anos atrás, uns anos bons, uns quarenta e poucos anos, houve a corrida dos patos, normalmente como à segunda-feira, os patos são largados quase ao meio da Caldeira, um bocadinho mais para terra, ia eu mais o meu irmão, por acaso nem gostamos de pato, mas eu mais o meu irmão lembramo-nos de ir apanhar o pato, por casualidade ou por sorte nossa, ou por um grande azar meu, apanhámos o pato, o meu pai era festeiro da Tróia, trouxemos o pato para terra, o meu
--	--	---

		pai tirou-nos o pato e disse-nos que fizemos batota e roubou-nos o pato, pronto, nunca mais fomos à caça do pato, são lançados mais que um pato, são sempre três, quatro patos.
--	--	--

Fonte: Elaboração Autor (Renato Mendes) a partir de Pinto (2007, p. 123).

Apêndice XI - Lista de Párocos de São Sebastião – Setúbal (1932 a 2019)

Padre António Morais (1932 – 1938) Congregação Missionário Coração Maria – Claretianos

Padre José Maria Nunes da Silva (1939, 1951 – 1959) Congregação Missionário Coração Maria – Claretianos

Padre José Narciso Nabais (1959 – 1962) Congregação Missionário Coração Maria – Claretianos

Padre António Vieira (1962 – 1964) Congregação Missionário Coração Maria – Claretianos

Padre António Monteiro (1964 – 1968) Congregação Missionário Coração Maria – Claretianos

Padre João Roberto Marques (1968 – 1971) Congregação Missionário Coração Maria – Claretianos

Padre Amândio da Cunha Esteves Antunes (1971 – 1980) Congregação Missionário Coração Maria – Claretianos

Padre José Mário Seixas (1980 – 1986) Congregação Missionário Coração Maria – Padres Claretianos

Padre Álvaro Magalhães Teixeira (1986 – 1997 e 2013 – 2016) Congregação Missionário Coração Maria – Claretianos

Padre Manuel António Santos (atual Bispo de S. Tomé e Príncipe) 1997 – 2001 Congregação Missionário Coração Maria – Claretianos

Padre Vítor Manuel Pereira Pinto (2001 – 2004) Congregação Missionário Coração Maria – Claretianos

Padre António Victor Amorim Portugal Martins (2004 – 2012 e 2016 – 2017) Congregação Missionário Coração Maria – Claretianos

Padre Casimiro Simão Abreu Henriques (2017 até ao momento) Padre Diocesano

Apêndice XII - Linha de tempo – cronologia de tempo através da bibliografia consultada

1482	Pedro de Azevedo, na revista “O Arqueológico Português”, de 1897, fala da existência de um ermitão – e portanto, de uma ermida – em Tróia, em 1482, baseado num documento da chancelaria de D. João II.
1510	A “Visitação da Ermida de Nossa Senhora de Tróia”, de 1510, feita pela Ordem de Santiago (Fundação Gulbenkian, 1969) fala do recheio, de alfaias da capela (bastante volumoso) e do abandono em que caíra a mesma capela, nessa altura.
Finais séc. XVI	A “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, fundando-se em André de Resende, no seu “De Antiquitatibus Lusitaniae”, afirma que já existia a capela nos finais do séc. XVI, em que se celebrava a festa de Santa Maria de Tróia. Pinho Leal, em “Portugal Antigo e Moderno” também aponta para finais do séc. XVI a fundação da capela. Vê-se que os dois autores desconheciam as fontes anteriores.
1707	Frei Agostinho de Santa Maria, em “Santuário Mariano”, de 1707, fala de uma festa a 15 de agosto na capela de Tróia, feita pelos moradores de Setúbal.
1758	O Pároco de S. Sebastião, de 1758, em “Informações Paroquiais”, fala de duas festas em agosto, em Tróia, uma de camponeses e outra de marítimos, sob o nome de Nossa Senhora dos Prazeres, sendo ele responsável pela Península de Tróia. O capelão, diz ele, foi colocado por D. João V.
1853	M. M. Portela, no “Diário Histórico Setubalense”, de 1915, fala da trasladação, em 1853, de uma imagem de N ^a . S ^a . de Tróia para Setúbal que estava numa capela junto das ruínas de Cetóbriga.
1888	Em 1888, D. Carlos e D. Amélia foram convidados para uma caçada em Tróia, pelo seu proprietário à época o Morgado Cabral
1897	Em 1897, a Sociedade Anónima das Investigações

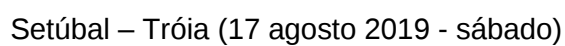
	Arqueológicas de Cetóbriga tenta comprar o local. D. Carlos revela o seu interesse pelos vestígios aí soterrados e tenta obtê-los.
1898	“O Elmano”, de 10.09.1898, noticia a reconstrução da capela e o regresso da imagem depois de ter estado 45 anos na capela de N^a. S^a. da Boa Morte. Quer dizer que, entre 1853 e 1898 a capela – situada nas ruínas – esteve degradada. Poucos dias (25?) depois fala da festa de pescadores presidida pelo pároco de Melides. “O Elmano”, de 24.9.1898 diz que a imagem de Nossa Senhora da Tróia voltava à sua antiga morada depois de ter permanecido 45 anos na Igreja da Boa Morte. 26.9.1899, a notícia refere que as barcas iam cheias. Foram publicados na imprensa local, nos jornais “O Elmano”, “A Folhe de Setúbal”, “O Trabalho” e “O Setubalense”, alguns programas de festas a partir de 1899.
Finais séc. XIX	Em finais do século XIX instalava-se em Setúbal uma comunidade de gente oriunda das margens da Ria de Aveiro, particularmente da Murtosa. Tinham trocado a vida pobre da Ria por uma vida menos pobre em Setubal.
1900	Pelo ano 1900 faziam casas cada vez mais encavalitadas e exíguas como por exemplo na Rua das Barrocas, e iam-se instalando até à Vila Maria, ao longo da praia do rio.
1901 e 1902	O jornal “O Trabalho” refere-se à festa de Tróia, em 1901 e 1902. Entre 1902 e 1929 escasseiam documentos e a imprensa local é omissa. Este fato – praticamente até 1945, pode dever-se ao fato de a festa ser feita pelo pároco de Melides, não pertencente a Setúbal.
1915	Em 1915 têm uma “Associação de Classe dos Pecadores da Murtosa”, com 100 sócios.
1922	Projeto de exploração feito pelo novo proprietário, Sotto Maior, em 1922, fica patente o seu interesse por realizar escavações no local.

1926	A Comunidade Claretiana mais antiga em Portugal é precisamente a comunidade de Setúbal, fundada em 1926. A Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, há 67 anos na Paróquia de São Sebastião.
1928	No entanto, João Afonso Lopes (o “João Sacristão”), homem bem informado e testemunha ocular, afirma que a última vez que a festa foi feita foi em 1928 – tinha ele 14 anos – e que não voltou a fazer-se.
1910-1930	Ao longo de 1910-1930 continuavam a chegar a chegar Murtoseiros a Setúbal, chamados pelos que já cá estavam, juntando família.
1932	Os pescadores da Carrasqueira participavam tradicionalmente na Festa. Em 1932 partiam já 10 a 12 saveiros desta zona. Faziam o trajeto pelo Estuário do Sado até à Caldeira, parando por vezes a meio do caminho, no Canto do Verde.
1945	Em 1945, os sacristães da cidade, liderados por ele, retomaram a festa, a 15 de setembro de 1945, presidida pelo Padre Nabais, dos Padres do Coração de Maria. João “Sacristão”, esteve à frente de um grupo que em 1945, devolveu a organização da festa dedicada a Nossa Senhora de Tróia à Paróquia de São Sebastião, e que viria, mais tarde, a entregá-la aos Varinos de Setúbal. Em 1945, os quatro sacristães da cidade, dos quais se destacou o saudoso João “Sacristão”, também ele de origem varina, retomam a organização da Festa de Tróia, retornando para sempre à Paróquia de São Sebastião. A partir de 1945, os ritos passam a uma fase mais institucionalizada, complicam-se e diversificam-se. Ganham igualmente um carácter mais específico e a igreja procura separar os elementos litúrgicos dos aspetos profanos. Até 1945 (temos notícias desta realidade a partir de 1925) a Santa permanecia todo o ano na Ermida, em Tróia; portanto os barcos partiam de Setúbal sem o andor. A partir de 1945, a imagem chega “incógnita” a Setúbal,

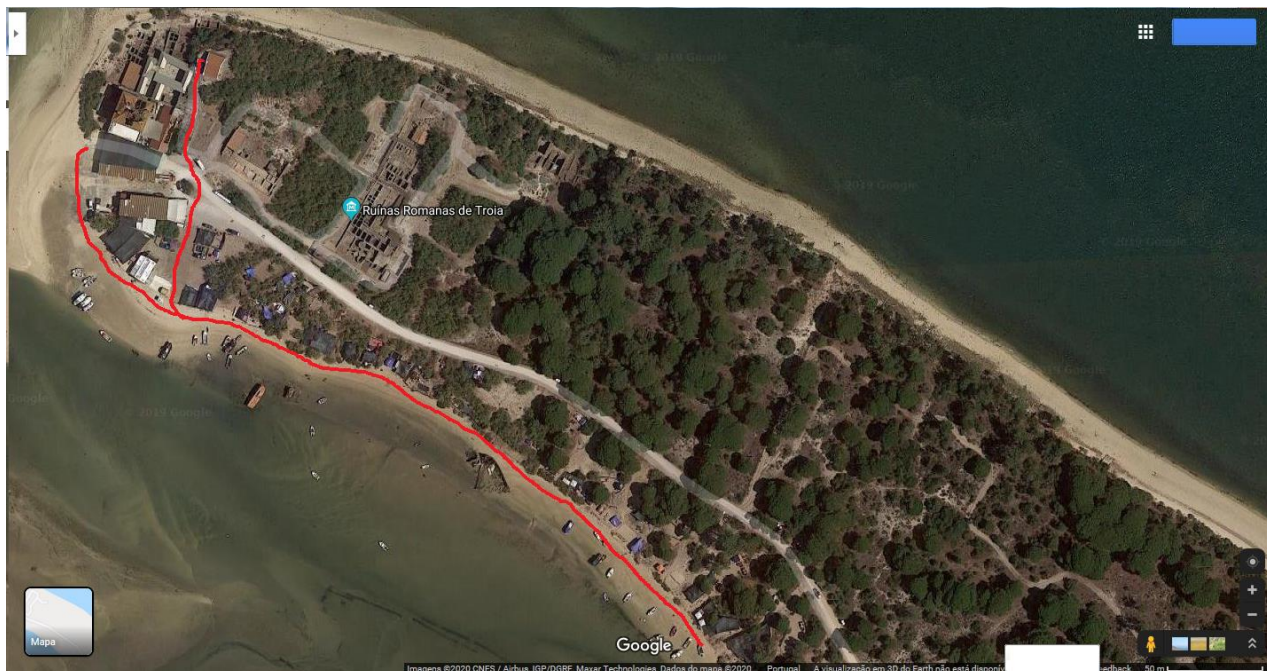
	3 a 4 dias antes do cortejo e permanece na Igreja de S. Domingos, junto do Bairro das Fontainhas. A vinda, se bem que tenha sido sempre na segunda-feira à tarde (por volta das 17 horas) tornou-se, a partir de 1945, num cortejo organizado. Este percurso que leva ainda hoje cerca de 1 hora, passou alguns anos pelo Outão, onde os doentes esperavam para saudar, expostos ao sol nas varandas. Os barcos vêm rentes à muralha e regressam à doca de onde tinham partido.
1946	A partir de 1946, as notícias sobre a festa de Tróia, são já bastante frequentes.
1947	Organizando eles (sacristães) a festa até 1947
1948	Em 1948 entregaram-na aos pescadores que a têm organizado até aos dias de hoje. Começam a fazer as primeiras escavações sistemáticas, desta vez relativas ao cemitério. Jornal “O Setubalense”, de 5.7.1948, a antiga imagem de Nossa Senhora de Tróia vem a Setúbal.
1950	Existem muitas referências a uma praia limpinha, um mar calmo e protegido por formar uma pequena enseada e ainda ao fato de, para além dos participantes na festa, pouco mais gente se encontrar, tanto do lado do mar (isto até aos anos 50). No jornal “O Setubalense”, de 3 de julho de 1950, foi publicado o programa religioso da festa. Nesse documento, o Círio aparece composto por: um conjunto de missas preparatórias da festa e realizadas nos dias imediatamente anteriores à dita, na Igreja de S. Domingos, actual Igreja de S. Sebastião; missa na mesma igreja, no primeiro dia da festa, seguida de peregrinação e de cortejo marítimo, em que se conduz a imagem à capela de Tróia, durante o qual se diria o terço e cânticos; missa na capela; procissão e sermão; missa na capela no último dia da festa; bênção dos barcos e finalmente, cortejo de regresso.
1941-1958	Padre José Maria Nunes, Pároco de São Sebastião entre os anos de 1941 e 1958.

1960	Até à década de 1960, a missa em Tróia realizava-se dentro da capela e a procissão passava por cima de parte das ruínas de Cetóbriga, ainda por escavar. Só na década de 60, as escavações ganham um cariz mais sério e protege-se o local das possíveis pilhagens. Desta vez a festa e a procissão afastar-se-ão sensivelmente do local lado tradicionalmente.
1970	Foi largamente usada a prática de, durante a procissão, os crentes colocarem dinheiro no manto da imagem. Esta prática foi desaconselhada pela hierarquia religiosa e deixou de se praticar a partir da década de 70.
2009	26 de fevereiro de 2009 - Declaração de Impacte Ambiental (DIA) Favorável Condicionada (Gabinete do Secretário de Estado do Ambiente) Ocupação Turística da UNOP 4 de Tróia “9. Garantia da realização da festa centenária de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, que se realiza durante o mês de Agosto e que é tradição dos pescadores acamparem nesta zona, durante os três dias em que a mesma se desenrola.”

Procissão Igreja São Sebastião – Doca das Fontainhas (17 agosto 2019 - sábado)



Procissão pela praia e Procissão das Velas (17 agosto 2010 - sábado e 18 agosto 2019 - domingo)



Círio Fluvial Tróia – Setúbal (19 agosto 2019, segunda-feira)



Apêndice XIV – “Duo Viragem” – Arraial e baile na Festa de Nossa do Rosário de Tróia em 17 de agosto de 1997



Foto 64 -“Duo Viragem” João e Nuno Soares



Foto 65 – Duo Viragem no palco para o baile de domingo

Apêndice XV Fotografias 2019 (fotos do próprio)

10 agosto 2019 | Mercado do Livramento



Foto 66 – Charanga



Foto 67 – Postal de Nossa Senhora

10 agosto 2019 | Mercado 2 Abril



Foto 68 – Peditório

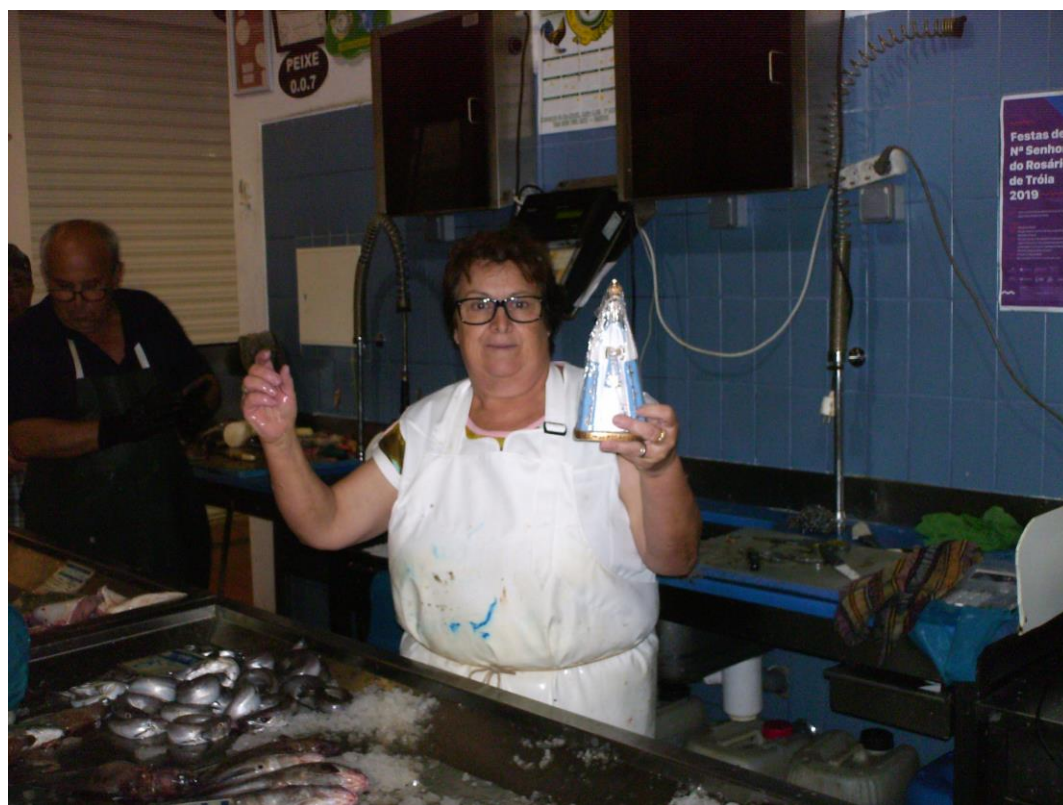


Foto 69 – Peixeira mostra devoção a Nossa Senhora

10 agosto 2019 | Peditório pelas ruas



Foto 70 – Peditório acompanhado pela charanga



Foto 71 – Peditório pelas ruas Bairro Santos Nicoau



Foto 72 – Peditório pelas ruas do Bairro São Domingos



Foto 73 – Peditório junto cafés e população



Foto 74 – Charanga acompanha peditório peãs ruas do Bairro das Fontainhas



Foto 75 – Peditório no comércio local no Bairro das Fontainhas

12 agosto 2019 | Igreja São Sebastião – Setúbal



Foto 76 – Padre Casimiro Henriques acompanha preparação dos andores



Foto 77 – “Chefe Zézinho” prepara imagens nos andores

13 agosto 2019 | Igreja São Sebastião – Setúbal



Foto 78 – Senhor Madaleno e Chefe Zézinho preparam imagens nos andores



Foto 79 – Preparação do andor de Nossa Senhora

15 agosto 2019 | Igreja São Sebastião – Setúbal



Foto 80 – Ana Silva ornamenta andor



Foto 81 – João Oliveira ornamenta andor de Nossa Senhora

16 agosto 2019 | Igreja São Sebastião – Setúbal



Foto 82 – Andor Menino Jesus de Praga ornamentado



Foto 83 – Andor do mártir São Sebastião ornamentado

17 agosto 2019 | Igreja São Sebastião – Procissão - Caldeira



Foto 84 – Interior da Igreja de S. Sebastião



Foto 85 – Início da Procissão para o Cais



Foto 86 – Banda da Sociedade Musical Capricho Setubalense



Foto 87 – Procissão pela Avenida Luísa Todi para o Cais



Foto 88 – Procissão para o Cais



Foto 89 – Imagem de Nossa Senhora chega ao Cais



Foto 90 – Panorâmica da Caldeira. Tróia



Foto 91 – Cabine de som no terreiro da Festa



Foto 92 - David Lopes e António preparam jantar



Foto 93 – Interior da Capela na Cadeira



Foto 94 – Preparação da Procissão das Velas



Foto 95 – Procissão das Velas pela praia



Foto 96 – Colocação de velas pelos mais novos



Foto 97 - Baile

18 agosto 2019 | Caldeira – Tróia



Foto 98 – Chegada das imagens para a Missa campal



Foto 99 – Menina vestida de Nossa Senhora



Foto 100 – Menino e meninas vestidas de anjinhos



Foto 101 – Chegada da imagem de Nossa Senhora para a Missa campal



Foto 102 – Missa campal



Foto 103 – Profª. Ana da Silva a filmar a Missa campal



Foto 104 – Padre Casimiro Henriques na Missa campal



Foto 105 – Missa campal



Foto 106 – Fim da Missa campal e preparação da Procissão pela praia



Foto 107 – Início da Missa campal



Foto 108 – Procissão pela praia



Foto 109 – Rede para colocação das oferendas



Foto 110 – Meninas vestidas de Nossa Senhora



Foto 111 – Andor de Nossa Senhora na Procissão pela praia



Foto 112 – Procissão pela praia



Foto 113 – Pessoas aguardam pela passagem da Procissão junto às tendas

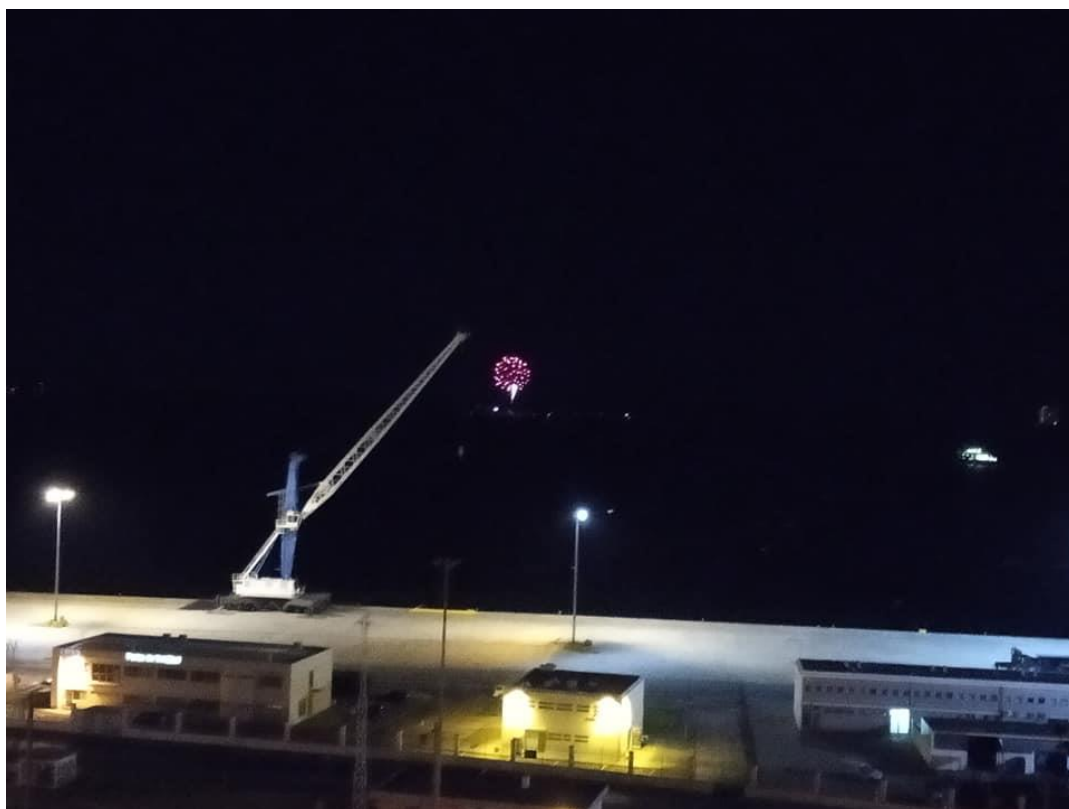


Foto 114 – Fogo-de-artifício visto de Setúbal

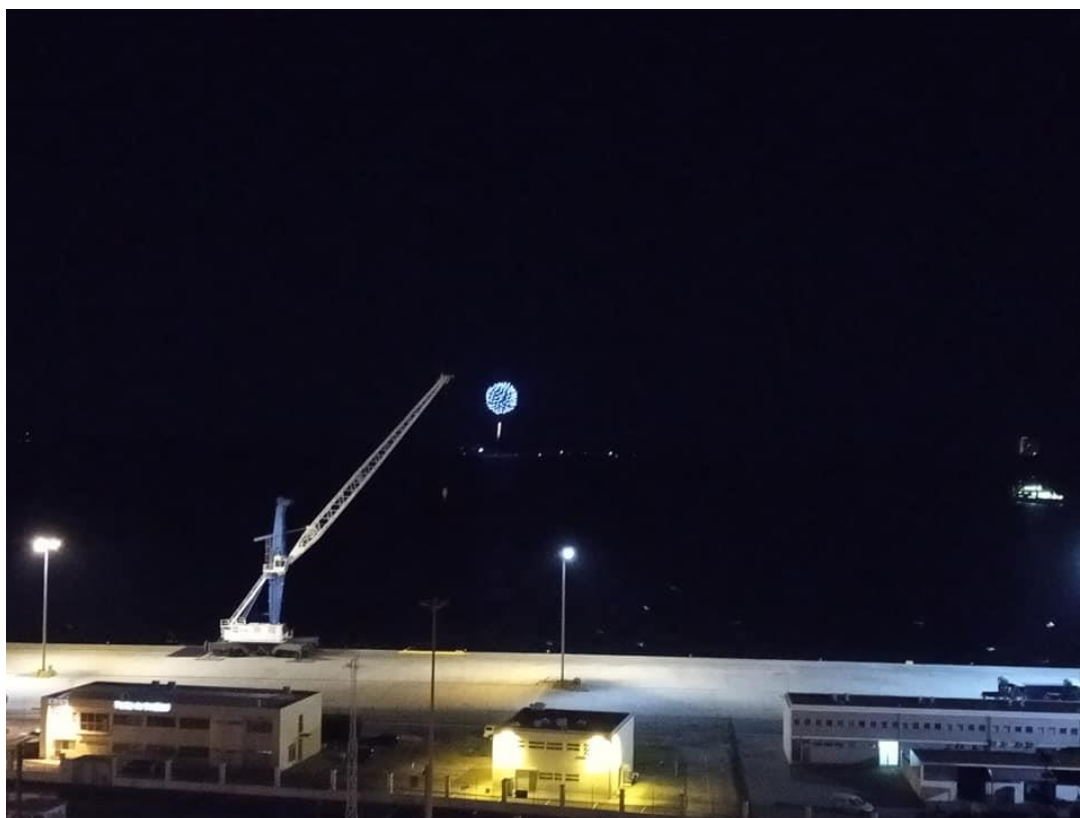


Foto 115 – Fogo-de-artifício visto de Setúbal

19 agosto 2019 | Caldeira – Círio fluvial



Foto 116 – Paulo filho do mestre Zé da Gaia



Foto 117 – João filho do mestre Zé da Gaia



Foto 119 – D. Lurdes Conceição na Capela na Caldeira



Foto 118 – Padre Luís Ferreira (convidado) e o Padre Casimiro Henriques



Foto 120 – Andores no exterior da Capela na Caldeira



Foto 121 – Locutor Graciano Guerreiro



Foto 122 – Algumas embarcações a concurso “Barcos engalanados”



Foto 123 – Esplanada do bar no terreiro da Festa



Foto 124 – Stand farturas no terreiro da Festa



Foto 125 – Panorâmica entrada da Caldeira



Foto 126 – Início do Círio fluvial Tróia - Setúbal



Foto 127 – Círio fluvial



Foto 128 – Círio fluvial



Foto 129 – Círio fluvial



Foto 131 – Círio fluvial direção ao Outão



Foto 130 – Paragem do Círio fluvial no Hospital Ortopédico - Outão



Foto 132 – Círio fluvial para Setúbal



Foto 133 – Círio fluvial



Foto 134 – Círio fluvial passa junto à Praia de Albarquel



Foto 135 – Círio fluvial passa junto à Praia da Saúde



Foto 136 - Círio fluvial junto à zona ribeirinha



Foto 137 – Círio fluvial chega ao Nicho de Nossa Senhora do Cais



Foto 138 – Círio fluvial junto ao nicho de Nossa Senhora do Cais



Foto 139 – Milhares aguardam em Setúbal pela chegada do Círio fluvial